



Patricia Wentworth
**O Punhal de
Marfim**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TÍTULO

PATRICIA WENTWORTH

O PUNHAL DE MARFIM

(The Ivory Dagger - 1951)

Governanta Miss Maud Silver - Livro #19

* * *

ÍNDICE

Capa

Título

Índice

A Autora

Série

Resumo

Capítulos

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte
Vinte e Um
Vinte e Dois
Vinte e Três
Vinte e Quatro
Vinte e Cinco
Vinte e Seis
Vinte e Sete
Vinte e Oito
Vinte e Nove
Trinta
Trinta e Um
Trinta e Dois
Trinta e Três
Trinta e Quatro
Trinta e Cinco
Trinta e Seis
Trinta e Sete
Trinta e Oito
Trinta e Nove
Quarenta
Quarenta e Um
Quarenta e Dois
Quarenta e Três
Quarenta e Quatro
Quarenta e Cinco

* * *

A AUTORA

PATRICIA WENTWORTH (nascida Dora Amy Elles; 10 de novembro de 1878 - 28 de janeiro de 1961) foi uma escritora britânica especializada em romances policiais, criadora da personagem "Miss Silver". Patrícia nasceu em Mussoori, Uttarakhand, Índia, então Índia britânica, e foi educada na Blackheath High School, em Londres. Após a morte de seu primeiro marido, George F. Dillon, em 1906, ela se fixou em Camberley, Surrey; casou, em 1920, com George Oliver Turnbull, e tiveram uma filha.

Patrícia escreveu uma série de 32 romances policiais que apresentavam a personagem Miss Silver, sendo que o primeiro deles foi publicado em 1928, e o último no ano de sua morte. Miss Silver é comparada, algumas vezes, com Miss Jane Marple, a detetive criada por Agatha Christie. Miss Silver é uma governanta aposentada que se torna detetive particular, e trabalha em estreita colaboração com a Scotland Yard, especialmente com o inspetor Frank Abbott. Ela gosta de citar o poeta Alfred Tennyson, e é bem conhecida nos círculos sociais. “Na maioria dos casos, há um jovem casal cujo romance parece malogrado por causa do assassinato a ser resolvido, mas nas mãos do competente Miss Silver o caso é resolvido, o jovem casal é exonerado, e tudo fica certo no seu mundo tradicional”.

Wentworth também escreveu 34 livros fora da série com Miss Silver. Ela venceu o Prêmio Melrose em 1910 por seu primeiro romance

A MARRIAGE UNDER THE TERROR, ambientado durante a Revolução Francesa.

* * *

LIVROS DA SÉRIE GOVERNANTA MISS MAUD SILVER

1. 1928; *Grey Mask*;
2. 1937; *The Case is Closed*;
3. 1939; *Lonesome Road*;
4. 1941; *Danger Point*;
5. 1943; *The Chinese Shawl*;
6. 1943; *Miss Silver Intervenes*;
7. 1944; *The Clock Strikes Twelve*;
8. 1944; *The Key*;
9. 1945; *The Traveller Returns*;
10. 1946; *Pilgrim's Rest*;
11. 1947; *Latter End*;
12. 1947; *Spotlight*;
13. 1948; *Eternity Ring*;
14. 1948; *The Case of William Smith*;
15. 1949; *Miss Silver Comes to Stay*;
16. 1949; *The Catherine Wheel*;
17. 1950; *Through the Wall*;
18. 1950; *The Brading Collection*;
19. 1951; *The Ivory Dagger*;
20. 1951; *Anna; Where Are You?*;
21. 1951; *The Watersplash*;
22. 1952; *Ladies' Bane*;
23. 1953; *Out of the Past*;
24. 1953; *Vanishing Point*;
25. 1954; *The Silent Pool*;

26. *1954; The Benevent Treasure;*
27. *1955; The Listening Eye;*
28. *1955; Poison in the Pen;*
29. *1956; The Gazebo;*
30. *1956; The Fingerprint;*
31. *1958; The Alington Inheritance;*
32. *1961; The Girl in the Cellar;*

* * *

RESUMO

QUANDO Lila Dryden é descoberta de pé sobre o corpo morto de seu noivo com um punhal na mão, Miss Silver é chamada. Esta com paciência e gênio investiga o talento de Lila para o sonambulismo, o retorno de seu ex-amante, o pessoal da vítima e o círculo de amizades, todos os que ocasionalmente desejavam vê-lo morto.

* * *

Um

O JOVEM deitado no leito de hospital esticou o braço e se virou. Seu primeiro pensamento consciente foi o de que chamara por alguém, pois o som de sua própria voz ainda ecoava em seus ouvidos, mas ignorava por que erguera a voz ou o que dissera. Piscou sob o efeito da luz e tentou se erguer se apoiando num cotovelo. Havia um biombo de tela quase transparente em torno do leito. A luz se filtrava por aquela tela. Piscou de novo e então viu uma enfermeira se aproximar e olhá-lo. Tinha um rosto liso e olhos bonitos. Ouviu-a exclamar:

— Oh! E em seguida: — Ah, já acordou.

— Onde estou? A enfermeira se aproximou mais e lhe tomou o pulso. Disse:

— Não tem com que se preocupar agora. O doutor virá vê-lo num instante.

— Para que preciso de um médico? Estou bem.

— Isso é ótimo. Mas o senhor sofreu um acidente de trem. Recebeu um golpe na cabeça quando houve a colisão.

— Oh... Murmurou. E depois: — Tenho a impressão de que já estou bem.

A enfermeira se afastou logo a seguir. Pouco depois voltava trazendo um copo de leite, misturado com algo que tinha gosto de vitamina à base de cereais para crianças. Agora se conscientizara de que estava inteiro, com todos os ossos do corpo no lugar. Na realidade,

quando a enfermeira voltou, ele estava fora da cama tentando ver se podia se firmar numa das pernas. Mas essa se achava tão pouco firme que ele não lamentou ter que voltar a se deitar e aceitar resignado a repreensão da enfermeira. Afinal, quando um doente infringe normas hospitalares é papel da enfermeira admoestá-lo.

Depois que o viu beber o leite com cereais, a enfermeira se retirou novamente. E o rapaz ficou ali deitado se perguntando há quanto tempo estaria hospitalizado. Emagrecera e suas mãos exibiam uma alvura doentia desagradável. “E alguém de boa constituição física, dotado de bons músculos, não emagrece assim em um dia ou dois”, pensou ele. Ficou calculando quantos dias já teriam decorrido, como viera a se encontrar num trem que colidira com outro, segundo a enfermeira, e onde estava agora. A última coisa de que se recordava era de que estava indo para San Francisco para ver Jackson. Depois disso havia um branco na sua memória. Decorreram vinte minutos antes que o médico entrasse no quarto. Jovem, moreno, eficiente. Suas primeiras palavras foram uma reprodução fiel do que a enfermeira dissera:

— Ah, então já acordou. Dessa vez o rapaz já estava preparado para responder mais lucidamente:

— Há quanto tempo estou aqui?

— Há bastante tempo.

— Quanto?

— Um mês.

— Absurdo!

— Acredite se quiser. O rapaz respirou profundamente e disse:

— Um mês... O médico assentiu com um gesto de cabeça, observando:

— Um caso bem interessante.

— Está querendo me dizer que estive dormindo um mês inteiro?

— Bem, dormindo de fato, não, embora seu comportamento se assemelhasse bastante ao de uma pessoa mergulhada no sono. Estava

com seus sentidos adormecidos... Na verdade não sabia quem era. Sabe agora?

— Naturalmente que sim. Sou Bill Waring. Vinha registrar patentes para minha firma, a Rumbolds, de Londres. Aparelhos elétricos... E coisas afins. O médico moveu a cabeça assentindo.

— Bem, acontece que foi trazido para cá como sendo Gus G. Strohberger e levamos uns dez dias para descobrir que você não era essa pessoa. Precisamos aguardar que a família Strohberger retornasse de uma viagem e viesse identificá-lo. E quando disseram que o senhor não era Gus Strohberger precisamos começar tudo de novo. Bill, perplexo, indagou:

— Que houve com os meus documentos?

— O trem em que o senhor estava pegou fogo. Tem muita sorte em estar aqui, vivo. O Sr. Gus não pôde se salvar. Mas uma valise com seu nome, parcialmente queimada, estava caída perto do senhor e os rapazes que o retiraram a tempo do trem acidentado pensaram que ela lhe pertencia. Conseguiram salvá-lo antes que o fogo se alastrasse pelo vagão. E nos disseram que o senhor tem muita sorte.

— Nasci com uma sorte danada, disse, brincalhão.

Só no dia seguinte é que o médico o deixou ler sua correspondência. Havia uma carta datada de dez dias atrás, muito educada, do velho Rumbold. Ele lamentara muito saber do acidente. Fazia votos de que Bill estivesse em franca recuperação. E vinham palavras elogiosas por ele, Bill, ter resolvido tudo sobre as patentes da firma antes de sofrer o acidente de trem. E que não tivesse pressa em voltar a trabalhar; primeiro devia ficar em plena forma. Bill viu outras cartas, mas essas não tinham maior interesse. De Lila só havia uma carta. Não viera por via aérea e fora escrita há seis semanas. Devia estar à sua espera em Nova York quando aquele trem mergulhara em chamas. Leu a carta três vezes com um franzir de sobrancelhas tão acentuado que certamente levaria a enfermeira Anderson a adverti-lo para que relaxasse. Mas a enfermeira não estava no quarto e Bill pôde ler a carta de Lila pela quarta vez, e continuou a franzir a testa. Mas na realidade não havia

naquelas linhas muito com que se surpreender. A carta não era nem muito longa nem muito informativa. Lila Dryden estava agora com vinte e dois anos. A carta podia ter sido escrita por alguém bem mais nova do que ela. E Bill leu pela quinta vez a carta de Lila:

Querido Bill,

Temos estado muito ocupados. Tem feito bastante calor aqui e acho que estaríamos bem melhor na província. Estou farta de Londres. Ontem jantamos com Sir Herbert Whitall e fomos ao teatro. Sua casa guarda coisas maravilhosas, sabe? Ele coleciona peças de marfim, mas acho a maior parte delas particularmente feias. Há uma figura ali que ele diz que se parece comigo, mas agradeço que não seja assim. Ele é um amigo de tia Sybil e já idoso. Vamos almoçar com ele amanhã e passaremos o fim de semana em sua casa. Tia Sybil me disse que é uma casa e tanto. Ela parece gostar muito dele, mas espero que não venha a desposá-lo, porque eu realmente não o aprecio muito. Eu poderia ir e passar então o fim de semana com Ray Fortescue, enquanto ela visita Sir Herbert, mas titia diz que devo acompanhá-la, e de nada adianta dizermos não quando tia Sybil diz que devemos fazer isso ou aquilo. Ela está querendo que eu vá, assim, devo ir.

Lila.

Bill dobrou o papel e o recolocou dentro do envelope.

* * *

Dois

— Foi um caso muito ridículo, disse Lady Dryden. — Bolo, Corinna? A Sra. Longley ergueu o olhar e acedeu, dizendo porém:

— Eu não devia... Mas se serviu da maior das duas fatias já cortadas de um bolo escuro e bem substancioso. Lady Dryden aquiesceu com ar severo.

— Elas frequentaram o mesmo colégio, e em quaisquer circunstâncias ela nunca soube medir suas palavras.

— Você está exagerando.

— Oh, Sybil!

— Definitivamente, comer desses bolos com chá é quase fatal, disse Lady Dryden.

— Oh, bem...

— Claro que, se você não se incomoda...

Corinna Longley desejava mudar de assunto. Em outros tempos ela fora uma dessas mocinhas delgadas, um pouco sem graça, com cabelos longos, olhos grandes e de um azul celeste, mãos e pés pequenos. Aos cinquenta anos, seus pés e mãos continuavam tão pequenos como antes. O cabelo agora oscilava entre um tom castanho-murídeo e o cinza, e a sua figura delgada de então se avolumara. Claro que ela se preocupava com isso, mas não o bastante para passar sem bolo no chá das cinco. Esse comedimento ficaria bem no caso de Sybil, que nunca engordava um quilinho sequer ou permitia que alguma coisa não planejada de antemão ou desnecessária acontecesse. Ela sempre soubera com exatidão o que desejava e sempre se limitara a obter apenas isso. A coisa que ela

mais prezava era obter o que desejava à sua maneira. Não se tratava apenas de sorte. Há pessoas que sempre conseguem obter o que desejam, e Sybil Dryden era uma delas. Bastava atentar para o modo como conduzia aquele assunto de Lila. E Corinna retornou ao mesmo, em parte para fugir ao assunto referente ao bolo com chá, mas também porque aquele casamento iria ser uma das sensações do outono e seria interessante saber mais sobre ele.

— Você estava me falando sobre Lila, disse Corinna. — Naturalmente ela é uma jovem de muita sorte. Ele é imensamente rico, certo? Lady Dryden olhou a amiga por sobre seu fino nariz e disse em tom de reprimenda:

— Francamente, Corinna! E então, após uma curta pausa: — Herbert Whitall é um homem com o qual qualquer moça ficaria orgulhosa de se casar. Claro que ele tem dinheiro também. A Lila não conviria casar com um homem de poucos recursos. Ela não é muito forte, você sabe, e uma jovem atualmente enfrenta uma vida dura se se casa com um homem que vive somente de seu emprego... Há todo o trabalho caseiro para fazer, os cuidados com os filhos, e tudo isso praticamente sem contar com a ajuda de empregadas. Concordo em que Lila é extremamente afortunada.

A Sra. Longley se serviu de uma segunda fatia de bolo. Sempre sentia fome na hora do chá, e talvez Sybil não notasse dessa vez. Sua esperança se esfumou, pois Lady Dryden acabava de erguer as sobrancelhas. E aqueles olhos enormes, descorados, lhe endereçaram um olhar de momentâneo desdém. Eram uns olhos muito curiosos realmente. Nem azuis nem cinza, mas estranhamente brilhantes, aprisionados por cílios negros. Havia quem dissesse que ela os escurecia artificialmente, mas não era verdade. Os olhos de Sybil sempre tinham sido como agora: descorados e particularmente assustadores, e os cílios realmente quase negros. E Corinna Longley disse com precipitação:

— Espero que você esteja certa. Minha pobre Anne leva uma vida difícil... Três crianças, e a casa do marido médico para cuidar, o que significa atender a ligações telefônicas e preparar refeições em horas imprevistas, semana após semana. E isso tudo sem a ajuda de uma diarista, pelo menos. Não posso imaginar como ela consegue fazer tudo sozinha. No meu caso, estou certa de que não conseguiria. Mas Anne puxou ao pai... Tão prático e metódico. Mas Lila não tem espírito prático, tem? Olhe, eu gostava de Bill Waring, se arriscou a dizer. Lady Dryden repetiu um comentário anterior:

— Ora, foi um namoro tolo. Mais chá, Corinna?

— Oh, sim, obrigada. Ele ainda está na América?

— Imagino que sim.

— Ele sabe? Como... Reagiu à notícia? Lady Dryden pousou o bule de chá na mesinha, dizendo:

— Minha querida Corinna, francamente, você não devia falar assim, como se Lila tivesse dado o fora nele. O namoro entre os dois simplesmente terminou. A Sra. Longley pegou sua xícara, e disse:

— Oh, não, obrigada, se referindo a mais um tablete de açúcar que lhe era oferecido, e na esperança de que tal recusa fosse interpretada corretamente. Estimulada por um sentimento virtuoso, ela se aventurou a dizer: — Terminou então? Lady Dryden fez um gesto de cabeça afirmativo e comentou:

— Uns poucos meses de separação dá aos jovens a oportunidade de descobrirem se realmente se interessam muito um pelo outro. E muito poucos desses namoros entre jovens resistem a tal teste.

A Sra. Longley pensou que um compromisso entre uma moça de vinte e dois anos e um homem de vinte e oito dificilmente se enquadraria naquela categoria, mas sabia que seria melhor se calar. Emitiu um desses sons murmurantes, tipo “Hum”, que costumam encorajar alguém, que está falando a prosseguir. E foi devidamente recompensada... Lady Dryden prosseguiu:

— Não me incomodo de contar a você que tive uma conversa com Edward Rumbold, que é o chefe da firma onde Waring trabalha, e um velho amigo meu. Assim, quando ele me disse que iam enviar alguém aos Estados Unidos para tratar, se não me engano, de umas patentes, eu lhe falei: “Que tal darem a Bill Waring essa oportunidade?” Não sei se minhas palavras tiveram algum efeito sobre Edward, mas o fato é que a pessoa que ele pretendia incumbir do assunto adoeceu. E assim, Bill viajou, e o caso entre ele e Lila simplesmente terminou.

— Quer dizer então que ele não escreveu para Lila? Lady Dryden esboçou um risinho, retrucando:

— Oh, as cartas choveram de início. Todas muito veementes. E depois... Bem, não chegou mais nenhuma. Os olhos da Sra. Longley se ampliaram ao máximo.

— Minha cara Corinna! Acho que você anda lendo novelas vitorianas demais... Corações partidos, ou As cartas interceptadas. Não há nada de melodramático nesse caso, a meu ver. Os americanos são muito hospitaleiros, você sabe. Com certeza Bill Waring se viu às voltas com um intenso programa de trabalho durante o dia e de muita diversão à noite. Deve ter ficado bastante entretido por lá, e não encontrou ou não procurou tempo para escrever para Lila. Esta não gostou de ser posta de lado, e então Herbert Whitall entrou em cena. Eis aí a história toda, e sem nenhum toque melodramático, como já lhe disse. Lila é uma jovem de muita sorte, e eles estarão casados na próxima semana. Você já recebeu o convite?

— Oh, sim... Estou ansiosa para assistir à cerimônia. Imagino que o vestido de noiva seja adorável... Herbert lhe deu suas pérolas, não?

— Sim. Felizmente ficaram muito bem em Lila. A Sra. Longley se inclinou um pouco para pousar a xícara na mesa. E começou a recolher sua bolsa, as luvas, um lenço, sempre falando:

— Bem, agora preciso ir. Allan gosta de me ver em casa quando volta do trabalho. É claro que pérolas são adoráveis, mas minha mãe certamente não me deixaria usar o pequeno colar que tia Mabel me legou... Nem sequer no dia de meu noivado. Ela dizia que pérolas eram lágrimas, e guardou-as bem guardadas num cofre. E, naturalmente,

tenho sido muito feliz desde então, embora eu suponha que isso nada tenha a ver com as pérolas.

A essa altura Corinna Longley deixou cair a bolsa. Essa se abriu deixando escapar uma caderneta de anotações e um estojo de pó facial, que rolou no chão atapetado. Quando Corinna apanhou o estojo que caíra sob a mesinha de chá, sentiu suficiente coragem para dizer:

— Ele é bem mais velho do que ela, não? Ao que Lady Dryden retrucou friamente:

— Herbert Whitall está com quarenta e sete anos. Lila é uma moça extremamente afortunada.

Já na rua, Corinna se surpreendeu com sua própria coragem. E falou sobre isso a Allan quando voltou para casa.

— Senti apenas que devia dizer alguma coisa. Claro que ele tem muito dinheiro, e ele e Lila irão morar numa casa adorável, com uma criadagem adequada, e tudo mais no gênero. Mas é muito mais velho que ela, e eu não gosto de sua figura. E para completar, Lila estava gostando de Bill Waring.

Ao sair da casa de Lady Dryden, Corinna Longley fixara no rosto da amiga seus olhos de um azul líquido e dissera com um tom de voz abafado:

— Ela é feliz, Sybil?

* * *

Três

LILA DRYDEN parou se olhando no espelho, que não apenas lhe devolvia suas formas perfeitamente delgadas e graciosas como as repetia no espelho maior de parede às suas costas. Ela pôde ver como era bonito o feitio de seu vestido de noiva. Desejara algo mais suave e mais branco, mas isso fora quando ela ainda pensava em casar com Bill Waring. Não gostara realmente do cetim pesado e sóbrio demais que tia Sybil tinha escolhido. Aquele modelo a fazia se recordar da figura de marfim da coleção de Herbert Whitall. Ele adquirira aquela peça para colocá-la sobre a lareira a fim de que todos a vissem e dissessem que se parecia com Lila. E ela detestava isso. Era uma peça de escultura muito antiga. E Lila odiava ouvir dizerem que ela se parecia com alguma coisa que já tinha milhares de anos. Isso a fazia se sentir como se... Não, ela não sabia exatamente a sensação que aquilo lhe despertava, mas o fato é que não gostava.

Olhou-se de novo no espelho e viu sua própria figura delgada e pequena, marfinosa, repetida interminavelmente. Não gostava disso também. Era como um sonho especialmente horrível. Centenas de Lila Drydens desfilando e se esvaindo numa visão espectral... Centenas delas, todas com seu cabelo de um dourado esmaecido e envoltas no vestido de cetim marfinoso que tia Sybil escolhera. A figura de marfim em outros tempos tivera cabelos dourados. O ouro esmaltado se desgastara porque a figura era realmente muito antiga, mas Herbert Whitall a mantinha sob a luz direta para Lila ver como o tom dourado ainda se entremostrava aqui e ali. E Lila o escutara dizer numa voz que a

assustara muito: “Ouro e marfim... Como você, minha bela Lila”. Esses pensamentos não pertenciam a um tempo determinado. Eles ali estavam, presentes, tal como o tapete debaixo de seus pés. O tapete ali estava, e o piso era sólido sob ele. Era tolice se sentir como se ela estivesse esvoaçando para se juntar a todas aquelas Lilás de ouro e marfim naquele estranho mundo espelhado. E Lila ouviu Sybil Dryden dizer:

— Você acha que deveríamos franzir um pouco o tecido neste ponto para evitar sombrear o contorno do busto? E a seguir, a momentânea e emotiva reação de Madame Mirabelle:

— Oh, non, non, non! Está perfeito... Absolutamente perfeito. Eu não me responsabilizaria pelo retoque. Mademoiselle será a mais bela noiva da temporada, e ela usará o mais belo vestido... De uma simplicidade perfeita! Quem a olhar assim dirá que ela lembra uma estátua antiga! E a pequena e robusta figura da modista surgiu no espelho... Uma centena de Mirabelles a se desdobrarem e se esvaír, todas de negro, contidas por uma cinta, as mãos tecendo gestos nervosos em meio a uma torrente de palavras. Sybil Dryden concordou:

— Sim, está bem, e sua voz soou como sempre, calma, sem precipitação.

Sybil se ergueu da cadeira e se acercou do espelho também, que capturou sua figura também vestida de negro, mas delgada. Ela sempre se impunha um toque de distinção. Tudo nela era tal como devia ser, desde os irrepreensíveis anéis dos cabelos levemente grisalhos nas têmporas até a ponta dos pés delgados. O casaquinho preto e a saia não sugeriam nenhuma nota de luto ou depressão. Na gargantilha um broche com diamantes rebrilhava. O chapeuzinho que ela usava tinha o toque exato de elegância contida, agora repetido sem cessar pelos espelhos... Centenas de tias Sybil... E Lila as viu em meio a uma névoa flutuante. Escutou ainda a exclamação assustada de Mirabelle, e então aquela névoa assumiu a forma de cintilações. Lady Dryden se mostrou como sempre prática e eficiente. Amparou a figura entontecida que ia

cair, e já que uma grande folha de papel de seda fora estendida providencialmente no chão, o vestido de noiva não sofreu nenhum dano.

* * *

Quatro

RAY FORTESCUE saltou do ônibus e caminhou rua acima. Ela estava usando seu novo conjunto de outono, porque as pessoas sempre nos dão mais atenção quando sentem que usamos o que temos de melhor. A roupa usada por Ray era um achado, e o chapeuzinho, que não sombreava o rosto, também. Os dois combinavam perfeitamente, e eram apenas um pouquinho mais claros e luminosos que o cabelo castanho-escuro de Ray. Havia um ramalhete de folhas outonais e morangos ornando o chapéu, bisando a coloração do batom, que assentava tão bem com a pele levemente morena da jovem. Ela não era um tipo de beleza, mas tinha seus encantos e sabia como realçá-los e tirar melhor partido deles. Seus olhos eram de claro âmbar, com cílios bem negros, e bem grandes. Seu rosto denotava equilíbrio, caráter, autocontrole, e tinha uma figura que muitas jovens ansiariam ter. Seu corpo sobressaía muito bem naquela roupa marrom.

Ray tocou a campainha da pequena casa onde nas jardineiras floriam alegremente rainhas-margaridas contra o verde muito vivo da pintura da parede. Fosse o que fosse que Lady Dryden dissesse ou fizesse, ela, Ray, ia falar com Lila. Esta podia chamar Lady Dryden de tia Sybil e consentir que ela a tivesse sob seu controle, mas na realidade as duas não eram parentes. O velho John Dryden adotara Lila, e então cinco anos mais tarde Sybil o desposara e, praticamente, o levara ao túmulo com seu modo de ser tirânico. Ray se lembrava dele dando doces e caramelos a ela e Lila, às escondidas de Sybil. E sempre lhes dizia: “É melhor que sua tia não saiba. Ela acha que doces não fazem

bem a vocês, meninas. Mas...”, e ria baixinho, “Nós é que sabemos o que nos agrada, não é mesmo?” Claro que não era um modo aconselhável de educar uma criança, mas essa espécie de coisa sempre acontece em ambientes onde predomina a intimidação e o regime totalitário. A empregada já idosa de Lady Dryden veio abrir a porta.

— Boa tarde, Palmer. Eu vim ver a Srta. Lila.

Palmer olhou a visitante por cima de seu nariz comprido e fino. A imitação é a mais sincera forma de lisonja e bajulação, mas no presente caso, nem com a maior boa vontade deste mundo ela funcionaria bem. Lady Dryden tinha nariz e certa classe para franzi-lo ou olhar os outros de cima, mas Palmer não. Contudo, sempre tentava imitar a patroa.

— Bem, eu não sei se poderá vê-la, Srta. Ray. Ela desmaiou esta manhã durante a última prova de seu vestido, e minha patroa deixou claro que a Srta. Lila devia permanecer em repouso, sem receber visitas. Ray se sentiu mais animada. Pelo jeito, Lady Dryden devia ter saído. Seu rosto ganhou um colorido mais vivo e ela sorriu, um sorriso aberto, cordial, e se encaminhou para a sala.

— Oh, sim... A vigilância deve ser bem estreita. Visitas proibidas e toda essa história! Bem, eu não conto, mas há o perigo de que alguém mais possa voltar para casa de repente... Onde está Lila... Em seu quarto? E Ray já estava se acercando da escada antes que Palmer pudesse concluir a frase iniciada com:

— Bem, minha patroa disse... E subiu os primeiros degraus quando a velha criada, após torcer o nariz, desceu até o porão, pensando que Lady Dryden não iria gostar daquilo. Sim, tinha certeza disso... Mas como poderia impedir a entrada da Srta. Ray? Em primeiro lugar, primas não diferem muito de irmãs. E a Srta. Ray seria a dama de honra da Srta. Lila. Fungou de novo e mentalmente se preparou para as reprimendas que viriam.

Lila estava sentada no sofá. Tinha um aspecto adorável e frágil. Sobre o seu colo repousava uma caixa de madeira com produtos de maquiagem: amostras variadas de batom, pó facial e esmalte de unhas. Ela acabara de experimentar o efeito de uma amostra chamada flor-de-maçã, e estava observando o resultado com a ajuda do espelho de mão com cabo de marfim, uma nova aquisição para seus artigos de tocador. Lila lamentara que mais aquele objeto fosse de marfim, mas Herbert não iria lhe dar ouvidos. Todos aqueles objetos de tocador eram marchetados, com uma inicial delicadamente gravada em dourado suave, e todo mundo os apreciara muito. Lila ergueu a cabeça assim que Ray entrou no quarto, e disse numa voz lânguida:

— Estou checando todas as minhas amostras de maquiagem. Gosta desta que tem o nome de flor-de-maçã? Ray se sentou e dedicou ao assunto sua atenção e sua opinião pessoal.

— Sim, é muito boa. Acho que deve lhe dar preferência. E o batom combina maravilhosamente.

— Eles são vendidos juntos. Acabo de experimentar o esmalte numa das unhas. Acho que ficou bom. Muitos desses tons de batom e ruge não combinam comigo. Fico horrível com eles... São brilhantes demais.

— Você não fica bem com essas coisas brilhantes. Já lhe disse isso várias vezes.

— Você as usa. A voz de Lila soou mal-humorada. Ray riu.

— Bem, se eu não decorasse minha fachada um pouco, ninguém olharia para ela... Seja como for, seu estilo não é esse, Lila. Deve ficar com sua flor-de-maçã, e passar para mim todos esses cremes faciais e batons de tonalidades vivas e exuberantes... Lila empurrou para um lado o estojo de maquiagem e disse:

— O fato é que estou horrível... Desmaiei esta manhã enquanto experimentava aquele horrível vestido de noiva. O tom era lamentoso, sem o mínimo toque de satisfação, como seria de se esperar de uma noiva prestes a se casar. Ray retrucou após respirar fundo:

— Se ele é horrível, por que vai usá-lo? Lila pousou no sofá o espelho de cabo de marfim. Assim como sua mão, sua voz também se mostrava trêmula.

— Tia Sybil o escolheu.

— E não pode escolher algo por você mesma?

— Você sabe que não posso.

— Nem mesmo o homem de sua vida? Lila começou a soluçar suavemente, como uma criança. As lágrimas brotaram em seus lindos olhos e escorreram pelo seu rosto adorável. Seus lábios tremeram quando ela murmurou:

— Você sabe que eu não posso. Ray pescou um lenço do bolso de seu conjunto marrom e o estendeu a Lila.

— Pare com isso! Disse bruscamente. — De que serve chorar sobre o leite derramado? É fato consumado... Vim aqui para lhe dizer algo, e você tem que secar seus olhos e me ouvir. Lila enxugou os olhos com o lenço da prima e perguntou:

— Que... Quer me dizer?

— Eu encontrei o Sr. Rumbold esta manhã.

— Ah... Foi?

— Ele me disse que Bill vai voltar. Lila parou de enxugar os olhos e exclamou:

— Oh...

— Amanhã, completou Ray. E Lila fez um:

— Oh... De novo.

— Pegará o trem para cá em Southampton. Lila deixou cair o lenço. Seus dedos se trançaram, nervosamente.

— Que adianta saber disso?

— Bem, nada há que impeça você de aguardar a chegada desse trem, ou há?

— Eu não posso!

— Oh, sim, você pode. Você pode e deve ir ao encontro de Bill. E dizer a ele que Lady Dryden a intimidou e a levou a dizer que se casaria com Herbert Whitall, com quem na verdade não deseja se casar. Que há de errado nisso, me diga? Deduzo que Bill reagirá a isso devidamente e

afinal em três dias podem se casar. Que me diz? E viu Lila se retesar, com uma expressão amedrontada.

— Eu não poderia... Não, não poderia! Ele não me escreveu... Faz tempo que não me escreve uma linha. Tia Sybil sempre disse que não daria certo, que era fogo de palha, e assim foi. E não havia nenhum compromisso oficial... Tia Sybil disse isso várias vezes. As sobrancelhas de Ray formaram uma linha escura, rígida, encimando os olhos, onde se refletia a indignação.

— E só o que tia Sybil diz é que vale? Por favor, Lila, desperte! Você e Bill é que realmente sabem se estão ou não interessados um pelo outro, não Lady Dryden. Se eu a soubesse feliz agora, não diria nada. Se você desejasse realmente casar com Herbert Whitall, eu não faria nenhum reparo. Mas você não é feliz. E não deseja casar com esse homem. Para completar, você é maior de idade, perfeitamente livre para deixar esta casa e ir esperar Bill na estação. Você está parecendo um coelho numa armadilha. Bem, a porta está aberta e você pode sair. Será que está desejando ficar hipnotizada a tal ponto que não possa sair mais desta ratoeira? Aproveite enquanto a porta está aberta e você pode sair. Lila continuava com a mesma expressão assustada.

— Ele não me escreveu mais, murmurou.

— Bill não lhe escreveu porque não podia. Ele sofreu um acidente... Esteve todo esse tempo num hospital. O Sr. Rumbold me contou. Mas agora Bill está bem de novo, e volta para Londres amanhã. O que você decide? Duas grossas lágrimas rolaram pelas faces maquiadas com o pó flor-de-maçã. E Lila disse com voz muito fraca:

— Eu não posso... Não posso fazer nada...

— Pode sim... Se você quiser. Lila moveu a cabeça numa negativa.

— É tarde demais. Todos os convites já foram distribuídos... Há uns trezentos presentes de casamento aqui. Nada posso fazer agora.

Como se fosse um acento colocado sobre a última palavra de Lila, a porta do quarto foi aberta bruscamente dando entrada a Lady Dryden.

Cinco

BILL WARING saltou do trem e deu uns poucos passos pela plataforma. Fez sinal a um carregador e trocou com ele umas poucas palavras, mas nesse meio tempo seus olhos se concentravam num só ponto, a outra plataforma de espera, buscando ver a figura de Lila. Havia muita gente ali... Pessoas esperando pelo próximo trem. Sim, ele iria vê-la num instante. Tinha passado dois telegramas, o último de Southampton, portanto ela deveria estar ali. O problema é que não conseguia vê-la no meio a tanta gente. Apressou o carregador, recolheu sua valise e seguiu adiante para entregar seu tíquete. Mas quando passou pela borboleta não foi Lila quem veio a seu encontro, com as mãos estendidas, e sim Ray... Ray Fortescue, com seus olhos brilhantes e seu largo e cordial sorriso. Ela disse:

— Oh, Bill! E antes que soubesse o que estava fazendo se viu beijando-o. Aconteceu naturalmente. Seus lábios sorriram, seu olhar se alegrou, e ele beijou-a. E por que não? Eles já se conheciam há muito tempo. Ela era prima de Lila, e a melhor amiga deste mundo. Bill manteve as mãos pousadas nos ombros da jovem, fitando-a, e então perguntou:

— Onde está Lila?

— Ela não pôde vir. Um receio instintivo o fez perguntar prontamente:

— Ela está doente?

— Não.

— Não está, então, na cidade? Mas eu telegrafei para Holmbury também... Acrescentou logo Bill. E ouviu Ray Fortescue dizer:

— Ela não pôde vir. Lady Dryden... Escute, Bill, eu lhe contarei tudo... Está havendo um quiproquó daqueles. Mas devemos primeiro sair daqui. Você vai comigo para meu apartamento. A essa hora prima Rhoda está de saída e poderemos conversar à vontade. Eu lhe contarei tudo o que está acontecendo. Lila não está doente... Simplesmente não pôde vir. Olhe... Aquele ali não é o seu carregador? Agora só temos que pegar um táxi.

Bill fitou Ray longamente antes de caminhar a seu lado. Havia alguma coisa no ar, mas Ray não iria lhe dizer nada por enquanto... Não ali na estação. O antagonismo profundo que sempre existira entre ele e Sybil Dryden se acentuou em seu íntimo. Lila vivia muito subjugada pela tia. Só porque o marido de alguém adotou uma parenta jovem e distante, esse alguém não tem o direito de governar os sentimentos da jovem adotada. Quando ele estivesse casado com Lila, poria Lady Dryden em seu devido lugar. Bem, fora muito gentil da parte de Ray vir recebê-lo na estação. E se sentiu reconhecido a ela.

Ray caminhava ao lado dele falando sobre coisas agradáveis e banais. Mas intimamente ela estava tensa. Bem, era natural que se sentisse assim. Ter que dizer algo doloroso à pessoa a quem se ama mais neste mundo sempre é penoso. Mas se tem que ser feito, não há remédio. E era melhor que Bill soubesse da verdade através de quem realmente mais o queria. Ray nunca tivera dúvidas: ela amava Bill, que amava Lila. E na verdade, ela era muito afeiçoada a Lila, também. Não podia deixar de ser assim. Lila era o tipo da jovem frágil e desamparada, que precisava ser amada. Mas gostar dela, pura e simplesmente, não era o bastante. Nem ela, Ray, nem Bill e nem ninguém mais podia ter voz ativa naquele assunto e dizer não a Herbert Whitall e Sybil Dryden. Entre eles só conseguiriam tecer em torno de Lila algo assim como uma fina teia de aranha que não teria chance alguma de resistir a um vento tempestuoso.

Ray fitou Bill e o viu com um ar sério, expectante. Ele estava mais magro e seu cabelo, bonito e rebelde, que nunca ficava assentado por muito tempo, precisava ser penteado. Com suas feições másculas, ele era tão bonito como Lila. Ele não deveria ter se apaixonado por ela, mas o fato é que se apaixonara. Homens altos e fortes sempre se encantam por algo ou alguém que é delicado e desprotegido. Os olhares de ambos se encontraram e Bill perguntou:

— O que há? Ray, o que está acontecendo?

— Aqui não... Não neste momento, disse Ray rapidamente quando já se encontravam no táxi e este dobrava uma esquina. — Você está mais magro.

— Sofri um desastre de trem. Isso me deixou apagado por um mês.

Ray sentiu o coração se apertar. Ele estivera um mês inteiro hospitalizado, podia ter morrido e estar sepultado agora, e ela não teria sabido de nada... Não até encontrar o Sr. Rumbold, como ocorrera no dia anterior, por mero acaso. O Sr. Rumbold lhe dissera: “Bill Waring estará de volta amanhã”. Mas se Bill tivesse falecido nos Estados Unidos, ela teria ouvido o Sr. Rumbold dizer: “Suponho que já tenha sabido do que aconteceu a Bill Waring. Um acidente de trem... Um caso doloroso... Sim, ele morreu”. Ray exclamou:

— Oh, Bill! E pousou sua mão no braço dele. Não se deu conta de sua própria palidez momentânea e nem que o medo obscurecera seu semblante. Ele riu e disse:

— Não precisa me olhar desse jeito... Eu estou aqui, inteiro. Telegrafei assim que me restabeleci, portanto espero que ninguém tenha ficado preocupado. Ray retirou sua mão, retrucando:

— Eu não sabia de nada... E acho que ninguém soube. Bill franziu a testa, estranhando.

— Há umas três semanas passei um telegrama para Lila. Você não tem estado com ela?

— Não com muita frequência...

— Ray... O que está acontecendo? Por que você não a tem visto? Ela estará doente? Ou vocês brigaram?

— Não, claro que não. Simplesmente ela não tem tido tempo. Lady Dryden está sempre controlando-a... Você sabe como ela é. Lila simplesmente não consegue enfrentá-la.

Bill voltou a cabeça bruscamente e durante o resto do percurso ficou olhando pela janela, silencioso. Mas quando saltaram do táxi, deixaram a bagagem de Bill no saguão, e subiram no pequeno elevador até o apartamento que Ray compartilhava com uma prima de meia-idade. Após fechar a porta da sala de estar, o rapaz se voltou e disse com certa rudeza:

— Qual é o problema? Seria melhor que você me contasse logo. E Ray disse:

— Sim.

Ela se aproximou do piano e parou ali, olhando para o assoalho de pau-rosa e tirando devagar as luvas. A prima Rhoda sempre mantinha flores frescas enfeitando o piano. Os crisântemos vermelhos e bronze se refletiam no assoalho encerado e claro, e as cores se aprofundavam e se diversificavam. Ela disse lentamente:

— Sim, alguma coisa vai mal.

— De que se trata?

— Você não teve nenhuma notícia de Lila?

— Não. Ray exclamou:

— Oh! Foi uma exclamação involuntária de pena. Deu um passo à frente e disse: — Ela devia ter escrito... Alguém devia ter comunicado...

— O quê? Bem, notícias más não podem ser alteradas, simplesmente temos que transmiti-las. E Ray tornou sua voz mais firme e disse:

— Ela vai se casar com Sir Herbert Whitall. Houve um silêncio tenso. O nome de Herbert Whitall pareceu suspenso no ar. Flutuando sem cessar.

Por fim Ray encontrou forças para se mover... Encarar Bill. Ele estava com aquela palidez que algumas vezes resulta de um grande esforço físico. Parecia ter perdido todo o sangue, e agora estava com um ar spectral. Ela o ouviu dizer numa voz terrivelmente contida:

— Isso não é verdade. Bem, agora tinha que convencê-lo, empurrar a faca na ferida e matar aquilo que representava a crença de Bill em Lila, no seu amor. Era realmente horrível, mas tinha de ser feito. E ela disse:

— Bill... Mas nesse instante ele já a segurava pelos ombros.

— Isso é uma mentira! Repito que é uma mentira! Ray sentiu a pressão daqueles dedos em seus ombros. Seus olhos faiscaram, sua voz se perdeu num balbúcio inaudível. E Bill insistiu: — É mentira! Ela não poderia... Você está inventando isso! Diga que não é verdade!

Ray nada retrucou, somente se deixou ficar ali, enfrentando o olhar furioso de Bill, com uma expressão magoada e cheia de pena. Assim permaneceram por alguns instantes até que subitamente Bill retirou as mãos dos ombros da jovem e recuou.

— Sinto muito. Olhou para suas próprias mãos de modo estranho, como que magnetizado, e depois fitou Ray, acrescentando: — Não queria machucar você. Aquela leve dor nos ombros era antes uma carícia do que outra coisa, mas ela não podia dizer isso. E retrucou:

— Não foi nada.

— O que aconteceu realmente?

— Bem, você deixou de escrever para Lila. E Lady Dryden soube se aproveitar disso. Herbert Whitall teve sua oportunidade. Bill disse numa voz entrecortada:

— Eu telegrafei para ela... Há três semanas. E outra vez no dia em que embarquei. Escrevi cinco cartas... Depois que melhorei... No hospital.

— Pois Lila não recebeu nenhuma dessas cartas... Estou certa de que não lhe chegaram às mãos.

— Alguém irá pagar por isso. Sua voz soava agora mais clara e firme. Havia um que de assustador por trás daquelas palavras. Ray quase gritou, aflita. Mas em vez disso se pôs a talar precipitadamente:

— Bill... Você não deve... Não vai resolver nada. Eu fiz tudo o que pude... Sinceramente. Faria qualquer coisa... Você sabe disso.

— Sim. A culpa não é sua. Preciso falar com Lila.

Ray ficou olhando-o fixamente. Em sua mente uma vozinha lhe aconselhava: “Você não pode ajudar aqueles que não se ajudam a si mesmos. Lila não faria nada nesse sentido”. E permaneceu calada porque nada tinha para dizer agora. E depois Bill tinha se controlado. Algo contivera aquela crua ira que dele se apossara momentos atrás. Ray sabia que essa raiva ainda estava acesa, mas presa, contida, como alguém atrás de uma porta fechada e vigiada por um guardião. Bill começou a fazer uma série de perguntas incisivas:

— Então eles estão para se casar?

— Sim.

— O casamento já foi anunciado publicamente?

— Sim.

— Trabalharam bem rápido, hem? Mas claro que não iriam perder tempo e deixar passar a oportunidade. Eu teria que voltar para Londres. Mas eu voltei e eles não foram diligentes o bastante. A data do casamento já está marcada?

— Sim.

— Quando? Ray pretendia desviar o olhar, mas não pôde. E disse:

— Na próxima semana. Não houve nenhuma alteração no semblante de Bill.

— Eu preciso falar com Lila.

— Lady Dryden não deixará vê-la. Bill riu, replicando:

— Que ela tente me impedir para ver uma coisa! Ray se sentiu mais serena e se aproximou mais um pouco do rapaz.

— Bill, não vai adiantar nada. Se você quiser entrar naquela casa à força, haverá um escândalo.

— E acha que me incomodo com isso?

— Não, mas Lila sofrerá. Se houver um escândalo desses, ela ficará em pânico, e, assustada, ela perde facilmente o controle. Bill retrucou com uma calma terrível.

— Eu vou vê-la.

— Não adiantará nada agir com rudeza. Bill deu alguns passos até a janela e depois voltou de novo até o meio do aposento.

— É... Você tem razão. Não irei lá. Eu a encontrarei aqui. Telefone para Lila e lhe diga para vir aqui. Não lhe diga nada sobre mim. Peça-lhe apenas que venha.

— Ela saberá que você está aqui.

— Como assim?

— Eu contei a ela que você chegava hoje. Tentei convencê-la a se encontrar com você, na estação.

— E o que disse ela?

— Que era tarde demais. E a voz de Lila, com aquele toque lamentoso, lhe retornou aos ouvidos: “Todos os convites já foram distribuídos... Trezentos presentes...” Isso não poderia ser dito a Bill. Bill disse bruscamente:

— Seria tarde demais se ela já estivesse caminhando para o altar! Se não for vê-la lá ou em outro lugar qualquer, vê-la-ei aqui! Você vai telefonar para ela, e dizer que estou aqui. Se ela deseja uma cena, acabarei indo lá e armando uma. Se ela não quer que isso aconteça que venha aqui. Diga-lhe isso mesmo!

O telefone estava numa das vistosas mesinhas da prima Rhoda, e seu aspecto utilitário era disfarçado por uma boneca com um sorriso bobo e vestida com saias balão verdes e cor de alfazema, o que não era apropriado, devido à fuligem londrina. Assim que Ray discou o número

de Lila, ela teve a impressão de que os números que estava discando, um por um, eram como pássaros voando... Pássaros que tinham sido libertados da arca da aliança, voejando em meio ao tumulto e à tempestade. A imagem fantástica cruzou sua mente e se desfez. E só restou no íntimo de Ray o sentimento do inevitável. Bill lhe dissera para telefonar logo, e ela o fizera. E agora tudo o que estivera para acontecer, aconteceria. Ouviu-se o clique do fone ao ser retirado do gancho, e Palmer dizendo:

— Alô! E Ray se achou dizendo com uma voz subitamente branda e firme:

— Boa noite, Palmer. Aqui é Ray Fortescue. Posso falar com a Srta. Lila? A ligação estava muito clara e Bill, de pé atrás de Ray, pôde até ouvir a fungadela de Palmer. E ambos a ouviram dizer:

— A Srta. Lila e minha patroa viajaram para o interior. Foram passar o fim de semana em Vineyards. Palmer desligou. E Bill perguntou:

— Que é Vineyards? A residência de Whitall?

— Sim, respondeu Ray.

— Onde fica? Ela lhe disse. E Bill murmurou:

— Obrigado. E saiu da sala sem dizer mais nada. A porta da rua foi batida com certa força quando ele se foi.

Ray, parada no mesmo lugar, na sala, se sentiu receosa.

* * *

Seis

VINEYARDS ficava na orla dos Downs. À direita e à esquerda havia bosques, com a casa numa clareira. O terreno era de ponta a ponta batido pelo sol. Aquele terreno era muito mais antigo do que a mansão. Ali já existira uma villa romana. E fora um romano quem plantara as primeiras mudas de parreira naquele local ensolarado. A bomba que caíra durante a guerra tinha destruído o terceiro terraço, abrira um sulco profundo na terra e deixara à mostra o que fora um antigo pavimento ornado de mosaicos. Agora já não se via ali nenhum vestígio dos danos causados pela guerra, mas os ladrilhos azulejados tinham sido levados para o museu da comarca. Depois que os romanos desapareceram da região e vieram os normandos, aquele lugar fora convertido numa instituição religiosa, e os monges tinham trabalhado nos vinhedos, de mangas arregaçadas e vestes antiquadas. Seu convento desaparecera com o tempo como ocorrera à villa romana, destruído implacavelmente pelo fogo após a dissolução dos mosteiros por ordem de Henrique VIII. Elizabeth I doara aquela propriedade a Humphrey de Lisle, que construiu ali simplesmente uma bela casa na qual ele e cinco gerações de Lisle viveram bastante contentes. As vinhas foram mirrando e desaparecendo com o passar dos anos, exceto aquela tão famosa junto da casa e, solitária sobrevivente das vinhas do terreno mais baixo, uma outra gigantesca parreira que pendia sobre um lado inteiro do terraço dos fundos, com sua graciosa folhagem e cachos de uvas de um verde pálido. Os De Lisle mirraram e desapareceram como as vinhas. A última descendente da ilustre casa transferiu a propriedade para a família Wootton; que acrescentou à mesma uma fachada com pilastras e

desfigurou o hall elisabetano com a introdução de uma escadaria de mármore no estilo italiano, complementada com cariátides para sustentar as lâmpadas. Também construíram outros acessórios a torto e a direito, e também conheceram a falência. Os vinhedos foram vendidos e revendidos posteriormente. Durante o século XIX a propriedade trocou de dono quatro vezes. Em 1940 fora requisitada pelo Ministério do Ar.

Seis anos depois fora comprada por Herbert Whitall, que começou a pô-la em ordem. Adrian Grey, que não era nem secretário particular, arquiteto ou administrador, mas uma mescla informal dos três, achava que haviam feito um belo trabalho ali. Os terraços se embelezaram e a casa se libertara de algumas de suas excrescências. Somente no tocante à escadaria de mármore, Herbert Whitall se mostrara irredutível. Ele realmente gostava daquela coisa descomunal. Diante dessa prova desagradável de mau gosto, Adrian, de gênio pacífico, tinha suspirado com resignação e pusera de lado seu belo plano de restauração da escada de madeira de carvalho original que seguiria com sobriedade e elegância até a galeria que percorria os três lados do hall e servia às alas dos dormitórios. Era um homem alto e magro, com um currículo universitário que cinco anos de serviço militar não tinham conseguido alterar. Fora ferido em combate, passara muito tempo num hospital com uma das pernas lesadas e que nunca mais lhe serviria como antes, e finalmente se vira forçado a desempenhar tarefas leves. Quanto ao mais, estava com quarenta anos agora, possuía um temperamento bondoso e afável, e inclinado a conviver em paz com todos... Mesmo com Herbert Whitall, que algumas vezes tentava levá-lo aos limites da exasperação. Ultimamente por duas vezes sentira que aquele limite de tolerância chegara a seu termo. E se tal acontecesse de fato, iria cuidar de outros interesses. Sentia-se feliz por dispor de rendimentos próprios, embora modestos. Mas lamentaria muito ter que deixar Vineyards.

Parado ali no terraço superior, Adrian dirigia o olhar agora até a distante orla marítima. Já começava a escurecer mais cedo. O sol ainda se fazia sentir, mas já exibia as vestes do outono, semelhantes às folhas

das árvores que ainda brilhavam como prata esmaecida na massa escura dos bosques de cada lado da casa. Aquele terraço era um solário. Ao encostar o joelho na amurada baixa de mármore achou-a quente ao contato. Nenhum vento soprava no momento. A noite deveria ser clara, o amanhã seria agradável também. O outono era a melhor época do ano.

Continuou a olhar a franja do mar e pensou que era bom estar ali sozinho. Festinhas familiares não iam muito com seu modo de ser, e ele teria que entreter Lady Dryden, que sempre o fazia se sentir como se nada tivesse a dizer. Isso não importava, naturalmente, porque ela podia, sem dúvida, dirigir a conversa e falar o tempo todo... O que não representava um alívio, pois de fato lhe dava a sensação de estar em meio a um vendaval.

Tinha chegado a esse ponto de suas divagações quando um ruído muito leve o fez voltar a cabeça. Lila Dryden tinha vindo por uma das portas-janelas que ainda permaneciam abertas para o terraço. Ela vestia um casaco de flanela e uma saia cinza com uma blusa branca. Seu cabelo levemente dourado era o único toque colorido em sua figura até que Adrian a viu mover os cílios dourados e captou o tom azul, parecido com o do miosótis, de suas pupilas. Ela se aproximou e se sentou na balaustrada.

— Eles estão conversando, murmurou.

— Ah, sim?

— Sobre mim. Gostaria que não o fizessem.

Lila conhecia Adrian Grey há longo tempo. Ele planejara e construía uma maravilhosa casa de bonecas que lhe ofertara quando ela fizera sete anos. Pessoas mais velhas geralmente procuram obrigar as crianças a fazer algo que elas não desejam. Mas Adrian não. Ele sempre procurara descobrir o que ela desejava fazer, e então a auxiliava a concretizar seus anseios. Era alguém que transmitia um tipo de

sentimento de segurança e paz. Ela agora estava com vinte e dois anos, mas nunca tivera motivos para modificar aquela opinião formada aos sete anos. As pessoas desejavam certas coisas e pressionavam até obtê-las. Diziam que era para o próprio bem da pessoa em questão, ou que essa devia fazer isso como uma obrigação, ou que agiam assim por amor, mas no fim tudo vinha a dar no mesmo... Eles pressionavam, e se tinha que ceder. Somente Adrian não exercia tal coação. Ele sabia ouvir, entender, e era gentil. E o estava sendo de novo, agora, quando disse:

— Não se preocupe, minha querida. Os olhos azuis baixaram. Tinham uma expressão intimidada.

— É a tia Sybil... Por que ela quer me forçar a isso? Adrian disse muito gentilmente:

— O que ela está querendo que você faça?

— Por que ela quer me ver casada com Herbert?

— Você não quer? Os olhos azuis brilharam mais devido às lágrimas que agora neles afloravam. Ela moveu a cabeça numa negativa.

— Não quero me casar com ninguém. Estou assustada. Adrian se sentou ao lado dela no parapeito.

— Ouça, minha querida, acha que só você sente esse medo? Conhece a minha irmã Marian... A que tem um marido jovial e quatro filhos. Pois bem, dois dias antes de seu casamento ela me procurou e disse que não podia continuar com os preparativos, que não daria certo. E me pediu para falar com seu noivo Jack. Marian me confidenciou que se sabia uma infeliz e que seu nome ficaria malvisto, mas que mesmo assim não poderia casar com Jack, e assim por diante. E por fim eu fui falar com ele. Jack se pôs a rir e me disse: “Isso nós logo veremos!” Bem, tão logo ela o viu à sua frente, lhe rodeou o pescoço com os braços e começou a chorar. E disse, entre lágrimas, que pensara que nunca mais tornaria a vê-lo. Eu saí e deixei os dois a sós. Mais tarde, quando perguntei a Marian o que ela pretendia ao me fazer passar, e a ela mesma, por tal ridículo, riu e disse que eu me preocupara à toa e não deveria ter lhe dado tanta atenção. Assim, você não deve pensar que.. .

— Não, atalhou Lila, movendo a cabeça com ar pesaroso. — Meu caso não é esse.

— Tem certeza?

— Você não entende.

— Que tal você tentar me explicar... Se quiser, claro.

Lila assentiu de novo. Era sempre fácil conversar com Adrian. Ele não era instigante, não fazia indagações embaraçosas e nem procurava fazer com que os outros dissessem o que não queriam. A cor voltou momentaneamente ao rosto da jovem. Baixou os olhos ao murmurar:

— Eu não gosto de ser tocada...

— Minha querida menina! Adrian estava profundamente inquieto e desconcertado para poder manter um tom de voz mais suave. Lila segurou a mão dele entre as suas e apertou-a com uma espécie de trêmula intensidade.

— Eu não posso suportar isso... Com quase ninguém. Mesmo com Bill, eu não gostava realmente quando ele me beijava... E olhe que eu gosto dele... Sinceramente.

— Bill Waring? Lila assentiu com um gesto de cabeça. Seus olhos estavam muito abertos agora, ainda úmidos de lágrimas.

— Tia Sybil disse que nós não estávamos comprometidos. O namoro terminara porque ele fora para a América. E ela acrescentou: “Bem, espere... Que ele volte”. Só que ele não me escreveu mais. Ray me disse que ele estava num hospital... Sofrera um acidente de trem. E ela queria que eu fosse receber Bill na estação... Mas eu não podia, podia? Somente depois é que concluí que, caso tivesse ido, talvez agora não tivesse que casar com Herbert.

— Você não quer se casar com ele? A mão que ela mantinha entre as suas foi apertada com angústia. E seu:

— Oh, não... Soou junto com um suspiro entrecortado.

— Mas, minha querida menina, por que nunca disse isso claramente?

— Ela me forçou a aceitar... Sim, a tia Sybil.

— Mas, Lila...

— Ela sempre consegue nos obrigar a fazer o que deseja. E não somente comigo. Ela pressiona, pressiona, até que nos vemos impossibilitados de dizer não. Ergueu o olhar para Adrian cheia de pena.

— Por que ela quer que eu me case com Herbert?

— Eu não sei, Lila. Mas ninguém pode forçá-la a fazer algo que não deseja. Lila largou a mão de Adrian tão repentinamente como a segurara instantes atrás.

— Você não entende. O tom de cansaço, de desesperança, confrangeu seu coração. E ele teve que esperar um momento para então dizer:

— Lila... Ouça! Diga a Lady Dryden, e a Whitall também, que você precisa de algum tempo para pensar melhor. Não é comum que um noivado e um casamento sejam decididos e levados a termo assim em umas poucas semanas. Não creio que eles gostariam de que se fizessem comentários a esse respeito, e se você diz que tem a impressão de estar sendo forçada a decidir apressadamente algo tão importante, não vejo como poderão se recusar a lhe conceder mais um pouco de tempo. Lila esboçou um gesto desanimado. E retrucou:

— Não vai adiantar. Eu já tentei... Na noite passada. Ela não quis me ouvir. E os convites já foram enviados.

— Ela poderia alegar que você está com sarampo ou algo assim. Minha prima Elizabeth Baillie fez isso.

— Tia Sybil não agiria assim.

Adrian percebeu que se sentindo pessimista sobre o assunto seria realmente improvável que conseguisse convencer Lila. Seus pensamentos se voltaram para Bill Waring. Ela dissera algo sobre ir ao encontro dele na estação ferroviária. Sendo assim, Bill já devia estar de volta a Londres. Fitou Lila e com um ar meio contristado e confuso perguntou:

— Bill Waring voltou?

— Sim, ele está de volta.

— Você o viu?

— Oh, não. Ele franziu as sobrancelhas, que praticamente se juntaram, num gesto que não lhe era habitual. E observou:

— Você disse algo sobre ir à estação recebê-lo. Quando ele chegou? Lila conteve a respiração.

— Ontem. Ray esperava que eu fosse à estação. Mas eu não podia, podia, Adrian? Mas em vez de dizer: “Não, se você não queria ir”, que era a resposta por ela esperada, Adrian a surpreendeu, indagando:

— Por que você não podia ir? Um leve rubor subiu às faces da moça. Seus olhos se arregalaram.

— Os convites prontos... Tia Sybil...

— Isso não seria um entrave suficiente se você de fato quisesse ir recebê-lo. Aguardou um momento, e então disse: — Não é assim? Ela olhou-o com o ar de uma criança suplicante.

— Ele deixara de me escrever. Tia Sybil disse que Bill se esquecera de mim. Eu não sabia que ele sofrera um acidente.

— Ele sofreu um acidente, então.

— Sim, foi o que Ray me contou. Ele esteve hospitalizado algum tempo e sem saber exatamente quem era. Assim não podia me escrever, podia? Mas agora está completamente recuperado... Ray soube disso pelo Sr. Rumbold, com quem ela se encontrou casualmente.

— E ainda assim você não quis ir vê-lo na estação? Lila baixou a cabeça.

— Pensei que ele ficaria muito zangado... A respeito de eu me casar com Herbert.

— Minha cara menina! Não iria esperar que ele ficasse contente... Certo? Ela moveu a mão insinuando-a de novo entre as de Adrian.

— Não posso suportar ver alguém muito zangado. E Bill fica terrível quando se zanga.

— Mesmo com você? Lila retrucou numa voz insegura:

— Não... Realmente não. Mas se ele ficasse furioso, eu não iria suportar. Certa vez um homem estava atirando pedras num cachorro... A perna do animal estava quebrada... Eu pensei até que Bill iria matar aquele homem. Ele me assustou terrivelmente.

Embora sentisse uma certa vontade de sorrir, Adrian a conteve. Podia imaginar Bill Waring cuidando de cumprir um ato de justiça sumário. Com um desejo sincero de obter mais esclarecimentos, perguntou:

— Que fez ele então? Lila deu de ombros, retrucando:

— Ele derrubou o tal homem com um murro, e quando o viu se erguer, o socou de novo. O nariz do pobre homem sangrava bastante. E a expressão dele era como a de alguém que estivesse gostando daquilo...

— Quem, o homem? Desta vez o sorriso se desenhcou de fato nos lábios de Adrian. E Lila olhou-o com ar de censura.

— Não... Bill. E depois entalou provisoriamente a pata do cachorro e o levou ao veterinário. Assim você fica sabendo como eu conheço o gênio forte de Bill, quando fica zangado. E não adiantaria Ray me dizer para ir à estação ontem, pois eu não poderia. Pareceu aliviada ao concluir a frase, mas logo esse alívio cedeu lugar ao receio. — Adrian, o mais terrível é que... Ray diz que Bill vai me procurar. Eis por que eu tinha que falar com você.

— Bill prometeu vir aqui?

— Oh, sim. E ele não deve vir. Ray me disse que ele quer me ver. E isso não vai resolver nada, não é mesmo? Ray me telefonou... Ainda há pouco, enquanto tia Sybil e Herbert estavam conversando. Ray me disse que Bill iria ficar na cidade hoje para falar com o Sr. Rumbold, e que depois viria aqui. E eu disse a ela que não iria adiantar nada, que, por favor, não o deixasse vir. E ela falou: “Não se pode conter um vendaval com uma ventarola...” Ray gosta de dizer coisas assim. Não entendi de pronto o que ela queria dizer, mas imaginei logo a seguir que Bill devia estar terrivelmente zangado. Não é o que você pensa também? Adrian retrucou com certa moderação:

— Se ele a ama, você não poderia esperar que não se zangasse muito ao sabê-la prestes a se casar com outro homem... Especialmente se Bill considera que ele e você ainda estavam comprometidos. Lila fez um

— Oh... E então, numa voz sussurrante: — Nosso compromisso não foi formalizado.

— Não acho que isso faça alguma diferença para Bill. Lila retirou sua mão de novo.

— Mas ele não deve vir. Você não irá deixar, está bem? Tia Sybil ficaria realmente furiosa... E... E Herbert também. Você não pode dissuadi-lo?

Adrian Grey era dotado, feliz ou infelizmente, de uma boa dose de imaginação. E esta lhe forneceu uma vívida imagem de Bill Waring decidido a ter um encontro com Lila e nada inclinado a recuar diante de picuinhas, a fim de conseguir o que desejava. Com a participação de Lady Dryden e Herbert Whitall, se tinha todos os ingredientes de um duelo realmente de primeira classe. O que ele não conseguia imaginar era o que poderia fazer, talvez, para evitar o entrevero. Nunca sentira qualquer vocação ou premência de se meter num redemoinho e controlar a tempestade... O melhor que poderia fazer seria apenas segurar uma modesta sombrinha sobre a adorável cabeça de Lila Dryden.

— Você não o deixará vir aqui! Ela repetiu, angustiada. E tudo o que ele pôde dizer foi:

— Farei o que puder.

Ambos pareciam ter chegado a um impasse. O que Adrian estava querendo fazer era levar Lila daquela casa logo. Ele tinha um carro, que estava na garagem, com o tanque cheio. O que permitiria levar Lila à casa de Marian. Lila era maior de idade, e ninguém poderia detê-los. Era uma coisa perfeitamente viável, e se fugia às suas normas de procedimento e cortesia, isso era uma outra questão. No momento só podia pensar no bem de Lila. E mais tarde se censuraria e se arrependeria amargamente por não ter pensado nisso antes. Mas não pôde concretizar nada, porque naquele exato momento a Srta. Whitaker surgiu no terraço, com sua blusa de gola alta, uma gravatinha preta muito formal e uma saia também escura. Tinha um ar clerical, severo. Que era uma secretária à antiga, isso estava estampado em seu rosto, em

toda a sua figura. Para olhos conservadores e formais sua figura até que mereceria elogios: cabelos negros impecavelmente penteados, mãos cuidadas e que se moviam com sobriedade, olhos expressivos, conquanto um pouco juntos demais, sobrancelhas arqueadas. A Srta. Whitaker se aproximou rapidamente e disse a Lila:

— Lady Dryden está chamando a senhorita.

* * *

Sete

HERBERT WHITALL estava em sua sala de trabalho, que era exatamente igual a tantas outras em seu aspecto geral. A única coisa que faltava ali era esse não-sei-quê indefinível que dá vida a um aposento, denotando terem nele vivido e trabalhado pessoas de várias gerações. No tocante à sua conformação, isso também era exato. Era um daqueles aposentos ao estilo do século XVIII, de boas proporções e bem iluminado, e que, com o tempo, fora sendo aperfeiçoado. Adrian Grey, que dera sua contribuição para a escolha do mobiliário, chegara à conclusão de que tudo ali se prendia um pouco em demasia àquele período, sem nenhum dos desbotados remanescentes que são geralmente encontrados num aposento onde um homem conta ficar à vontade. As cortinas elegantes pareciam ter sido colocadas ali na véspera, de tão novas. Não havia ali sequer uma cadeira estofada de braços ou poltronas com assento de couro. Era um bom estúdio, perfeitamente adequado, mas carecia do toque de conforto familiar.

Mas também ninguém diria que Herbert Whitall fosse uma pessoa reconfortante. Seu avô, astuto e rude, conseguira reunir uma das grandes fortunas de meados da era vitoriana. Ferrovias, ferro, aço... Tudo o que ele tocava se convertia em ouro. Seu filho conseguira o título de baronete. Herbert Whitall, um homem de negócios competente, confirmara o êxito financeiro da família, e se dizia que tinha ambições políticas. O melhor alfaiate de Saville Row tinha conferido um toque de elegância àquela figura alta e magra. Herbert tinha o nariz fino e emproado, e os lábios também finos dos FitzAscelin. Sua mãe fora Adela

FitzAscelin, descendente em linha direta de Ascelino de Ghent, que tinha chegado à Bretanha com Guilherme, o Conquistador. Se fora essa disposição hereditária que lhe trouxera o interesse acentuado por peças curiosas de marfim, também lhe dera aquele prazer em conseguir a qualquer custo os objetos de seu gosto. Para Herbert era inimaginável perder uma peça rara numa competição com outro colecionador. Tudo o que ele desejava possuir, acabava conseguindo, não importando o esforço e o preço que lhe custasse. Tinha o olhar frio e ganancioso, e as mãos longas e finas dos seus parentes maternos. Mas enquanto os FitzAscelin tinham através de várias gerações deixado escapar seus bens pessoais, Herbert Whitall, ao contrário, podia se orgulhar de que, além de possuir tudo o que desejava, sabia como conservá-lo.

Parara defronte à lareira e esticava seus longos dedos a uma certa distância do fogo, aceso há pouco, para aquecê-los. Era um bom fogo de lenha, como convinha a uma casa de campo. E ele apreciava o cheiro da resina queimando. As achas de lenha haviam sido cortadas ali perto, de velhas macieiras, e Adrian dera instruções para que a madeira das mesmas fosse destinada àquele aposento e à sala de visitas. O amigo Adrian era muito instruído e útil... Pensou Herbert Whitall. Voltou-se para a porta assim que a Srta. Whitaker entrou, e disse no seu tom de voz fluente e familiar:

— Sybil Dryden me disse que seria melhor termos alguns convidados aqui, hoje à noite. Quanto menos lidarmos com esse assunto tête-à-tête, melhor. Lila está nervosa, isso é evidente. Seria melhor você dar uns telefonemas. Ela se aproximou da mesa de trabalho de Herbert.

— Quem você deseja que eu convide?

— Bem, Eric Haile viria de qualquer jeito. Você não gosta dele... Hem? As sobancelhas desenhadas em arco se ergueram um pouco.

— Não me compete gostar... Ou desgostar... De convidados, parentes ou amigos.

— Oh, Eric não é nem um parente próximo. Apenas o neto de minha tia-avó Emily... O que isso faz dele em relação a mim?

— Primo em segundo grau, creio.

— Você sabe de tudo! Que tesouro você é, Milly: Mas por que não gosta de Eric Haile?

— Não gosto nem desgosto dele. Herbert Whitall riu.

— Ele é tido como encantador... Vida e alma de todas as festas. Eis aí por que o escolhi como o primeiro da minha lista de convidados. E é também o único parente que eu tenho, graças a Deus. Façamos votos para que ele adicione uma nota alegre às gestões desta noite. No momento as perspectivas estão um pouco sombrias.

Milly Whitaker ouviu aquilo sem esboçar um gesto ou palavra, como qualquer secretária à espera de que seu patrão chegue ao ponto principal. Quando ele terminou suas considerações, ela repetiu a pergunta inicial sem a mínima variação.

— Quem você deseja que eu convide?

— Os Considine... São amigos de Sybil. O velho Richardson... Gostaria de lhe mostrar aquele punhal de cabo de marfim e ver se isso não o fará ficar com a boca cheia d'água... Quantos já temos ao todo?

— Cinco homens e três mulheres.

— Seria melhor se você também participasse. É o mais indicado. Richardson não tem senso de sociabilidade e Sybil servirá de pretexto para a presença dos Considine. O prazo é curto para convidarmos mais alguém. Diga-lhes que viemos para cá de repente, ao sabor do momento. Diga que Lila estava muito cansada e entediada lá na cidade.

A Srta. Whitaker se aproximou do telefone pousado sobre a mesa de trabalho. E Herbert se voltou para a lareira e seus pensamentos. Seus lábios finos sorriram. E ele estendeu as mãos por sobre o que era agora um fogo crepitante na lareira. Millicent Whitaker se mostrou calma e eficiente em seus telefonemas. Então recolocou o fone no gancho e disse:

— Está tudo resolvido... Eles virão. Marquei a reunião para as sete e quarenta e cinco.

— Ótimo. Richardson chegará atrasado... Como sempre. Millicent, que estivera sentada à mesa, se ergueu.

— Seria melhor avisar Marsham.

— Se você quiser. Ela já dera alguns passos em direção à porta. Parou então e perguntou:

— Já providenciou alguém para me substituir?

Herbert estava apoiado à cobertura da lareira e olhou-a sem parecer dar muita atenção ao que ela dissera. Não havia nenhum fio grisalho em seu cabelo negro, mas este estava começando a rarear nas têmporas, denunciando sua idade verdadeira. Quando Millicent repetiu a pergunta de modo um pouco brusco, ele sorriu e disse:

— Certamente que não. Ela se aproximou mais um pouco e retrucou:

— Herbert, eu não ficarei aqui depois que você se casar. Já lhe disse isso há um mês atrás.

— Esqueça isso, minha querida.

— Eu falo sério. Quer você tenha ou não arranjado uma substituta para mim, irei embora.

— Oh, eu acho que não irá. Seria uma grande tolice, e você é uma pessoa inteligente. Millicent moveu a cabeça, insistindo:

— Não vou ficar. Num repente, a expressão de Herbert Whitall se modificou. Os olhos duros e frios, o nariz afilado, a cabeça atirada para frente, lhe davam um ar predatório.

— Minha querida Millicent, está sendo não só tola como aborrecida. Você é uma excelente secretária, e pretendo mantê-la a meu serviço. Se desejar um aumento, darei. Ela sacudiu a cabeça numa negativa.

— Eu não vou ficar aqui. Ele riu.

— Já pode contar com o dobro de seu atual salário! O rubor coloriu vivamente o rosto de Millicent Whitaker.

— Tome cuidado, Herbert... Está indo longe demais!

— E o conselho vale para você também, minha querida. É uma coisa importante saber de que lado do pão está a manteiga. Na próxima semana estarei assinando meu novo testamento. Segundo o anterior você seria beneficiada... Substancialmente. Por longos e dedicados serviços... Dez anos, não é mesmo? Bem, depende inteiramente de você que esse legado continue a figurar no meu novo testamento ou não. Sempre lhe disse que proveria seu futuro e o da criança, e estou pronto a cumprir tal promessa. Mas se você deixar esta casa, adeus herança. Millicent ficou imóvel por um instante, se controlando a custo. Por fim, disse numa voz calma:

— Por que quer que eu permaneça a seu serviço?

— Eu não gosto de mudanças. Nunca poderia encontrar secretária mais eficiente que você.

— Pois não posso ficar. Você não devia me pedir isso. Herbert exclamou:

— Escute aqui, Milly! Não estou disposto a ouvir mais tolices! Você ficará! E se eu tiver mais qualquer problema a esse respeito, receio ter que fazer algo que você não gostaria... Sim, acho que você não irá realmente gostar disso. Como sabe, conservo comigo aquele cheque. Millicent empalideceu vivamente.

— Não é verdade. Eu vi você queimá-lo.

— Você me viu queimar um cheque em branco que me custou dois centavos... Uma pequena farsa, apenas para deixá-la despreocupada. O cheque que você, digamos, alterou... Está intato. Gostaria de saber onde o guardo, hem? Mas não pode fazer ideia. Ele não irá lhe trazer nenhum problema sério enquanto você se comportar direito e não me aborrecer mais com essa tolice.

Estavam quase junto um do outro agora. Nenhum deles tentou encurtar a distância que ainda os separava. Millicent permaneceu fitando-o até que toda a lividez ditada pela raiva se dissipasse de seu rosto. Ela deu a impressão de que iria dizer algo, mas embora seus lábios

se abrissem, as palavras não brotaram. Palavras não iriam alimentá-la ou manter seu filho. E num tom familiar, natural, Herbert disse:

— Vá agora falar com Marsham. E a seguir, quando ela já chegara à porta, chamou-a para acrescentar: — Diga-lhe quem virá esta noite, e então mande-o vir aqui para falar comigo. Se não me engano, tinha que lhe chamar a atenção sobre uma coisa. Millicent parou, a mão sobre a maçaneta, meio surpresa.

— E você se esqueceu do que é?

— Minha cara Millicent, eu nunca me esqueço de nada... Já devia saber disso. Digamos que eu... As guardo para mim. Ela lhe dirigiu um longo e duro olhar antes de sair da sala.

* * *

Oito

ENTRE SEIS E MEIA e sete horas Bill Waring passou em seu calhambeque pelo portal encimado por pilastras da mansão Vineyards. Saltou do carro e se apressou a tocar com muito vigor a campainha. Na realidade, tinha dado adeus a todo o estoque de paciência que porventura já tivesse possuído. Rumbold o retivera em demasia, interrompendo a conversa várias vezes, para atender a alguém mais. E somente depois de se demorar com o último cliente, Rumbold insistira em que almoçassem juntos antes de prosseguirem sua conversa. Quando esta terminou e Bill finalmente se viu liberado daquele compromisso, já não seria possível ir a Vineyards antes do cair da noite. Já que ele não conhecia e nem desejava conhecer Herbert Whitall e dificilmente poderia contar com uma boa acolhida de Lady Dryden, não só as convenções sociais como também a natural prudência deviam ter lhe sugerido ser mais sensato desistir de ir lá naquela noite, adiando a tentativa de ver Lila para a manhã seguinte. Mas a prudência nunca fora o forte de Bill Waring, e ele se preocupava muito pouco com convenções e etiquetas.

Assim sendo, dirigira o carro pela alameda de Vineyards como se esta lhe pertencesse, tocara a campainha com determinação, e se postara, impávido, no último degrau da escada. Como Marsham estava ocupado com os preparativos para o jantar, a porta foi aberta por Frederick, um garoto já bem crescido que estava enchendo seu tempo e poupando dinheiro pois deixara o colégio na iminência de ser chamado a prestar serviço militar. Ele sabia já ser uma hora algo tardia para visitas, mas não

se atreveu a expressar seu pensamento. O impaciente cavalheiro que agora pedia para falar com a Srta. Dryden podia ser um parente da família, ou talvez um dos convidados daquela noite e que o Sr. Marsham se esquecera de lhe mencionar. Quando Bill Waring passou por Frederick, entrando no vestíbulo, o rapaz se dirigiu rapidamente ao pequeno aposento imediato, à esquerda da porta principal, acendeu a luz e foi procurar a Srta. Lila. Tendo verificado que ela não estava na sala de visitas, já ia procurá-la em outro aposento, quando se viu diante de Lady Dryden.

— Senhora, está aqui um cavalheiro que deseja ver a Srta. Dryden.
Lady Dryden ergueu as sobrancelhas.

— Um cavalheiro? Disse como se chama?

— Sr. Waring, senhora.

Lady Dryden não deixou transparecer seus sentimentos. Se o jovem Frederick teve a leve impressão de que ela se aborrecera com aquela informação, como de fato acontecera, isso não se deveu ao seu olhar ou à sua voz de contralto. E ela disse em tom brando:

— A Srta. Dryden está em seu quarto. Não há necessidade de incomodá-la. Eu atenderei ao Sr. Waring. Onde ele está?

Quando a porta da sala foi aberta devagar, Bill Waring passou por um momento de doentia apreensão, porque tão logo visse Lila ele saberia o que motivara sua vinda ali. Se ela corresse para ele, se desejasse realmente que a tirasse daquele apuro em que fora envolvida de algum modo, ele estava disposto a levá-la de imediato daquela mansão em seu modesto carro. Ray iria hospedá-la, e depois eles se casariam tão logo os papéis de casamento fossem aviados. Bill achou que isso levaria três dias. Mas se ela não quisesse, se estivesse feliz agora...

A porta foi aberta de todo e Lady Dryden entrou na sala de espera. Bem, seria uma guerra sem quartel, como podia notar. Não uma briga

comum... Isso não fazia o estilo dela. Ia direto ao ponto, mas se valendo apenas da voz e das maneiras frias como gelo. E não houve quaisquer cumprimentos. Sybil Dryden parou a poucos passos da porta, observando o visitante como se ele fosse uma aberração, e disse:

— Por que veio aqui, Sr. Waring? A pergunta era puramente óbvia e a resposta idem.

— Vim para falar com Lila.

— Receio que não possa fazer o que deseja.

— E eu creio que a senhora não possa me impedir.

— Deveras, Sr. Waring? Acho que está enganado. Há um laçao e um mordomo nesta casa, e também os Srs. Grey e Herbert Whitall. Deve admitir que eles poderão pô-lo para fora daqui. Seria uma cena penosa e humilhante, e Lila iria ficar muito perturbada. Prefiro crer que o senhor vai se comportar como um cavalheiro e se retirar pacificamente. Perguntarei a ela se deseja vê-lo, e se assim for, comunicarei ao senhor pela manhã. Se quiser vê-la amanhã é só vir aqui e tocar a campainha de novo. Caso Lila deseje recebê-lo, então terá toda a liberdade de fazê-lo.

Se Bill Waring tivesse tido a intenção de subestimar seu adversário, certamente nunca cairia nesse erro de novo. Com uma quase casual espontaneidade de maneiras, Sybil Dryden deixara patente a força de sua posição. Caso insistisse, ele poderia correr o risco de uma degradante expulsão de uma casa na qual não fora convidado a entrar... Convertendo-se, assim, em um penetra envolvido numa briga vulgar. E não precisava que Lady Dryden lhe dissesse que efeito aquilo iria causar em Lila. Tendo refletido sobre tais coisas, em meio a um silêncio tenso, ele encarou Lady Dryden e disse:

— Telefonarei pela manhã. Na verdade não pretendia vir aqui hoje tão tarde. Fiquei retido na cidade, do contrário teria vindo mais cedo. Não desejo perturbar Lila, mas ela tem que falar comigo. Lady Dryden lhe sustentou o olhar hostil com serenidade.

— Isso cabe a ela decidir. E Bill prosseguiu como se não a tivesse ouvido.

— Quando viajei nós estávamos praticamente noivos. E no que me diz respeito, o compromisso ainda está de pé. Se Lila deseja rompê-lo, deve dizer isso a mim, pessoalmente. Não aceito essa participação vinda de outra pessoa.

— Nunca reconheci que houvesse um compromisso de noivado, como alega, Sr. Waring.

Bill dava a impressão, e se sentia como tal, de estar sendo teimoso como um jumento. Lady Dryden sentiu algum prazer nisso. Ela sempre antipatizara com Bill Waring. E agora ele se tornara uma ameaça definida, embora ela estivesse com as rédeas do jogo. Vencer a partida contra aquela teimosia, marcar pontos contra aquela força obstinada, lhe proporcionava um agradável sentimento de poder. Lila estava sob o controle dela, e nada havia que ele pudesse fazer contra isso. Assim pensando, se colocou ao lado da porta e disse:

— Boa noite, Sr. Waring. E Bill se retirou, pois não havia realmente mais nada que pudesse fazer... Não ali, e não naquele momento.

Sybil Dryden não tocou a sineta a fim de chamar Frederick para mostrar o caminho da saída ao visitante, mas permaneceu de pé, no vestíbulo, para vê-lo deixar a casa. Quando Bill já descia a escada da entrada, pôde ouvir o ruído da porta principal sendo fechada à chave.

Bem, as coisas estavam nesse pé. O próximo passo caberia a ele. Descontou dez minutos, tempo em que calculou que Lady Dryden já teria subido as escadas ou ido para a sala de visitas. Nesse meio tempo, dirigiu seu calhambeque até a primeira curva do caminho. Então, sentado no carro, pegou lápis e papel, escreveu um bilhete curto e o colocou dentro de um envelope endereçado à Srta. Lila Dryden. Logo a seguir saltava do carro e ia tocar de novo a campainha da entrada

principal da casa. Novamente teve a boa sorte de ser atendido por Frederick, a quem disse:

— Desculpe incomodá-lo, mas acho que esqueci meu boné aí dentro.

Nem mesmo Lady Dryden poderia bancar um delegado e dar ordens para expulsar de casa alguém que reclamava polidamente por algo de sua propriedade. E Bill se alegrou por ter pensado em deixar propositadamente seu boné ali. Mas Lady Dryden o deixara tão irritado que, na verdade, poderia facilmente ter se esquecido de algo mais. Quando se está enfurecido tem-se a impressão de estar em meio a um vendaval... Não se pode pensar com plena lucidez. Frederick lhe trouxe o boné, e Bill retirou duas notas de uma libra da carteira e disse:

— Ouça, eu gostaria que esta carta chegasse às mãos da Srta. Lila, se você der um jeitinho de entregá-la pessoalmente. Frederick disse prontamente:

— Oh, sim, senhor.

As duas notas de uma libra mudaram de dono. Bill cumprimentou e desceu a escadinha. A porta principal foi fechada. Frederick, movido por um zelo romântico, subiu a escada e foi bater à porta do quarto da Srta. Lila. A operação completa não lhe tomou nem um minuto. Ninguém o viu subir e descer. Lila pegou o envelope com a mão trêmula. Fechou a porta à chave antes de se arriscar a ler o bilhete. E quando acabou de lê-lo, se sentou na cama, uma coisa que Sybil Dryden nunca admitia, e começou a chorar.

* * *

Nove

AS SETE E QUINZE, Lady Dryden subiu para falar com Lila e verificou que a porta do quarto estava fechada à chave. Um absurdo, ridículo a seu ver. Ela não aprovava o fato de alguém se trancar em seu quarto. E particularmente se tratando de Lila. Fora uma medida de autodefesa, e teve a desconfiança de ser também uma espécie de desafio. Bateu na porta num gesto peremptório e disse:

— Abra esta porta de uma vez, Lila!

Houve uma pequena demora. Lila se colocou a um lado da porta e se viu acolhida por um olhar atônito. A jovem ainda vestia a saia cinza e a blusa branca, só que o casaquinho fora retirado e jogado descuidadamente ao pé da cama. Ela parara de chorar há alguns minutos, mas as marcas do pranto ainda se entreviam em seu rosto. Lady Dryden falou com brusquidão:

— Você não dispõe de muito tempo para se trocar. Tem que se apressar.

— Não creio que possa.

— Não pode fazer o quê? E Lila respondeu:

— Tudo... Numa voz cansada.

Sentia-se como se não pudesse fazer qualquer das coisas com que se defrontava: vestir um dos novos modelos de seu enxoval de noiva, que ela detestava, descer para o jantar e conversar ou ouvir conversas no

decorrer de uma noite interminável; suportar o beijo de boa-noite de Herbert Whitall; sair às escondidas na escuridão da noite após todos já terem se recolhido e dizer a Bill que o compromisso entre ambos não mais existia; que dentro de seis dias apenas... Seis terríveis e apressados dias... Ela poria aquele vestido de noiva de cetim marfinoso e se casaria com Herbert Whitall, tendo tia Sybil como patrocinadora... Perdera qualquer sentido de proporção em relação a tais coisas. Todas elas mostravam-se igualmente terríveis... Penosas... Impossíveis. Ficou olhando para Lady Dryden com ar hipnotizado.

— Minha querida Lila, você parece não ter acordado ainda! Pelo amor de Deus, vá lavar seu rosto! Primeiro com água morna, depois bastante água fria! Isso acabará por despertá-la. Irá colocar seu novo vestido de crepe... É exatamente o indicado para um pequeno jantar. Sabe que há alguns convidados, e você certamente causará a melhor das impressões com essas nuances de cor marfim. E faria melhor em usar um pouco de ruge. Você está muito pálida. Já devia ter vindo da cidade para cá há mais tempo.

Lila tirou a saia cinza, se livrou da blusa, indo então para o banheiro, onde lavou o rosto primeiro em água morna e depois em água fria. A água quase quente foi reconfortante, a fria lhe causou um impacto. Com o rosto oculto pela toalha, respondeu à pergunta de Lady Dryden:

— O que a está inquietando? Com uma única palavra:

— Bill. Lady Dryden se sentiu como se tivesse recebido em pleno rosto um súbito jato de água fria.

— Como ele poderia incomodar você? Não o viu mais.

— Ele me escreveu... As palavras soaram quase inaudíveis por trás da toalha. Lady Dryden se sentiu tão aliviada que seu riso soou muito bem-humorado.

— Então é só isso? Ora, claro que ele está magoado. Mas acabará se conformando. Não está pensando que você foi o primeiro amor na vida

dele, e nem será, certamente, o último. Que fez com a carta dele? Lila se voltou, agora dobrando a toalha.

— Eu a queimei.

— Onde?

— Depois que a li, queimei-a. A voz de Sybil Dryden soou incisiva.

— Eu perguntei onde. Você não esteve queimando coisa alguma aqui.

— Desci... Depois que li a carta.

— E quando e como recebeu essa mensagem?

O emprego do jovem Frederick estava em risco. E outras coisas também. Coisas mais importantes ainda. E então Lila fez o que talvez fosse a melhor coisa que podia tentar no momento. Desatou a chorar. Lady Dryden podia tê-la esbofeteado com a melhor boa vontade deste mundo, mas se conteve, apanhou a toalha de rosto úmida, e disse com um ar friamente autoritário:

— Já chega dessas tolices! Lave seu rosto de novo e seque bem depois! E faça com que permaneça seco daqui por diante! Lila deixou escapar, num sussurro trêmulo:

— Não posso me casar com ele.

— Ninguém está lhe pedindo para casar com o Sr. Waring.

— Falo de Herbert... Não posso casar com ele. Lady Dryden retrucou numa voz enérgica:

— Não estão lhe pedindo para se casar com alguém. O que se pede a você é que proceda como uma pessoa civilizada e se vista para jantar. E é isso que vai fazer! Acercou-se do guarda-roupa, retirou o vestido longo, de corte reto e cor de marfim, depois colocou num cabide o casaquinho, a saia cinza e dobrou a blusa, pondo-a numa gaveta. Então se aproximou da porta. — Tem que se apressar, disse, antes de sair do quarto. — Os Considine chegarão às sete e quarenta e cinco.

Dez

LADY DRYDEN se dirigiu ao estúdio de Herbert Whitall. Caso Eric Haile já tivesse chegado, ela não teria ocasião de falar a sós com Whitall, mas havia sempre uma boa oportunidade para deixar no ar algumas insinuações bem encaminhadas.

— Posso entrar? Perguntou, e ficou satisfeita por encontrar Herbert sozinho e já vestido para o jantar.

O “Naturalmente” pronunciado por Whitall foi a resposta que se esperaria da parte de um anfitrião bem-educado; no entanto uma pessoa sensível e observadora teria captado um fundo de sarcasmo na entonação. Se Sybil Dryden o percebeu, soube encará-lo como irrelevante. O que tinha para dizer seria dito, e a menos que Herbert Whitall fosse um rematado idiota, o efeito da revelação seria proveitoso. Com um sorriso leve e cortês, entrou e se aproximou de Herbert, comentando então que o fogo da lareira era realmente reconfortante agora que as noites se tornavam mais longas. Sir Herbert encarou tão “original” observação com ar divertido.

— Minha cara Sybil, não veio me procurar aqui somente para me dizer isso, suponho. Senão... Eric Haile estará aqui a qualquer momento. Ele também tem urgência em falar comigo. Imagino que espera me sensibilizar quanto a um pedido de empréstimo... Assim, se tem algo a me dizer... Sybil não denotou nenhum ressentimento, retrucando:

— Vim aqui somente para lhe dizer que acabo de encontrar Lila debulhada em lágrimas, Herbert. Nervosismo de última hora... O tipo de coisa que se passa com todas as jovens noivas, mas que deve ser contornado com certa atenção. Não convém se mostrar carinhoso em demasia. Herbert riu ligeiramente antes de retrucar:

— Acha que tenho tido muitas oportunidades de me mostrar carinhoso com ela? Praticamente nunca a vejo a sós.

— Isso é verdade também. Acredite-me, não se pode ser solícito demais. É apenas isso que vim dizer, assim vou deixá-lo à vontade agora para sua conversa com o Sr. Haile. Faço votos para que ela seja mais agradável do que você supõe. Herbert riu novamente.

— Eu lhe afianço que isso não irá me incomodar. Reserve seus bons votos para Eric... Pois ele é que irá precisar disso.

— O que você está dizendo soa como... Fez uma pausa para encontrar a palavra exata, e então a disse: — Uma vingança.

— Mas é justamente o que sou: vingativo. Não sabia? Eu sempre aspiro ao máximo e vou até os últimos limites. Se não o consigo... Bem, Sybil, aí posso me tornar extremamente vingativo. Irá se lembrar disso, certo? Herbert acompanhou-a até a porta, que abriu, se colocando então ao lado da mesma, para deixar Sybil passar. Ela saiu, a cabeça erguida como lhe era habitual.

Sybil se dirigiu a seguir à sala de visitas, onde ficou a sós. Era um aposento especialmente formal, com suas quatro janelas ocultas por cortinas em que flores de tons esmaecidos, em relevo, se projetavam sobre um fundo cor de marfim. Divãs e cadeiras repetiam nos estofos as mesmas nuances. Um espelho estilo império colocado entre duas das janelas revelava a Sybil Dryden sua própria imagem: uma figura muito elegante em seu vestido bem ajustado a seu tipo e que fazia inteira justiça à sua figura alta e aprumada. Suavizando o que seria de outro modo visto como excesso de severidade, usava um colar de pérolas de duas voltas e um diamante. Bem poucas mulheres de sua idade teriam aquele aprumo e flexibilidade dos ombros e do pescoço impecáveis, nenhuma mancha na pele ou prenúncio de obesidade. Ela era uma bela

mulher, em plena maturidade mas ainda não afetada pelo menor indício de declínio. Ao ouvir som de vozes no vestíbulo, Sybil voltou a cabeça e foi então receber os Considine. Tinha plena consciência de que a impressão causada pelo casal seria pouco animadora.

Mabel Considine tinha sido uma jovem deselegante e agora era uma mulher madura, mas com a mesma deselegância de antes. Como Corinna Longley, ela fora colega de escola de Sybil. Mesmo naqueles dias distantes, e com a ajuda de um uniforme colegial, Mabel nunca se empenhara em andar bem arrumada. Agora, aos cinquenta anos, seu cabelo se mostrava quebrado nas pontas e saliente em lugares inesperados. Tinha muito cabelo, de uma cor cinza destoante, e fazia o melhor que podia para contê-lo com grampos e uma redinha, mas sem muito sucesso. Mabel fora uma colegial franzina e acanhada, e ainda se mostrava assim agora. Quanto às suas roupas, eram lastimáveis. Tinha um carinho especial por saldos de retalhos e costumava levar aquelas sobras de fazenda para a costureira da aldeia, que as transformava naqueles vestidos horrivelmente deselegantes. O que usava nessa noite tinha sido confeccionado com uma peça de seda artificial brilhante complementada por um cetim escarlate. Em torno de seu pescoço magro um longo colar de coral fora passado três vezes. Mabel foi ao encontro da amiga, a voz e os gestos radiantes muito mais juvenis do que seu rosto.

— Sybil... Mas como está bonita! Dá a impressão de ter acabado de posar para a capa da Vogue! Como faz para conseguir isso? Ela não está maravilhosa, George? Ninguém diria que temos a mesma idade, diria?

George, corpulento e corado, disfarçou seu embaraço com um cumprimento efusivo. Ele detestava mulheres espertas, e especialmente as espertas de mais idade. Sybil Dryden fazia-o achar que seu dinner-jacket já tinha vinte e cinco anos de uso, e que suas mãos eram ásperas. E por que não? Ele fazia muitas coisas com elas. Acabara há pouco de concluir um novo galinheiro, e estivera colhendo batatas. Naturalmente

suas mãos eram ásperas, e não conseguira retirar de todo a mancha de creolina de seu polegar direito. Bem, fizera o melhor que pudera. E gostava de suas velhas roupas. Vivera bons momentos vestido com elas, e eram confortáveis. E apreciava numa mulher que ela fosse reconfortante, simples. Graças a Deus, ninguém poderia dizer que Mabel era convencida e muito esperta. Tranquila e reconfortante é o que ela era. E bondosa. Sempre fazendo coisas pelo próximo. Fazia até demais. Ele precisava fazer pé firme, senão ela se converteria em escrava dos outros. Desinteressada ao extremo, ela era. Mas quando ele se opunha com determinação, ela obedecia. Com todos esses pensamentos em mente, ele apertou a mão de Sybil Dryden, e se ouviu dizer:

— Não tanto, não tanto, para Herbert Whitall, que expressara uma desculpa casual por se ter atrasado.

Para justificar o atraso ele se apoiou num argumento desses colhidos ao acaso. Como o fato de ter soado o toque de quarto de hora ou não. O carrilhão da igreja da aldeia funcionava bem, mas se o vento não estivesse a favor, o som das badaladas não chegaria até Vineyards. Seja como for, ninguém as escutara ali. A Sra. Considine consultou seu relógio de pulso preso numa tira de couro e viu que eram cinco para as oito, admitindo ao mesmo tempo, que ele adiantava cinco minutos por dia, e que ela não podia precisar quando o acertara pela última vez.

No meio dessa conversa trivial, o Sr. Eric Haile entrou na sala. Se acabara de manter uma desagradável entrevista com seu anfitrião, não deu qualquer mostra disso. Seu rosto fino e muito rosado era todo sorrisos ao cumprimentar Lady Dryden e os Considine, e seus gestos afáveis a ponto de serem tidos como muito íntimos.

— Minha querida Lady Dryden, não preciso perguntar como vai... É algo evidente, que salta aos olhos... Sra. Considine... Sempre se desvelando em obras de caridade, como de hábito!.. Ah, Considine... Como vão as galinhas poedeiras?

Se Lady Dryden torceu um pouco o nariz, enrijecendo o olhar, isso não o afetou em nada. Eric Haile tinha olhos escuros que dançavam, vagando em direção a um e outro dos que ali estavam, e um ar de quem está convicto de ser bem acolhido. E não pareceria mais à vontade se Vineyards e a fortuna de seu primo fossem por acaso suas por direito de nascença. Estava acabando de dizer: “Herbert, soube que você adquiriu alguns novos tesouros no leilão de Harrington” quando a presença do Professor Richardson foi anunciada, e um homem baixinho e gordo, calvo, e com um rosto de bebê contrariado entrou na sala, alegando que não estava atrasado. A seu ver nunca se atrasava. As pessoas é que não olhavam direito seus relógios, e depois fugiam ao assunto pondo a culpa nos que tomavam tal cuidado.

— Quanto a Whitall, disse, apertando a mão da Sra. Dryden, — Está sempre se adiantando a todo mundo. Não confie nele nem um pouco. Tira vantagem até de um órfão cego e faminto que pede esmolas numa noite de nevasca. Deu uma risada curta e sonora. — Então, Whitall, não é assim? Não é? Herbert Whitall esboçou um sorriso afável e lhe bateu no ombro de leve.

— Meu caro Richardson, meu jogo inclui competidores mais ambiciosos do que órfãos desamparados. Inclui você, por exemplo, ou Mangay. E estou pensando particularmente no que comprei no leilão de Harrington. Mangay teria gostado de ficar com aquele punhal. O professor olhou Herbert fixamente.

— Não vou negar isso. Mas ele não tem um capital inesgotável... Nem eu. Não que eu desejasse ter aquela coisa para mim. Provavelmente não é autêntica. Assim não me interessei em ir ao leilão. Herbert Whitall entreabriu seus lábios finos num sorriso malicioso.

— Não foi... Mas mandou Bernstein fazer os lances por você, não é assim?

A calva do Professor Richardson pareceu mais reluzente ainda. O tufo de cabelo ruivo que ainda lhe restava em volta da parte posterior da

cabeça como um rufo de gola elisabetano deu a impressão de se eriçar todo, como se cada fio de cabelo estivesse refletindo irritação. Suas sobrancelhas, mais para o tom de areia escura, quase se juntaram. Seu olhar rebrilhou e explodiu numa risada sarcástica:

— Quem, eu? Nada disso! Quem lhe contou essa história? Um bocado de mentiras circulam por aí, como essa! E o tal punhal é de origem duvidosa. Uma peça falsificada, pareça ou não. Sra. Considine, minha governanta me pediu para lhe dizer que aquelas frangas que ela comprou da senhora já começaram a pôr. Ela está alegre e contente como um Polichinelo.

— Isso não é ótimo? Exclamou Mabel Considine, com uma entonação a mais calorosa possível.

A Srta. Whitaker entrou na sala, merecendo cumprimentos comedidos. Tinha se maquiado como de costume, mas sem eliminar uma certa palidez. Como Lady Dryden, ela se vestira de preto, mas com uma diferença: gola alta e mangas compridas, e a saia chegando aos tornozelos. No peitilho o modelo de broche que uma humilde dependente poderia usar. Mas a Srta. Whitaker não tinha uma expressão humilde. Não para um olhar mais observador e sensível. Herbert Whitall sentiu um secreto orgulho por julgar que tinha aquela mulher à sua mercê. Eric Haile se sentiu meio intrigado com o ar estranho da secretária de Sir Herbert. E Mabel Considine, ao se voltar para falar com ar gentil e bondoso à menos ilustre participante da pequena festa, pensou: “Meu Deus, acho que essa moça não é feliz. Espero que ela não tenha se afeiçoado muito a seu patrão. É o que acontece amiúde com as secretárias”. Herbert Whitall olhou seu relógio e disse:

— Lila está atrasada, e se voltou para Lady Dryden: — Ela está se sentindo bem?

E então a porta foi aberta e Lila entrou com Adrian Grey. Vestia o modelo de crepe marfim como determinara Lady Dryden. Havia um

toque de simplicidade grega em seus traços graciosos. Ela parecia adorável, mas pálida, e terrivelmente cansada. Adrian estava lhe dizendo algo quando entraram na sala. Lila lhe endereçava um leve sorriso.

Marsham fez soar o gongo de prata, e todos foram jantar.

* * *

Onze

PESANDO BEM as circunstâncias, o jantar poderia ter sido pior. Herbert Whitall conseguia ser um anfitrião agradável quando desejava. Nessa noite ele se dispôs a desempenhar tal função. O tato social de Lady Dryden era suficiente para enfrentar qualquer situação, por mais tensa que essa se configurasse. Eric Haile, como sempre, se encarregou de contar o caso escandaloso mais recente e a última blague do dia. E Mabel Considine teve a oportunidade de reproduzir os mexericos e pequenos fatos do cotidiano da aldeia. Lila, sentada diplomaticamente entre o Sr. Considine e Adrian Grey, teve apenas que mostrar seu rosto encantador e contribuir com um sim ou um não ocasionais. Houve longos momentos durante a reunião em que ela nem precisou fazer isso, porque Adrian e o Sr. Considine tinham mergulhado numa demorada conversa sobre formas de plantio, em que um defendia o cultivo na superfície e o outro em sulcos mais profundos. E sobre esse assunto ela não tinha nada para dizer. A mesa era oval, e estando Lila distante de Herbert Whitall tanto quanto lhe era possível estar se sentiu capaz de relaxar um pouco. A seu lado esquerdo estava Adrian, o professor, e a Sra. Considine. Do outro lado, George Considine com a Srta. Whitaker à sua esquerda e Eric Haile entre esta e Lady Dryden.

Eric estava achando divertido conjeturar sobre as reações de Milly Whitaker. Ela permaneceria naquela casa após o casamento do patrão, ou iria embora? E se permanecesse, que jeito daria Herbert para conduzir uma “vida a três”? E se perguntou se Lady Dryden estaria a par do caso, e chegou à conclusão de que ela certamente daria a entender

que não sabia muito sobre o fato. Pensava nisso enquanto contava uma nova história a seu feitio sobre um bispo, uma alegre garota e uma batida policial num night-club. Não esperava que alguém acreditasse nisso, mas contava com que a narrativa chocasse a Sra. Considine. Ela, porém, estava tão profundamente absorvida pelo que contava ao Professor Richardson acerca de Jimmy Grove, sobrinho dele e que fazia progressos auxiliando George na jardinagem, que simplesmente olhou em derredor com ar de afável surpresa pelo fato de todos estarem rindo no momento.

Tanto o menu como o serviço foram excelentes. E quando o jantar terminou certamente havia ali menos tensão e um clima mais favorável. O café foi servido na sala de visitas, e os homens preferiram prolongar ali sua conversa. O aposento estava agradavelmente aquecido, e o aroma da madeira de macieira, consumida na lareira, flutuava deliciosamente no ar. A conversa transcorreu de modo natural e variado até que Herbert Whitall colocou sua xícara sobre a mesa e se ergueu.

— Bem, Richardson, disse, com um leve toque de malícia, — Acho que está querendo ver o punhal.

— Não sei por que você pensa que estou interessado nele, e sua voz soou como um resmungo.

— Oh, mas sei que está. Espera provar que é uma falsificação, não é mesmo? Se não dispõe de uma boa lente, posso emprestar uma. Será interessante observar a luta entre sua obstinação e sua consciência profissional de antiquário. Claro que você deve estar enganado, mas eu lhe ofereço o benefício da dúvida. Portanto, venha comigo!

Herbert Whitall se dirigiu aos fundos da sala e puxou uma grande cortina. Ficou à vista uma porta de aço que escondia a câmara onde ele guardava suas peças de marfim. A porta de aço deslizou quando Herbert girou a chave, deixando à mostra um recinto alongado e semicircular, sem janelas e cujo mobiliário único era constituído por estantes de madeira recobertas de veludo azul-escuro. Nessas prateleiras se viam

placas ornamentais de marfim, estatuetas e outras belas realizações artesanais. No lugar de honra estava a estatueta que tanto desagradava a Lila. De uma simplicidade arcaica, a cabeça talvez um pouco encurvada, as mãos segurando alguma coisa pequena e redonda... Uma fruta, quem sabe, ou possivelmente o símbolo secular da vida. Mesmo às voltas com seu interesse em confundir o professor, Herbert Whitall não deixou de tecer um louvor à sua deusa.

— Perfeita, não? Cretense, é claro.

O Professor Richardson inflou as bochechas até se parecerem com dois balões gêmeos. Então deixou escapar de uma só vez o ar, no que resultou um som como “Booh!” ou “Bah!”

— Greco-egípcia! Herbert Whitall manteve seu sorriso de superioridade.

— Era grande a influência egípcia em Creta. As figuras em marfim da Haghia Tríada... Ao que o Professor Richardson contrapôs:

— Tolice! Mas a atmosfera de batalha declinara um tanto.

— De qualquer modo, ela é perfeita, meu caro colega. E Lila poderia passar por ela. Sei que Lila não gosta de me ouvir dizer isso, mas não posso deixar de aludir à semelhança entre as duas. E nós não precisamos discutir a perfeição das formas. O professor deu um resmungo e perguntou:

— Onde está esse punhal de cuja autenticidade se mostra tão convicto?

Herbert Whitall retirou-o do estojo. Uma lâmina fina e alongada, um cabo de marfim com um desenho delicadamente gravado, onde figuravam raminhos entrelaçados e graciosas folhas de parreira, e uma baga de uva bojuda. Fácil de sopesar, leve e pequeno o bastante para ser um ornamento feminino que uma mulher poderia até usar no cinto.

— A história que contam sobre esta peça é que Marco Polo a trouxe da China. O professor fez um gesto de mofa.

— Esta lâmina nunca procederia da China!

— Concordo. É de uma data posterior à empunhadura, naturalmente. Se o Marco Polo realmente a trouxe consigo, a lâmina pode ter se quebrado, ou então ele ou alguém vindo de lá mais tarde deve ter pensado que poderia aperfeiçoá-la. Afinal de contas, Itália e Espanha podem ser consideradas como tendo a primazia mundial na têmpera do aço. Esta lâmina é sem dúvida de fabricação italiana. O punhal em sua forma atual foi incluído no dote de Bianca Comer, que se casou com um membro da família Falieri em 1541. Figurava como tal em sua lista de objetos pessoais.

— Um punhal de marfim arrolado entre os bens de alguém? Depois do quê ninguém soube mais nada acerca dessa peça até meados do século XVIII, quando Lorde Abington a adquiriu em Veneza envolta nessa história ridícula relativa a Marco Polo! Herbert Whitall ergueu as sobrancelhas.

— Ridícula?

— Absurda! Frisou o professor. — Uma história fabricada! O tipo de coisa que só pode convencer aos ignorantes e crédulos! Mabel Considine pousou sua mão no braço do professor e o apertou suavemente.

— Muito bonita, não é? Essa uva e as folhas! E como pode ver, há um inseto sobre elas! Mas sinto que não me agradam punhais e coisas como esta. Não posso deixar de imaginar que alguém já tenha sido morto com uma dessas armas. E, naturalmente, suponho que isso possa ter acontecido já que este punhal parece ser muito antigo.

O professor teria preferido continuar a se mostrar rude com Herbert Whitall, e não via razão para ser interrompido. Inflou suas bochechas novamente e disse:

— Pergunte a Whitall, e ele lhe dirá que Marco Polo usou esse punhal para estripar Gengis Khan... E riu. A pressão em seu braço

aumentou. Mabel Considine sorria agora para seu anfitrião.

— O que ia perguntar a Sir Herbert é se não poderíamos ouvir alguns de seus belos discos. Esse sim, é um grande assunto. Claro que se escuta muita música pelo rádio, mas se desejamos ouvir os grandes solistas temos que recorrer aos discos. É realmente quase um milagre podermos dizer: “Agora ouviremos Kreisler, Caruso, Galli-Curci, ou John McCormack”. E o senhor tem uma coleção tão maravilhosa dessas velhas gravações... Atualmente fora do catálogo das gravadoras.

— O efeito dessas velhas gravações é desagradável ao ouvido. Há um chiado daqueles! Eu não consigo ouvir nada direito, disse o Sr. Considine.

— George, querido!

— Oh, faça o que quiser! Você sempre faz!

Mabel Considine fez isso, pelo menos dessa vez, com Eric Haile coadjuvando-a, e todos os outros voltando então para a sala. A porta de aço foi fechada encerrando aquelas preciosidades em marfim e a cortina retornou à sua posição original. Eric Haile assumiu, naturalmente, as funções de um diretor musical.

— Agora, o que vamos ouvir? O nome de Kreisler foi mencionado há pouco... Ou preferem ouvir somente as gloriosas vozes passadas? Sra. Considine, Lady Dryden, o que me dizem?

Sybil não guardava em si nenhuma nota musical. E não lhe interessava ouvir aqueles discos. Seria maçante, mas aquelas peças de marfim também o eram. E a sugestão de Mabel pelo menos os poupava da discussão que o Professor Richardson se propusera a provocar. Assim sendo, sorriu, disse algo vago sobre o encantamento que todos aqueles executantes proporcionavam e pensou em como os entusiasmos juvenis de Mabel tinham se tornado embaraçosos. Parecer ter sessenta anos e se comportar como se tivesse dezesseis era uma tragédia social.

O professor aderiu à escolha dos discos. Ao que parece, tinha paixão pelas árias cantadas por tenores e sopranos no velho estilo italiano já fora de moda. George Considine gostava de algo que ele assimilasse bem, algo no gênero de música que entra fácil nos ouvidos e se pode assoviar depois. E todos os quatro seguiram para o estúdio de Herbert em busca dos discos.

Lila estava sentada num dos sofás com Adrian Grey. Este estava mostrando os esboços de uma casa que lhe haviam pedido para restaurar. Um certo sentimento de conforto e paz flutuou no íntimo de Lila ao ver aqueles desenhos e ouvir a voz tranquila e repousante de Adrian explicando certos detalhes. A Srta. Whitaker se retirara da sala. Herbert Whitall veio se sentar ao lado de Sybil Dryden. Após olhar de relance para Lila e Adrian, murmurou:

— O remédio a acalmou?

— Sim... Será melhor deixá-los sossegados. A propósito, o jovem Waring está aqui.

— Aqui?

— Ele veio quando eram quinze para as sete e pediu para falar com Lila. Livrei-me dele, Herbert, mas ficou de telefonar para aqui amanhã. Penso que ela terá que vê-lo. Ele diz que só aceita ouvir um não da parte de Lila, de ninguém mais. E ele é um moço muito teimoso. É uma pena, pois isso irá perturbar Lila. Mas no fundo até que talvez não seja uma má ideia. Se ele fizer uma cena, e fará provavelmente, assustará Lila. E ela não suporta coisas desse gênero. Mais eu penso nesse encontro, mais me sinto inclinada a crer que pode resultar numa boa coisa. Estarei presente, é claro.

— Oh, bem... Foi o que Herbert se limitou a dizer. E logo a seguir Sybil Dryden passou a falar com desembaraço sobre os preparativos para o casamento.

As quatro pessoas que tinham ido ao estúdio de Whitall já voltavam à sala, trazendo muitos discos e falando todos ao mesmo

tempo. Mabel Considine estava realmente se divertindo. Tinha adoração pelo cantor lírico John McCormack, e acabara de encontrar duas gravações de trechos das poucas óperas que realmente vira em cena. E estava falando sobre isso quando entrou na sala.

— Foi antes de meu casamento... Há um bocado de anos, não é mesmo, George? Mamãe e eu estávamos viajando então, fomos a Veneza, Nápoles, Roma, Florença e Milão. Que vitral maravilhoso vi numa catedral dessa cidade... À esquerda do altar principal... Todo em tons azuis e verdes. Espero que não tenha sido destruído pelos bombardeios. E em Veneza fomos ao teatro lírico duas vezes, e foi quando vi *LA FAVORITA* e *LÚCIA DI LAMMERMOOR*. Ou, melhor dizendo, as ouvi... Não posso afirmar. Mas sempre penso nelas como coisas vistas, porque obviamente se pode ouvi-las pelo rádio, mas não é a mesma coisa, certo? Quero dizer que, quando as vemos no palco, ficamos com uma espécie de retrato em nossa mente, e isso faz muita diferença. Libretos de óperas são muito difíceis e meio confusos. E não conhecendo o idioma italiano... Tenho certeza de que até hoje ignoro qual o tema de *LA FAVORITA*, ainda que a tivesse visto no palco. Mas no caso de *LÚCIA DI LAMMERMOOR* foi mais fácil essa compreensão do libreto, por causa da obra de Sir Walter Scott, e posso me lembrar daqueles dois solos de tenor, porque seu jovem intérprete na ocasião era muito bonito, e tinha uma voz realmente boa. Será um prazer para mim tornar a ouvir essas árias, Sir Herbert.

E se sentou no sofá ao lado de Lila e Adrian, as faces coradas, os modos juvenis se acentuando.

— Vocês, da nova geração, não leem Sir Walter Scott atualmente, leem? O tema da ópera foi extraído de *A noiva de Lammermoor*, que não voltei a ler desde os meus catorze anos. Assim, faço alguma confusão quanto aos nomes das personagens, mas a jovem heroína era Lucy Ashton e seu irmão, Henry... Pelo menos acho que era. Ele a fez romper seu compromisso com o rapaz por quem estava apaixonada. Não me

lembro ao certo do nome dele. Talvez alguém chamado Edgar, ou então Ravenswood, mas não tenho certeza de se tratar da mesma pessoa. Olhara para Adrian Grey como se o consultasse. E ele riu ligeiramente, dizendo:

— Receio não poder ajudá-la. *IVANHOÉ* e *O TALISMÃ* foram, ao que me recordo, meus únicos contatos com a obra de Scott. Mabel Considine disse:

— Entendo. Eu li todos os livros de Walter Scott quando tinha catorze anos, porque estive doente, em observação, numa casa onde não havia nada mais para ler. Eis aí por que misturei essas histórias todas. Mas me recordo da pobre Lúcia porque era um drama tão doloroso e trágico. Sua mãe e seu irmão a obrigaram a se casar com um outro jovem, e ela o matou com um punhal na noite de núpcias. E então enlouqueceu, a pobrezinha, e morreu. E essa gravação que o Sr. Haile está colocando na vitrola é do trecho da ópera em que o verdadeiro amor de Lúcia canta ao lado de seu túmulo.

Os dois compassos iniciais do acompanhamento orquestral atalharam aquele fluxo de reminiscências de Mabel Considine. E ela se recostou no sofá, os olhos semicerrados, as mãos fazendo um pequeno movimento rítmico assim que flutuaram no ar as primeiras notas emitidas pela bela voz de John McCormack: “Bell' alma inamorata... Bell' alma inamorata... Ne congiunga il Nume in cielo”.

Lila olhava para a folha desenhada que Adrian lhe mostrava, mas não a via realmente. Ela nunca lera os livros que deveria ter lido. Nunca lera um romance de Sir Walter Scott com atenção e até o fim, embora tio John tivesse todos eles em casa. Mas certa vez retirara da estante *A noiva de Lammermoor*, e abrira o livro no trecho mais trágico em que os Ashton acorrem sobressaltados ao quarto nupcial encontrando Lúcia ali, a camisola manchada de sangue, e olhando para o corpo do marido que acabara de apunhalar. Lila devolvera o livro à estante e à noite tivera um sonho terrível sobre o que lera. Nunca mais voltara a ler aquele romance e procurara esquecer o assunto. Mas agora aquela cena trágica rompia o

bloqueio de seu inconsciente. E flutuava ali entre ela e os esboços de Adrian.. Lúcia de Lammermoor curvada sobre o leito nupcial... O grito de horror ainda ressoando na alcova... O sangue... O punhal... Os olhos da jovem terrivelmente parados. O pequeno punhal tinha um cabo de marfim, com um desenho gravado reproduzindo folhas de parreira e um cacho de uvas. Onde o sangue tocara as uvas, elas tinham se tornado rubras... E a voz de John McCormack soava tristemente sobre o túmulo de Lúcia: “Bell' alma inamorata... Ne congiunga il Nume in cielo... Bell' alma inamorata... Bell' alma inamorata...”. A cena trágica começou a flutuar diante de Lila numa espécie de névoa. A mão de Adrian pousou sobre as da jovem, firme e cálida.

— Lila... O que há com você, minha querida? Ela o fitou, os olhos muito abertos.

— Essa é... Uma história horrível... A voz de Adrian soou gentil e suave como seu toque de mão.

— Bem, isso aconteceu há muitos e muitos anos... Se realmente aconteceu. E para os que conhecem algo das óperas italianas não parece importar muito quantas pessoas são apunhaladas em cena. A maior parte do elenco tem que desaparecer de cena de um modo ou de outro, com o herói e a heroína à luz do palco cantando alto, e mais alto, até seu derradeiro alento. Acho que isso sempre me deu vontade de rir.

As imagens trágicas se atenuaram e foram desaparecendo. Aqueles olhos tocados pela loucura foram os últimos a desaparecer... Os olhos de Lúcia de Lammermoor e o punhal de marfim. Adrian sorriu.

— O jovem amoroso e desolado é um cavalheiro com uma ideia fixa. Você chegou a contar quantas vezes ele repetiu “Bell' alma inamorata”? Sempre pensei em fazer isso, mas aí a voz de McCormack me atraía e eu realmente não me importo em contar. A cor recomeçara a voltar levemente ao rosto de Lila, os olhos não mais arregalados. E ela disse:

— A letra é em italiano, certo? Que significa? Adrian continuou sorrindo.

— Algo assim como: “Bela alma enamorada... Nós estaremos unidos no céu”. Não conheço o idioma italiano, estou apenas reproduzindo as palavras que todo mundo sabe.

A gravação chegou ao fim. Mabel Considine se levantou, olhando os discos, e pediu então para ouvir o Sexteto, mas o disco estava incrivelmente gasto, chiando muito, com quatro dos intérpretes fazendo um coro muito alto, Caruso gritando bravamente em sua partida para frente de batalha, e a Galli-Curci, com a voz clara de cristal, flutuando em meio aos ruídos acentuados. Quando o disco acabou de rodar, Herbert Whitall dirigiu um leve franzido de sobrancelhas e palavras francamente sarcásticas a Eric Haile.

— Não creio realmente que tenhamos necessidade de ouvir amostras como esta a não ser na Câmara dos Horrores. Posso sugerir alguma coisa que possamos ouvir sem castigarmos o nosso sistema nervoso? Causa até surpresa que se costumasse pagar um guinéu por esse tipo de coisa! Mabel Considine retrucou muito chocada:

— Oh, Sir Herbert, mas essas gravações são maravilhosas! Ouvidas nos velhos gramofones, quero dizer.

— Sinto não poder concordar com a senhora. É que então não conhecíamos algo melhor... Eis tudo. Eric Haile sorriu e balançou a cabeça. O Professor Richardson se apressou a discordar com veemência.

— Nunca ouvi absurdo igual em minha vida, e estou certo de que se podem escutar esses discos muito bem de um modo ou de outro! O disco pré-elétrico foi feito para o gramofone manual. O efeito resultou bastante agradável. Naturalmente que se se colocar essa gravação antiga numa moderna vitrola elétrica, o resultado será de fato um massacre. Mas afirmo, e continuarei a afirmar, que os discos antigos eram muito bons quando tocados nos gramofones de outrora. Herbert Whitall falou com marcada ironia:

— Claro que se você quer que o violino soe como uma flauta!

— Eu não disse nada disso!

— Meu caro amigo! Por que não faz o relógio do tempo recuar e provar quão superior era a diligência ao Daimler ou ao Rolls Royce? O sangue subiu ao rosto do professor, que replicou:

— Pelo menos não atropelavam e matavam tantas pessoas!

— Bem. Não havia então tanta gente como hoje para ser morta, ou havia? Seja como for, noto que ainda é partidário do autociclo. Para ser coerente de todo, devia estar usando ainda hoje uma tanga e morando numa caverna. O professor dirigiu a Herbert um olhar malévolos.

— E se fosse assim, sabe o que eu faria? Em alguma noite escura me acercaria da sua caverna e lhe acertaria a cabeça com meu machado neolítico... E então onde você estaria?

— Ainda no século XX, imagino. O Professor Richardson desatou numa risada.

— Pensa que tem sempre a última palavra, Whitall? Pois se eu fosse você não estaria tão seguro disso!

Os olhos escuros de Eric Haile se fixaram em um e outro dos dois homens que discutiam. E depois nos demais. Viu George Considine extremamente embaraçado, com um disco na mão. Sua mulher, a atenção presa na voz áspera do professor, a mão direita ajeitando nervosamente uns fios de cabelo, a ânsia de ser útil escrita claramente em seu rosto. Isso lhe dava a expressão aflita de uma galinha preocupada com a sorte de seus filhotes. Lila e Adrian continuavam olhando os esboços da casa a construir.

“Um sujeito amável esse Adrian”, pensou Eric Haile, mas um tanto enfadonho, sem vida. Pensando bem, o mesmo podia ser aplicado à gentil e bonita Lila. Uma graciosidade monótona. Beleza e cérebro seriam a combinação ideal para Herbert Whitall... Sybil Dryden tinha sabido empregar ambas as coisas. Onde é que lera algo sobre “O espantoso autoritarismo das mulheres”? Achou que a carapuça devia servir muito bem em Sybil. Mas ela podia encontrar um adversário à altura em Herbert. Um indivíduo frio... Calculista ao extremo, um

demônio zombeteiro. Se ele se propusesse a apoquentar Richardson, haveria provavelmente uma rixa violenta, seria melhor acalmar os ânimos. E Eric Haile pôs outro disco na vitrola. Uma excelente gravação orquestral de uma das tocatas de Bach se fez ouvir a pleno volume. Um oceano de sons se derramou em ondas envolventes pelo aposento.

* * *

Doze

ERAM DEZ E MEIA e os Considine já estavam de saída, quando a Srta. Whitaker desceu a escada pronta para sair... Com seu casaco azul-marinho, o pequeno chapéu da mesma cor e uma valise. Aproximou-se de Herbert Whitall, que estava no vestíbulo ouvindo o boa-noite dos Considine, e lhe falou ao ouvido. Ninguém pôde ouvir o que ela disse, mas dava para perceber que Herbert não estava satisfeito. Ele franziu a testa, seus lábios finos se distenderam num ricto desagradável. E disse:

— Uma decisão repentina demais, não? Suponha que eu não concorde? George Considine, que estava mais próximo dos dois, ouviu isso. E também ouviu a Srta. Whitaker replicar numa voz já um pouco mais alta.

— Eu irei embora da mesma forma. Ela se voltou bruscamente e se aproximou de Mabel Considine, que estava enrolando na cabeça um lenço de chiffon escarlate e pondo depois um antigo xale Shetland sobre os ombros. — Sra. Considine, seria abusar da sua gentileza, lhe pedir para me dar uma carona até a aldeia? Posso pegar ali o último ônibus para Emsworth. Acabo de receber um telefonema de minha irmã. Ela está doente, e acho melhor eu ir vê-la.

— Oh, minha querida... Claro que sim! Mas já é tão tarde! E se você perder o ônibus?... Acha mesmo que deve ir?

— Sim. Minha irmã mora sozinha com seu filho pequeno. E não vou perder o ônibus... Há tempo de sobra ainda. Mabel Considine enfiou seus braços apressadamente dentro das mangas do que se parecia

com um casaco de jardineiro, complementado por um cachecol nas cores do clube de golfe do qual George era um dos membros, e disse boa-noite a todos novamente.

A porta principal foi aberta e uma lufada de ar frio penetrou no vestíbulo. Alguém comentou que aquele vento prometia chuva próxima. Lady Dryden se moveu de volta à sala de visitas. A porta foi fechada, e o Professor Richardson entendeu que era hora de se retirar também. Adrian e Lila tinham permanecido na sala de visitas, onde Eric Haile estava empilhando os discos para depois levá-los de volta ao estúdio de Whitall. Assim que Lady Dryden entrou na sala, Lila se levantou. O momento que ela sempre temia chegara. Era hora de dormir, e Herbert iria beijá-la e desejar boa-noite. Murmurou numa voz meio trêmula:

— Estou cansada... Acho que vou subir agora... Tia Sybil denotou desagrado e, olhando a sobrinha com ar superior, disse:

— Acho que é melhor você esperar e dizer boa-noite a Herbert.

E de pronto a ideia de que teria que ser assim acometeu Lila. Porque, se ela tentasse subir agora, iria encontrar Herbert no hall e teria que lhe dar boa-noite ali, o que seria muito pior, pois estariam então a sós, e quando não havia ninguém por perto ele a beijava de um modo indescritivelmente diferente e desagradável ao extremo. Sentiu um calafrio e se aproximou da lareira, diante da qual ficou parada, estendendo as mãos para aquecê-las. Voltou-se com um sobressalto assim que alguém entrou na sala. Mas era apenas Marsham, para ajudar a levar os discos. Ocorreu a Lila imaginar como seria realmente um homem como Marsham quando não entregue às suas funções de mordomo. Não tinha noção de como esse pensamento lhe ocorrera. Marsham era um ótimo mordomo. Tudo naquela casa funcionava como a engrenagem de um relógio. Mas interiormente, quando ele não estava ocupado em acender o fogo da lareira, atendendo à mesa das refeições, abrindo as cortinas, ou ajeitando almofadas, como seria?

Só ultimamente é que Lila começara a ter tais pensamentos. Eles lhe ocorriam por vezes quando se olhava no espelho e nele se via refletida em um de seus novos vestidos. Ninguém que a olhasse quando ela estava se vendo a si mesma saberia como estava se sentindo intimamente. Assim, vez por outra, quando olhava para alguém mais, para a Srta. Whitaker, Eric Haile, Sybil Dryden, e, naquele exato momento, para Marsham, tinha uma sensação estranha e assustadora de que talvez eles fossem realmente muito diferentes no íntimo. Exatamente como ela mesma era sem que eles soubessem disso. Marsham se aproximou da lareira, ajeitando e juntando as achas de lenha. Agia exatamente como de costume, com a mesma expressão. E então Herbert Whitall entrou, e Lila esqueceu tudo o mais. Lady Dryden foi ao encontro dela.

— Estávamos justamente à sua espera para lhe dar boa-noite. Vou ajudar Lila a se trocar para dormir. Seu ar campestre nos deixa sonolentas. Herbert sorriu, retrucando:

— Quer dizer mesmo “meu” ar do campo... Ou meus convidados provincianos?

— Meu caro Herbert! O professor nada tem de soporífero, pelo contrário. Você se diverte realmente discutindo com ele?

— Oh, imensamente. Veja bem, eu possuo um bom número de objetos que ele daria tudo para ter, assim ele procura depreciá-los. Se pudesse me convencer de que são peças falsificadas, eu iria me livrar delas, e então, mesmo se ele não conseguisse obtê-las, não se sentiria incomodado por vê-las em meu poder. Mesmo que ele não possa me persuadir, pode, talvez, levantar uma dúvida aqui e ali, ou, pelo menos, desabafar. Sybil olhou-o intrigada.

— E o que você ganha com isso? Herbert riu.

— Minha cara Sybil... Ainda me pergunta o quê? O que você costumava ganhar quando entrava numa sala e percebia que nenhuma das outras mulheres presentes poderia superá-la? Não se deleitava por ser invejada e... Odiada?

Sob o efeito daquelas palavras ditas no imperfeito as linhas do rosto de Sybil se endureceram. E viu Herbert sorrir e acrescentar:

— Era agradável, não era? Bem, eis aí como me sinto quando vejo Richardson, Mangay, e os outros colecionadores se ralarem de inveja, raiva e maliciarem acerca de minhas peças de marfim. Mesquinho, naturalmente, mas somos assim. Qualquer bagatela é boa o bastante para se lutar por ela. E uma coisa que não merece que lutemos por ela não tem valor.

A essa altura ele já olhava para Lila. Um longo olhar despido de paixão... O tipo de olhar de um conhecedor numa saía de leilões, frio, avaliador. E assim que o viu se acercar dela, Lila se sentiu doente e deprimida. Agora ele iria tocá-la, beijá-la. Ela não podia gritar ou correr. Se o fizesse... Tia Sybil ainda assim a faria casar com Herbert? Herbert pousou a mão no ombro de Lila. Inclinou-se e beijou-a na face.

— Boa noite, minha adorável Lila. Durma bem e sonhe comigo.

Terminara. O coração de Lila parecera parar por um instante durante o beijo. Sentira-se como se não pudesse respirar.. Em seu íntimo tudo ficara tenso e frio. Mas agora acabara. E ela disse boa-noite, subindo as escadas com Sybil Dryden. Quando se passassem cinco minutos ela teria oportunidade de fechar a porta à chave e se sentir mais segura. Tia Sybil não voltaria. Quando girou a chave na fechadura, Lila respirou fundo, derramou um pouco d'água na bacia e lavou os vestígios do beijo de Herbert Whittall.

* * *

Treze

POR ALGUNS minutos todos os ruídos naturais em uma casa habitada se sucederam: água correndo; uma porta sendo aberta e fechada de novo; passos na escada e no corredor; o som de vozes se perdendo nos limites do audível; leves movimentos nesse ou naquele quarto; uma gaveta sendo fechada; o clique de um interruptor. E então, com um gradual desaparecimento de todos esses sons, sobreveio o curioso estágio de transição durante o qual o silêncio de uma casa que ainda se acha desperta evolui imperceptivelmente para o silêncio de uma casa já profundamente adormecida.

Foi exatamente antes desse momento transitório que Marsham fez sua vistoria final. As janelas tinham sido todas fechadas horas atrás e a porta da frente fechada à chave após o Professor Richardson ter saído. Marsham checou os trincos de segurança, o de cima e o de baixo, e passou para o corredor que dividia os quartos que davam para o caminho de cascalho fino e aqueles que davam frente para o campo. Diante da porta do estúdio de Whitall, parou e ficou atento um momento. Dali vinha o som de vozes. Como declararia mais tarde, supôs que Sir Herbert estivesse fumando e tomando um drinque com o Sr. Haile, que iria ficar ali aquela noite. Como Sir Herbert frequentemente se recolhesse mais tarde, Marsham não vira nada de incomum no fato de que os dois cavalheiros se sentassem ao pé da lareira para beber e conversar. Pôde escutar duas vozes, mas não as palavras que diziam. Foi isso que Marsham declarou posteriormente. Na ocasião ele se demorara um pouco mais do que o necessário para

percorrer o corredor, mas não a ponto de incorrer na acusação de estar bisbilhotando. Quando se movera de novo, dera apenas de ombros com indiferença. Mas não dera mais do que dois passos quando parou de novo. Uma das duas vozes se alteara. Ficou imóvel por um instante, e depois seguiu seu caminho até o final do corredor e daí através da porta almofadada de baeta que dava para a escada dos fundos.

Lila Dryden não se despira. Não tinha nenhum plano definido, estava apenas à espera. Mas agora, quando todos já estavam deitados e adormecidos, ela teria que pensar no que estava por fazer. Claro que a coisa mais fácil seria não fazer nada de todo. Afinal era isso que estivera fazendo todo aquele tempo... O que era mais fácil, e do modo mais fácil também. Era como estar no interior de um carro guiado por outra pessoa... Não se precisa pensar, apenas se deixar conduzir. E Sybil Dryden era uma motorista extremamente capaz. Sabia exatamente aonde estava indo, e como chegar lá. Mas, nessa noite, Lila tivera um vislumbre terrificante de seu destino. Acontecera como se estivesse vendo algo em meio a um flash luminoso, e isso a assustara tanto que estivera prestes a saltar do carro.

Revia a imagem de Lucy Ashton, seus olhos conquistados pela loucura, e aquele punhal de cabo de marfim tingido de sangue. A imagem se fez mais nítida, e ali não havia nenhum Adrian para reconduzi-la a seu horrível lugar no passado romanesco. Sentiu o coração falhar e sua respiração se tornar tênue. Levantou-se da cama, tremendo da cabeça aos pés, se aproximou da lareira, junto à qual se ajoelhou. O fogo se apagara. Mas as cinzas da madeira de macieira ainda mantinham o calor por bastante tempo. E esse calorzinho reconfortante ajudou-a a parar de tremer. Mas ela não se acercara dali para se aquecer. Quando Sybil Dryden tentara abrir a porta daquele quarto antes do jantar, Lila escondera a carta de Bill sob o parapeito que guarnecia a lareira. Sim, ela a escondera ali após lê-la, mentindo para a tia. E agora a recolhia de novo, o papel um pouco empoeirado e amassado. Bill nunca escrevia cartas longas. Atinha-se apenas ao que precisava dizer, e pronto.

E o que Lila relia agora nem podia ser chamado de carta. Ajoelhada diante da pilha de cinzas ainda quentes da lareira, com uma luzinha acendendo em seu íntimo, voltou a ler o que Bill tinha escrito:

Lila... Preciso vê-la. Se desejar realmente casar com Whitall, pode fazê-lo. Mas se você não quer casar com ele, eu a levarei esta noite para a casa de Ray. Estarei aí fora sob a janela do aposento à esquerda do hall, onde você deve entrar depois das onze e meia. Acenda uma luz e eu baterei três vezes para que saiba que sou eu. Bill.

Essa era a solução. Ela podia preparar uma maleta. Podia vestir o casaco e a saia escura e seu abrigo de pele, e quando o grande relógio ao pé da escada anunciasse que já passava de onze e meia poderia descer a escada e escapar pela janela da Sala Azul, e aí Bill a levaria com ele. Sempre se perguntara por que aquele aposento era assim denominado. Talvez já tivesse sido azul outrora, agora não. A tapeçaria e a cobertura das cadeiras tinham cores mortas, e havia um retrato moderno e feio de uma jovem com um rosto esverdeado que Herbert dizia ser muito inteligente. Esses detalhes se mesclavam com a confusão reinante em sua mente, se fundindo com a preocupação de ouvir as batidas do relógio, acender uma luz na Sala Azul e esperar que Bill batesse de leve, três vezes, na janela. Bill a levaria dali, e ela não precisaria ver Herbert novamente... Mas tia Sybil a forçaria a voltar. Herbert também. Não podia realmente se livrar deles... Pensou angustiada. E de novo se obrigou a pensar que Bill a levaria daquela casa. Ele a levaria até Ray. Depois eles se casariam. Sim, ele a faria dizer sim. E Ray, também, a persuadiria. Mas ela não queria casar com ele. Com ninguém...

Ficou sentada junto à lareira pensando, pensando, um longo tempo. Não sabia o que faria. Por fim começou a se sentir atordoada. Então se levantou, e depois de se cobrir com a colcha e o edredom se sentou à beira da cama, sentindo um frio terrível. E esse frio torna sempre mais difícil a tarefa de pensar. Ela se empenhava em pensar profundamente na sua situação, mas sem chegar a resultado algum. Bill dissera: “Desça e acenda uma luz, e então eu a levarei comigo”. Por um

instante, ela pensara que poderia atendê-lo, mas não podia realmente. Sybil Dryden nunca a deixaria ir. Por mais devagar que abrisse a porta de seu quarto, por mais leves que fossem seus passos, Sybil os ouviria. E Sybil viria ao corredor. Ou Herbert. E Lila já se imaginava surpreendida no escuro corredor, sem ninguém para ouvi-la se ela gritasse. O quarto pareceu flutuar em meio a uma névoa. Não, ela não podia fugir. E aí, de repente, lhe ocorreu que não precisaria fazer aquilo. Bill esperaria um pouco e depois iria embora. E voltaria na manhã seguinte, porque ele tinha que vê-la, não desistiria. E então a situação não seria tão assustadora à luz do dia. E ela poderia se aconselhar com Adrian e perguntar a ele... E lhe pedir...

Mergulhou num sono provocado pela exaustão. De início foi um sono muito profundo. Depois, começou a ser visitado por sonhos, como sombras vagas e assustadoras... Desfilando, se desvanecendo, reaparecendo de novo. Lila não sabia identificá-las, somente que eram terríficas. Movia-se entre elas como alguém andando às cegas num nevoeiro. Ela não sabia aonde estava indo nem por quê. Alguma coisa a empurrava. Os sonhos prosseguiram. Entremeados, se desenvolvendo como se não tivessem o poder de deter se, como folhas arrastadas pelo vento... Frágeis e flutuantes folhas ao sabor de um vento áspero e terrível. Subitamente o vento cessou. E em meio à quietude repentina, Lila se viu olhada pelos olhos esgazeados de Lucy Ashton.

Lila despertou sob o efeito de um jato de luz. Estava agora no estúdio. A luz vinha do teto, o quarto estava claro como se fosse dia. E Herbert Whitall estava caído ao comprido sobre o tapete. Morto. Lila nunca vira até então uma pessoa morta, mas tinha certeza de que ele estava morto, havia sangue no peito de sua camisa. Lila soltou um longo suspiro. Então viu manchas de sangue em seu vestido branco... Manchas bem nítidas de sangue fresco em toda a frente do modelo de noite. Sim, havia sangue em seu vestido, e também em sua mão direita.

E no chão, a seus pés, o punhal de marfim.

Quatorze

BILL WARING ouviu soar o toque de meia hora do relógio da aldeia, duas simples notas, tão leves que se seus ouvidos não estivessem alerta não as teriam captado. O vento estava soprando naquela direção, caso contrário não teria ouvido nitidamente as batidas... Um vento suave, soprando mais para o alto. Arrastou consigo a nuvem baixa que escurecia a superfície do céu, e agitou de leve a copa das árvores, mas ao nível do chão, sob a sombra das colunas do pórtico que emolduravam a porta da frente da mansão Vineyards, o ar estava quase parado.

Bill parou à sombra do portal. Podia ver a porta principal, as janelas dos aposentos laterais, e também as janelas das alas leste e oeste. Nenhuma dessas janelas deixava escapar qualquer luz. Se ele atravessasse o amplo caminho de cascalho e recuasse um pouco depois poderia ver bem toda a frente da casa. Mas não havia realmente nenhuma luz acesa em quaisquer dos cômodos. Ele deixara seu carro fora do portão porque se o fizesse avançar sobre o caminho de cascalho iria fazer muito ruído.

Já esperava ali há uns dez minutos quando o relógio tocou. Era ainda um tanto cedo para que todos estivessem dormindo numa casa como aquela, assim não esperava realmente que Lila pudesse mostrar-se pontual. Em seu íntimo havia o desejo firme de vê-la. Uma vontade obstinada. Mas no fundo, e não pela primeira vez, se insinuava uma leve e fria sombra de incerteza. Não iria afetar a sua determinação, claro, mas insensivelmente modificara seu modo de pensar acerca do que pretendia

fazer. Marian, a irmã de Adrian Grey, lhe dissera há um ano atrás, se referindo a Lila: “Ela é muito encantadora, e muito terna, mas o homem que a desposar terá que ser, ao mesmo tempo marido, pai, irmão e amaseca”. Bill não ligara para esse comentário na ocasião, mas agora não estava bem certo de que não se importasse com isso. Uma vaga e intimidante antecipação de como seria sua vida com Lila começou, por assim dizer, a atingir seus pensamentos. Ele não estivera nem sequer dois meses fora do país e ela já se deixara convencer com facilidade a dizer sim ao pedido de casamento de Herbert Whitall. Bem, ele ali estava para ouvir o que ela teria a dizer com toda a honestidade. Se Lila quisesse mesmo casar com aquele homem, podia fazê-lo. Mas se quisesse a ele, Bill, para marido, então a levaria para a casa de Ray Fortescue. Depois disso, era de se supor que se casassem. Mas esse pensamento não melhorou seu estado de espírito. Esse permanecia sombrio. Começou a pensar em Ray, e sentiu certo alívio. Sim, ela saberia o que fazer no caso, e olharia por Lila. E se surpreendeu desejando sinceramente que Ray estivesse agora ali.

Foi então que pensou ter ouvido algo, ou alguém se movendo. O som vinha do caminho de cascalho. Mais tarde seria instado a precisar a natureza daquele ruído, e por mais que se esforçasse não poderia defini-lo. Não fora algo claro como os passos de alguém, e a vibração causada pelo vento tangendo continuamente as copas das árvores o amortecera demais. Podia ter sido alguém surgido do caminho coberto de grama e indo na direção da estrada pelo terreno que dava para o outro lado da casa, mas nem ele, Bill, nem ninguém mais teria pensado nisso se cada minuto em que ele permanecera parado sob o pórtico não fosse depois investigado a fundo pela polícia. E ainda assim, tudo o que se poderia inferir é que alguém poderia ter seguido o caminho sugerido por Bill. O que ele ouvira então não significava uma prova de que alguém tivesse feito tal trajeto. Qualquer animal de hábitos noturnos poderia estar em ação no momento... Um gato, uma raposa, uma coruja, um texugo...

Bill prestou atenção, mas o som não se repetiu. Quatro batidas produzidas pelo grande relógio da aldeia soaram fracamente. E depois, as doze badaladas da meia-noite. Bill esperou um pouco mais, então começou a caminhar ao longo da fachada da casa, dobrando à esquerda mais adiante. O caminho de cascalho cedia lugar a um passeio amplo, lajeado. Estava recoberto de musgo, o que amortecia os passos de Bill. Assim, alcançou a esquina da casa e olhou para a balaustrada de pedra. O vento amainara e não estava muito escuro ali. Adiante se estendia o gramado. As árvores mais além, bordejando o terreno socado, eram ainda alcançadas pelo vento. Então, Bill desviou o olhar da paisagem arborizada e viu que havia uma luz acesa no aposento daquela parte da casa.

Ele não sabia que aquele era o estúdio de Herbert Whittall. Nunca estivera naquela casa exceto de passagem horas atrás, quando aguardara na sala que ficava à esquerda da porta principal. Fora o aposento que escolhera para seu encontro com Lila. Ela desceria, acenderia uma luz, e ele daria três batidas leves na janela, se identificando. Mas a luz que ele contara ver acesa naquele aposento não se acendera. E agora uma luz estava acesa, mas em outro aposento. Era possível que Lila tivesse confundido as coisas. Devia tirar aquilo a limpo. Notou que havia luz em duas janelas. Uma delas se fazia de porta também e era toda de vidro. As cortinas que a protegiam tinham sido cuidadosamente puxadas. Só havia uma fresta de uns cinco centímetros, e por essa escapava um feixe estreito de luz que vinha incidir, dardejante, sobre a borda arqueada dos dois degraus e o chão pavimentado. O fato de ele não ter visto logo aquele feixe de luz quando alcançara a esquina da casa estava explicado pela existência de um grupo verde-escuro e compacto de arbustos de cada lado dos degraus. Assim que passou por ali, a manga de seu paletó roçou nos arbustos à sua esquerda, e o perfume de alecrim se fez sentir no suave ar da noite.

Bill espiou pela fresta da cortina que encobria a porta-janela, e viu o cabelo dourado de Lila brilhar à luz da lâmpada do teto. Ela estava

voltada para o outro lado e assim ele não pôde ver seu rosto... Somente o cabelo, e seu alvo pescoço um pouco inclinado como se ela estivesse olhando para o assoalho. Estava com um longo vestido branco. Devia ter pressionado a porta porquanto ela se moveu ao toque de sua mão. Certamente já estava entreaberta, e ele simplesmente a empurrara. Bem, isso tornava tudo mais simples. Segurou a maçaneta para não fazer ruído ao abrir de todo a porta e deu dois passos no interior do escritório iluminado.

Lila continuava imóvel, a cabeça ligeiramente inclinada, olhando para sua própria mão direita, que estava manchada de sangue. Havia sangue também no seu vestido... Uma mancha extensa, bem viva. No assoalho atapetado, a seus pés, se via um punhal de cabo de marfim. Estava ali caído como se tivesse escapado da mão da moça. Havia sangue na empunhadura e na lâmina do punhal. E a dois passos adiante, Herbert Whitall jazia, morto, em seu traje de dormir. No peito se via uma mancha de sangue. A vista humana pode colher uma impressão chocante que se torne rápida demais para ser assimilada pelo cérebro. O impacto resultou chocante em demasia, contrariando a razão e o senso comum... Que é a herança de séculos de lei e de ordem. E se torna difícil, de imediato, crer numa violenta ruptura da lei comum.

Bill Waring ficou estático, seu ombro roçando a cortina que acabara de puxar. Deu-se conta de que Lila não se movera, nem voltara a cabeça. Ele afastara a cortina, as argolas que a sustinham haviam deslizado, mas Lila não se voltara. O olhar de Bill passou por sobre o ombro da jovem e viu que a outra porta do estúdio estava aberta. Havia luz no corredor, mas de fraca intensidade. No estúdio é que a luminosidade era forte. E iluminava tudo cruamente. E então Adrian Grey, de pijama e robe, entrou de repente no aposento. Sem se voltar, segurou a maçaneta e fechou a porta a suas costas. Ao fechá-la, ele murmurou: “Lila...”, mas na sua maneira habitual.

E Lila só então se moveu e pela primeira vez afastou o olhar de sua própria mão manchada de sangue e do punhal caído no tapete. Um longo e frio estremecimento a acometeu. Quando Bill se aproximou e também a chamou pelo nome, ela o olhou como se não o visse, e desviou o olhar para a porta. Adrian não se moveu, apenas estendeu as mãos como poderia ter feito com uma criança, e num repente ela correu para ele, chorando e soluçando, para se aninhar em seus braços protetores.

* * *

Quinze

LILA CONTINUAVA a soluçar. Adrian olhou para Bill Waring por sobre a cabeça de cabelos dourados que estava apoiada em seu ombro e disse em sua voz sempre serena:

— Ele está morto, não está? Você o matou? Bill continuou parado onde estava. Preso à estupefação inicial. Evidenciou isso ao retrucar:

— Não... Foi você? Adrian negou com um gesto de cabeça. E Bill murmurou: — Foi ela? E a seguir, com a mente e a voz inseguras sob o efeito do aturdimento e do espanto: — Não... Não... Não é possível!

Adrian não disse nada. Percebeu que Lila emitira um som rouco e estremeceu. E sentiu que o corpo da jovem pesava mais em seus braços. Se não estivesse segurando-a tão firmemente, ela teria caído. Segurou-a então com cuidado e levou-a para o divã que estava a um canto próximo da lareira. Quando se aprumou após deitar a jovem, percebeu que Bill dera alguns passos e estava olhando para o divã.

— Que houve?

— Ela desmaiou. Assim é melhor para ela. Mas, por que está aqui?

— Vim para levá-la desta casa. Eu lhe pedi que me encontrasse esta noite. Eu ficaria do lado de fora sob a janela do aposento à esquerda do hall.

— Então, por que você se acha aqui? Frisou Adrian.

— Ela não apareceu. Pensei que seria melhor eu rodear a casa. Aí então vi uma luz acesa... E depois, Lila. O janelão estava meio aberto e

entrei.

— Então afirma que não o matou?

— Por Deus, claro que não! Ele já estava morto. E Lila estava parada ali, como você pôde ver, com a mão suja de sangue.

Eles falavam de frente um para o outro, tendo no meio o divã onde estava Lila, muito concentrados nela e em se estudarem mutuamente para se darem conta de algo mais. Se a maçaneta da porta fosse girada, ou se a porta fosse aberta mesmo devagar, o ruído não os teria afetado. E não os afetou realmente. Bill dizia agora:

— O que vamos fazer... Levá-la de volta ao seu quarto? Veja como está o vestido... Nada se pode fazer para retirar uma mancha como esta. Sua mente estava embotada. Todo aquele sangue não podia ser lavado sem deixar uma marca. Se queimassem o vestido, sua falta seria notada. Mas Lila tinha que se livrar dele. Adrian moveu a cabeça em negativa. E disse calmamente:

— Não. Isso não pode ser ocultado. Não importa o que façamos, esse vestido não será esquecido. Muitas pessoas a viram com ele esta noite. Você tem que ir embora, e rapidamente. Se não o fizer... Isso comprometerá Lila. Onde está hospedado?

— No Boar. Mas fechei minha conta lá ao sair às dez e meia. Não pretendia voltar ao hotel. Se Lila concordasse em vir comigo, eu a levaria para a casa de Ray Fortescue. Caso contrário, eu nada mais teria a fazer aqui. Estou com meu carro aí fora.

— Vai voltar para a cidade?

— Sim.

— Então vá... Sem demora! É a única coisa que você pode fazer. Minha versão do que houve aqui será esta: Não conseguia pegar no sono e então ouvi os passos de alguém no corredor. Meu quarto fica do lado oposto ao de Lila, dando para o patamar da escada, por onde a vi descer quando abri a porta. Como sei que às vezes ela tem crises de sonambulismo, resolvi segui-la. Bill dirigiu um olhar penetrante e surpreso a Adrian.

— Ela costuma caminhar dormindo?

— Oh, sim. Isso lhe acontecia quando estava no colégio... É um fato incontestável. Então, eu a segui e a vi entrar no estúdio. Herbert estava caído ali sobre o tapete, com aquele punhal de marfim um pouco afastado. Lila estava inclinada sobre o corpo de Whitall. Eu não saíra detrás dela, assim não poderia tê-lo apunhalado. Havia sangue nas mãos dela e no vestido por ter tocado no cadáver. Herbert já estava morto há algum tempo... Sua mão estava fria quando a toquei.

— E ela está fria? Adrian respondeu:

— Estará antes que a polícia chegue aqui.

— Estará mesmo?

— Naturalmente. Deixe-me terminar... Lila despertou então e desmaiou com o choque. Saia logo, Bill! É a única coisa que pode fazer. Minha história funcionará bem... É boa e plausível. E de fato, a não ser um ou dois detalhes mínimos, representa a verdade. Nesse instante Eric Haile entrou no aposento e fechou a porta atrás de si. E disse:

— Olá, Waring! Não sei se irá concordar comigo, mas não acho que a história de Grey seja boa o bastante.

No momento ninguém disse nada. A sensação de estarem imersos numa espécie de pesadelo indescritível se aprofundou. O elo comum entre causa e efeito desaparecera. Tudo podia ter acontecido a qualquer momento. Adrian se voltara. Bill contornou o divã e então disse:

— O que está querendo dizer exatamente com isso, Haile? Eric Haile sorriu.

— Apenas o que você ouviu... A versão de Grey não é satisfatória. Após dar uns poucos passos, se abaixou para segurar o pulso do morto. — E nem é exata tampouco. Ele ainda está quente. Quando quer que isso tenha acontecido, o fato é que foi há bem pouco tempo. E eu não creio que quem estava na sala de visitas esta noite possa ter alguma dificuldade em imaginar quem cometeu o crime. Você não estava ali, Waring, mas Adrian estava. E também o casal Considine, e o Professor Richardson. A Sra. Considine é fã apaixonada de John McCormack, e

nós colocamos na vitrola o disco em que ele interpreta trechos da Lúcia di Lammermoor. A Sra. Considine se empenhou em nos contar o libreto da ópera: Lucy Ashton enlouquecendo em sua noite de núpcias e apunhalando o marido que haviam lhe imposto. A encantadora Lila ficou deveras impressionada com a história. Percebeu, sem dúvida, haver uma certa semelhança com o seu caso. Adrian teve que lhe acalmar o espírito. Um momento muito agradável para ambos. E justamente antes dessa interessante cena, o punhal de cabo de marfim com que o pobre Herbert parece ter sido esfaqueado estivera em bastante evidência... Bem, agora eu lhes pergunto: isso tudo se associa bastante, não? Adrian se afastou do divã e deu alguns passos até Haile.

— Escute aqui, Eric..

— Meu caro Adrian, eu não estou aqui para discutir... Vou telefonar para a polícia.

— Não sei o que você possa ter ouvido, mas o que eu disse é a verdade. Vi Lila sair de seu quarto, e a segui quando desceu a escada. Considerações à parte, simplesmente ela não teve tempo para apunhalar Herbert. Eric Haile contornou o cadáver de Whitall para alcançar a mesa onde estava o telefone. E disse após tirar o fone do gancho:

— Pode contar isso à polícia.

* * *

Dezesseis

RAY FORTESCUE acordou de repente, noite alta, com o tilintar do telefone em seus ouvidos. O aparelho cessara de tocar quando ela despertou de todo, e por um instante não teve certeza se o ouvira realmente. Teve tempo para piscar na escuridão do quarto e se perguntar quem lhe telefonaria àquela hora da noite, antes que o telefone soasse de novo. Exclamou “droga!”, saltou da cama, se voltou para apanhar o edredom e, se cobrindo com ele, se aproximou do vestíbulo, onde acendeu a luz. Era mesmo típico da prima Rhoda instalar um telefone de parede logo de frente para a porta do apartamento, causando assim o mínimo de privacidade e o máximo de desconforto. Manteve o edredom seguro em torno de seu corpo com a mão esquerda e com a direita segurou o receptor, e ouviu a voz de Bill dizer:

— Ray... Percebeu que era a voz dele, porque significava muitas coisas para ela, mas se não fosse por isso, não a teria identificado. Deixou de se preocupar com o ar frio que escapava por baixo da porta ou com o fato de o edredom estar lhe escorregando do corpo. Pensou somente em Bill.

— O que há?

— Ray? É Ray?

— Sim, Bill. Que houve?

— Aconteceu uma coisa.

— O que foi?

— Whitall está morto... Foi assassinado. Uma calma fria ao extremo, que nada tinha a ver com a corrente de ar quase gélida,

acometeu Ray. E ela perguntou:

— Como? E Bill respondeu:

— Ele foi apunhalado. Agora Ray começara a tremer tanto que mal podia manter seguro o receptor. Os sons se atropelavam em seus ouvidos. Em meio a isso, a voz de Bill soou, premente: — Ray... Ray... Você está me ouvindo? Não desligue!

— Eu estou ouvindo. O que quer que acontecesse, ela sempre estaria onde Bill precisasse dela.

— Então, ouça! Preciso de sua ajuda! Ninguém sabe quem o matou... Mas Lila estava lá. Não quero dizer na hora do crime, mas deve ter sido logo após. Adrian diz que ela estava caminhando dormindo. Receamos que ela tenha pegado no punhal... Havia sangue na sua mão direita e no vestido.

— Bill, como sabe disso?

— Oh, eu estive lá também. Pretendia tirar Lila daquela casa. Ray disse com um toque de evidente temor na voz:

— Bill, pelo amor de Deus, não diga uma coisa dessas! Nem pelo telefone... Nem em conversa com ninguém!

— Minha querida, agora não adianta mais dizer isso. Haile nos surpreendeu, a mim e a Adrian, no estúdio. Ele não está certo de que Lila cometeu sozinha o crime, ou com a minha ajuda, mas para mim está supondo que fomos nós dois..

— Bill!

— Não se preocupe com isso. Ouça com atenção, pois a polícia chegará aqui a qualquer momento, e então provavelmente não poderei telefonar. Quero que você venha aqui, Ray. Há um trem às oito e trinta. Se for possível irei encontrá-la na estação, mas você pode tomar um táxi até Emsworth. Lila sofreu um choque terrível, e você é a única pessoa que pode ajudá-la. Você e Lila têm sido como irmãs. Ninguém tem o direito de impedir você de vê-la.

— Eu irei, Bill. E Bill disse:

— Obrigado, e desligou.

Quando repôs o fone no gancho, Ray ajeitou o edredom sobre os ombros e voltou para seu quarto. Estava escuro e frio. Seus pés estavam gelados, e também seu coração. Meteu-se na cama e se cobriu. Herbert Whitall fora assassinado e todos iriam imaginar que Bill cometera o crime. Ele regressara dos Estados Unidos e soubera que Lila ia se casar com Herbert. Então fora a Vineyards para levar Lila com ele, e, enquanto estava ali, no fim da noite Herbert Whitall fora apunhalado. O que seria de se esperar que alguém pensasse disso? Herbert Whitall tinha sido apunhalado. Mas Bill não apunhalaria um homem. Não era próprio dele fazer tal coisa. Ele poderia esmurrar Herbert Whitall... Poderia espancá-lo duramente, o bastante até para matá-lo. Mas de modo algum iria esfaqueá-lo. Esse pensamento foi como uma pequena chama aquecendo seu íntimo. E no decorrer de todos os próximos e terríveis dias essa chamazinha não se apagaria. E Ray começou a refletir, a planejar algo.

Acendeu a luz do abajur de cabeceira e olhou o relógio. Passava um minuto de meia-noite e meia. Oito horas depois ela estaria se dirigindo à estação. Devia se levantar e começar a fazer a mala às seis. Teria que dar ainda uns dois telefonemas. Felizmente nada neste mundo conseguia acordar Rhoda. Assim devia reservar quinze ou vinte minutos para contar à prima o que acontecera. Não mais do que isso. Pois Rhoda era terrivelmente sensível e nervosa. Talvez quisesse até acompanhá-la... Ray achou que bastaria levar uma mala apenas. Manteve a mente ocupada pensando no que precisaria levar, e chegara a um dos itens necessários, como um par de sapatos caseiros, quando o telefone tocou de novo. Dessa vez ela correu ansiosa para atender, porque podia ser Bill.

Mas era Sybil Dryden. Aquela voz dura, sonora, era inconfundível. Quando se conversava com ela, normalmente, em qualquer lugar, havia uma espécie de suavidade, como um verniz sobre uma superfície polida, em sua voz, mas, ao telefone, tal suavidade desaparecia. Tinha-se então a impressão de que ela ditava ordens, e que era preciso aceitá-las, mesmo

que tudo se resumisse num simples convite para o chá das cinco. E agora não se tratava de um convite para o chá. Aquela voz disse:

— Ray, é você?

— Sim, Lady Dryden.

— O Sr. Waring já lhe contou o que aconteceu. Estávamos todos no estúdio de Sir Herbert aguardando a chegada da polícia, assim pude ouvir o que disse. O Sr. Haile acha mais aconselhável que permaneçamos todos juntos. “Um toque de distinção”, pensou Ray. Mesmo em situações como aquela, Sybil Dryden podia dar a entender o quanto ela apreciava a ditadura de Eric Haile... E Sybil prosseguiu, agora sem pausas: — O Sr. Waring pegou o telefone e fez a ligação antes que eu pudesse impedi-lo. E ouvi quando lhe disse que viesse aqui no trem das oito e meia. Isso não será possível.

— Lady Dryden... Preciso estar aí com Lila... Não deve insistir em me impedir de vê-la.

— Eu não estou tentando impedi-la, Ray. Esta casa não é minha, e não vou dizer quem deve entrar aqui ou não, mas suponho que o Sr. Haile dificilmente fará objeção à sua vinda aqui. O que desejo é que você venha em outro trem, mais tarde, porque espero que traga em sua companhia a Srta. Silver. Ray teve a impressão de que jamais ouvira esse nome antes. E o repetiu:

— Srta. Silver?

— De nome você não a conhece... Nunca sai nos jornais. Ela é uma detetive particular. Tenho ouvido falar bem dela há vários anos. Temos amigos comuns, e é uma pessoa de absoluta confiança. Tenho aqui o endereço dela... Tome nota! Srta. Maud Silver, Montague Mansions, 15, West Leaham Street. Telefone por volta de sete e meia e marque um encontro com ela o mais cedo que puder. Você deve ir vê-la, e fazer todo o possível para persuadi-la a vir aqui com você. Ela simpatiza muito com gente jovem. Fale com ela sobre Lila e conquiste sua simpatia.

— Lady Dryden, ainda não sei realmente o que aconteceu aí! A voz de Sybil Dryden voltou a urgir:

— Eu ouvi o que o Sr. Waring lhe contou ao telefone. Lila caminhou pela casa dormindo. Aí encontrou o cadáver... O que foi um choque terrível. Compreenda: a Srta. Silver tem que ser persuadida a vir aqui. Você deve me telefonar quando já tiver falado com ela, para me informar do resultado e da hora do trem que irão tomar. Verei se posso apanhá-las na estação.

No estúdio de Sir Herbert, na Mansão Vineyards, Lady Dryden recolocou o fone no gancho e se afastou da mesa. Não mais que a noventa centímetros adiante se via sobre o tapete negro as mãos sem vida de Herbert Whitall com as palmas viradas para cima. Nada ali poderia ser tocado até a chegada da polícia, e nenhuma daquelas pessoas poderia deixar o aposento. Alguém cobrira o rosto do morto com um lenço, mas este não devia ser removido, assim como o punhal de cabo de marfim. O sangue não podia ser lavado também. O tapete negro tinha absorvido o sangue nele derramado, mas tinha que ficar ali, como estava. Sybil Dryden contornou o cadáver e voltou a se sentar na cadeira de encosto alto da qual se levantara há instantes atrás para telefonar. Ela estava usando uma bata estampada... Flores esmaecidas contra um fundo marfim. Seus cabelos estavam ocultos sob uma touca rendada. Seu rosto estava pálido e rígido.

Lila se achava ainda no sofá onde Adrian a colocara deitada. Ele se sentara a seu lado, a mão pousada em seu delicado ombro. De vez em quando ela emitia um soluço abafado. Quando tal acontecia, Adrian se inclinava sobre ela e lhe dizia algo que ninguém mais podia ouvir. Mas Lila não lhe respondia ou então escondia o rosto, comprimindo-o na almofada. Bill Waring estava parado, de pé, o braço sobre a cobertura da lareira, olhando para o fogo. Na prateleira se via um antigo relógio, com um tique-taque vagaroso e surdo. Assinalava os minutos um a um, que pareciam intermináveis. Eric Haile se sentou no braço de uma das grandes poltronas. Fosse por acaso ou deliberadamente, ele se situara entre os outros ali reunidos e a porta. Seu olhar brilhante e malicioso ia de um lado a outro, como um vigia. Marsham estava no vestíbulo,

aguardando a chegada dos policiais. A Sra. Marsham fora solicitada a se vestir e fazer café. Frederick não fora acordado. A casa inteira estava sob compasso de espera. Ninguém falava. Então, de repente, todos se sobressaltaram. Bill Waring se sentiu tenso e Lady Dryden girou a cabeça. Eric Haile se pôs de pé. Ouse viu um som de passos no corredor. E então Marsham abriu a porta do estúdio e anunciou:

— O Inspetor Newbury...

* * *

Dezessete

— Não sei o que essa gente pensa, telefonando antes das oito da manhã!

Emma Meadows dizia o que pensava com a liberdade que seus longos anos de serviço lhe conferiam. Entrara no quarto trazendo a primeira xícara de chá do dia, o que a Srta. Silver considerava um privilégio, e, em vez de esperá-la em seu confortável leito, ali estava já de pé, meio vestida e ocupada em prender com um alfinete de cabelo a redinha que controlava uma franja encachada e bem disposta. O cabelo de Maud Silver tinha uma cor murídea, era bem cheio, e sem nenhuma mecha mais grisalha do que exibira nos últimos vinte anos. Ao retirar seu novo chambre de um azul brilhante, com os enfeites de crochê praticamente indestrutíveis, feitos à mão e habilidosamente removidos do anterior de flanela escarlate, a Srta. Silver, de pé, deixava à mostra agora uma anágua simples de seda artificial e um jaleco trespassado branco, cuja golinha alta e mangas compridas tinham sido enfeitadas também com uma franja estreita de crochê. Sorriu benevolmente para sua dedicada Emma, sorveu um gole do chá, e aludiu ao fato de que as pessoas nem sempre podem aguardar uma hora adequada para pedirem ajuda. O rosto cheio e agradável de camponesa da fiel Emma permaneceu sério.

— Elas deviam aprender a se controlar, insistiu. — No fundo pensam que a senhorita está sempre à sua disposição. E o que devia dizer

é que precisa, como todo mundo, comer e repousar e só começar a trabalhar às dez horas.

As feições claras e regulares da Srta. Silver permaneceram serenas. Aquela espécie de solicitude serviçal e a afeição que a motivava figuravam entre as bênçãos pelas quais ela dava graças à providência todos os dias. Maud Silver deixara de lecionar em colégios para ingressar no que ela mesma chamava de profissão escolástica sem outra esperança senão de uma vida de trabalho estafante em casas alheias, como preceptora e governanta, e uma velhice na qual suas exíguas economias poderiam ou não bastar para lhe permitir uma aposentadoria digna. E quando, por uma curiosa mudança de circunstâncias, se achara às voltas com uma nova profissão, não podia prever que isso lhe proporcionaria o relativo conforto de que desfrutava agora. Seu apartamento, sua dedicada Emma, sua capacidade de ajudar aqueles que se achavam em apuros, eram o motivo de suas orações de graças diárias. Maud Silver bebeu o chá, sorriu bondosamente para Emma Meadows e, se acercando de seu guarda-roupa, escolheu seu segundo melhor vestido, um modelo de lã verde-musgo que fora seu melhor vestido durante o inverno passado. Depois de vesti-lo, prendeu a gola com seu broche favorito, uma rosa encravada numa pequenina placa de madeira de carvalho negra, tendo no centro uma pérola irlandesa. Então disse:

— Aguardo a visita de uma pessoa às oito e meia, Emma. Ela me fará companhia no desjejum. Se não há peixe suficiente para mais dois bolinhos de bacalhau, teremos que abrir uma lata de salmão. Emma retrucou com ar meio carrancudo que havia peixe suficiente.

— Embora eu não aceite essa de que as pessoas não possam fazer seu desjejum em suas próprias casas. A Srta. Silver sorriu com ar indulgente.

— Você é muito boa para mim, Emma.

Meia hora depois, Ray Fortescue chegava e era introduzida numa sala que em outras circunstâncias muito a teria divertido. As paredes

eram cobertas com um papel brilhante florido e um bom número de quadros em molduras antiquadas de bordo amarelo. Todos eram reproduções das mais famosas telas dos grandes artistas vitorianos: Os huguenotes; A esperança, definhando num mundo sombrio; The Black Brunswicker; The Stag at Bay . Cadeiras de formato curioso mas confortáveis, com armação de nogueira esculpida, pernas arqueadas e braços largos. Cortinas de um tom brilhante, originalmente chamado de azul-pavão. Estofamento do mesmo material. E um tapete novo, com ramos de flores sobre um fundo azul e que custara tão caro que a consciência da Srta. Silver nem sempre se sentia à vontade a esse respeito. Mas o que ela iria fazer? O velho tapete azul, preservado durante a guerra, remendado e cerzido nos anos de pós-guerra, se tornara realmente um motivo de insegurança. Indícios de apodrecimento tinham surgido, e Emma chegara certo dia a ficar com o pé preso num dos buracos do tapete e quase sofrera uma grave queda. Tapetes estavam custando bastante caro, mas a remuneração obtida por Maud Silver pela sua atuação no caso das pérolas Urtingham fora bem compensadora. Assim ela sensibilizara a sua própria consciência e soltara um pouco o seu dinheiro. Mesmo agora, antes do desjejum e entrando na sala com uma cliente, ela não deixava de pensar em como aquele tapete azul fazia vista. Era tão cômodo, e com as cores mescladas de maneira tão agradável.

Um fogo leve ardia na lareira. Assim que Ray se sentou na cadeira de fibras onduladas a um lado da lareira e observou a Srta. Silver sentada no outro lado, se perguntou o que Sybil Dryden imaginava que aquela mulher pequenina e de cabelo cor de rato seria capaz de fazer para ajudar Lila, Bill e todos os demais. Ela poderia ter saído de qualquer um dos grupos de pessoas fotografadas que adornavam os álbuns de família nos períodos vitoriano e eduardiano. E passaria facilmente por uma preceptora típica. O olhar de Ray, deslizou do broche com a rosa e a pérola irlandesa para as meias de lã negra e os chinelinhos um tanto gastos com os dedos dos pés se salientando. Mas Lady Dryden

geralmente sabia o que fazia. Nem sempre suas escolhas e decisões agradavam, mas era fácil entender o motivo das mesmas.

Ela lhe pedira para contatar com a Srta. Silver e lhe dissera que a investigadora particular gostava de gente jovem. E isso parecia ser verdade. Afastando o olhar dos chinelinhos da Srta. Silver, Ray notou que a sala estava cheia de fotos de rapazes e mocinhas, jovens mães e seus bebês. Algumas das fotografias já estavam amarelando, mas quase todas as pessoas nelas retratadas eram jovens. E elas apareciam em todos os ângulos do aposento: sobre a lareira, nas estantes, sobre duas pequenas mesas. Em todos os lugares, de fato, com exceção da grande e simples mesa. O olhar de Ray pousou novamente na figura da Srta. Silver. As mãos pequenas e eficientes estavam ocupadas com um trabalho delicado de tricô. E Ray se viu olhada com aquele olhar de firme encorajamento que já levava tantos clientes de Maud Silver a lhe fazerem confidências.

— Em que lhe posso ser útil, Srta. Fortescue?

— Lady Dryden me pediu para vê-la.

— Sim, você já me disse pelo telefone.

— Uma coisa terrível aconteceu. Mesmo sem querer, a voz de Ray soou assustada. Pretendia se mostrar muito controlada e com um ar formal, mas sua voz a tinha traído desde o começo do diálogo. A Srta. Silver disse:

— Sim, minha querida? Muito gentilmente, na verdade, e Ray mordeu de leve o lábio inferior e acabou por chorar baixinho sem poder se conter.

Há anos que não se sentia tão envergonhada. E zangada consigo mesma, também. E essa raiva ajudou-a a conter o choro. Procurou secar as lágrimas com sua luva, porque nunca se encontra logo um lenço quando se precisa dele. E então a Srta. Silver lhe ofereceu um lenço muito alvo, dizendo:

— Por favor, não fique encabulada por chorar. Isso às vezes traz um grande alívio. Ray deixou de sentir vontade de chorar. E disse:

— Não... Não... Não há tempo... Preciso lhe contar o que houve. Não seria o fato de chorar que lhe traria alívio e sim contar certos fatos à Srta. Silver. Ela não iria entendê-la se falasse depressa demais ou em meio a soluços. — Estamos às voltas com um problema muito sério. Lila Dryden é minha prima... Nossas mães eram irmãs. Sir John Dryden adotou-a. Ele era apenas um parente bem distante, e Lady Dryden não é uma parenta legítima. A Srta. Silver tossiu de leve.

— Ela é prima de Lady Urtingham. Eu a vi na casa dessa senhora certa vez. Ray prosseguiu.

— Sir John era um amor. Morreu há quatro anos. Lila é um encanto, Srta. Silver, preciso lhe dizer algo para que compreenda melhor Lila. Ela é encantadora e terna, mas simplesmente não tem vontade própria. Para ela, dizer não quando Lady Dryden diz sim é tão impossível como ir à Lua. Ela sente medo das pessoas quando elas ficam zangadas, e não consegue enfrentá-las, contestá-las... Simplesmente faz o que elas querem que faça.

As agulhas de tricô da Srta. Silver emitiram um clique. E ela observou que Lady Dryden tinha maneiras autoritárias. Ray assentiu com ênfase.

— Ela sabe impor sua vontade, fazer pé firme. Lila não pode enfrentá-la, dizer não. Tem que compreender isto: ela não pode. A Srta. Silver voltou a tossir levemente.

— Pode mencionar um exemplo objetivo dessa impossibilidade de dizer não? Ray assentiu de novo.

— Lila e eu fomos passar uns dias com uma tia-avó. Ela é uma senhora muito afetuosa. Eu já estivera lá várias vezes, mas Lila a visitava pela primeira vez. Bill Waring vem a ser sobrinho do marido dessa senhora... Do outro ramo da família, sabe? Eu já o conhecia há anos, mas ele ainda não conhecia Lila. Bill ficou logo apaixonado por ela, e os dois pretendiam se casar. Isso foi há quatro meses atrás. Fez uma pausa,

e acrescentou: — Lady Dryden não ficou nada contente. A Srta. Silver olhou a jovem visitante por sobre a roupinha de lã cor-de-rosa-pálido que ela estava tricotando para a pequena Josephine, filha de sua sobrinha Ethel Burkett.

— O Sr. Waring não estava em condições de se casar? A cor rosada se acentuou no rosto de Ray.

— Eles não iriam nadar em ouro, claro. Mas Bill trabalha numa boa firma, e todos ali o consideram muito. Ele já obteve a patente de dois produtos. Foi para tratar disso que viajou aos Estados Unidos. Ao que a Srta. Silver comentou:

— Um país deveras interessante. O Sr. Waring está lá no momento?

— Não, ele acaba de regressar. Eu desejava que Lila fosse recebê-lo na estação, mas ela não quis. E eu tive que ir. E contei a ele, a contragosto, que Lila se casaria com Sir Herbert Whitall dentro de uma semana.

— Oh, meu Deus, fez a Srta. Silver.

Ficou olhando com carinho para Ray, tirando suas conclusões se baseando no colorido mais vivo do rosto da jovem e no brilho de seus olhos. Denotavam um interesse muito definido e tocante pelo Sr. Waring. Sentimentos cálidos e um coração generoso. Uma índole simples, sincera, não afeita a dissimulações de qualquer espécie. Então disse:

— Continue, por favor.

— Ele tinha sofrido um acidente... Esteve hospitalizado... E Lila deixou de receber cartas dele. Lady Dryden sempre dissera que não havia compromisso algum entre eles. Ela nunca pensou em deixar que Lila se casasse com Bill Waring. Sir Herbert era um excelente “rival”... Riquíssimo, e dono de uma bela e antiga mansão que adquirira e reformara. Eu estava fora... No momento me divido entre dois empregos. Não havia ninguém para levantar o ânimo de Lila, e antes que ela soubesse onde estava pisando, Lady Dryden já a fazia

experimentar o vestido de noiva e convidava umas trezentas pessoas para o casamento. As agulhas de tricô foram movidas um tanto mais depressa.

— E Sir Herbert Whitall se mostrou contente? Ray fitou a Srta. Silver com uma expressão de raiva bem incisiva.

— Ele gostou muito. Era desse tipo de homem... Se pudesse tirar algo de uma outra pessoa isso teria um melhor sabor para ele. Sir Herbert colecionava objetos, todos de marfim, extremamente antigos e raros. Não amava Lila, simplesmente a desejava como uma peça a mais de sua coleção, e se ele pudesse roubá-la de Bill, isso tornaria a coisa mais excitante.

— Ele sabia do compromisso da Srta. Lila?

— O noivado não fora anunciado, mas ele sabia muito bem.

— Srta. Fortescue, até aqui se referiu a Sir Herbert Whitall no passado. Devo entender que algo aconteceu com ele? Ray entrelaçara as mãos. Já retirara as luvas e os nós dos dedos ficaram mais brancos por tê-los apertado tanto.

— Sim... Sim... E foi o que me levou a vir vê-la. Eles estavam todos na Mansão Vineyards, Sir Herbert, Lady Dryden e Lila. E Bill foi lá para levar Lila embora com ele. Isso aconteceu ontem. Eu tentei dissuadi-lo, mas ele queria ir. E já tarde da noite, ele me telefonou para dizer que Herbert Whitall fora assassinado. Apunhalado com um punhal de marfim. E eles pensam agora que foi Lila quem o matou... Ou Bill. Sua voz se quebrou angustiada e então repetiu: — Ou Bill.

* * *

Dezoito

BEM, afinal ela desabafara, e no entanto a Srta. Silver não se alterara. Agira como se nem ligasse para o que acabara de ouvir. Ela teria que ser cega, surda e completamente idiota para não perceber o fato de que Bill Waring era o centro de tudo no tocante a Ray Fortescue, e essa não a considerava uma pessoa assim obtusa. E não podia saber por que passara, de um modo imperceptível, daquela atitude interrogativa sobre da razão de Lady Dryden tê-la incumbido de uma missão aparentemente fútil a uma ansiedade quase desesperada de que a Srta. Silver fosse a Vineyards. As pessoas retratadas naquelas fotos colocadas em molduras fora de moda, todas sorridentes, poderiam muito bem dizer que tinham passado pela mesma situação ao se verem diante da Srta. Silver.

Ray continuou sentada, analisando aquela curiosa situação. Ela acabara de chorar diante de uma mulher a quem nunca vira até então. Chegara, praticamente, a lhe revelar que amava Bill Waring. E a Srta. Silver continuara imperturbável. Ray não sabia por quê, mas ela não ligara. Podia ter sido pela amabilidade natural e simples da Srta. Silver, seu ar doméstico tanto quanto o ambiente em que vivia e seu jeito de encarar as coisas mais surpreendentes como naturais. Podia ter sido o toque de autoridade familiar que a reconduzia a seus tempos de criança. Podia ter sido aquela roupinha de tricô cor-de-rosa. O fato é que ela não sabia, e não se preocupava com o fato de ter desabafado. E passou a contar a Srta. Silver tudo o que sabia. Isso lhe trouxe a mais extraordinária sensação de alívio. Quando terminou de falar se sentiu

como que frágil, aliviada, relaxada. A Srta. Silver tossiu com muita suavidade e disse de repente:

— E agora, minha querida, nós duas vamos comer alguma coisa. Emma já preparou nosso desjejum. Bolinhos de bacalhau... Ah, você prefere tomar chá ou café?

— Oh, Srta. Silver, não vou conseguir comer agora! A Srta. Silver estava guardando seu trabalho de tricô numa sacola de chita estampada. Disse em um tom bastante incisivo:

— Vai sim, minha querida. E se sentirá muito melhor quando tiver comido alguma coisa. Emoções são sempre exaustivas, e Emma faz uns bolinhos de bacalhau realmente ótimos. E talvez você queira lavar o rosto.

Ray lavou o rosto ainda com os vestígios das lágrimas, o que a fez se sentir bem melhor. Também comeu os bolinhos de bacalhau, algumas torradas e bebeu uma xícara de excelente café. As coisas horríveis que ela estivera a ponto de aceitar perderam algo de seu teor e se tornaram inacreditáveis de novo. Alguém em ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS lhe sugerira que se podia acreditar em duas coisas impossíveis antes do desjejum. Ou seriam três coisas?... Não conseguia se lembrar agora. O que a fazia se sentir perfeitamente segura disso é que era muito mais fácil se acreditar em qualquer número de coisas impossíveis antes do desjejum do que depois. Não parece haver muita chance para elas quando já se comeu uns bolinhos de bacalhau, torradas, e se bebeu café.

A Srta. Silver iria a Vineyards. E ela citou uma bonita frase extraída de um livro, sobre de ser mais importante descobrir a verdade e servir aos propósitos de justiça do que provar a inocência ou a culpa de fulano ou sicrano. E então consultou o horário dos trens, e foi arrumar sua mala após dizer a Ray para telefonar para Lady Dryden.

Foi muito desagradável ouvir a voz de um policial do outro lado do fio. Ray teve que dizer:

— Por favor, posso falar com Lady Dryden? E esperar um bocado antes que fosse atendida. O policial se afastara, o telefone ficara mudo, mas por fim Lady Dryden veio atender. Sua voz soou exatamente como Ray esperara que soasse.

— Às doze e trinta em Emsworth? Minha querida, fale mais alto! Chega mesmo ao meio-dia e meia?.. E ela vem? Qual, nenhuma de vocês, jovens, fala junto ao bocal... Ela está aí?.. Darei um jeito de apanhá-las na estação. E agora, Ray, não desligue! Quero que me ouça com atenção. Haverá um interrogatório preliminar e o funeral, e Lila precisa de roupas de luto. Quanto a mim, não há problema, pois vim para cá com um casaco e uma saia pretos e meu abrigo de pele também é escuro. Mas Lila não tem nada aqui dessa cor. Vou telefonar para o meu apartamento, e Robbins vai preparar uma maleta com as roupas necessárias. Você passa lá e a apanha. Trata-se de um casaco e uma saia pretos, feitos pela Mirabelle... Assegure-se apenas de que Robbins tenha colocado na maleta a blusa branca de crepe da China e não a de cor rosa-concha. E também deve vir o vestido preto de lã, de gola alta e mangas compridas. Servirá para usar à tarde ou à noite. Não sei se iremos usá-lo, mas afinal não se pode ficar à vontade o dia todo de casaco e saia. Oh, e traga aqueles sapatos de camurça preta. Robbins tem tanta facilidade de esquecer das coisas... Acho que é tudo. Posso conseguir luvas pretas para Lila em Emsworth. Então, tem certeza de que guardou tudo na cabeça? Casaco e saia... Blusa branca de crepe da China... Vestido de lã preto... Sapatos de camurça. Ah, e um chapéu, naturalmente. Há um no feitio de tricorne, pequeno e preto, que é meu e pode servir. Esteja atenta para que Robbins não lhe dê o de veludo. Não é adequado ao momento.

Ray desligou, admirada. Não gostava de Lady Dryden, mas apreciava sua eficiência, e Lady Dryden era certamente uma criatura eficiente. Já dispusera tudo sobre a aparência de Lila no inquérito e no funeral de seu noivo exatamente do mesmo modo como tinha organizado os preparativos para o frustrado casamento. Por vezes, Ray já

se perguntara se Lila realmente teria ido adiante com aquela união. E com mais razão ainda se perguntava agora se seria possível à sua prima suportar aquele inquérito e o funeral. Mas se isso fosse humanamente exequível, Lady Dryden iria adiante com seus arranjos, e se asseguraria de que Lila se apresentasse ante todos como uma espécie de viúva desolada.

A Srta. Silver também era eficiente. Sua mala já estava pronta, e um táxi estava parado à porta. Minutos depois já passavam no apartamento de Lady Dryden para recolher das mãos de uma Robbins chorosa e um tanto confusa a mala escura. E chegaram à estação cinco minutos antes do trem partir. Quando esse se pôs em movimento, Ray se sentiu como se estivesse deixando para trás todas as coisas confortáveis do cotidiano que lhe eram familiares e sendo levada para um sonho estranho e intolerável, onde todos os valores eram diferentes e todas as normas absurdas. Só num clima assim Lila e Bill poderiam ser tidos como suspeitos de um assassinato.

O vagão estava cheio de pessoas comuns e agradáveis. O trem se movia como qualquer outro trem comum. A Srta. Silver apanhou a roupinha cor-de-rosa de criança que estava tricotando, e que ela envolvera num grande lenço branco. Ela e Ray ocupavam assentos junto à janela. E a Srta. Silver começou a tricotar rapidamente no estilo europeu, isto é, com as mãos baixas, os olhos inteiramente livres para observar a paisagem que ia desfilando através da janela, ou então os rostos de seus companheiros de viagem. Ela usava um casaco de tecido preto com muitos anos de serviços prestados, e uma gola de pele amarela. Os chinelinhos tinham sido trocados por sapatos resistentes de cordão.

O Detetive Inspetor Frank Abbott da Scotland Yard, a quem Maud Silver várias vezes censurara por suas extravagâncias de linguagem, comentara em certa ocasião que a Srta. Silver tinha apenas um chapéu, e que se esse já não estava com quinze anos de uso, faltava apenas um dia

para tanto... Mas não era o caso. Ela sempre dispusera de dois chapéus, um de palha para o verão e outro, de feltro, para o inverno. Na realidade, Maud Silver geralmente possuía dois modelos de cada, já que a intervalos regulares um novo chapéu era comprado e seu antecessor relegado ao que ela chamaria de seu “segundo melhor”. Todos esses chapéus eram pretos e de um feitio invariável, embora fossem introduzidas variações de acordo com as estações do ano nos enfeites de laços e uns raminhos de flores. O do momento tinha um laço de fita preta de um lado e um raminho formoso de amores-perfeitos e resedás do outro. O laço de fita estava preso ao chapéu por uma fivela cor de azeviche. Os amores-perfeitos eram trespassados por um alfinete de aço de cabelo de aspecto perigoso. Nada poderia se aproximar mais de um lugar-comum confortante. Ninguém poderia se parecer menos com um detetive particular do que ela.

E o trem continuou em marcha.

* * *

Dezenove

LADY DRYDEN recebeu as duas recém-chegadas em Emsworth depois de ter, com êxito, conseguido retirar da garagem um dos três carros de Whitall bem debaixo dos narizes da polícia, de Eric Haile e de um motorista particular de ar extremamente desaprovador. Ela determinou que Ray e as malas ficassem no assento traseiro e instalou a Srta. Silver no banco da frente, a seu lado. Sendo uma excelente motorista, Lady Dryden foi capaz de vencer as ruas estreitas de Emsworth e, ao mesmo tempo, expor à Srta. Silver sua opinião sobre o Sr. Haile.

— Ele pode pensar que se acha em posição de dar ordens, mas é mais do que provável que acabe por descobrir seu equívoco. É o parente mais próximo de Sir Herbert... Na verdade o único que ele tinha. Mas a sua situação no todo ainda é incerta. Havia um testamento recente preparado pelo pobre Herbert às vésperas de se casar com minha sobrinha, e; naturalmente, a sorte do Sr. Haile irá depender de esse testamento ter sido assinado ou não. Se foi, caberá a Lila, é claro, um legado bem substancial, e os testamenteiros cuidarão de todos os detalhes. O Sr. Haile poderá ser um dos executores do testamento anterior ou do novo, ou ainda de ambos, mas até que sua posição fique bem esclarecida, eu diria que seria de bom-tom ele não adotar esses ares de tanta autoridade. Não se pode deixar de imaginar se ele não está a par de mais detalhes sobre essa questão do testamento do que prefere admitir...

A Srta. Silver olhava tranquilamente o movimento do tráfego e deixava que Lady Dryden falasse à vontade. As cidades da zona rural inglesa estão cheias de ruas que podem muito bem ter sido traçadas com uma antevisão profética para confundir os motoristas e restringir seu insensato afã de velocidade. Todas as vias de acesso à Praça do Mercado de Emsworth eram escuras e estreitas. O ângulo formado por uma velha casa muito pitoresca tornava quase impossível contornar a estação ferroviária sem se ter que subir com o carro sobre a calçada. Um chafariz de proporções majestosas e de efeito artístico calamitoso obstruía o acesso ao prédio da prefeitura. Falava-se na construção de um outro acesso há uns trinta anos, mas pelo jeito levaria outros tantos para se concretizar.

A Srta. Silver não estava nervosa no interior do carro, mas sentiu uma leve sensação de alívio quando alcançaram uma estrada mais moderna. Não muito ampla na verdade, mas parecia até bem larga em contraste com o caminho anterior. Maud Silver não tinha nenhuma afeição por casas antigas, que ela corretamente achava serem escuras e de precário sistema de escoamento. No entanto, ela era capaz de olhar com prazer as vilas de pequenas casas que margeavam a estrada, cada uma delas com um jardim bem tratado, com flores outonais onde se viam sálvias, lobélias, cravos e margaridas. Os telhados de telhas coloridas eram uma nota alegre sob o sol da manhã, e ela aprovou mentalmente as cortinas claras que substituíam as agaloadas Nottingham de sua própria geração. Assim que passaram pela última das casas, Lady Dryden disse:

— Eles chamaram a Scotland Yard.

Ray sentiu uma pontada de medo, não sabendo explicar a si mesma o porquê. Soltou um suspiro abafado que ninguém ouviu. Sybil Dryden continuou falando:

— Sir Herbert tinha muitos negócios e interesses centralizados em Londres. Devo dizer que é um alívio para mim ver que essa questão toda

será tratada no mais alto nível. O inspetor aqui de Emsworth tem se mostrado muito polido, e estou certa de que se trata de um ótimo policial, mas, naturalmente, esses policiais do interior não podem ter a mesma experiência dos londrinos. Não tenho nenhuma queixa quanto aos modos do Inspetor Newbury. Ele e o médico da polícia compreenderam logo que Lila estava realmente em estado de choque. O Dr. Everett lhe deu um sedativo e recomendou que de nenhum modo a deixassem sozinha. Ela não estava, é claro, em condições de ser interrogada. E não é de admirar! Eric Haile não permitiu absolutamente que qualquer de nós deixasse o estúdio de Sir Herbert até a chegada da polícia. Imagine só, manter uma moça tão sensível no aposento em que estava o cadáver do noivo assassinado! Ela desmaiou, como pode imaginar... Claro que não sei ainda o que Ray lhe contou.

— Vamos supor que eu nada saiba ainda. Assim, me conte exatamente o que viu e ouviu, Lady Dryden.

Os fatos da noite passada foram então relatados de modo muito claro e sucinto. E deles emergiu uma descrição de Lila Dryden. Uma jovem não muito saudável, aguardando o dia de seu casamento, mas cada vez mais nervosa à medida que tal ocasião se aproximava, cansada com os compromissos sociais, e com a vida febril da capital...

— Assim, nós programamos esse fim de semana no campo para lhe dar um descanso. Ela costumava ter essas crises de sonambulismo quando estava na escola, sabe, e quando isso voltou a ocorrer na última semana eu fiz pé firme e recusei convites para novas festas. Infelizmente, parece que ela saiu de seu quarto ontem à noite, ainda dormindo, e entrou no estúdio onde encontrou o corpo do pobre Herbert. Ela deve ter tocado nele, porque havia sangue em sua mão e no vestido. Felizmente, Adrian Grey a ouviu deixar o quarto e a seguiu. Ele é quem se incumbiu das remodelações da mansão Vineyards, e conhece Lila desde que ela era criança. Percebeu que ela caminhava dormindo e a seguiu, mas Lila deve ter tocado no cadáver antes que ele chegasse ao

estúdio. Pode imaginar o choque que ela teve quando viu o pobre Herbert caído, morto. A Srta. Silver disse:

— Meu Deus! Uma situação verdadeiramente terrível. O Sr. Waring também estava presente, não? A voz de Lady Dryden se tornou dura.

— O Sr. Waring é um moço extremamente obstinado e intrometido. Já recebera um não a seu compromisso com Lila, mas recusou aceitá-lo de minha viva voz. Eu lhe disse que se ele fizesse questão, Lila o veria pela manhã, mas acabou por vir no meio da noite às escondidas para tentar persuadir Lila a fugir em sua companhia. Se ele for encarado como suspeito da morte do pobre Herbert, só tem que culpar a si mesmo por isso. Não estou querendo afirmar que ele tenha tido algo a ver com o crime. Mas quando se consideram as circunstâncias... Sua alegação quanto a um compromisso de noivado inexistente, sua teimosia em impor sua vontade junto a Lila, sua presença no estúdio de Sir Herbert logo após o crime... Bem, aí não causa surpresa que a polícia suspeite dele.

— Ele não foi preso... Ray tentou concluir a frase, mas as palavras lhe faltaram. Ficaram presas em sua garganta, seus lábios estavam tolhidos. E ouviu a Srta. Silver formular a pergunta por ela:

— Ele foi preso, Lady Dryden?

— Não... Ainda não. Acho que aguardam a chegada do pessoal da Scotland Yard. A propósito, talvez seja melhor a senhora não se referir a isso. Dois membros da criadagem de Vineyards são da aldeia, e a chefe das arrumadeiras é de Emsworth. Ela é uma mulher de melhor nível de educação e tem uma prima que é casada com o Inspetor Newbury. Mora num quarto ao lado do deles, e soube pela prima de tudo sobre o assassinato e também que a Scotland Yard fora chamada, antes de vir trabalhar esta manhã. Ela não devia, creio, ter repetido isso... A Srta. Silver disse com firmeza:

— Será melhor não tocar no assunto. Lady Dryden, o que pode me dizer sobre a arma do crime? A Srta. Fortescue me disse que Sir Herbert foi apunhalado.

— Trata-se de um punhal com cabo de marfim. Sir Herbert colecionava peças antigas de marfim. E essa, ao que se supõe, é muito antiga. Esteve mostrando-a para nós na sala de visitas após o jantar. Tinha uma grande coleção desses objetos de marfim, e todos valiosos. O curioso disso é que eles se acham guardados num recinto fora da sala de visitas, com uma porta de aço corrediça protegendo-os. Ele a abriu ontem à noite após o jantar porque o Professor Richardson estava presente e desejava ver o punhal. Os dois mantiveram uma espécie de discussão sobre o mesmo. O professor não parecia pensar que ele fosse tão antigo quanto asseverava Herbert. E se mostrou realmente rude a tal respeito. E então a Sra. Considine, para esfriar os ânimos, sugeriu ouvirmos um pouco de música, e Herbert tornou a guardar aquela arma antiga.

— Ele trancou a porta de aço novamente? Perguntou a Srta. Silver em tom inquiridor.

— Sim. Todos nós ali o vimos repor a arma na prateleira e fechar a porta corrediça. Não há nenhuma dúvida de que a guardou ali. A questão é saber quando a retirou de novo da prateleira, e por quê. Os Considine e o Professor Richardson se retiraram da mansão às dez e meia. Lila e eu dissemos boa-noite e subimos para nossos quartos. Em algum momento entre àquela hora e meia-noite o punhal de marfim foi retirado de novo e Herbert assassinado com ele.

Um par de portões de ferro finamente forjado surgiu diante dos olhos das recém-chegadas. Estavam abertos para a estrada tendo mais atrás uma árvore e maciços de arbustos de cada lado da alameda. Entre as bordas de plantas Lady Dryden fez o carro avançar.

* * *

Vinte

RAY PERCEBEU que não lhe permitiriam ver Lila senão após o almoço. Lady Dryden foi taxativa:

— Você poderá ficar com ela a tarde inteira, se assim desejar. Ela não pode ficar sozinha. Mary Good está agora com ela. É a arrumadeira muito simpática que mora em Emsworth, de quem já lhes falei. O almoço já vai ser servido, e podemos entrar. Se não nos alimentarmos bem, todos nós acabaremos adoecendo e aí não poderemos ajudar em nada.

Almoçaram a seguir, com Ray se esforçando para comer algo. A Srta. Silver fez então uma série de pequenas observações, comuns mas muito sugestivas, sobre a vida no campo. Ray iria se lembrar sempre de um desses comentários, o de ser a zona rural inglesa mais sujeita a ventos fortes e que as mudanças de temperatura eram mais notadas do que na cidade.

Eram cinco à mesa. Eric Haile se sentara na cabeceira. Ao observar seus gestos seguros e seu ar de quem se sentia inteiramente à vontade ali, Ray se lembrou de algo que sua velha ama lhe dissera sobre uma mulher que se dava ares de grande importância: “Ela pensa que o mundo todo lhe pertence”. Ray pensou que a frase assentava bem ao Sr. Haile. Este tratava Marsham com a benévola autoridade de um patrão, e desempenhava o papel de um anfitrião de nobreza nata. Julgava que tudo ali viria a ser seu. As outras duas pessoas à mesa eram o Sr. Grey e a

Srta. Whitaker. Ray já conhecia Adrian Grey e se sentia gratificada por ele estar ali. A Srta. Whitaker era a secretária do falecido Sir Herbert, e constava que estivera visitando uma irmã doente e voltara a Vineyards somente há duas horas atrás. Vestia-se de negro. Tinha olheiras escuras em volta dos olhos que ela mantinha quase semicerrados o tempo todo, impedindo que Ray visse de que cor eram. Falava o mínimo possível, mal tocou na comida durante o almoço, mas bebeu um copo de vinho, que lhe trouxe um pouco de cor ao rosto. Claro que ela devia ter sofrido um grande choque ao voltar e saber que Sir Herbert morrera. E, naturalmente, ela perdera seu emprego. Talvez tivesse dependentes... Quem sabe. Ray se perguntou há quanto tempo ela estaria a serviço de Sir Herbert, e se lhe era afeiçoada. Apenas por um momento Millicent Whitaker ergueu o olhar e Ray pôde notar que seus olhos eram negros, brilhantes e de expressão dura. Um leve arrepio lhe percorreu as costas. Voltou-se então para Adrian Grey. Quando já se retiravam da sala de jantar, Adrian disse em voz baixa a Ray:

— Estou contente que você tenha vindo ver Lila. Depois, assim que se afastaram dos outros no hall, ele acrescentou: — Lady Dryden, a meu ver, não é muito boa para ela. Vai exigir de Lila um grande esforço, e não é disso que ela está precisando. Lila é como uma criança que teve um pesadelo.. Precisa ser acalmada e reconfortada. Ficaram um instante parados olhando um para o outro, e então Ray disse:

— Sim.

Já o conhecia há anos, mas não tão bem como agora. E de repente ela percebeu que o conhecera exatamente como ele era. Grey era o tipo de pessoa com quem podia se construir uma boa e sólida amizade. Ray sentiu que os dois eram realmente amigos. E disse numa voz um tanto trêmula:

— Bill não fez aquilo.

— Estou certo disso.

— Ele poderia ter batido em Sir Herbert... Mas não o mataria.

O sereno “não” dito por Grey foi como uma mão amiga que nos é estendida na escuridão. Ray olhou-o com uma gratidão que revelava o que se passava em seu íntimo, e se voltou para a escada.

— Preciso ver Lila.

— Sim. Mas espere só um minuto. Não sei como ela está, mas é possível que queira me ver. Meu quarto fica bem junto do alto da escada, e eu ali estarei toda a tarde. Vou subir agora com você e lhe mostrarei.

Enquanto subiam juntos, ele disse:

— Ela pode estar pensando que cometeu o crime, e eu sou a única pessoa que pode dizer o contrário, porque a estava seguindo até o estúdio de Herbert.

Quando Ray entrou no quarto de Lila, não conseguiu enxergar nada de imediato. As cortinas estavam cerradas, só deixando passar uma espécie de poeirinha fina tingida pelos tons verde e rosa do tecido estampado. Após apurar a vista por uns instantes, conseguiu ver a cama e alguém ali deitado. Então Mary Good se levantou de uma cadeira e se adiantou, em seu vestido estampado e um avental branco. Sua voz tinha uma agradável sonoridade camponesa.

— É a Srta. Fortescue? Milady me disse que a senhorita viria fazer um pouco de companhia à Srta. Dryden. Não consegui fazê-la comer nada, mas mantive o prato quentinho junto à lareira. Ela devia comer um pouco.

— Verei o que posso fazer, disse Ray. Estava com o olhar fixo no leito, mas não percebeu nenhum movimento ali. Foi até a porta com Mary Good. Mas assim que ia se aproximando de novo da cama, a arrumadeira murmurou:

— Não está com medo de ficar sozinha com ela?

— Com medo?

— Bem, ela parece quieta demais, disse Mary Good.

Ray fechou a porta e se reaproximou da cama. Sentia-se muito zangada com o que acabara de ouvir. Ter medo? De Lila? Então era esse o falatório de cozinha... Lila teria apunhalado Sir Herbert Whitall e devia ser vigiada para que não voltasse a fazer o mesmo com outra pessoa! Qual! Agora já podia enxergar bem na penumbra. Lila estava deitada muito esticada no leito, com o rosto afundado no travesseiro. Nada se podia ver dela claramente exceto uns tufos de cabelo, a cor esmaecida devido à semiescuridão do quarto. Ray pousou a mão no ombro da jovem e disse:

— Lila... Sou eu, Ray. Não vai falar comigo? Houve um leve tremor, que logo cessou. — Lila... Uma mão delicada se moveu e segurou a da visitante. Estava fria.

— Ela já foi?

— Sim.

— Não há ninguém mais aqui... A não ser você?

— Somente eu estou aqui agora. Aquela mão fria premiu a de Ray.

— Tranque a porta...

Quando Ray retornou após dar volta à chave, Lila estava sentada na cama. Tinha posto de lado as cobertas e se sentara muito rígida, as mãos a cada lado do corpo, apertando o colchão. E disse com uma entonação tensa, a voz meio presa:

— Corra a cortina... Não estou podendo ver você direito... Quero vê-la.

Bem, isso já era um bom sinal. Se havia uma coisa que ela mais odiara até ali, era aquela horrível penumbra. Assim, foi com imenso alívio que abriu a cortina da janela mais próxima e deixou entrar a luz do dia e um leve raio de sol. Mas não se achava preparada para o que

aquela claridade repentina iria lhe mostrar. Pensara até ali que conhecia Lila na sua face tanto exterior como íntima, mas a verdade é que nunca a vira como agora. Não era somente sua palidez, ou o fato de parecer muito doente. O cabelo perdera sua tonalidade dourada. E lhe caía sobre os ombros, úmido e embaraçado. E seus olhos estavam fixos, parados, como se vissem algo terrível e não pudessem deixar de olhá-lo. Lila disse:

— Venha cá. E quando Ray se aproximou, ela lhe dirigiu aquele olhar esgazeado e perguntou: — Eu fiz aquilo?

— Claro que não!

— Ele está morto, você já sabe. Herbert está morto. E não sei se fui eu quem o matou. Adrian é a única pessoa que sabe a verdade, mas eles não o deixam vir me ver. Eu quero Adrian.

— Ele está aqui pertinho.. Pode vir falar com você agora mesmo. Está só esperando que eu vá dizer que você quer vê-lo.

— Você não irá deixar que tia Sybil entre? Eu só quero ver Adrian.

— Não deixarei ninguém mais entrar, prometo. Vou sair agora e chamar Adrian.

Foi questão de segundos apenas, já que Adrian estava à espera, com a porta de seu quarto entreaberta. Bastou Ray chegar à porta e já Adrian vinha a seu encontro. Não se ouviu nenhum ruído na casa até eles alcançarem a porta do quarto de Lila. Então soou a voz de Lady Dryden lá no vestíbulo, com sua entonação suavemente polida. Ray podia se lembrar de chamá-la de voz “lustrosa” quando era menina. Depois que Adrian entrou, ela o imitou, fechando a porta à chave a seguir. Lila estava sentada na cama exatamente como há instantes atrás. A mesma postura rígida, tensa. O mesmo olhar parado. Estava fixo em Adrian agora. E ela começou a falar naquela voz estranha, inabitual.

— Herbert está morto. Foi apunhalado, eu vi. Mas não sei se o matei. Eles não podem me dizer nada, pois não sabem o que houve. E eu não consigo me lembrar. Lucy Ashton matou o homem com o qual a

obrigaram a se casar, e eu não consigo me lembrar se matei ou não Herbert. Simplesmente, não consigo me recordar. Você é a única pessoa que pode responder a isso. Fui eu, Adrian?

— Mas claro que não! Ele se sentara ao lado da moça, mas sem tocá-la.

— Tem certeza? Ela insistiu, a voz insegura.

— Plena certeza. Dê-me suas mãos. E me deixe cobri-la com a colcha... Você acabará se resfriando. A camisola clara estava escorregando um pouco de seus ombros. O cabelo emaranhado caía sobre eles. Ela continuou olhando fixamente para Adrian Grey.

— Tem certeza?

— Claro que sim. Agora, ouça! Você estava caminhando dormindo. Eu a ouvi sair de seu quarto e a segui até lá embaixo. Você entrou no estúdio. O pobre Herbert já estava caído, morto, antes de você entrar. Fixe sua atenção nisso: ele estava ali caído, morto, antes que você saísse de seu quarto e descesse as escadas. Estive seguindo-a o tempo todo, e ele já estava morto antes que qualquer um de nós dois entrasse no estúdio. Um estremecimento sacudiu os ombros de Lila.

— Eu acordei... E ali estava ele, morto. E minha mão direita tinta de sangue.

— Sim, eu sei. Você deve ter tocado no corpo. Lila moveu a cabeça com um estranho gesto tenso.

— Eu não faria isso... Eu não tocaria nele. Eu detestava que ele me tocasse. E aquele estremecimento voltou a acometê-la.

— Lembre-se de que estava caminhando dormindo... Você não sabia o que estava fazendo.

— Não tocaria em Herbert, repetiu, se inclinando na direção de Adrian, afastando uma das mãos do leito e mostrando-a. — Ela estava toda manchada de sangue. Como foi que ficou assim? Eu não tocaria nele... Mesmo estando num estado de sonambulismo.

Debaixo daquele aparente autocontrole e serenidade, Adrian Grey se sentia inquieto. De que espécie de crime Sybil Dryden se preparara para participar, e que tipo de crime ela se dispusera a justificar? Se

Herbert Whitall não estivesse morto agora, eles estariam prontos a defender Lila assim que aquela criança o desposasse. E ele disse numa voz forte e cheia de efusão:

— Há muitas coisas que nós desconhecemos, mas pode estar certa de que você nada teve a ver com a morte de Herbert. Pode estar certa disso inteiramente.

— Posso mesmo?

— Sim. Ele já devia estar morto antes de você descer a escada. Segurou a mão que Lila estendera há instantes, apertando-a com firmeza. Imediatamente ela lhe estendeu a outra mão. Estava um pouco trêmula. E então, disse num tom de surpresa:

— Estou com frio, e Adrian a cobriu com o edredom e ajustou os travesseiros. Ray se aproximou da cama segurando a tigela de sopa que mantivera aquecida perto da lareira.

— Isto irá aquecê-la, querida.

— Será?

Sua voz mudara. A tensão desaparecera. Era reconfortante sentir o braço de Adrian em torno de sua cintura e se encostar no ombro dele. Tomou o caldo e comeu um pouco do suflê de galinha que a Sra. Marsham mandara trazer. Sentiu-se aquecida e bem alimentada, e aquela horrível sensação de não ser capaz de recordar desaparecera. Afinal de contas, ela nada fizera de terrível. Adrian lhe assegurava isso. Uma agradável sonolência começou a invadi-la. Quando Adrian a fez recostar a cabeça no travesseiro e aconchegou-a no edredom, ela abriu os olhos por um instante e murmurou:

— Não quero que tia Sybil venha aqui.

— Ela não virá se você estiver dormindo. Mas não há nada de que ter medo, você sabe. Meio adormecida e sorrindo, Lila expressou o pensamento que se alojara em sua mente:

— Não há nada a temer... Ela não pode mais me forçar a casar com Herbert...

Vinte e Um

A SRTA. SILVER passou uma tarde de certo modo proveitosa. Ao contrário de tantas outras casas de campo, Vineyards dispunha de um sistema de aquecimento moderno que mantinha todo o interior da mansão numa temperatura bastante agradável. A sala de visitas, tão espaçosa e tão proporcional, certamente se tornaria muito fria sem calefação adequada. A Srta. Silver pôde desfrutar daquela temperatura reconfortante, sentada num canto do sofá, retomando o casquinho de tricô que estava fazendo para a pequena Josephine, enquanto estimulava habilmente Lady Dryden a falar. E obteve, assim, muitas informações sobre tudo e sobre todos que se achavam em Vineyards. Conheceu a história de Lila a partir da época em que seus jovens pais “imprevidentes” tinham perdido a vida num acidente de carro...

— E não sei o que teria sido de Lila, se meu marido não tivesse olhado por ela. Os pais dela e meu marido eram primos muito distantes, e ele não tinha obrigação alguma de ajudá-la. Mas então John era um viúvo sem filhos, e Lila uma criancinha muito bonita. Não houve uma adoção estritamente legal, na realidade, mas ele a tratava como se ela fosse sua própria filha. Os homens são muito mais sentimentais que as mulheres... Não acha? Gosto de Lila, é claro, mas não poderia sentir por ela o mesmo que sentiria por uma filha minha. Eu e John nos casamos somente algum tempo depois. Ele na realidade era muito condescendente com Lila e a mimou muito. Tenho feito o melhor que posso para minimizar os efeitos desses mimos, mas na verdade o que conta mais são aqueles anos. O casamento de Lila com Whitall teria sido

muito bom para ela nesse sentido... Um homem mais velho do que ela, no qual poderia se apoiar e desfrutar de uma segurança completa no que se refere à questão econômica. Nunca conheci ninguém menos preparado para enfrentar os problemas do dia-a-dia do que Lila. A Srta. Silver emitiu sua primeira tossezinha, como uma branda maneira de atalhar observações meio indelicadas.

— Ela não dispunha de recursos? Lady Dryden fez um gesto de impaciência.

— Seus pais não tinham praticamente nada. Creio que meu marido teve que pagar de seu bolso inúmeras dívidas por eles contraídas. Eram muito gastadores. Ele mesmo tinha seus encargos e não podia fazer mais do que fez. Meus rendimentos pessoais também não são mais o que eram. A Srta. Silver puxou, pensativamente, o fio do novelo de lã.

— Então a senhora estava muito satisfeita com o casamento que Lila iria fazer?

— Na verdade, sim.

— E a Srta. Lila? Lady Dryden se empertigou um pouco antes de responder:

— Ah... Já vi que esteve conversando com Ray. Não deve realmente acreditar em todas as coisas irrefletidas que ela diz. Só porque eu não desejo que Lila faça um casamento extremamente insensato com um rapaz que não se acha em condições de sustentá-la, ela não hesita em me descrever como o tipo da madrasta cruel. As moças costumam ter essas ideias romanescas. Mas quando conhecer Lila, creio que concordará comigo que seria a coisa mais desapiedada deste mundo deixar que ela se tornasse a esposa de um homem pobre. Enquanto as agulhas de tricô se tocavam e o casaquinho cor-de-rosa era movido, a Srta. Silver admitiu que o romantismo nem sempre era viável.

— Na vida diária se requer uma boa dose de coragem e altruísmo para que o amor perdure. Lady Dryden pensou que aquilo era o tipo de coisa à qual não havia nada a responder. Achou que não tinha um significado especial. E disse:

— Oh, sim, de modo maquinal e passou a falar sobre Eric Haile.
— É uma dessas pessoas cativantes que costumam gastar mais do que

realmente ganham. Ainda que eu não saiba, como de resto todos os outros, quanto ele ganha realmente. Ficaria até surpresa se ele mesmo soubesse a quanto vão seus rendimentos... Desconfio que Herbert o ajudava bastante financeiramente.

— Ele estava hospedado aqui?

— Somente passou a noite nesta casa. Tem o que ele mesmo chama de cottage, que fica do outro lado da aldeia. Eric escreve livros de mexericos sobre a vida particular de certas pessoas da sociedade. Depois de mortos, naturalmente, porque aí não lhe moverão nenhum processo. A Srta. Silver perguntou suavemente:

— A senhora não gosta dele? Ao que Lady Dryden retrucou, olhando-a do alto de seu nariz.

— Nada tenho contra ele, socialmente falando. Pode se mostrar muito capaz de entreter as pessoas. No momento acho, porém, que ele está se arrogando muitos direitos e responsabilidades... E isso não me agrada. Não é correto que, estando Lila ainda presente nesta casa, e Herbert morto ainda ontem, Eric Haile se comporte como se tudo aqui lhe pertencesse.

— Não será possível que ele seja o herdeiro real desses bens, Lady Dryden?

— Não pode ser. Herbert me contou há uma semana atrás que iria assinar seu novo testamento.

— E mencionou quando?

— Dentro de um dia ou dois... Pelo menos foi o que depreendi.

— E o Sr. Haile tem conhecimento disso?

— Não sei. Herbert pode ter lhe dito, ou não. Mas uma coisa eu lhe digo: os dois tiveram uma conversa a sós pouco antes do jantar, ontem à noite. Herbert me contara que, a seu ver, seu primo contava lhe pedir algum dinheiro emprestado. E quando eu observei que a conversa entre eles poderia ser mais agradável do que ele supunha, Herbert riu e disse: “Guarde esses seus votos otimistas para Eric. Ele irá precisar disso”. Ao que a Srta. Silver exclamou:

— Meu Deus! Um toque de complacência flutuou na voz de Lady Dryden quando ela prosseguiu:

— Eu disse a Herbert que aquilo soava de modo vingativo. E ele replicou que seu feitiço era esse mesmo, e repetiu a palavra “vingativo”. Assim, não acho que a conversa entre eles tenha sido agradável, ou que o Sr. Haile possa tê-la achado a seu gosto. A Srta. Silver estava com ar pensativo.

— E o Sr. Haile parecia nervoso quando os dois se apresentaram para o jantar?

— Oh, não. Mas não daria para se notar... Eric nunca deixa suas emoções transparecerem. Ele tem essa habilidade social: não importa o que o esteja preocupando no momento, nunca deixa que os outros percebam nada. Não importa o que seja! A Srta. Silver olhou a outra por cima de seu trabalho de tricô, com uma expressão muito séria.

— Que quer dizer exatamente com isso, Lady Dryden? Sybil Dryden se ergueu da cadeira e deu alguns passos até a lareira, colocando mais uma acha de lenha no fogo. Ficou de costas para a Srta. Silver. Todos os seus movimentos eram elegantes e controlados. E disse:

— Como? Oh, apenas o que acabei de dizer. Sempre falo assim. Voltou a se sentar após ajeitar uma almofada às suas costas, e continuou a falar em tom suave. — Acho que devo dizer algo agora sobre a Srta. Whitaker.

Pouco antes do chá, Eric Haile entrou na sala. Lady Dryden disse então que precisava subir e ver como Lila estava passando. Tendo permanecido cortesmente de pé até vê-la deixar a sala, o Sr. Haile se sentou então na cadeira que ficara vaga e passou a fazer sala à Srta. Silver, com ar gentil. Após conversar sobre alguns assuntos comuns, ele disse com um sorriso:

— Mulher encantadora, Lady Dryden. Infelizmente, ela não gosta de mim.

A Srta. Silver se perguntou o que viria a seguir. Mantinha um olhar discretamente observador e continuava a tricotar. Houve uma curta

pausa, como se Eric Haile estivesse esperando que ela fizesse algum comentário. Então, prosseguiu:

— Sei que não irá me julgar indelicado se lhe disser que não compreendo na qualidade de quê a senhorita está aqui. Naturalmente qualquer pessoa amiga que Lady Dryden considere que vá reconfortá-la e assisti-la ou àquela pobre jovem no transe atual será bem-vinda a esta casa. São amigas de longa data?

— Não, Sr. Haile.

— Então se trata de um atendimento profissional? Lady Dryden mencionou que a senhorita colaborou para a recuperação das pérolas roubadas de Lady Urtingham.

— Sim, Sr. Haile. Ele se permitiu esboçar um olhar meio surpreso.

— Mas no caso presente não ocorreu nenhum roubo. Nada desapareceu... Não há nenhuma pérola a ser recuperada. E a Srta. Silver voltou a dizer:

— Não, Sr. Haile.

Se ela estava intimamente aborrecida, isso não interferiu em nada com o avanço das carreiras produzido pelas agulhas de tricô. Continuou a tricotar, suave e rapidamente, e a olhar para seu interlocutor de um modo gentilmente expectante. Eric Haile não conseguiu saber se ela estava procedendo assim deliberadamente. Se estivesse, então ela era sagaz, e ele devia ser cauteloso. Caso contrário... Bem, seria fácil manobrá-la, e poderia seguir adiante. Achou que devia prosseguir no assunto... Mas de modo mais precavido, é claro. Olhou-a com muita franqueza de expressão e riu.

— O que estou tentando dizer é que, embora me sinta encantado de tê-la aqui, gostaria de saber se a sua visita tem um caráter profissional. A Srta. Silver tossiu de leve, com ar amável.

— Pode encará-la desse modo, Sr. Haile.

— Então... Se não me leva a mal, o que exatamente espera fazer? Maud Silver tricotou em silêncio por uns instantes antes de responder:

— O senhor se referiu há pouco às pérolas de Lady Urtingham, e disse que no caso presente nada foi escamoteado. Pois não posso concordar com o senhor.

— Deveras? Olhou-a fixamente, intrigado. — E o que supõe que está faltando neste caso?

— A verdade, Sr. Haile. A frase foi dita com tanta simplicidade que lhe deu vontade de rir. Mas se permitiu sorrir apenas, com ar indulgente.

— Bem, bem, esse é um modo de encarar o caso, naturalmente. Mas com respeito à morte de meu primo, não creio realmente que tenhamos de procurar muito para descobrir a verdade a que a senhorita se refere. Acho que não pode haver dúvidas de que ele foi morto por Lila Dryden. Lady Dryden não quer admiti-lo, é claro, mas os fatos falam por si mesmos. Fatos esses não muito recomendáveis, receio. Sybil Dryden estava forçando essa infeliz moça a fazer o que ela considerava um casamento muito vantajoso. Já esteve com Lila Dryden?

— Ainda não. Eric Haile ergueu uma das mãos vivamente, dizendo:

— Uma criatura adorável... Nada sofisticada, mas mentalmente uma criança. Bastaria apenas vê-la junto a meu primo para perceber a intensa ojeriza física que ela sentia por ele. No meu modo de pensar, a ideia de tal união era iníqua. Então, na noite passada, Herbert nos mostrou aquele punhal de cabo de marfim, e houve muita conversa na ocasião a respeito de quão antigo seria, e de quantas pessoas já deviam ter sido mortas com ele. Todos dizem que ele guardou a arma depois... Há um recanto ali, oculto por aquela cortina, como vê, e a porta corrediça que o protege é de aço... Mas eu não posso afirmar que ele realmente tenha voltado a guardar o punhal ali. No momento estava escolhendo alguns discos no estúdio de Herbert e tive sorte de encontrar a gravação que a Sra. Considine solicitara ouvir, a de John McCormack interpretando trechos da Lúcia di Lammermoor. Ela não só pediu para que eu o colocasse na vitrola, como nos fez um resumo do libreto da ópera, que foi, naturalmente, extraído de A noiva de Lammermoor, de Walter Scott. Suponho que se lembre de que Lucy Ashton apunhalou seu

noivo, com o qual fora obrigada a se casar, em plena noite de núpcias. A Srta. Silver inclinou a cabeça assentindo.

— Uma história muito dolorosa. A entonação usada por Eric Haile traía um toque de condescendência.

— Acho que a maioria dos libretos operísticos são desse tipo. Mas o momento foi muito mal escolhido para se falar sobre Lucy Ashton... Tive a impressão de que Lila estava prestes a desmaiar. Todos ali puderam notar que aquela história a perturbava. A meu ver, não há dúvida de que mais tarde ela se pôs a caminhar dormindo e foi apanhar o punhal. Se ela estava adormecida ainda quando apunhalou o pobre Herbert, isso nós não temos meios de saber. Se ela acordou de repente percebendo que ele a acariciava ou a amparava, a meu ver algo sério pode ter acontecido. Não tenho a menor dúvida de que foi assim que meu primo encontrou a morte. Lila não era, é claro, responsável pelos seus atos, na ocasião do crime, e nenhum júri irá negar isso. Mas Lady Dryden simplesmente se recusa a encarar os fatos ao procurar encontrar uma outra explicação. A Srta. Silver olhava para seu tricô. Podia estar contando as carreiras, ou não. Após um curto instante, ela disse:

— Como expôs bem os fatos, Sr. Haile! E de modo muito interessante.

Lady Dryden tornara a entrar na sala quando a Srta. Silver disse aquelas palavras. Sua pose autoritária estava um pouco mais acentuada do que habitualmente. Ninguém, ao vê-la ali, teria imaginado que ela se vira forçada a reconhecer uma derrota. Numa questão de pequena importância, é verdade, mas Sybil Dryden não estava acostumada a ver suas vontades contrariadas. E logo por Ray Fortescue! Ela iria ter uma conversinha depois com Ray, mas no momento, naturalmente, era impossível, pois haveria o risco de Lila ter uma recaída. Como Eric Haile, Ray estava tomando para si muitas responsabilidades. Ela subira há pouco até o quarto de sua sobrinha encontrando as cortinas já corridas e Lila sentada no sofá com uma expressão muito risonha, na sua bata azul-claro, as mãos levemente seguras por Adrian Grey. E tudo que Ray se limitou a dizer foi:

— Pensamos que seria bom tomarmos o chá aqui, com Lila. Eu falei com ela sobre a Srta. Silver, que talvez gostasse de se reunir a nós também para o chá.

Isso deixara Sybil Dryden sem condições de dizer nada. Simplesmente não poderia se arriscar a perturbar Lila, e Ray sabia disso. Mas teriam uma conversinha, as duas, depois. Lady Dryden sabia como fazer das tripas coração. E estava aplicando isso agora, e em grande estilo.

— Lila passou por um sono repousante e parece ter voltado ao seu natural. Vim perguntar, Srta. Silver, se gostaria de tomar chá com Lila e Ray.

* * *

Vinte e Dois

O DETETIVE INSPETOR Frank Abbott e o Inspetor Newbury chegaram juntos de carro à Mansão Vineyards logo após as cinco da tarde. Esfriara e a umidade do ar começara a se acentuar. Assim, o interior da casa lhes resultou agradavelmente aquecido.

Ao se pôr de lado após abrir a porta e fazer os visitantes entrarem, Marsham pestanejou um tanto surpreso. De acordo com seus padrões de adequação profissional, o inspetor da Scotland Yard se parecia muito mais com um ilustre convidado do que com um policial. Mesmo que ainda estivesse a serviço do Conde de Drumble, seu ex-patrão, ele teria deixado entrar, sem hesitar, em qualquer reunião social, aquele moço alto e distinto, que usava boas roupas com o corte de um dos melhores alfaiates londrinos. E o inspetor se comportava dentro daquele terno e do sobretudo como um cavalheiro que sabe estar usando o que melhor lhe convém. Lady Dryden, que estava descendo a escada, colheu a mesma impressão, conquanto não analisasse as coisas da mesma forma que Marsham. Por um momento se perguntou quem seria aquele moço de aparência distinta, mas logo denotou um ar de surpresa e aborrecimento quando soube se tratar do Detetive Inspetor Abbott da Scotland Yard.

— Um exemplar da nova Escola de Polícia de Londres, imagino, foi o que comentou com Adrian Grey, que a acompanhara ao ouvir passos no vestíbulo. Adrian concordou com o comentário. Mas teve

apenas uma rápida visão dos dois policiais quando eles passaram do vestíbulo para o estúdio do falecido Sir Herbert.

— Como disse mesmo que ele se chama? Adrian tinha ideia de já haver visto aquela figura alta, esguia e com aquele cabelo lustroso sobre a nuca.

— Abbott, disse Lady Dryden, mas pronunciando o nome como se esse fosse ofensivo para ela. — Detetive-Inspetor Abbott. Adrian se sentiu um tanto divertido. Mesmo em ocasiões como aquela, Sybil Dryden despertava seu senso de humor. E condescendeu em alimentar esse humor.

— Então é Frank Abbott... Ele se relaciona com todo mundo da Inglaterra, e já o conheço pessoalmente. Bem que reconheci aquele cabelo tão bem alisado. Ele dá a impressão de que se manteve numa câmara de congelamento desde os tempos da Arca de Noé, mas creio que isso é mais uma pose. Sua avó era Lady Evelyn Abbott, uma ilustre megera em sua época. Ela brigou com seu pai e excluiu Frank de seu testamento quando ele ingressou na polícia. A herança toda foi para uma de suas netas.

— Oh, e tinha muito dinheiro?

— Uma dessas fortunas obtidas a golpes de sorte.

A Srta. Silver, ao descer as escadas cerca de meia hora depois, viu um homem baixinho, muito vivaz, que estava concedendo uma atenção forçada aos comentários tecidos por Lady Dryden sobre da saúde de sua sobrinha. Maud Silver captou a frase: “Extremamente sensível, própria de uma criança” e não encontrou nenhuma dificuldade em concluir que aquele homem era o Dr. Everett, o médico-legista. Assim que passou pelos dois, ele já punha o pé com ar determinado sobre o primeiro degrau da escada.

— Bem, então devo subir agora e examiná-la. Haverá alguém em cima com ela, portanto não necessito incomodar a senhora.

— Mas, Dr. Everett...

— Ouça, Lady Dryden, insistir nisso não irá servir de nada e a senhora não irá ajudá-la e a si mesma. Se a Srta. Lila está em condições de ser interrogada, muito bem; senão, eu lhe direi. Não espera que eu emita meu diagnóstico me baseando na opinião da senhora ou de alguém mais. E acredite no que lhe digo, se de algum modo ela se acha bem será melhor se livrar logo do interrogatório policial; assim, subirei agora. E uniu a ação às palavras, subindo com rapidez.

Lady Dryden ficou parada onde estava, o rubor da irritação em seu rosto. A Srta. Silver tossiu levemente como se a avisasse que estava ali.

— Esses inquéritos são penosos, mas têm que ser levados a termo. Compreenda que não é sensato se opor a eles. Pelo que depreendi do que ouvi agora, o inspetor está aqui.

— Dois deles, retrucou Lady Dryden. — Há um homem da Scotland Yard com o Inspetor Newbury. A Srta. Silver fitou-a visivelmente interessada.

— Realmente? Posso saber seu nome?

— Creio que é Abbott. Ao que a Srta. Silver disse com uma entonação que denotava agrado.

— É mesmo? Que ótimo. Trata-se de um oficial de polícia competente. E um bom amigo meu. O Dr. Everett surgiu no alto da escada e começou a descer com passos rápidos.

— Foi uma melhora surpreendente. E é muito inteligente a moça que está lhe fazendo companhia. Uma jovem muito simpática e de bom nível intelectual, equilibrada. A melhor companhia que se poderia desejar para a Srta. Dryden, que está perfeitamente em condições de prestar depoimento. Claro que não é obrigada a fazê-lo. Eu lhe disse isso, com toda a sinceridade. Ela está em seu pleno direito de recusar, ou de silenciar até que possa consultar seu advogado. Mas terá que receber os inspetores e falar diretamente com eles. Irei avisá-los agora. E se dirigiu rapidamente ao estúdio.

A Srta. Silver ponderou sobre como deveria proceder. Não tinha nenhuma intenção de ser importuna, ou de se imiscuir no trabalho de Frank Abbott. Não demoraria e logo alguém faria menção à sua presença em Vineyards. Nesse meio tempo, ela já obtivera um bom número de informações numa conversa de meia hora com Lila Dryden e Adrian Grey, para não mencionar a conversa que mantivera no início da tarde com Lady Dryden e o Sr. Haile. Achou que já colhera um bom material para suas deduções, e que seria mais agradável agora acabar de tricotar o casaquinho da pequena Josephine. E se dirigiu à sala de visitas.

Não tinham decorrido nem cinco minutos, contudo, quando Lady Dryden, com uma expressão de raiva surda, entrou naquela sala. Não lhe tinham permitido presenciar o interrogatório de Lila, e tinha fortes desconfianças de que o Dr. Everett influíra para essa recusa. Sentiu-se aliviada após fazer umas observações bem ferinas, e por fim caiu num estado de frio ressentimento. Pela primeira vez em sua vida se via em confronto com circunstâncias que ela não podia controlar e pessoas que não podia manobrar. A plena estrutura da lei, tida, como sempre a encaramos, como obviamente assegurada, emergia como um fator que não podia ser alterado ou desviado de seus propósitos. Ao invés de uma salvaguarda isso se tornara uma ameaça, o que Lady Dryden sabia e temia. Sentou-se fitando as chamas da lareira e ficou em silêncio.

Lá em cima, em seu quarto, Lila estava suportando o interrogatório com perfeita calma. Desde que Adrian tinha certeza de que ela não matara Herbert, estava tudo bem. O imenso alívio de saber que ninguém iria forçá-la a se casar com alguém que detestava suplantara tudo o mais. O Inspetor Newbury e o Detetive Inspetor Abbott se sentaram lado a lado e lhe formularam um grande número de perguntas. Pôde responder a algumas, e a outras não. Quando não sabia o que responder, ela o dizia. Não era nada realmente assustador.

— Por que desceu as escadas ontem à noite, Srta. Dryden?

— Não sei. Adrian diz que eu o fiz ainda dormindo.

— Foi o que ele lhe aconselhou a declarar? Os olhos azuis de Lila se arregalaram. Eram muito bonitos seus olhos.

— Oh, não... Ele me viu. O Inspetor Newbury cedeu a vez ao inspetor vindo de Londres.

— Desceu para se encontrar com o Sr. Waring?

— Oh, não. Eu ia esperar para falar com ele na manhã seguinte.

— Ele lhe escreveu pedindo para que o encontrasse aqui? Lila olhou meio aflita para o policial.

— Oh, sim. E eu não sabia o que fazer. Pensei bastante, e senti que não poderia descer... Tudo estava tão deserto, todos já recolhidos em seus quartos, dormindo... Exceto talvez, pensei então, Herbert, que ainda podia estar de pé... E se eu descesse... A cor sumiu de seu rosto e ela sussurrou: — Eu não podia descer.

— Estava com medo dele?

— Oh, sim. Um calafrio lhe percorreu o corpo. — Terrivelmente.

— Então por que acabou descendo?

Ray estava de pé atrás do sofá. O jovem inspetor, com o cabelo liso, polido como um espelho, e olhos azuis frios, estava tentando pegar Lila em contradição. Teve que contrair os lábios com força para não expressar sua revolta. Mas não havia necessidade de se zangar assim. Lila não iria cair em contradição, pois estava falando a verdade. Lila encarou o inspetor e disse:

— Mas eu não descí... Pelo menos não pretendia fazê-lo. Fazia frio; assim, me sentei neste mesmo sofá e coloquei o edredom sobre os ombros. Tinha que decidir se iria descer ou não, e pensei que não deveria fazê-lo. Achei que se não descesse, Bill voltaria no dia seguinte e aí seria bem melhor. E então eu devo ter adormecido. Eu não pretendia descer... Realmente não.

— Sabe que desceu apesar disso?

— Eu não sabia o que estava fazendo.

— Sabe que foi até o estúdio? Os olhos azuis pareceram se arregalar de novo.

— Só sei que despertei ali.

— Prossiga, Srta. Dryden.

— Herbert estava morto..

— Como soube que ele estava morto?

— Pensei que estava..

— E o que a fez pensar assim? Lila disse:

— O sangue, numa voz sussurrante. — Na minha mão... E no meu vestido..

— E isso a levou a pensar que Sir Herbert estava morto? Achou que o tinha matado? Lila moveu a cabeça numa negativa.

— Não pensei em nada... Aquilo tudo era terrível demais. Adrian estava ali e ele diz que eu não matei Herbert. Afirma que se achava atrás de mim na ocasião.

— Sonha enquanto caminha dormindo?

— Oh, não... Não sonho. Pelo menos não me lembro de ter sonhado.

— Costuma ter essas crises de sonambulismo?

— Costumava caminhar dormindo quando estava na escola.

— E depois?

— Tia Sybil disse que eu fui dar no porão certa noite da semana passada. Eu simplesmente não sei se fiz isso.

— E não se lembra de ter sonhado na noite passada? Lila fez que não com a cabeça.

— Não... Simplesmente acordei no estúdio. E Adrian estava lá.

* * *

Vinte e Três

QUARENTA E CINCO minutos depois, ao passar pelo hall, a Srta. Silver percebeu que Adrian Grey vinha saindo do corredor que levava ao estúdio. Ele não estava sozinho, acompanhava-o o Detetive Inspetor Abbott. Maud estava prestes a subir a escada, mas parou e aguardou os dois homens com o rosto sorridente e uma mão já estendida. Frank Abbott apertou a mão que lhe era estendida e retribuiu o sorriso. Adrian Grey já se referira à presença da Srta. Silver naquela casa, assim ele não foi colhido pela surpresa ao ver ali aquela senhora a quem, em momentos de mais expansividade, se referia como a “Venerável Preceptora”. Afora esses pequenos gracejos, havia entre ambos uma profunda amizade, e da parte de Frank, também o mais sincero respeito. Como sempre fazia na presença de estranhos, ela se dirigiu a Frank de modo algo formal:

— Inspetor Abbott... É realmente uma satisfação revê-lo! Por seu turno, Frank foi igualmente cerimonioso.

— Minha cara Srta. Silver! Grey me disse que estava aqui. Talvez possamos ter uma conversa... Se puder me conceder um pouco de seu tempo. Adrian se afastou, e eles ficaram a sós. A Srta. Silver tossiu de leve.

— Seria agradável ter essa oportunidade. Frank se desfez de sua atitude formal, retrucando:

— Então venha conosco ao estúdio e me dê um panorama dos fatos verdadeiros e as informações precisas sobre as coisas e as pessoas. Maud Silver exclamou:

— Meu caro Frank! Mas com um toque indulgente na voz. Seguiram lado a lado pelo corredor e chegaram ao estúdio.

Ali não restara nenhum vestígio da recente tragédia. O corpo de Herbert Whittall fora removido há várias horas. O fotógrafo e o perito em impressões digitais já tinham cumprido sua tarefa. O aposento fora arrumado. A luz que iluminara à noite a chocante cena do crime agora não revelava nenhum indício da mesma. Não havia sequer uma mancha sobre o tapete de tons escuros para indicar onde o punhal de marfim tinha escorregado da mão manchada de sangue de Lila Dryden... Se de fato a arma assim caíra. O sofá no qual Adrian Grey deitara a jovem desmaiada permanecia em sua posição costumeira no sentido da lareira. Na grade, a cinza ainda quente produzia um calorzinho agradável. A Srta. Silver se sentou no sofá, não muito perto da lareira, porque a temperatura naquele aposento já era realmente muito reconfortante, enquanto Frank Abbott se sentava numa atitude displicente no braço de uma das grandes poltronas. Quando Maud abriu sua sacola de tricô, dela retirando o casaquinho da pequena Josephine e uma agulha de crochê, Frank se viu olhando-a com um sorriso divertido.

— Grey me disse que você chegou aqui à uma da tarde. Portanto, já deve estar a par de tudo. O que pode me contar? Maud puxou um novelo de lã rosa-claro e começou a fazer os remates da gola do casaquinho, com uma franja de crochê.

— Meu querido Frank, às vezes você fala de um modo muito tolo. Ele riu.

— Bem, eu gostaria de saber quem cometeu esse crime. Foi a encantadora Lila?

— Não creio.

— Nem eu também. Mas, se não fosse por um elemento de extraordinária sorte, eu diria que nove entre dez jurados dificilmente dariam o veredicto de inocência nesse caso... A menos que, fascinados pela figura dessa jovem, não acabassem por se ater às provas. Estou apenas no plano das conjecturas, compreenda. Suponho que já esteja a

par da cena desenrolada na sala de visitas na noite passada... A velha gravação de trechos da Lúcia di Lammermoor interpretados por John McCormack e o resumo da referida ópera que foi contado pela Sra. Considine... Especialmente a cena em que a infeliz Lúcia enlouquece e apunhala o noivo. Soube disso por Haile, que diz ter Lila Dryden se mostrado bastante impressionada com o relato. Apurei que ela não gostava de seu noivo, tanto como Lucy Ashton não gostava do seu. Grey tentou atenuar essa impressão, mas podemos imaginar o que a promotoria faria com uma história dessas à mão. Bem, os convidados se retiraram às dez e meia. Todos os moradores da casa subiram para seus aposentos, exceto Whitall, que tinha o hábito de se recolher mais tarde. Por volta de meia-noite, Lila Dryden desce, presumivelmente, para se encontrar com o devotado Bill Waring. Um bilhete dele urgindo-a a fugir de casa em sua companhia foi encontrado no quarto de Lila Dryden. Por algum motivo ela vem a abrir a porta de vidro do estúdio em vez da janela do outro aposento indicado no bilhete de Bill, o qual, eu soube, é chamado de Sala Azul. Não tenho ideia do motivo pelo qual ela agiu assim, mas o fato é que o fez. Vê-se, então, surpreendida por Herbert Whitall. Ao se voltar deixando de olhar pela janela, o vê, pega o punhal que estaria, nessa hipótese, sobre a mesa de trabalho de Sir Whitall e o apunhala. Por sorte ou por azar, atinge-o num ponto vital do corpo. Ele cambaleia e cai. O punhal escapa da mão de Lila Dryden, salpicando de sangue seu vestido. Então o Sr. Waring, já cansado de esperar fora da casa, no terraço, vê a luz acesa no interior do estúdio, verifica que a porta está entreaberta, e entra. Praticamente no mesmo momento o Sr. Adrian Grey entra no estúdio pela porta que dá para o corredor, e que se achava aberta. Ele e Bill Waring se veem então e ambos observam Lila Dryden. Ela desmaia. Adrian Grey se apressa a ampará-la, leva-a para o sofá... E a esse propósito é algo significativo que Lila Dryden se aninhasse em seus braços e não nos de Bill Waring. Ao que a Srta. Silver observou com ar muito sério:

— Ele já a conhece há anos e é um bom amigo.

— Foi o que todos me disseram. Bem, ele a coloca no sofá, e mantém então com Bill uma curta e dramática conversa, que os deixa

tão absorvidos a ponto de não notarem que a porta fora aberta. Dessa vez é o Sr. Haile quem se intromete no local, mas não de todo indiscreto. Ele fica parado à escuta. E aqui está o resumo do que ele ouviu. Abbott abriu uma valise tipo executivo que tinha deixado sobre uma cadeira, retirou uma folha de papel datilografada, e passou a ler em voz alta: “Waring disse: — Vim aqui para levá-la comigo. Já lhe pedira para que se encontrasse comigo. Eu ficaria do lado de fora sob a janela do aposento à esquerda do vestíbulo. E Grey perguntou então: — Então por que você está aqui agora? E Waring retrucou: — Ela não apareceu. Achei então que devia contornar a casa. Aí vi uma luz... E vi Lila aqui dentro. A porta-janela estava aberta. E Grey perguntou: — Tem certeza de que não o matou? E Waring exclamou: — Por Deus, não! Ele já estava morto. Lila estava ali parada como você a viu, com a mão tinta de sangue. Depois disso eles passaram a falar sobre o que iriam fazer. O vestido da jovem estava manchado de sangue. Seria difícil tirar aquelas manchas, e se destruíssem o vestido dariam pela falta dele. Grey disse a Waring que saísse imediatamente e voltasse para a cidade. Caso ficasse ali, comprometeria Lila. E aí Grey explicou que iria declarar ter ouvido Lila sair de seu quarto e então a seguira, descendo também a escada, tendo entrado atrás dela no estúdio. E que Herbert Whitall já estava morto quando ambos ali entraram. Lila devia ter tocado no corpo de Sir Herbert, daí ter manchado a mão de sangue. Mas ele já estava morto há algum tempo. Ao dizer isso, Grey afirmou se tratar de uma história muito satisfatória e que devia ser aceita. Foi aí que entrei no estúdio e disse não considerar aquela versão inteiramente satisfatória”.

Abbott dobrou a folha de papel e colocou-a de novo na valise.

— Eis aí, senhores membros do júri... O libelo da acusação. E um caso danado de bom para a promotoria. A Srta. Silver deixou passar o adjetivo vulgar sem censurá-lo.

— E qual a posição da defesa nesse caso? Há pouco você mencionou uma circunstância de muita sorte.

— Oh, se trata de uma prova médica. Bill Waring diz ter ouvido as doze badaladas da meia-noite no relógio da aldeia antes de começar a contornar a casa. Quer se aceite isso ou não, Haile declara que olhou para o relógio ao entrar no estúdio, e que eram exatamente meia-noite e dez. Ele telefonou em seguida para a polícia, que chegou aqui meia hora depois. O Dr. Everett estava de serviço perto daqui e o apanharam de carro no caminho. Bem, o Dr. Everett jura que a vítima já estava morta no mínimo há uma hora, e o exame cadavérico confirmou isso. Se Lila Dryden tivesse matado Sir Herbert não iria permanecer ali por meia hora ou mais. O mesmo se aplica a Bill Waring e Adrian Grey. Tendo em vista que ambos gostavam de Lila Dryden, o que daria aos dois um motivo para se livrarem de Whitall, por que então iriam permanecer na cena do crime por meia hora? Não tem sentido, e creio que esse detalhe os deixa a salvo. Além disso, apunhalar alguém não é realmente o tipo de coisa que se esperaria que qualquer um dos dois fizesse. Posso imaginar Grey discutindo com Whitall, e posso visualizar Bill Waring usando seus punhos contra ele, mas não posso aceitar que um ou outro ferisse mortalmente Sir Herbert com um esquisito punhal que mais parece um enfeite. Não sei até que ponto essa minha impressão coincide com a sua.

— Tanto quanto a você, meu caro Frank, ela me parece correta. Não tive ainda oportunidade de falar com o Sr. Waring, mas pelo que já soube a seu respeito não seria próprio de sua índole que viesse a apunhalar Sir Herbert. Não seria necessário, para ele, fazer tal coisa, pois, ao que soube, se trata de um moço muito vigoroso. Se, por exemplo, Sir Herbert tivesse tentado frustrar o plano de fuga da Srta. Dryden se opondo a ele à força, acho que seria muito fácil para o Sr. Waring derrubá-lo e pô-lo a nocaute. Bill Waring me foi descrito como um hábil boxeador. Frank assentiu.

— É como você diz. Dois corações que batem como um só! Uma citação de um poema famoso, cujo autor eu esqueci. Mas continuemos... Deixando de lado no momento Lila Dryden, Adrian Grey e Bill Waring, que hipóteses têm para me apresentar? A agulha de

crochê entrava e saía, compondo uma delicada franja para a gola do casaquinho da pequena Josephine.

— Nenhuma, creio eu, que possa formular no momento. Há, contudo, alguns pontos a considerar. Seu olhar vagou pelo rosto de Abbott pensativamente. — O punhal de marfim, por exemplo. Ele foi, pelo que soube, mostrado aos convidados de Sir Herbert na noite passada, e depois guardado por ele.

— Sim, foi assim. Adrian Grey, a Sra. Considine e o Professor Richardson são unânimes em afirmar que ele guardou o punhal de novo. Lila Dryden diz que não notou o fato, mas que Sir Herbert sempre mantinha bem guardados seus objetos de marfim. Lady Dryden diz que não estava interessada no assunto. A Srta. Whitaker não se achava na sala, e o Sr. Considine e o Sr. Haile conversavam sobre discos antigos de gramofone e não prestaram atenção ao fato.

— Então como se explica que o punhal estivesse aqui, no estúdio, de modo tão conveniente para o assassino?

— Oh, creio que isso é fácil de explicar. Whitall discutira com o Professor Richardson sobre a autenticidade daquela arma. Calculo que o velho Richardson se mostrou obstinado, e então Whitall foi apanhar de novo o punhal depois que os outros convidados já estavam em outro aposento. Seria muito natural que ele fizesse tal coisa. E temos aqui algo que vem apoiar essa hipótese. Abbott se levantou, caminhou até a mesa e voltou a seguir com um pequeno objeto cilíndrico na palma da mão. — Veja isto... Uma lente de joalheiro. Rolara para baixo da mesa. Já retiraram as impressões digitais, assim não importa que a toquemos. Um pouco apagadas, como constatei, mas há uma marca bem evidente do dedo polegar de Whitall exatamente na parte superior.

— Acha que ele esteve examinando o punhal?

— Sim, devemos pressupor isso. E nesse caso, a arma estaria ali sobre a mesa, e bem à mão de alguém que quisesse usá-la contra ele. Mais algum ponto a considerar? A Srta. Silver deu uma laçada e apertou-a. A gola do casaquinho cor-de-rosa estava pronta. Ela voltou a seguir sua atenção para uma das mangas.

— Sim, Frank. Trata-se da minha posição nesta casa.

— Bem, eu não estou surpreso de vê-la aqui, porque você sempre aparece em ocasiões assim... Mas o que me pergunto é como veio para cá... Tão cedo. A Srta. Silver tossiu de leve, delicadamente.

— Lady Dryden telefonou para a Srta. Fortescue após a descoberta do cadáver de Sir Whitall e antes de a polícia chegar. Ela lhe pediu para entrar em contato comigo e me trazer em sua companhia o mais cedo possível a Vineyards.

— Já conhecia Lady Dryden?

— Eu a encontrei algumas vezes. Ela é prima de Lady Urtingham.

— Bem, bem. E o ponto que desejava abordar?

— Refere-se à minha posição neste caso. Não estou muito satisfeita e à vontade quanto a isso. Declarei a Lady Dryden o que digo a todos os meus clientes: não intervenho em um caso para provar que alguém é inocente, ou culpado, mas sim para descobrir a verdade e servir às finalidades da justiça. Lady Dryden replicou então que sua sobrinha estava inocente, e que a descoberta da verdade atestaria sua inocência. Eu prossegui dizendo que em qualquer caso criminal, e particularmente num caso de assassinato, há um enfoque muito intenso dos pensamentos, ações e a vida de cada uma das pessoas direta ou indiretamente relacionadas com o crime. Assinalei que nem sempre se torna possível dizer o que virá ou não à tona. Ela se empertigou e retrucou que nada tinha a esconder, e sua sobrinha também. Eu lhe disse então que se ela não estava disposta a aceitar meu ponto de vista, poderia me retirar do caso, mas se eu o levasse adiante teria que ter carta branca para agir e a liberdade de consultar a polícia. Replicou-me friamente que nem ela nem a Srta. Dryden tinham o que quer que fosse para ocultar, e que seu único propósito ao recorrer a meus serviços era o de chegar ao fundo deste caso. Frank ergueu as sobrancelhas espessas.

— Isso me faz lembrar aquela frase: “Talvez seja certo dissimular seu amor, mas por que você precisa me empurrar escada abaixo?” Costuma encostar sempre seus clientes contra a parede como neste caso? Houve uma pausa longa o suficiente para ser notada antes que Maud Silver dissesse:

— Não, Frank.

— Então..

— Acho que, apesar de suas negativas reiteradas, Lady Dryden tem algo a esconder.

— Então por que se interessou por este caso? A agulha de crochê continuava em ação, compondo enfeites para o casaquinho de criança.

— Ela estava muito preocupada com a posição de sua sobrinha no caso. Desesperadamente ansiosa de evitar que ela fosse presa, com o resultante abalo de sua própria posição social. Tinha ouvido certas histórias muito exageradas e acreditou que eu tivesse alguma influência na polícia. Contava com que eu pudesse ser um contato através do qual suas opiniões pudessem ser filtradas. Eis aí, a meu ver, os motivos que a levaram em primeiro lugar a me procurar, e, a fim de que pudesse contar com meus serviços, tive que esclarecer bem minha posição. Não desejo levá-lo a supor que acredito que ela esteja diretamente envolvida no assassinato.

— Mas disse que ela tem algo a esconder.

— Sim. E tenho me perguntado por que ela estaria obrigando a sobrinha a fazer aquele casamento.

— Foi isso o que aconteceu?

— Sem dúvida. E venho perguntando a mim mesma qual o motivo. Frank Abbott olhou-a com ar meio divertido.

— Isso já tem acontecido antes, você sabe. A encantadora Lila é uma figura que pertence à sociedade londrina. Lady Dryden esperava que ela encontrasse um brilhante par. Bill Waring é simplesmente um rapaz simpático, com perspectivas modestas. O falecido Whitall tinha o que conta atualmente: um capital que daria para viver bem até o dia de São Nunca. Lady Dryden pode, simplesmente, ter desejado se desferrar de suas amigas mais íntimas, cujas filhas menos dotadas que Lila estavam conseguindo bons partidos... Ou talvez quisesse parte do capital de Sir Herbert. Fez uma pausa, e completou: — Ou você está pensando em algo mais sinistro do que isso? A Srta. Silver, que iniciara a bainha da segunda manga do casaquinho rosa, disse seriamente:

— Acho que sim. Do que depreendi das conversas com Lady Urtingham e a Srta. Fortescue, o falecido Sir John Dryden era um

homem de posses, e muito afeiçoado à criança por ele adotada. Durante a viagem de trem para cá, a Srta. Fortescue me disse que o casamento de Lila com Bill Waring poderia ser inteiramente viável com o que ele estava ganhando agora e com o que Sir John legara à Srta. Dryden. No entanto, Lady Dryden se empenhou em me fazer entender que, devido a prejuízos financeiros de certa monta, seu marido não lograra êxito em seus investimentos, e que os rendimentos de que ela dispunha eram agora mais reduzidos.

— E o que acha que isso deixa entrever? Ao que a Srta. Silver retrucou:

— Eu gostaria de conhecer as cláusulas do testamento de Sir John... Quanto foi herdado por Lila, e quem foram os depositários. Frank assobiou baixinho.

— Bem, podemos conseguir isso. Até que ponto julga essa medida relevante?

— O assassino pode ter tido uma motivação financeira, quem sabe? Seria um motivo muito forte. Como percebe, há essa questão do novo testamento de Sir Herbert Whitall... Havia um outro testamento que seria substituído por aquele a ser assinado antes de seu casamento com Lila Dryden. Esse casamento teria lugar na próxima quinta-feira, mas ninguém aqui parece saber se Sir Herbert assinou, de fato, o novo testamento. Frank Abbott riu.

— E você está aqui há seis horas apenas. Não tive razão quando disse estar seguro de que você já estava a par de tudo o que havia para se saber? Ela lhe dirigiu um olhar reprovador.

— Meu caro Frank! Lady Dryden e eu estivemos juntas na sala de visitas a maior parte da tarde. Ela acredita, ou está ansiosa para se persuadir a si mesma, que Sir Herbert já tinha assinado esse novo testamento. Ela me disse que há uma semana atrás ele a informara de que estava prestes a assiná-lo. Por outro lado, pude observar que a atitude agora assumida pelo Sr. Haile a deixa apreensiva. Ele certamente arrogou para si mesmo demasiada autoridade.

— É um parente próximo de Sir Herbert, certo?

— Creio que não há nenhum outro parente. Lady Dryden me contou que o Sr. Haile costumava pedir dinheiro emprestado ao primo... E que na noite passada, antes do jantar, este disse a ela que calculava que Haile iria pedir um novo empréstimo dentro de instantes, mas este seria negado. Lady Dryden disse que o Sr. Haile chegou cedo e teve uma conversa particular com o primo.

— Entendo, disse Frank. Levantou-se e ficou de costas para a lareira. — Eis aí algo que dá para se pensar... Se o novo testamento foi assinado, Lila Dryden presumivelmente herdaria uma quantia respeitável, e Lady Dryden se beneficiaria com esse legado. Isso poderia lhe dar um motivo para assassinar Sir Herbert. Mas é motivo pouco sólido. Devia haver algo mais do que isso, e os dois pareciam estar em bons termos de amizade. Por outro lado, se Haile sabia, ou supunha que o testamento anterior ainda era válido, e que dele se beneficiaria de modo substancial, teria, então, um motivo forte para tirar Whitall de circulação antes que o novo testamento fosse assinado. Especialmente se ele estava mal de finanças e acabara de ter um empréstimo negado. Como vê, começo a encarar Haile como um suspeito presumível. Vamos analisá-lo sob esse prisma. O mordomo diz em seu depoimento que iniciou sua vistoria dos aposentos do andar inferior às onze horas, como faz diariamente, mas quando se aproximava do estúdio de Sir Herbert parou um instante ao ouvir vozes ali dentro. Ele diz que Sir Herbert tinha o hábito de se deitar tarde e que pensou que seu patrão estava conversando com o Sr. Haile. Este diz que esteve uns dois minutos apenas no estúdio depois de os outros já terem subido para seus aposentos, e que às onze horas já estava de pijama e pronto para dormir. Acrescenta ainda que Grey passou pelo seu quarto quando a porta ainda se achava aberta e certamente o viu ali dentro, de pijama. Grey confirma isso. Claro que uma pessoa que acaba de subir para seu quarto pode muito bem voltar a descer, e nem Marsham nem Grey teriam como saber a hora exata disso. Porém, em face dessas declarações, não parece provável que fosse Haile a pessoa que se achava no estúdio com Sir Herbert. Mas não o excluamos como suspeito, e continuemos a analisá-lo como tal. Foi casual demais e muito conveniente também que ele

entrasse no estúdio para surpreender Grey e Waring junto de Lila Dryden, numa situação que dificilmente poderia ser mais comprometedor. A mim me parece que sua aparição foi um tanto oportuna demais. Ele diz que não conseguira dormir, se levantara, e fora espiar pela janela. Seu quarto fica num dos flancos da casa, e dali se vê uma passagem entre arbustos, e um caminho lajeado que segue mais adiante. Foi por onde Bill Waring veio. Haile declara que olhou pela janela e pensou haver alguém na passagem estreita entre os tufos de plantas. Diz não saber exatamente se ouviu ou viu alguém em particular. Pensou apenas que talvez houvesse uma pessoa ali, ou podia ser um cão ou um gato. Bem, o que é bastante curioso nessa história é que Bill Waring diz quase a mesma coisa. Declara ter pensado que alguém ou alguma coisa se movera no caminho cercado de arbustos quando ele estava à espera na frente da casa. Suas declarações quanto a esse ponto são tão vagas quanto as de Haile. Nenhum deles foi além de pensar que poderia haver alguém ali. Bill Waring declara não ter se aproximado da porta-janela do estúdio senão uns dez minutos depois, o que não confere com as declarações de Haile, que diz que achara melhor apurar o que julgara ver, e assim se apressara a descer após vestir um casaco. Diz que pretendia ir pela varanda após passar pela porta envidraçada do estúdio. Mas ao alcançar essa porta, vindo pelo corredor, ouviu vozes, abriu a porta apenas um palmo, sobressaltado com o que estava ouvindo, e resolveu aguardar um pouco ali, à escuta. Bem, isso pode ser verdade, mas não creio que explique por que ele desceu. Pode ser que tenha visto, ou talvez ouvido, ao abrir a janela, algo muito mais concreto do que resolveu admitir, ou que tivesse algum outro motivo para ir ao estúdio. Não se deixa um leito confortável no meio da noite só porque se imagina que há algum gato vadio no pátio... Somos forçados a reconhecer que há algo mais em jogo. Não nego que Haile tenha espiado pela janela e ouvido seja o que for que Waring também ouviu, mas deve ter sido pelo menos uns vinte minutos depois que ele entrou no estúdio e disse a Adrian Grey que a história dele não iria servir.

A Srta. Silver já completara a segunda manga do casaquinho da pequena Josephine. Cortou o fio de lã após o arremate final, e disse:

— Há aí uma discrepância, certamente. Abbott assentiu.

— Acho que a situação dos negócios do Sr. Haile merece ser considerada. Se, de acordo com o testamento anterior, ele era o herdeiro mais beneficiado, e viesse a saber depois que seria excluído do novo testamento, aí teríamos um motivo muito forte para encará-lo como o principal suspeito. A Srta. Silver disse em tom meio solene:

— “A cobiça instalada no coração de Caim”, como diz Lorde Tennyson.

— Como sempre, le mot juste! Ela olhou-o com ar muito sério.

— O Sr. Haile teria, como você disse, um forte motivo. Durante nossa conversa hoje à tarde, ele se empenhou de certo modo em me persuadir de que Lila Dryden teria cometido o crime, quer em estado de sonambulismo, ou num acesso de privação de sentidos. Frank voltou a se sentar no braço largo da poltrona.

— Curiosa essa história de se caminhar dormindo. O que se conhece realmente a respeito disso? Uma pessoa se acha adormecida, a mente em algum ponto distante da realidade. Mas algum dos sentidos parece funcionar. Ou todos? O sonâmbulo se movimenta pela casa, sai dela... Vai parar no telhado, ou se interna no jardim... Chega a percorrer várias milhas, como se sabe. Ele vai aonde deseja ir, não esbarra nas coisas e geralmente não sofre qualquer ferimento. O que o guia afinal? Caminha orientado pela visão, ou por algum sexto sentido que desconhecemos? A Srta. Silver já estava movendo suas agulhas de tricô novamente e colhendo as novas malhas. Disse numa voz pensativa:

— Eu não sei. Conheci certa vez uma mulher que me contou uma história muito curiosa. Ela era de Devonshire, fizera amizade com a esposa de um fazendeiro da redondeza. Essa senhora acordou certa noite e viu que seu marido saía. Supôs que ele tivesse ido ao curral, atender a algum animal doente, e acabou se virando no leito e pegando no sono novamente. Quando acordou de novo o dia já começara a despontar. Ouvia os passos do marido subindo as escadas. Quando ele entrou no

quarto, ela lhe disse algo, mas não obteve resposta, notando que ele estava adormecido. Vestia suas calças de flanela e estava de botas. Entrara trazendo na mão um grande ramo de urze. Deixou-o sobre a colcha, tirou as calças e as botas, e se deitou na cama, ainda sem acordar. Dormiu cerca de meia hora, despertando então sem a menor ideia de que havia deixado o leito antes. Não sabia que tinha caminhado em meio ao sono, nem se lembrava de ter tido qualquer sonho. E o lugar mais próximo onde poderia ter colhido aquele ramo de urze ficava em um urzal, distante sete milhas da fazenda. Assim, ele tinha se levantado, se vestido e caminhado catorze milhas em plena noite, voltando mais tarde com aquele ramo de urze. Essa é uma história verídica. E não consigo explicá-la.

— Nem eu. Mas suponho que ele deva ter tido um sonho sobre a urze e agido sob o efeito do mesmo. E esquecido, depois, da coisa toda. E isso é o que suponho que Lila Dryden poderia ter feito também... Não fosse a prova apontada pelo médico-legista. Ela poderia ter sonhado que era Lucy Ashton, matado Whitall com o punhal de marfim durante o sonho e esquecido tudo depois ao despertar de novo. Mas, tendo em vista o pronunciamento do legista, creio que tal hipótese está eliminada. Mesmo que Grey esteja mentindo ao declarar que a seguiu desde que ela deixou o quarto, não posso acreditar que Lila Dryden tenha ficado parada no local do crime por meia hora, de acordo com o tempo fixado pelo legista. Se Whitall já estava morto meia hora antes que Grey e Waring entrassem no estúdio, então não posso crer que Lila Dryden ali estivesse quando ele foi assassinado. Ela se pôs a caminhar dormindo depois disso. Concorda comigo?

— Sim, penso o mesmo.

— Então devo voltar a me fixar em Haile e na possibilidade de ser ele o suspeito número um. Ele está fazendo o possível para lançar a suspeita sobre Lila Dryden. A questão é a seguinte: tinha um motivo para matar Herbert Whitall? Se ele sabia que entraria na posse de um bom dinheiro em virtude do testamento anterior, e que o novo testamento não deveria ser assinado, então tinha um motivo. A propósito, que me diz do papel da secretária de Sir Herbert nesta

história? Provavelmente ela deveria saber se o novo testamento foi assinado ou não. Seja como for, vale a pena tentar interrogá-la a respeito.

Assim que Abbott se ergueu para tocar a campainha, a Srta. Silver parou de tricotar por um momento. Se o detetive inspetor estivesse olhando-a, teria colhido a impressão de que ela pretendia dizer algo. Mas Maud Silver preferiu se calar, e quando Abbott voltou a se sentar ela estava contando as carreiras do tricô com ar absorto.

* * *

Vinte e Quatro

FOI MARSHAM quem atendeu ao toque da campainha. Foi-lhe pedido que procurasse a Srta. Whitaker e lhe dissesse que o Inspetor Abbott gostaria de lhe falar. Marsham se aproximou da lareira, avivou o fogo ao colocar mais duas achas, e saiu para cumprir sua incumbência. Tendo confirmado que o número de carreiras feitas estava certo, a Srta. Silver se achava entregue a seu trabalho, quando Millicent Whitaker entrou no aposento. Frank se sentara atrás da mesa. Notou a palidez, o vestido negro de luto, uma certa rigidez de movimentos na recém-chegada, e achou que ela mostrava mais sinais de estar abalada do que Lila Dryden. A Srta. Whitaker, afinal de contas, estava há longos anos a serviço do falecido Sir Herbert. Não era improvável que lhe fosse afeiçoada. Quando ela se sentou na cadeira que lhe fora oferecida, Frank disse:

— Não vou lhe tomar muito tempo, Srta. Whitaker, mas me ocorreu que poderia ser capaz de nos ajudar.

— Ajudá-los? E assim que falou, seu olhar pousou na Srta. Silver sentada no canto do sofá. Frank lhe endereçou um olhar frio e formal.

— Sim. A Srta. Silver está nesta casa como representante de Lady Dryden. Se tiver objeção quanto a sua presença aqui, pedirei a ela para se retirar por instantes. Tem alguma razão para tal objeção?

— Oh, nenhuma, realmente. Perguntei por perguntar, apenas. Falava de modo apressado, como se estivesse ansiosa por fechar seus lábios mal expulsava as palavras. E Frank Abbott disse:

— O advogado e procurador de Sir Herbert virá aqui amanhã, mas, nesse meio tempo, julguei que a senhorita pudesse nos esclarecer algo sob o testamento. Sir Herbert estava preparando um novo testamento em antecipação ao seu casamento, mas parece haver alguma dúvida quanto a esse documento ter sido assinado ou não. Lady Dryden acredita que foi assinado.

— Ela deve saber, disse Millicent Whitaker.

— Posso perguntar o que quer dizer com isso?

— Oh, nada. Por que iria insinuar coisas? Suponho que ela desejasse proteger sua filha adotiva, apenas isso.

— Bem, não respondeu realmente à minha pergunta. Agora me diga: sabe se Sir Herbert assinou esse novo testamento?

— Não tenho a mínima ideia.

— Mas era sua secretária particular. Não cuidava da sua correspondência?

— As cartas eram muito poucas. Sir Herbert tratava de seus assuntos pessoalmente. Ele ia muitas vezes a seu apartamento na cidade. Podia contatar então com seus advogados e lhes dar instruções verbalmente.

— E a senhorita ia também a Londres, ou ficava aqui?

— Algumas vezes sim, outras não, de acordo com as conveniências de Sir Herbert.

— Mas ele lhe falava bastante sobre esse novo testamento.

— Eu não diria isso.

— E sobre o testamento anterior?

— Na realidade conheço muito pouco sobre ambos.

— Sabia que o Sr. Haile era um dos beneficiados pelo antigo testamento?

Pela primeira vez ela hesitou. Ocorreu a Abbott que se ela sabia do fato e não desejava admiti-lo, teria que ponderar se ele poderia pegá-la depois em contradição. Se ela sabia daquele fato, alguém mais teria conhecimento disso. Tal pensamento lhe ocorreu antes que resolvesse dizer:

— Não saberia dizer, realmente. Sir Herbert falava por alto às vezes... Eu não sei o que queria significar, e não prestava muita atenção.

— Ele falou que o Sr. Haile seria um dos beneficiados pelo testamento? Um leve brilho se acendeu naqueles bonitos olhos negros... Um brilho repassado de malícia.

— Ele falou em excluí-lo de seu testamento.

— Referia-se ao novo testamento?

— Suponho que sim.

— Quando Sir Herbert disse isso, Srta. Whitaker? Ela pousou o olhar em seu colo. Sua voz se fez inexpressiva de novo.

— Foi ontem.

— Ele esteve falando sobre o Sr. Haile?

— Sim.

— E o que disse então? O brilho retornou aos olhos de Millicent Whitaker.

— Disse-me que o Sr. Haile viria jantar aqui, onde passaria a noite. Seu programa usual. Sir Herbert disse que o Sr. Haile iria perder seu tempo à toa, pois não lhe tiraria mais nenhum dinheiro. “Nem mesmo depois que estiver morto”, foi o que ele disse. “Estou farto dele, e quando me canso de alguém retiro seu nome de meu testamento.” Millicent acentuou extremamente essas últimas palavras. Tensa, já se erguendo da cadeira, perguntou: — Já terminou? Tudo o que sei, eu já lhe disse.

— Um momentinho apenas, Srta. Whitaker. Esteve ausente daqui na noite passada, não esteve? Millicent tornou a se sentar e disse incisivamente:

— Prestei declarações ao Inspetor Newbury. Depois de tomadas, leram-nas para mim, e eu assinei. Minha irmã não é uma pessoa saudável, e um telefonema que recebi dela me deixou preocupada. O Sr. e a Sra. Considine me deram uma carona em seu carro até a aldeia, quando saíram às dez e meia. E eu apanhei o último ônibus para Emsworth. Passei a noite com a minha irmã em Station Road, 32. Só retornei aqui às dez da manhã.

Ela podia estar recitando uma lição bem decorada, mas com a mesma mordacidade por trás das palavras. Frank teve a impressão de que todas as portas e janelas estavam trancadas. Contra o que Millicent Whitaker agia assim? Era o que ele gostaria muito de saber. Liberou-a a seguir, e ela saiu, caminhando como se usasse uma armadura sob o fino vestido preto de lã. Quando a viu sair, Abbott trouxe a cadeira que ela ocupara para junto da lareira.

— Bem, o que acha disso? As agulhas de tricô da Srta. Silver se tocaram, e ela perguntou por sua vez:

— O que você concluiu? Abbott ergueu as sobrancelhas.

— Uma animosidade contra Haile. Possivelmente contra outras pessoas. Talvez contra o falecido Sir Herbert. Muita insistência quanto ao perfeito álibi para a secretária perfeita. Newbury já está checando esse álibi. Ele é um colega muito meticuloso. Quanto à animosidade revelada pela Srta. Whitaker, parece contagiante nesta casa... Haile a nutre por Lila Dryden. Lady Dryden e a secretária perfeita a sentem por Haile. Uma curiosa e um tanto insólita parceria. A Srta. Silver tossiu levemente.

— O que o faz pensar assim, Frank?

— Na realidade eu não sei... Apenas foi essa a impressão que tive. Lady Dryden particularmente interessada em realçar sua importância. A secretária perfeita não se incomodando em ser vista como uma inconfidente... Apenas impressões nesse estilo. Acertei em algum alvo, por acaso?

— Pode ser que sim. Pretendia lhe contar uma conversa que tive com Lady Dryden antes que você interrogasse a Srta. Whitaker.

— Uma outra conversa?

— Nós duas estivemos juntas a maior parte da tarde.

— E ela disse algo sobre a Srta. Whitaker?

— Bastante.

— O quê, por exemplo?

— Lady Dryden foi bem explícita. A Srta. Whitaker sempre se mostrou uma secretária valiosa. Sir Herbert dependia dela para tudo. Até demais, segundo supõe Lady Dryden. Essa dependência tendia a se tornar bastante íntima. Havia, é claro, muito falatório exagerado. Como sempre há. A Srta. Whitaker é uma mulher de muito boa aparência. Naturalmente não levava a sério tais conversas. Se houvesse fundamento nas mesmas, Sir Herbert dificilmente tentaria evitar que ela pedisse demissão. Frank assobiou baixinho.

— Ah, então ela queria deixar o emprego?

— É o que diz Lady Dryden.

— Bem, se ela desejava realmente ir embora, ele não podia retê-la. Ao que a Srta. Silver retrucou com ar sério.

— Eu toquei nesse ponto. Mas Lady Dryden insinuou que podia haver algo nesse caso em que conviesse exercer uma certa pressão, e acrescentou: “Creio que Millicent tinha alguma esperança de ser lembrada por Herbert em seu testamento”.

— A pergunta agora é que testamento seria esse. O novo ou o anterior? Tem-se a impressão de que a perfeita secretária figurava como beneficiada no antigo testamento, e que agora lhe era dito que seria excluída do novo, a menos que permanecesse no emprego. A propósito, eu me pergunto por que ele desejaria que ela permanecesse aqui.

— Parece que confiava muito nela, contando bastante com seus serviços. Ela já estava com ele há dez anos, e Sir Herbert se acostumara com a sua presença. Se por acaso já houvera um caso entre eles, provavelmente estaria terminado. E Sir Herbert era um homem demasiado frio e egocêntrico para se importar com os sentimentos dela nessa questão.

— Acha que ela o amava?

— Não sei. Certamente ela está sofrendo com o choque que teve. É impossível dizer se esse sofrimento é mais profundo do que se poderia esperar em tais circunstâncias. Voltar aqui após umas poucas horas de ausência e saber que seu patrão foi assassinado é naturalmente um choque muito forte para qualquer moça. Ela dificilmente teria permanecido a serviço de Sir Herbert durante dez anos se isso não lhe

conviesse. Assim, um desfecho tão abrupto de dez anos de serviços dedicados seria no mínimo desconcertante.

O emprego dessa última palavra levou Frank a pôr a mão sobre os lábios. A Srta. Silver certamente não esperaria que ele sorrisse em tal conjuntura, e não estava de todo confiante em sua habilidade de disfarçar um assomo de momentâneo divertimento. Por trás de sua aparência de homem frio e intelectualizado, se escondia um senso de humor que já em algumas ocasiões o deixara em apuros. Disse estar de acordo com a Srta. Silver e se levantou.

— Bem, agora devo ir, ou então Lady Dryden me convidará para comer na cozinha com os criados. Poderia colher informações, é claro, mas os Marshams não iriam gostar. Relacionamento com a polícia representa uma descida muito grande segundo os padrões sociais... Assim, vou sair agora e ver se a comida no Boar é tão ruim quanto dizem. Bill Waring está hospedado ali. Talvez possamos juntar nossos protestos a respeito de uma sopa aguada de repolho e um filé de peixe insosso. Continue a ter proveitosas conversas com todos aqui. Amanhã teremos certamente um novo capítulo deste misterioso crime. Aguarde para me contar quando me vir! Um olhar de reprovação indulgente e afetuoso o seguiu até a porta.

Quando o inspetor saiu, a Srta. Silver começou a guardar seu material de tricô. A conversa durara bastante tempo, assim ela pudera avançar na confecção do segundo casaquinho rosa. Mas assim que ergueu a sacolinha de tricô, alguma coisa rolou sobre o tapete. Inclinando-se para recolher o objeto caído, viu se tratar da lente de joalheiro que Frank Abbott lhe mostrara. Com o movimento que fizera para se abaixar a fim de apanhar a sacola de tricô, a pequena lente escorregara de seu colo, onde havia ficado durante a conversa que ela mantivera com Frank. A Srta. Silver não deu muita importância àquela lente. Pensou ser bastante incômodo manter durante horas uma lente daquelas grudada ao olho. Sua atenção maior foi dedicada ao chitão

florido que recobria a sua velha sacola de tricô. Os pequenos buquês de flores miúdas faziam um bonito e delicado efeito. Fora um presente de sua sobrinha Ethel. E, mesmo agora, com a mente ocupada com o desvendamento do mistério que cercava aquele crime ocorrido em Vineyards, ainda se dedicava a recordar com ternura o gesto afetuoso de Ethel Burkett. Recordou com afeto a sobrinha e seus filhinhos... Tão efusivos e adoráveis. E colocou a lente no mesmo lugar de onde Frank Abbott a tinha retirado anteriormente.

Foi então que, ao olhar de novo para a lente, algo lhe prendeu a atenção. A luz incidia sobre a mesa e, além disso, Maud Silver tinha uma vista excelente. Acabara de ver um risco junto ao aro metálico da lente. Pegou-a de novo e revirou-a na palma da mão. Percebeu que havia não um risco apenas, mas uma série deles, e que formavam duas iniciais. Não eram recentes, e somente segurando a lente em determinado ângulo e sob a luz é que se poderiam distinguir as iniciais minúsculas. E a Srta. Silver acabou por verificar que as iniciais eram Z.R. Depois de observá-las com atenção por alguns instantes, guardou a lente na sacola de tricô, em vez de recolocá-la sobre a mesa.

* * *

Vinte e Cinco

DEPOIS que os dois inspetores deixaram o quarto de Lila Dryden, Ray Fortescue aguardou alguns minutos antes de descer ao vestíbulo. Desejava telefonar para Bill e estava pensando em como poderia fazê-lo sem ser perturbada. Havia um telefone no estúdio do falecido Sir Herbert, mas não poderia usá-lo, pois era ali que os policiais estavam realizando os interrogatórios. Uma mansão reformada e ampliada por Herbert Whitall provavelmente contaria com mais telefones, mas ela não sabia onde estavam instalados. Era a primeira vez que vinha àquela casa. Devia haver uma extensão no quarto de Sir Herbert, mas a ideia de telefonar dali a fez se sentir como se alguém lhe derramasse um copo de água gelada nas costas.

Fez soar uma sineta, e Frederick veio atender. Ela já o vira de relance quando chegara à mansão, mas não notara realmente como aquele rapaz era alto e pálido. E Frederick estava, sem dúvida, muito pálido. Não era nada agradável estar numa casa onde ocorrera um assassinato, e guardada interna e externamente por policiais que agiam como se o lugar lhes pertencesse. Ray esboçou um sorriso cordial e disse que desejava telefonar. Frederick olhou-a meio de viés como um potro assustado. Torceu os lábios ao comentar que a polícia ocupara o estúdio. Ray gostava dos jovens. E achou que aquele não devia ter mais que dezessete anos. Seu coração se encheu de ternura por ele. Se tivesse uns três anos a menos, talvez agora estivesse fazendo uma choradeira, mas não se chora assim de medo e susto quando se tem um metro e oitenta

de altura. E ela pensou que o rapaz estava fazendo algum esforço para se controlar.

— Eu sei, retrucou, sorrindo. — Mas calculo que haja uma extensão, não há?

— Oh, sim... Na Sala Azul. Não creio que haja alguém ali agora. Ele lhe mostrou o caminho, mas demonstrando hesitação no andar. Ray disse:

— Muito obrigada. Acho que ainda não sei o seu nome.

— Frederick, senhorita.

— Bem, Frederick, será que poderia me aguardar no vestíbulo enquanto eu dou o telefonema? Porque talvez eu me demore um pouco, e se tal acontecer, solicito que procure Mary Good e lhe peça para subir e ficar um pouco com a Srta. Lila.

— Oh, sim, senhorita. Aproximou-se da porta, girou a maçaneta nervosamente, e então disse num jato só: — Ela não teve nada a ver com o que aconteceu aqui... Falo da Srta. Lila... Não é? Quero dizer que há coisas em que se pode acreditar e outras não, e essa é uma coisa em que não posso crer, nem que fosse possível. Ray lhe dedicou um de seus melhores sorrisos.

— Obrigada, Frederick... Isso é muito bonito de sua parte. Frederick acabou de girar a maçaneta e disse:

— Eles não vão acusá-la desse crime, vão? E nem ao Sr. Waring, para mim um cavalheiro muito distinto e simpático. E foi uma coisa cruel e vergonhosa não o deixarem falar com a Srta. Lila, quando ele agiu tão educadamente. Ray não se incomodou muito com o que Marsham poderia ter pensado dessa conversa com um criado. Mas intuiu que seria melhor parar por ali. E disse:

— Obrigada mais uma vez, Frederick. Agora, se você fechar a porta depois que eu entrar, poderei dar meu telefonema. Ray nunca apreciara tanto os benefícios trazidos pelo telefone como no exato momento em que, após um curto clique, a voz de Bill lhe chegou aos ouvidos, vinda do Hotel Boar.

— Alô! Ela disse:

— Sou eu, Ray. E escutou-o dizer com sua voz quente, efusiva:

— Ray! Estava imaginando como faria para me comunicar com você. Achei que se telefonasse para aí isso não seria interpretado exatamente como um gesto de delicadeza e cortesia, mas já estava me sentindo a ponto de esquecer a prudência e arriscar a sorte. E Ray pensou: “Ele quer saber como está Lila. Eu sou apenas uma espécie de extensão telefônica”. E em voz mais alta, ela disse:

— Lila está bem. Passou por um bom sono esta tarde, e depois estive sentada no sofá, em seu quarto, onde tomamos chá e conversamos... Adrian Grey, a Srta. Silver e eu. Bill não pareceu muito interessado no chá a quatro.

— Ray, preciso ver você. Não poderia dar uma chegada no portão? Podemos conversar dentro do meu carro. Suponho que não seja aconselhável entrar na casa.

— Não, não é. Eu irei a seu encontro.

— Muito bem... Vou estacionar o carro bem ao lado do portão.

Pouco depois, Ray deixava Mary Good fazendo companhia a Lila e ia até o portão. Caminhou em meio à neblina e quando passou pelo portão viu que Bill já estava ali, andando de lá para cá sobre a relva úmida da beira da estrada. Ele passou o braço por sobre os ombros da moça.

— Boa menina! Pontualíssima.

— Entramos no seu carro, ou caminhamos um pouco? Após ficar trancada numa casa meio abafada a tarde inteira, Ray achou que se sentiria melhor andando com Bill um pouco, naquele ar frio, mas refrescante.

— Bem, eu não sei. Podem ter destacado alguém para me vigiar. Acho melhor nos sentarmos dentro do carro. Eu preciso falar com você.

Quando já estavam dentro do carro, Bill, como Ray já esperava, voltou a falar sobre Lila. Mas não exatamente da forma que ela calculara. Ele se voltou no assento, com a testa ligeiramente franzida.

— O que Lila tem a dizer sobre o que houve, agora que está recuperada do choque que sofreu? Ray lhe contou, e então ele perguntou surpreso:

— Você quer dizer que ela não se lembra de coisa alguma?

— Sim. Desde o momento em que saiu de seu quarto, caminhando na direção do estúdio, até dar com Sir Herbert, morto. Foi quando despertou.

— Acredita que ela esteja dizendo a verdade?

— Tenho plena certeza.

— Então Lila realmente caminhou dormindo?

— Oh, sim. Sabe, ela faz isso quando está preocupada demais ou muito nervosa. Costumava ter dessas crises de sonambulismo, no colégio. Miriam St. Clair despertou certa noite sentindo uma mão fria lhe pousar no rosto e acordou todo mundo com seus gritos. Fora Lila que a tocara.

Bill disse numa voz angustiada.

— Então ela fez aquilo... Dormindo.

— Bill! Ela não cometeu o crime de forma alguma!

— Não vejo como se pode fugir a essa realidade. Claro que ela não era responsável pelos seus atos. Mas tinha segurado aquele punhal... Sua mão direita estava toda manchada de sangue.

— Bill, você está louco! Lila não mataria ninguém, mesmo que tentasse fazê-lo. E ela não tentaria, estou certa.

— Você não a viu ali parada do jeito que eu a vi.

— Não importa o que você viu. Se a polícia achasse que ela cometeu o crime já a teriam prendido. Eles subiram para lhe falar após o chá... O homem da Scotland Yard e o inspetor da localidade. Depreendi que não pensam que ela fez aquilo... Não até o momento em que se retiraram. Bill murmurou com ar taciturno:

— Não consigo entender por quê. Ray deixou escapar uma certa raiva em sua voz.

— Porque eles têm dois olhos e bom senso em seus cérebros! E porque Adrian Grey jura que estava seguindo Lila desde que ela saiu do quarto, e que simplesmente não restou tempo suficiente a ela para matar Sir Herbert. Quero dizer que teria ouvido ruído de luta, passos e a queda pesada do corpo. Adrian estava próximo do estúdio e forçosamente ouviria tudo.

— Minha cara criança, Adrian Grey juraria que a lua é feita de queijo fresco se achasse que com isso tiraria Lila de uma enrascada.

— Oh! Bill voltou a falar com uma entonação novamente sombria.

— Suponho que já saiba o que aconteceu no estúdio quando ela despertou.

— Não, não sei.

— Eu entrara pelo janelão que dá para a varanda, e Adrian viera pelo corredor. E Lila já acordara. Ela olhava para Whitall ali caído, para o punhal... E para sua mão. E então ela me viu. Preste atenção nisto: ela viu primeiro a mim, antes de ver Adrian, e minha presença não lhe fez nenhum bem. Estremeceu assustada, você sabe o que quero dizer... Mas assim que viu Adrian, correu para ele se aninhando em seus braços. Bem, só se pode concluir uma coisa disso, não é mesmo?

— Lila acabara de sofrer o choque mais terrível. Não sabia o que estava fazendo.

— Mas soube muito bem qual de nós dois ela queria a seu lado, retrucou Bill. — Quando se sofre um choque como aquele não se raciocina, se age instintivamente. E o instinto de Lila não a guiou para mim, levou-a aos braços de Adrian.

— Oh, Bill!

— Pare de dizer: Oh, Bill! Acha que eu gostaria de me casar com uma garota que treme de susto quando olha para mim e voa para os braços de outra pessoa? Porque se estiver pensando assim, é melhor que comece a mudar de opinião sobre mim.

Ray ficou calada, porque não sabia o que dizer. Em seu íntimo, muitos sentimentos explodiam, e estes não podiam ser expressos por palavras. O que realmente desejava era rodear o pescoço de Bill com os

braços e lhe apagar as mágoas com um beijo. Uniu as mãos e permaneceu sentada o mais afastada que pôde de Bill. Fosse como fosse, era bom que ele pudesse desabafar.

— Se eles acham que Lila não cometeu o crime, forçosamente julgarão que fui eu. Surpreende-me até que não tenham ainda me prendido. Encontraram o bilhete que escrevi para Lila, assim sabem que pedi a ela para vir a meu encontro ontem à noite. Só que eu não mencionei o estúdio de Sir Herbert, mas sim aquele aposento perto da porta do vestíbulo. Eu escrevi no bilhete que se ela desejava casar com Whitall que o fizesse, mas que se não fosse esse seu desejo, eu a levaria para o seu apartamento, Ray. Não posso entender como Lila se dirigiu ao estúdio em vez de me aguardar no aposento combinado. Ray encontrou o que dizer finalmente. Frisou bem as palavras:

— Querido, você não prestou atenção no que eu disse. Ela... Não... Sabia... O... Que... Estava... Fazendo.

— Isso é o que você diz. Queria era saber como aquele sangue foi parar na mão dela. Ray sentiu uma onda de frio percorrer o corpo.

— Ela deve ter tocado nele... Ou... Ou... No punhal.

— Ray, acredita mesmo que Lila iria tocar num cadáver? Ou ter sangue-frio para segurar o punhal ensanguentado? Ray estava se defrontando com uma coisa em que realmente não podia acreditar. Teve que recorrer a seu argumento anterior:

— Ela não sabia o que estava fazendo.

— Então por que o fez?

Estavam sentados de frente um para o outro. Rostos e expressões imersas na escuridão da noite, mas se conheciam tão bem um ao outro que aquela escuridão era apenas uma tela negra sobre a qual a memória podia projetar suas imagens. Bill se aferrava obstinadamente ao que já dissera e continuava a dizer, como se martelar numa repetição fosse em si mesmo um argumento. Ray permanecia na defensiva... Pronta a rechaçar e aparar aquela bateria cerrada de palavras, os olhos muito abertos e o rosto em fogo. Quantas vezes já não tinham os dois se

digladiado assim, discutindo até a exaustão sobre algo que não merecia uma décima parte daquela energia e de toda aquela flama? Coisas sem importância, afinal de contas. Mas havia algo que para eles importava mais que tudo neste mundo, por ser uma questão de verdade e honestidade entre ambos. Não era a culpa ou a inocência de Lila que estava em discussão, era a sua própria integridade pessoal. Bill disse asperamente:

— Você não enfrenta os fatos. As mulheres nunca o fazem.

— Eu não sou as mulheres... Sou eu mesma. E estou encarando o fato de que Lila não cometeu o crime. Não me interessa quantas provas existam... Ela não fez aquilo. Se você se importasse com ela saberia disso.

Fez-se um longo e especialmente desagradável silêncio. Ray experimentou o mesmo sentimento que a acometera há anos quando, levada por um impulso de raiva, jogara uma pedra contra a vidraça de uma janela da sala de visitas. Agora parecia estar com sete anos de novo, e com aquela terrível sensação de irrevocabilidade. Quando se quebra algo, está feito, e não se pode recompô-lo. Por fim, Bill disse numa voz um tanto surpresa:

— Acho que não. Suponho que nunca me importei com ela realmente. Ray não pôde dar firmeza à voz, ao perguntar:

— O que... Você... Está querendo dizer?

— Você entende perfeitamente a que me refiro. Se tocarmos nesse assunto, vamos até o fim. Lila era a coisinha mais linda que eu já vira, e perdi a cabeça por ela. Não sabia nada a seu respeito... E nem me preocupei se havia algo a conhecer. Se tivesse me casado com ela, agora seríamos terrivelmente infelizes. Aos poucos, desde minha volta à Inglaterra, cheguei a essa conclusão. Ray disse, os lábios trêmulos:

— Então por que você veio aqui e precipitou tudo isso?

— Que quer dizer com “precipitou tudo isso”? Não fui eu quem quis forçá-la a se casar com Whitall, contra a sua vontade, e não seria a vítima do desdém artificioso de Lady Dryden. Não estava disposto a ser

encarado como uma coisa que realmente não acontecera na vida de Lila, e tratado como um assunto que afinal de contas não é para ser discutido numa sala de visitas. Um assomo de riso subiu à garganta de Ray afugentando sua irritação. Ela voltou a estremecer, mas agora era o riso que lhe sacudia o corpo.

— Bill... Querido!

— Bem, foi como me senti. Estava disposto a levá-la para seu apartamento em Londres, se ela quisesse fugir de Vineyards. E caso contrário, teria então que romper pessoalmente nosso compromisso. Dizer-me um não com seus próprios lábios.

— E é isso que você quer que ela faça agora? Um movimento esboçado em meio à escuridão do carro indicou a Ray que Bill movera a cabeça negativamente.

— Não... Não é necessário. Esse compromisso já está rompido. Ela não me quer do mesmo modo como eu não a quero mais agora. Ela deixou isso bem claro quando me deu as costas e correu para os braços de Adrian. Ele é um bom sujeito, e cuidará bem dela. E chego a dizer que vai ser como um emprego em tempo integral! Esboçou um riso curto e meio estranho. — Marian Hardy já me dissera que seria esse o destino do marido de Lila. E eu não creio que esteja talhado para ser uma ama-seca.

Ray tinha a leve impressão de que tudo ficaria bem agora. Era algo completamente irrazoável. Algo assim como se estar pousando sobre balões e subir até tocar as nuvens. Daí a pouco os balões de gás espocariam e pronto, estaríamos no chão de novo. No momento ela não podia se preocupar com aquilo. E acabou por dizer que devia entrar. Bill aquiesceu, comentando:

— Meu espião da polícia já deve estar cansado e entediado... Pode ser até que dê as caras e me prenda só para se livrar da monotonia.

— Bill... Você acredita realmente..

— Bem, para lhe ser franco, não sei como eles ainda não me prenderam. Se Adrian é um mentiroso tão hábil que os levou a crer que

não foi Lila quem realmente cometeu o crime porque ela não esteve sequer um minuto fora das vistas dele, então não vejo como deixarão de suspeitar de mim. Seja como for, não entendo por que não detiveram ainda um de nós dois. Tem-se a impressão de que o pessoal da polícia está de olho em alguém mais. Façamos votos que assim seja.

Ray saltou do carro, e deu alguns passos pelo caminho de cascalho ao lado de Bill. Então ele lhe rodeou os ombros com o braço e disse, emergindo da expressão demonstrada até ali:

— Contar com você aqui faz uma grande diferença.

— Faz?

— Sim. Por que está tremendo?

— Não estou. Ele disse:

— Mentirosa! E beijou-a na face junto à orelha, se afastando a seguir de volta ao carro.

Ray entrou em casa com estrelas nos olhos.

* * *

Vinte e Seis

UM PROFUNDO interesse pelo caso em que se achava envolvida, e a reprovação moral que lhe era peculiar ao encarar um crime de morte, não impedia a Srta. Silver de apreciar e ser grata ao conforto de que se via cercada na Mansão Vineyards. Não seria de seu gosto viver em meio a tanto luxo por muito tempo, mas podia apreciá-lo e dele desfrutar no momento. O colchão do tipo mais moderno em sua cama, o bonito edredom, tão claro, tão macio. A temperatura ambiente, tão diferente daquela de tantas casas de campo onde os antigos sistemas de aquecimento e os novos impostos tornavam impossível até o mais modesto grau de calefação. Sempre que ia a uma localidade no campo, Maud Silver tomava certas providências quanto ao vestuário adequado. Era um hábito seu usar à noite o vestido de seda, o seu preferido durante o verão anterior, mas como a seda não constituía proteção indicada para correntes de ar, ela a reforçava com o acréscimo de uma jaqueta de veludo preto, com uma gola de pele. Essa peça de vestuário, mais quente e mais confortável, merecera de Frank Abbott, numa de suas tiradas mais irreverentes, um comentário jocoso: “Uma jaqueta cuja origem mergulha de tal modo na poeira dos tempos que já se tornou uma espécie de lenda”.

Mas nessa noite, em Vineyards, Maud Silver colocou um vestido azul marinho, que era enfeitado com pequenos desenhos, em tons verde e amarelo, imitando figuras parecidas com girinos. Ajustou a gola com a ajuda de seu broche favorito, o da plaquinha de madeira de carvalho com uma pequena rosa engastada, e, como complemento, um colar de

pequenas contas douradas. A jaqueta celebrada por Abbott estava dependurada num cabide forrado de cetim rosa, no guarda-roupa, mas ela não iria precisar usá-la. Não com a temperatura deliciosamente amena daquela casa, ainda mais sabendo que na sala de visitas havia uma lareira, e que as cortinas de brocado, bem forradas, certamente não deixariam passar nenhuma corrente de ar frio.

Para algumas pessoas a perspectiva de uma noite como aquela, numa casa onde fora cometido um crime de morte na véspera, poderia se mostrar desalentadora, mas a Srta. Silver era capaz de encará-la com interesse e serenidade. Não estava em jogo ali qualquer sentimento de tristeza profunda, o que teria, por certo, comovido ou afetado emocionalmente Maud Silver. Sua mente estava descompromissada, livre para lidar com os muitos aspectos interessantes que aquele caso apresentava. Conquanto lamentasse não ter tido ainda oportunidade de conhecer e conversar com os Considine, o Professor Richardson e o Sr. Waring, estava convicta de que aquela noite ali deveria propiciar à sua mente dedutiva boas oportunidades para uma observação mais acurada dos que viviam em Vineyards.

Lady Dryden, fria, orgulhosa, dominadora, e no entanto tão surpreendentemente comunicativa. Um caráter contraditório é sempre interessante de se observar. Depois, o Sr. Haile, com seu ar muito à vontade, como se fosse o dono da casa. Lila Dryden, encantadora e indefesa. A jovem morena, Ray Fortescue, muito espontânea em seus sentimentos e impulsos, ainda que os mantivesse sob firme controle. A Srta. Whitaker... Maud Silver já refletira bastante sobre ela. As pessoas não fecham todas as janelas e trancam todas as portas se nada têm a esconder. O Sr. Grey... Bem, não era preciso ter muita percepção para captar sua dedicação a Lila Dryden. E concluía que isso não era uma coisa recente. E já que ele conhecia Lila desde que era uma menina, seria muito natural que a amasse com uma crescente firmeza e devoção. Não precisara senão de alguns minutos de conversa com o Sr. Grey e Lila

Dryden para deduzir que os laços de afeição que os uniam eram bem fortes.

Considerou a seguir as três empregadas: duas moças da aldeia, e Mary Good, que morava em Emsworth. Nenhuma das três se achava na casa na hora do crime, já que seu horário de trabalho se encerrava às nove. Claro que nem sempre as pessoas se encontram onde se supõe que estejam, e nem sempre, tampouco, ali permanecem todo o tempo, mas a polícia àquela altura já deveria ter se assegurado, no mínimo, de que as duas mocinhas tinham chegado às suas casas, e que Mary Good tomara o ônibus para Emsworth.

Passou a considerar os Marsham: o mordomo e a cozinheira. Ainda não vira a Sra. Marsham e nada sabia a seu respeito. Podia ser loura ou morena, alta ou baixa, temperamental ou calma. Afora o fato de ser casada com Marsham e uma excelente cozinheira, nada sabia sobre a sua personalidade. Sobre o mordomo, observado durante o almoço e visto de passagem ocasionalmente, Maud Silver achou que ainda conhecia muito pouco. Ele tinha um rosto e um porte que iriam bem com trajes episcopais. Uma mitra teria assentado bem em Marsham. O bastão sacerdotal seria mantido com dignidade naquela mão grande e atenciosamente estendida. Seus passos, como os de tantos homens de porte cerimonioso e grave, eram leves. Sua voz era suave, suas maneiras irrepreensíveis. Mas quando já se constataria tais detalhes parecia não haver mais nada a ser observado nele. Os atributos de seu ofício pareciam envolvê-lo numa espécie de capa negra imaginária. Por trás dela, o homem, tão distinto do mordomo, caminhava invisível.

Restava Frederick, o jovem criado de dezessete anos. Segundo os interrogatórios preliminares, ele dormia na ocasião em que ocorrera o crime. Após ter descoberto o cadáver, o Sr. Haile tinha chamado Marsham. Ao que constava, havia uma campainha no andar térreo, na ala destinada à criadagem. Os Marsham tinham acorrido ao estúdio, mas Frederick dormia ainda, e ninguém pensara em acordá-lo. Mas, ao

observar o rapaz durante o almoço, a Srta. Silver achara que ele, mais do que Marsham, parecia não ter dormido na noite anterior. Frederick era um rapaz com um tipo de pele em que a palidez não é coisa natural de ocorrer. E ele estava extremamente pálido. Sua mão tremeu quando ofereceu a Maud Silver as couves-de-bruxelas, e a certa altura, no fundo da sala, Frederick deixara cair um prato. Aos dezessete anos os nervos de uma pessoa não estão preparados para assimilar emoções como as de um assassinato, mais estreitamente ligado a esse impacto se encontra nos jovens um toque de excitação, uma sensação subjacente de se achar no centro dos acontecimentos. Ter sua foto estampada nos jornais... Com seu nome, no caso, Frederick Baines. E foi esse toque de excitação que Maud Silver não viu em Frederick. Claro que a índole das pessoas difere muito, e ela não atribuiu nenhuma importância especial àquele detalhe. Simplesmente o gravou na mente ao lado de muitos outros detalhes já observados e guardados para posterior e devida consideração. E se dirigiu à sala de jantar, com ar meditativo.

O jantar mal começara e Maud Silver já encaminhara seus pensamentos para o temperamento da Sra. Marsham. Imperturbável, era a única palavra possível para classificá-la. Ninguém que ainda estivesse sofrendo os efeitos de algo chocante ou de um abalo nervoso poderia ter preparado uma refeição tão caprichada, simplesmente impecável. O que quer que pudesse ter acontecido no resto da casa, era óbvio que não afetara a cozinha. Quanto ao mais, as coisas se passaram de modo muito parecido ao que acontecera no almoço. O Sr. Haile desempenhou o papel de anfitrião agradável, e Lady Dryden o de convidada de cerimônia. Adrian Grey parecia um tanto sonhador e abstraído, ocupado com seus próprios pensamentos e deles emergindo com relutância quando alguma pergunta lhe era endereçada. Ray Fortescue estava imersa em seus próprios pensamentos também. Os olhos negros brilhavam, os lábios levemente entreabertos não estavam longe de desenharem um sorriso. Mesmo uma pessoa menos observadora e perspicaz que a Srta. Silver teria percebido que ela estava feliz. Naquela casa, e na presente situação, era um detalhe circunstancial curioso e

agradável de se notar. Ao lado de Ray, a Srta. Whitaker tinha o olhar vago de alguém que está longe do lugar onde se encontra realmente. Quando alguém lhe dirigia a palavra tinha de se esforçar para sair de seu alheamento. Serviu-se com muita parcimônia do que lhe era oferecido, e mal tocou na comida colocada em seu prato.

Quando se levantaram da mesa, a Srta. Silver perguntou de onde poderia dar um telefonema, e lhe foi indicada, como já o fora a Ray Fortescue, a Sala Azul. E Frederick a precedeu a fim de acender a luz. Ela lhe agradeceu, e quando a porta foi fechada, procurou o número do telefone do Hotel Boar. Pediu para falar com o Detetive Inspetor Abbott. O “alô” um tanto blasé foi substituído de imediato por uma saudação amigável, quando Frank reconheceu a voz de Maud Silver.

— Em que lhe posso ser útil? Suponho que não seja o caso de dizer: — Voe para cá, está tudo solucionado! Será? Com os papéis de detetive e assassino representados pelo Inspetor Blank. Edgar Wallace costumava apreciar muito esse estratagema.

— Meu caro Frank!

— Devemos relaxar um pouco de vez em quando. Waring e eu acabamos de jantar em mesas separadas, tentando, sem sucesso, não olhar diretamente um para o outro. A comida daqui, porém, é boa. Maravilhosa até, para um pub de aldeia, e creio que aqui eles tenham um negócio rendoso, e que o local fique bem movimentado com a chegada dos turistas no verão. Soube da existência de uma antiga villa romana, e de vários jardins com aquecimento de estufa, além da nova Vineyards. Bem, o fato é que aqui no Boar eles têm granja própria, e quem quer que seja o cozinheiro, sabe pelo menos como fazer uma omelete. Aliás, não posso imaginar que isso seja difícil de fazer. Os franceses não são tão bons como nós, ingleses, em questões de governo, eleições e pagamento de seus impostos de renda, mas nos derrotam fragorosamente no preparo de omeletes. Vou perguntar ao dono do Boar se sua esposa é francesa. Servem aqui também um queijo de verdade... Não a terrível massa oleosa que se vê por aí envolta em papel

impermeável lustroso, e que desconfio seja um dos mais refinados produtos derivados do óleo de baleia. Mas agora... Como sei que você diria, chega de brincadeiras, pois essas têm um limite... Bem, há algo que deseja me contar? Uma tossezinha discreta veio do outro lado do fio. Serviu como uma preparação para o que seria dito a seguir, em francês, pela Srta. Silver. Era um idioma em que ela se expressava segundo a honorável tradição das freiras dos Contos de Canterbury. Se não era realmente o francês de Stratford-atte-Bowe, dele descendia autenticamente. E Maud Silver sempre recorria ao francês quando tinha de tratar de assuntos confidenciais em circunstâncias como a presente.

— Você se lembra daquela lente de joalheiro que me mostrou?

— Certamente.

— Sabia que há umas iniciais nela gravadas?

— Não.

— Eu as descobri por acaso. Estava colocando a lente sobre a mesa do estúdio, quando a luz incidiu sobre o que de início julguei ser um simples risco bem junto do aro metálico. Examinando melhor, verifiquei haver uma série de riscos formando duas iniciais.

— E vai me dizer agora quais são essas iniciais?

A essa altura da conversa Frank achou que poderia retornar ao seu idioma nativo. O francês da Srta. Silver lhe agradava muito, mas o seu não. E se ele não podia fazer algo com perfeição preferia não fazê-lo pura e simplesmente. Exceto no caso de uma citação ocasional, preferia deixar o francês em paz. “Uma cabeça cheia de vento... é o que você é, Frank, meu rapaz”, como diria seu respeitável superior, o Detetive Inspetor-Chefe Lamb. Na Sala Azul, a Srta. Silver tossiu de leve, delicadamente. E disse em inglês:

— Penso que seria melhor assim, e voltou a se expressar em francês. — A primeira inicial é a última letra do alfabeto. A segunda é R. Achei que você devia ser informado disso sem demora. Frank Abbott deu um longo e suave assobio.

— Oh, disso? Bem, teremos apenas que descobrir que padrinhos ou madrinhas procuraram nas Sagradas Escrituras um nome para seus afilhados. Isso soa como se um dos profetas menores pudesse estar envolvido.

— Meu caro Frank! E o ouviu rir do outro lado.

— Eu tive que decorar a lista inteira dos profetas no colégio. Acabou soando como um jingle muito sugestivo.

— Bem, isso é tudo, disse a Srta. Silver. — Agora devo voltar à sala. Verei você pela manhã?

— Sem dúvida.

Retornando à sala de visitas, a Srta. Silver se sentou a pouca distância da lareira. A cadeira que escolhera ficava próxima daquela da qual Adrian Grey se levantara ao ver a detetive particular entrar. Ele deixou de lado o jornal que estivera lendo e disse:

— Vou lhe trazer uma xícara de café.

Agradecendo gentilmente, esperou que ele voltasse. De onde estava sentada podia observar bem o pequeno grupo junto à lareira. Lady Dryden terminara seu café. Tinha um livro nas mãos, e ocasionalmente virava uma página, mas Maud Silver teve a impressão de que ela não estava lendo realmente. Sybil Dryden já teria, talvez, achado suficiente a pequena conversa social que mantivera até então. Eric Haile estava de costas para a lareira, com um cigarro entre os dedos. Vez por outra, levava-o aos lábios e deixava escapar uma tênue nuvenzinha de fumo. De quando em vez, endereçava um sorriso e um comentário trivial a Ray Fortescue, que estava no sofá do canto. Quando Haile lhe dizia algo, ela erguia os olhos por sobre a revista que estava folheando e dava uma resposta curta. Depois voltava a atenção de novo. Não propriamente para a revista em suas mãos, mas para seus próprios devaneios. A Srta. Whitaker não se achava na sala. Adrian Grey voltou trazendo a xícara de café.

— Notei que tomou seu café com um pouco de leite após o almoço, e apenas um tablete de açúcar. Espero que esteja como gosta.

Então ele observara esse e outros detalhes, apesar daquele seu ar alheado, pensou Maud Silver. Dirigiu-lhe o mesmo sorriso com o qual já conquistara os corações de tantos clientes seus, e disse:

— Quanta gentileza. Sente, por favor, Sr. Grey. Gostaria muito de conversar um pouco com o senhor.

Assim que se sentou na cadeira ao lado da Srta. Silver, Adrian teve a impressão de ser aquele um recanto familiar e confortável. Um clima de privacidade que não seria rompido por nenhuma intrusão indevida. Ele estava na presença de uma pessoa amiga. Respirava-se um ar de segurança. Maud Silver bebeu o café numa atitude reflexiva e disse então:

— Creio que poderá me ajudar se lhe for possível. Devia conhecer Sir Herbert muito bem. Pode me falar sobre ele? Um fraseado simples e expresso com naturalidade. E Adrian não sentiu nenhum desejo de se opor ao pedido. Assim, falou com toda a franqueza e compreensão.

— Não sei o que lhe dizer exatamente. Ela sorriu de novo, retrucando gentilmente:

— Escolha o que preferir. Estou me perguntando, por exemplo, como o senhor veio a colaborar com ele,.

— Oh, isso é fácil de explicar. Eu me achava praticamente desempregado. Já o conhecia superficialmente há alguns anos, e quando ele me perguntou se poderia me incumbir das reformas que pretendia fazer em Vineyards eu agarrei a oportunidade.

— Ele lhe concedeu liberdade de ação?

— Bem, eu não diria isso. Eu apresentava minhas sugestões, e normalmente ele as aceitava. Mas nem sempre. Como o fato de ele fazer questão daquela horrível escadaria, por exemplo. A Srta. Silver pousou a xícara de café sobre a mesinha.

— Não, não vou querer mais, obrigada. E abriu sua sacola de tricô de chitão estampado, ajeitou o novelo de modo a que não escorregasse de seu colo, retomando então o segundo casaquinho de Josephine.

— Diz tê-lo conhecido casualmente. Mas com a colaboração estreita a que aludiu deve ter passado a conhecê-lo melhor.

A distância em que se achavam dos outros na sala e o tom de voz baixo em que falavam conferia muita privacidade à conversa, e era como se estivessem a sós ali. Adrian hesitou um momento e então disse:

— Oh, sim... Muito melhor. Nossos gostos apresentavam uma certa semelhança, mas superficialmente apenas. Por exemplo, ambos nos encantamos com Vineyards. Ele podia apreciar uma coisa bela quando a via... E a seu modo. Mas o que percebi após tê-lo conhecido melhor é que havia algo de anormal nessa sua apreciação das coisas. A Srta. Silver tossiu brandamente.

— Em que sentido? Adrian olhou-a com seus olhos cor de avelã, meio cândidos.

— Se ele admirava uma coisa queria possuí-la.

— E isso lhe parece anormal?

— Sim, um pouco. Mas acho que me expressei mal. Quis dizer que ele dificilmente admirava o que pertencia a outra pessoa. Ou se admirasse, faria todo empenho em tê-la para si.

A imagem de Lila Dryden flutuou entre eles tão nitidamente como se a jovem tivesse entrado na sala e ali estivesse... Linda, frágil... Algo a ser desejado e possuído por Herbert Whitall. Adrian disse rapidamente:

— Ele agia rudemente nesse sentido. Preferiria ver destruída alguma coisa que ele desejava possuir do que cedê-la a outra pessoa. As agulhas de tricô de Maud Silver emitiram um estalinho.

— Não achava fácil trabalhar junto com ele?

— Junto não. Mas, no que dizia respeito a esta mansão, não era muito ruim... E eu não o via com frequência aqui. Ele ia e vinha, claro,

geralmente aparecia aqui nos fins de semana, mas na maior parte do tempo eu ficava à vontade. A Srta. Silver parou de tricotar um instante e olhou para Adrian Grey por sobre o casaquinho de lã recém-iniciado.

— Vou fazer agora uma pergunta muito direta. Tem todo o direito de não responder a ela, mas faço votos que o faça. Gostava de Sir Herbert Whitall? Adrian não demonstrou nenhuma hesitação em responder:

— Não acho que ele desejasse que o estimassem.

— Sentia qualquer tipo de estima ou amizade por Sir Herbert? Adrian negou com um gesto de cabeça.

— Não é o modo adequado de colocar a questão. Eu diria que ele não fazia questão disso... Amizade, estima, eram coisas sem utilidade para Herbert.

— O que queria realmente?

— Coisas bonitas que lhe pertencessem... Coisas que outras pessoas desejavam e não podiam ter. Ele valorizava um objeto muito mais se ele fosse ambicionado por outrem. E tinha gosto pelo poder. Seu dinheiro já lhe proporcionava o bastante, mas queria mais. Gostava de manter as pessoas dependentes dele, assim elas não poderiam escapar, caso quisessem. Gostava de saber algo sobre os outros, alguma coisa confidencial... Que não iriam querer que alguém viesse a saber. Ele poderia não usar essa informação, mas apreciava sentir que estava à mão, pronta para ser usada algum dia. A Srta. Silver ouvira até ali com ar de muita atenção, meio absorta. Então disse:

— Uma pessoa assim como acaba de me descrever seria suscetível de despertar sentimentos de profundo ressentimento e até de ódio. Um número razoável de pessoas poderia desejá-lo morto. Os olhos cor de avelã penetraram nos seus. E Adrian Grey disse:

— Oh, sim, muitas.

* * *

Vinte e Sete

AS DEZ HORAS da manhã seguinte, a Srta. Silver foi informada por Frederick de que o Inspetor Abbott estava no estúdio, onde gostaria de vê-la. E o seu modo de transmitir o recado não foi tão polido como seria de desejar, pois ele não era ainda experiente em seu ofício. Mas a Srta. Silver não fez qualquer reparo a isso. E nem objetou em atender ao chamado. Ela estava prestes a iniciar uma tarefa realmente muito ingrata. Sua sobrinha Gladys Robinson, uma jovem senhora interesseira e frívola, tão diferente de sua querida irmã Ethel Burkett, lhe escrevera pedindo um empréstimo e desfiando um rosário de queixas contra o marido, um homem muito respeitável, embora talvez um pouco, obtuso e bem mais velho que Gladys. Claro que, ao se casar, ele se achava numa situação financeira muito melhor do que agora, mas sua pessoa não mudara: continuava a ser honrado, um tanto apático, e mais velho que Gladys... A Srta. Silver já compreendera, há muito tempo e com pesar, que Gladys se unira àquele homem pelo dinheiro que ele tinha e não por suas qualidades morais. Gladys se queixava nas últimas cartas, com crescente irritação, do fato de ter que cuidar, ela mesma, das tarefas domésticas. Dizia que Andrew, seu marido, estava querendo isso mesmo. Ela chegara a ponto de dizer, em termos cuja vulgaridade chocara a Srta. Silver profundamente, que havia outros e melhores “pretendentes” à vista. E na última folha de sua carta mencionara realmente a palavra “divórcio”.

Em resposta, a Srta. Silver já escrevera a frase inicial: “Minha querida Gladys, não sei dizer realmente o quanto sua carta me deixou

chocada...” quando, ao ser interrompida por Frederick, deixou de lado a caneta com um suspiro de alívio, guardou o bloco de cartas, e se encaminhou para o estúdio. Frank Abbott estava sozinho. E indo ao seu encontro, ele perguntou imediatamente:

— Onde está a lente? Suponho que você esteja com ela. Um olhar direto e reprovativo foi endereçado pela Srta. Silver, que, com um aquietante:

— Bom dia, Frank, lembrou que o cumprimento de praxe não fora observado por ele.

Quando Frank respondeu ao “bom dia” e a uma pergunta solícita sobre se havia dormido bem, Maud Silver respondeu então ao que lhe fora indagado, ao mesmo tempo em que abria sua sacola de tricô e entregava a Frank Abbott a lente de joalheiro.

— Julguei que seria melhor guardá-la. Nas circunstâncias presentes, me pareceu desaconselhável deixá-la sobre a mesa.

— Oh, sim, claro.

Abbott se aproximou da janela, examinando detidamente a lente até que as duas iniciais se tornaram identificáveis. Então voltou a se aproximar da mesa sobre a qual deixou a pequena lente.

— Sim, aí temos um Z e um R. E riscadas toscamente por seu próprio dono, um amador, eu diria. O que nos dá uma ideia meio sinistra sobre da moralidade dos colecionadores. Acha que uma simples lente dessas correria algum risco de ser surrupiada? Mas o professor achou mais seguro gravar nela suas iniciais. A propósito, eu estava certo quanto aos profetas menores: Ageu, Zacarias e Malaquias. O Professor Richardson é Zacarias. E daí?

A Srta. Silver se sentou e retomou seu trabalho de tricô. O segundo casaquinho da pequena Josephine já estava em bom andamento. Com ar

muito pensativo, ela disse:

— Seria fácil conferir uma importância bem relevante ao fato de que a lente do professor foi encontrada neste aposento. Creio que você me disse ontem que ela rolara sob a mesa. Refere-se à mesa?

— Sim.

— Ela pode ter caído ali numa ocasião anterior ao crime.

— Acho que não. O aposento fora arrumado e limpo no dia anterior ao da reunião de Whitall e seus convidados. E Richardson não pôs os pés nesta casa, e neste estúdio, senão quando veio para jantar aqui na noite do crime.

— Ele não terá entrado neste aposento antes do jantar?

— Não sei... Não consta dos depoimentos que tomamos. Mas podemos esclarecer isso facilmente. Apertou a campainha, antes de concluir: — Há um ou dois outros detalhes que gostaria de esclarecer com o mordomo. Era costume de Marsham atender à campainha do estúdio. E logo se apresentava ali. — Entre e feche a porta, disse Abbott. — Há uma ou duas coisinhas que, a meu ver, você pode me ajudar a esclarecer. Pode me dizer em que ordem chegaram os convidados para o jantar na noite da morte de Sir Herbert?

— Certamente, senhor. O Sr. Haile chegou mais cedo, pouco antes de sete e meia. Ele tinha um encontro marcado com Sir Herbert e veio logo para este aposento. O Sr. e a Sra. Considine chegaram a seguir e por fim o Professor Richardson. Todos tinham sido convidados a vir as quinze para as oito.

— E o professor esteve nesta sala?

— Oh, não, senhor. Sir Herbert e o Sr. Haile ainda estavam conversando aqui. O professor foi para a sala de visitas.

— Então Sir Herbert não se achava na sala de visitas quando seus convidados chegaram?

— Não, senhor... Ele estava aqui. Já passava de oito horas quando Sir Herbert e o Sr. Haile se dirigiram à sala de visitas.

— Entendo. E finda a reunião, os Considine foram os primeiros a sair, certo?

— Sim, senhor... Às dez e meia. Deram carona em seu carro a Srta. Whitaker até a parada de ônibus.

— Ah, sim... A Srta. Whitaker. Ela já avisara que precisaria sair?

— Não, senhor. A Srta. Whitaker comunicou isso na hora a Sir Herbert, já no vestíbulo. Ela disse que recebera um telefonema de sua irmã, que adoecera, e então pediu a Sra. Considine para lhe dar uma carona até a aldeia, onde pegaria o ônibus. Abbott ergueu as sobrancelhas.

— Quer dizer que só então Sir Herbert soube que sua secretária ia sair naquela noite?

— Parece que sim. Ele não deu a impressão de ter gostado disso. Eu o ouvi perguntar a Srta. Whitaker o que faria se ele se opusesse à sua saída, e ela retrucou que sairia assim mesmo. O Inspetor Abbott anotou mentalmente o fato de que a Srta. Whitaker não parecia ser muito apreciada pelos criados da mansão. E disse:

— Oh, então ele disse isso. E como se expressou... Com ar zangado? Marsham hesitou.

— Não é muito fácil de responder, senhor. Sir Herbert não costumava se exaltar facilmente.

— E a Srta. Whitaker, como se mostrou quando disse que sairia assim mesmo? Falou de modo natural?

— Oh, não, senhor.

— Estava zangada?

— Eu diria que sim.

— Não se disseram mais nada a seguir?

— Não, senhor.

— E ela saiu então com o Sr. e a Sra. Considine?

— Sim, senhor.

— O Professor Richardson permaneceu no vestíbulo todo esse tempo?

— Sim, senhor.

— Tem certeza de que ele não entrou no estúdio de Sir Herbert?

— Absoluta, senhor.

— E quanto tempo ele ainda ficou aqui?

— Saiu tão logo o Sr. e a Sra. Considine se afastaram de carro.

— Então tem plena certeza de que ele não esteve neste aposento em algum momento naquela noite?

Perguntas e respostas tinham se seguido umas às outras rapidamente. Marsham só hesitara uma única vez até ali, mas ligeiramente. Agora, porém, houve uma pausa. Ele não hesitara, simplesmente guardara silêncio. A atenção firme da Srta. Silver se tornou um pouco mais acentuada. Seus dedos se ocupavam do tricô, mas seu olhar pousara no rosto de Marsham, que permanecia inexpressivo. Frank disse incisivamente.

— É o que você disse antes, certo?

— Desculpe-me, senhor... Mas me perguntou se por acaso o Professor Richardson entrara aqui antes do jantar ou no final da reunião, e então eu lhe disse que não. Agora o senhor está me perguntando se ele esteve aqui em qualquer momento no decorrer da noite.

— Bem.. E ele esteve?

— Eu não sei, senhor.

— O que está querendo dizer com isso exatamente?

— Não é algo fácil de explicar, senhor... Não em poucas palavras. Frank Abbott, sentado meio de lado na mesa de trabalho de Sir Herbert, e numa postura meio displicente, perscrutou com os olhos azuis o rosto impassível de Marsham.

— Use tantas palavras quantas forem necessárias. E Marsham assim fez.

— Já deve saber, senhor, que prestei depoimento ao Inspetor Newbury. Fizeram-me então várias das perguntas que o senhor me fez até aqui, e eu as respondi o melhor que pude. Perguntaram-me quando vira Sir Herbert vivo pela última vez. Respondi que fora logo após Lady Dryden, a Srta. Lila e o Sr. Grey terem subido a escada a fim de se recolherem. Abbott assentiu com um gesto de cabeça.

— Tenho seu depoimento aqui comigo. Consultou rapidamente seus papéis, pegou uma folha datilografada e leu em voz alta:

Sir Herbert deixou a sala de visitas e se dirigiu a seu estúdio. Coloquei tudo em ordem na sala de visitas e fui para a copa. Às onze horas iniciei a vistoria habitual dos aposentos deste andar a fim de me certificar de que todas as portas e janelas estavam bem fechadas. Quando ia entrar no estúdio, me detive porque ouvira vozes. Sir Herbert tinha o hábito de se deitar tarde. Pensei que o Sr. Haile podia estar com ele...

— Por que pensou que poderia ser o Sr. Haile?

— Ele ia passar a noite aqui. Eu tinha visto o Sr. Grey subir, mas não o Sr. Haile. Achei que ele podia ter prolongado a sua conversa com Sir Herbert.

— Chegou a identificar a voz do Sr. Haile?

— Não, senhor.

— Sabia que o Sr. Haile declarou que fora ao estúdio para tomar um drinque, mas que se demorou ali apenas uns minutos e que antes das onze já subira para seu quarto?

— Não, senhor, disso eu não sabia,.

— Faz parte do depoimento do Sr. Haile, e é corroborado pelo Sr. Grey, que diz ter visto o Sr. Haile em seu quarto com a porta entreaberta assim que por ali passou depois de ter tomado um banho. E que o Sr. Haile estava de pijama, e eram então onze horas. Sendo assim, não pode ter sido o Sr. Haile quem você ouviu conversando com Sir Herbert, no estúdio.

— É o que parece, senhor.

— Em seu depoimento, você segue dizendo que, tendo ouvido vozes no estúdio, deixou de entrar ali e após terminar sua vistoria habitual foi dormir.

— Sim, senhor.

— Se tudo estava trancado como faria o professor para entrar aqui?

— Como?

— Ouça, Marsham, sua situação pode se tornar delicada. Você prestou depoimento... Respondeu às perguntas que lhe foram formuladas pela polícia local. Podia ter se recusado a respondê-las até

mesmo sob intimação do juiz de instrução. Mas o que não pode é fazer declarações falsas e ficar impune.

— Senhor!

— Há uma coisa que se chama falsidade ideológica. Não nego que seu depoimento seja verdadeiro dentro do que se pode concluir dele. Não nego que você tenha passado pela porta do estúdio, ouvido vozes em seu interior, e pensado então que o Sr. Haile estava conversando com Sir Herbert. Isso é o que reza seu depoimento. E estou lhe dizendo agora que ele não é completo. Então por que você não me respondeu quando lhe indaguei se tinha certeza de que o Professor Richardson não estivera neste estúdio em qualquer momento durante a noite do assassinato? Deve ter havido algo que o fez hesitar tanto. E agora lhe pergunto diretamente se, após ter parado junto à porta deste estúdio e pensado ser o Sr. Haile quem falava com Sir Herbert, ouviu algo que o fez mudar de opinião. O rosto de Marsham continuou inexpressivo. E ele respondeu sem revelar hesitação:

— Não estou bem certo do que ouvi...

— Bem, seja como for, acho que será melhor me dizer o que foi.

— Eu acabara de passar pela porta deste estúdio..

— Sim?

— Bem, senhor, acho que cheguei a ouvir algo.

— O que foi que ouviu? Marsham disse lentamente:

— Não foram palavras, senhor. Bem... Foi um ruído apenas. E não exatamente o tipo de som que eu esperaria que o Sr. Haile fizesse.

— Terá então que me dizer que tipo de som foi esse.

Sem alterar em nada sua expressão, Marsham encheu de ar suas bochechas pálidas e emitiu então um som, que poderia muito bem significar algo como: “Bah! Bolas!”. O efeito foi extremamente cômico, embora nem Maud Silver nem Abbott, que estavam observando o mordomo, sentissem qualquer vontade de rir. A ridícula imitação poderia trazer em seu bojo um detalhe ligado tragicamente à morte de Sir Herbert. Mas a Srta. Silver não pôde identificar essa ligação subjacente com o crime. Frank Abbott tinha, porém, elementos para

fazer tal identificação. Isso porque poucas horas antes ele procedera como um espectador divertido enquanto duas bochechas rosadas tinham se inflado a fim de expelir o ar e um desdenhoso “Ora, bolas!” Perguntou de imediato:

— Você chegou a reconhecer a voz de quem emitiu esse som? O rosto de Marsham reassumira aquele seu ar composto e cerimonioso.

— Não poderia jurar que o reconheci.

— Não estou pedindo que jure nada. Pergunto apenas o que pensou na ocasião. Após uma curta pausa, Marsham disse:

— Pensei que fosse o Professor Richardson. Frank fez um rápido gesto de anuência e indagou:

— Parou por mais um instante perto da porta?

— Um instante apenas, senhor.

— Ouviu mais alguma coisa?

— Ouvi Sir Herbert dizer algo, mas não entendi o que era.

— A voz dele soava irritada?

— Isso eu não posso asseverar, senhor. Quando estava zangado, Sir Herbert não o demonstrava. Ele não ergueria a voz... Não de modo a que se pudesse notar que estava zangado.

— E isso foi tudo o que você ouviu?

— Sim, senhor. Depois segui pelo corredor, e quando terminei meu serviço habitual, subi para o meu quarto.

* * *

Vinte e Oito

MARSHAM saiu fechando a porta. Frank Abbott deixou passar um minuto. Depois se levantou, caminhou com passos leves até a porta e abriu-a de novo. O corredor comprido estava deserto. Então voltou de novo para junto da lareira e reavivou o fogo, dispondo melhor três achas de lenha maiores e uma outra menor por cima. Quando terminou essa curta tarefa, limpou as mãos com um fino lenço que combinava bem com sua gravata e suas meias de boa qualidade, e comentou em tom casual:

— Apenas quis me certificar de que ele não tem o hábito de ouvir atrás da porta. A Srta. Silver o olhou por sobre seu trabalho de tricô.

— Acha que ele ouviu mais coisas do que admitiu há pouco?

— Pode ser. Ninguém costuma dizer tudo o que sabe... Não num caso de assassinato. Apreendi isso com você quando era um garoto traquinas. Penso que ele está ocultando algo. Não pensa assim também?

— Eu não sei. Acho que ele reconheceu a voz do Professor Richardson com mais certeza do que nos disse há pouco.

— Oh, sim... Certamente. Simpatizava com o velho. Isso não me surpreenderia. Ele não era, digamos assim, exageradamente afeiçoado ao falecido Whitall. Não, não há nada dos traços de fiel serviçal no nosso amigo Marsham. A Srta. Silver tossiu de leve.

— Estou ainda por conhecer uma só pessoa de quem se possa dizer que alimentava o mínimo de afeição por Sir Herbert Whitall. As espessas sobrancelhas de Frank Abbott se ergueram.

— Que epitáfio! “Aqui jaz um homem de quem ninguém gostava.”
Que acha de acrescentarmos: “e que muitas pessoas detestavam”?

— Acho que retrataria a realidade.

— Ninguém gostava dele.. E um bom número de pessoas o odiava.
Não é esse o veredicto? Em qual dessas duas categorias incluiria a Srta. Whitaker?

— Não me sinto propensa a responder a isso. Havia, é fato, um forte sentimento em jogo. E ela, sem dúvida, está sofrendo bastante com o acontecido.

— Bem, ela esteve trabalhando para ele durante dez anos. Pode ter sido sua amante. Não creio que viesse a assassiná-lo. Newbury checkou seu álibi, que parece perfeitamente correto. Ela saiu daqui às dez e meia com os Considine, tomou depois o ônibus para Emsworth, e saltou na estação rodoviária às onze. Sua irmã é a Sra. West, que mora em Station Road, 32. Ela declara que a Srta. Whitaker ali chegou logo após as onze e foi se deitar... As duas se recolheram ao mesmo tempo. A Sra. West diz que sofrera um mal-estar, e que seu filhinho não estava passando bem. Telefonara então para sua irmã porque estava sozinha com o menino em casa, e sem condições de se valer de si mesma.

— Ela mesma fez a ligação?

— Sim, eu lhe indaguei sobre isso. A Sra. West mora numa casa de pensão e sua vizinha, uma massagista, tem telefone e permite que ela o use.

— E onde estava essa massagista na ocasião?

— Fora passar o fim de semana fora. A versão que checamos confere. A Srta. Whitaker tomou o ônibus das dez da manhã de volta para cá.

A Srta. Silver prosseguiu tricotando. Pela sua expressão, Frank deduziu que ainda tinha algo a dizer. Aguardou então, encostado no mármore da lareira, com a sua figura de homem moço e elegante, ar meio displicente, cabelo espesso e bem penteado, terno preto de excelente corte. Poucos instantes decorreram antes que Maud Silver tossisse de leve e dissesse com o ar de quem arrisca um palpite:

— Há quanto tempo a Sra. West vive em Emsworth? Abbott olhou-a um pouco surpreso. Fosse o que fosse que esperara ouvir, tal pergunta se mostrara inesperada.

— A Sra. West? Não sei. Espere um pouco, creio que Newbury mencionou esse detalhe. Alguma coisa assim como a Sra. West ser uma nova moradora no lugar. Isso foi dito em conexão com o fato de ela permanecer sozinha em casa com a criança. Newbury disse que provavelmente ela não devia conhecer ninguém a quem pudesse pedir ajuda. A Srta. Silver puxou uma meada do novelo de lã rosa.

— Foi isso o que imaginei. Acho provável que a mudança da Sra. West para Emsworth tenha ocorrido após Sir Herbert ter adquirido a Mansão Vineyards.

— E qual o significado disso?

— Pergunto-me se o desvelo da Srta. Whitaker em relação à sua irmã seria tão acentuado quanto o que manifestaria pelo menino que podia sofrer com a falta de uma atenção adequada. Poderia me dizer se o Inspetor Newbury mencionou a idade da criança?

— Sim, acho que mencionou isso... O menino tem oito anos. Insinua então... As agulhas de tricô emitiram um leve clique. Maud Silver disse:

— É possível. E, a meu ver, isso explica algumas coisas, e sugere outras. Mal dissera a última palavra, a porta foi aberta. Frederick apareceu no umbral, precedendo outro homem. A apresentação feita pelo rapaz:

— O Professor Richardson... Foi inteiramente desnecessária, já que o referido senhor irrompeu no aposento, a calva reluzente, contornada por uma espécie de cerca formada por um tufo estreito de cabelo ruivo. Sua voz soou como um estampido.

— Bem, inspetor, aqui estou! O que deseja de mim? Newbury me fez um mundo de perguntas ontem pela manhã. O senhor voltou a formulá-las, todas, à noite, e aqui estamos nós de novo. Suponho que tenha passado a noite toda acordado pensando em novas indagações.

Essa sua atividade mental me deixa impressionado. Assim que parou para tomar fôlego, foi apresentado à Srta. Silver.

— Amiga de Lady Dryden? Ela está muito abalada, imagino. É difícil imaginá-la perturbada, mas suponho que assim esteja. Comentei isso com a Sra. Considine... Encontrei-a no caminho para cá. E sabem o que ela me disse? Ela foi colega de escola de Lady Dryden, sabia? Bem, Mabel Considine me contou que nunca a viu se perturbar com nada. Ela não deixa que nenhum acontecimento venha a abalá-la... Eis como se expressou Mabel. Disse que se por acaso acontece uma briga ou algo assim, Sybil sempre se sai bem da questão e com tudo a seu favor e ao seu jeito. Eu tenho conhecido pessoas assim como ela. É realmente um dom. Mas elas não são muito apreciadas... Como tenho observado.

Ele se aproximara da lareira, e ali parou, erguendo as mãos para aquecê-las e esfregando-as uma na outra. Voltou-se então e falou para a Srta. Silver:

— O certo é que pessoas que não sofrem quaisquer vicissitudes são muito aborrecidas e irritantes para seus vizinhos. Não favorecem o ensejo de lhes prestarem condolências e certos favores, como uns ovos frescos, um pouco de açúcar na hora necessária... Nem visitas de conforto. Nenhuma oportunidade para expressar um gesto de ternura comum e solidariedade humana. Não há, naturalmente, lugar para tal.

O professor tinha um rosto tão rosado, tão espontâneo, com um ar de quem se diverte consigo mesmo, que se tornava cada vez mais difícil situá-lo no papel de suspeito número um de um crime. E quanto ao motivo? Uma simples discussão sobre a autenticidade de um punhal antigo?... Certas lembranças acudiram então à mente de Frank e lhe propiciaram as frases de cartas agressivas publicadas no Times... Reclamando e contestando isso ou aquilo, envolvendo todos os assuntos. Sim, o passado daquele homem sempre fora polêmico. Mas nada havia envolvendo um crime. Então por que agora? A suspeita parecia ser ridícula. No entanto, permanecia de pé o fato de que o

professor certamente estivera ali, naquele mesmo estúdio, na noite do crime, e isso devia ser esclarecido. Assim que a voz estentórea cessou de se manifestar, Frank disse com sua voz pausada e calma:

— Poderia me dizer de que modo entrou aqui na outra noite?

— Que quer dizer com “na outra noite”?

— Na noite em que Sir Herbert foi assassinado.

— Então por que ainda me pergunta como entrei? De que modo se entra normalmente numa casa? Vim aqui para jantar. Toquei a campainha, e fui recebido por aquele pau-de-sebo de quase dois metros de altura, o jovem Frederick não-sei-de-quê. Ele confirmará isso, caso o senhor lhe pergunte. Frank Abbott assentiu.

— Naturalmente. Mas não era sobre isso que eu estava lhe perguntando. Sei que jantou aqui, se retirando às dez e meia, logo após os Considine. O que desejo saber é quando voltou, e por quê?

— Quando eu voltei aqui? Que está querendo dizer, sir?

— Apenas o que ouviu. O senhor voltou a esta casa... Provavelmente por essa porta-janela que dá para a varanda. Chamou a atenção de Sir Herbert, e este o fez entrar.

O Professor Richardson inflou suas bochechas e fez um ruído meio cômico. Frank, atento ao som emitido, achou que o mesmo soava mais como “Bah!” do que “Bolas!” E foi acompanhado imediatamente por uma outra palavra: “Tolice!”, pronunciada após um resmungo. Abbott permaneceu sereno ao dizer:

— Não acho. Penso que o senhor entrou por aquela porta ali. O professor replicou, com um olhar aceso.

— O que pense ou venha a pensar não constitui uma prova, meu jovem. Minha governanta lhe dirá que eu já me achava em casa por volta de quinze para as onze, e isso é tudo!

— O senhor estava com sua bicicleta motorizada?

— Sempre faço isso. Não é nenhum delito punido por lei, suponho.

— Mas poderia ser um procedimento bem conveniente. Se o senhor voltou para sua casa na aldeia em pouco mais de dez minutos poderia ter feito a viagem de retorno no mesmo tempo. O senhor tinha mantido uma discussão calorosa com Sir Herbert no começo da noite. Ele aludira a uma história relativa a Marco Polo e àquele punhal de marfim.

— Pura fantasia. Inteiramente ridícula! E foi o que eu disse a ele na ocasião! O registro mais remoto sobre a autenticidade dessa arma não remonta a um período anterior ao século XVIII!

— A essa altura da discussão a Sra. Considine interveio e solicitou ouvir alguns de seus discos favoritos. Bem, o senhor queria ver aquele assunto bem esclarecido. Assim sendo, foi para casa, queimou as pestanas um pouco, fazendo consultas, pensou em muitas coisas que queria dizer a Sir Herbert, colocou sua lente no bolso e voltou aqui. Sabia que Sir Herbert costumava se deitar tarde... E que estaria sentado neste estúdio. Contornou a varanda, olhou pela porta de vidro. Ele o viu e fez entrar, indo então apanhar o punhal. E o senhor retomou então a discussão no ponto onde a Sra. Considine os interrompera. A propósito, aqui está a sua lente. Abbott exhibia agora na palma da mão a lente que retirara do bolso.

Um intenso rubor cobriu o rosto do Professor Richardson. Seu tufo de cabelo pareceu até mais rubro. O suor porejou em sua testa. Parecia ter acabado de emergir de um caldeirão de água fervente. E disse quase num rugido:

— Que é isso?

— Sua lente de aumento, professor.

— Quem diz que é minha?

— Ela traz suas iniciais. O rosto rubro, os olhos muito brilhantes, a agressividade da voz, pareciam remeter o professor à selvageria do homem primitivo.

A Srta. Silver, ainda tricotando o casaquinho da pequena Josephine, observava a cena com atenção crítica. A ira era um sentimento ao mesmo tempo deformador e revelador. O velho rifão diz: “In vino veritas”, mas não são apenas os bêbados que dizem a verdade. A fúria pode ser tão eficiente como o vinho para soltar a língua. E a língua do professor estava desatada. Suas bochechas se inflaram ao máximo. E ele emitiu estranhos sons guturais. Uma catarata de palavras jorrou de seus lábios.

— Minhas iniciais nessa lente de aumento... E ela vem a aparecer neste aposento! Conveniente demais, hem? Como podem essas coisas acontecer? Talvez os especialistas da Scotland Yard possam nos informar! E só porque minha lente de aumento está aqui, neste estúdio, concluem que fui eu quem matou Herbert Whitall! Suponho que irá me dizer isso agora. Pois vá adiante! Diga-o! A entonação empregada por Frank se tornou mais fria.

— Antes que um de nós acrescente mais alguma coisa, devo preveni-lo de que tudo o que disser poderá ser usado como prova contra o senhor. O professor emitiu o que poderia ser tido como uma risada, embora contivesse uma ironia agressiva.

— Muito bem... Já me preveniu. Mas não preciso, absolutamente, prestar declarações. Posso consultar meu advogado entre outras providências. Bah! Posso fazer as declarações que quiser, sem precisar de um advogado para me instruir sobre o modo de contar a verdade! Então eu matei Sir Herbert Whitall, é isso? Talvez você possa me dizer por quê! Todos, exceto um homicida louco, têm que ter um motivo para matar alguém. E onde está o meu motivo? Diga-me, Sr. Sabe-tudo da Scotland Yard! Frank se aproximou da mesa e se sentou atrás da mesma. Retirou um lápis do elegante estojo que pertencera a Sir Herbert e ponderou:

— Bem, o senhor manteve uma acirrada discussão com Sir Herbert. O professor passou os dedos pelo tufo de cabelo ruivo que lhe contornava a calva e vociferou:

— Discussão acirrada! Chama assim aquele simples debate? Meu bom moço, minha carreira tem sido marcada por polêmicas desse tipo!

Eu não gostava realmente de Sir Herbert... E nunca conheci alguém que o estimasse. Carente de autenticidade, de sentimento humano, ou de integridade científica.. Bolas! Mas nunca me senti a ponto de querer matá-lo. Por que o faria? Se não matei Tortinelli quando ele me chamou de mentiroso publicamente... Se não dei cabo da Sra. Hodgins-Blenkinsop quando tive de suportar sua palestra de duas horas e de teor pestilento... Por que iria eu, então, assassinar Herbert Whitall? Eu lhe digo que quem é capaz de suportar aquela mulher por duas horas é um mestre no autocontrole! E saiba que nem cheguei a ser rude com ela. Minha anfitriã na ocasião me implorou, e eu contive meus impulsos. Apenas me acerquei da Sra. Hodgins e lhe disse: “Madame, a exposição que fez foi na verdade incorreta, seu método de apresentar os fatos não é honesto, e lhe aconselharia a deixar a história em paz e voltar sua atenção para a ficção. Boa noite!” Voltou a rir; agora de modo mais natural. — Devia ter visto a cara que ela fez! Ela, que pesa uns cem quilos, ficou de boca aberta como um peixe. Pela primeira vez em sua vida não soube o que dizer. Afastei-me antes que ela saísse de seu estupor. Bem, agora já pode ver que sou uma pessoa dotada de discrição e autocontrole. Conservo um modo de encarar as coisas próprio de um cientista: sou moderado e desapaixonado. Por que iria matar Herbert Whitall? A folha de papel que o Inspetor Abbott colocara à sua frente continuava em branco. Ele disse em tom indiferente:

— Não lhe perguntei se matou Whitall. Indaguei apenas se voltou aqui na noite em que alguém cometeu o crime. O professor se aproximara da mesa. Puxou uma cadeira em posição mais conveniente e se sentou. Tamborilando com os dedos nos braços estofados da cadeira, disse:

— Oh, não, não foi assim, meu jovem... Você não me perguntou coisa alguma. Disse que eu voltara aqui, o que é uma coisa muito diferente.

— Bem, voltou então? O Professor Richardson golpeou os braços da cadeira, exclamando:

— Claro que eu voltei! Por que não poderia? Há alguma lei contra isso?

— Tem algum inconveniente quanto a me dizer o que aconteceu? O professor se apegou à última palavra dita por Abbott e a repetiu com ênfase:

— Aconteceu? Ora, nada aconteceu! Exceto que fui capaz de lhe dar uma boa lição sobre o seu ridículo punhal de marfim. Marco Polo, qual! No máximo aquela arma remonta ao século XVII ou início do XVIII. Foi o que disse a ele!

— Mas, pelo que soube, o senhor quis adquiri-la em leilão. O professor fez um gesto largo, refutando:

— Não para mim. Não posso me permitir comprar peças falsificadas e caras. Um amigo meu, Rufus T. Ellinger, o magnata da indústria de carnes, me telegrafou pedindo que arrumasse alguém para arrematar o punhal. Eu não fui pessoalmente ao leilão... Não queria me envolver no assunto. Ellinger tinha ouvido coisas fantásticas sobre aquela peça. Ele é um entendedor de carnes, mas não de raridades de marfim. Eu lhe dissera que aquele punhal era uma peça bem trabalhada, mas a história que lhe atribuíam era fantasiosa. E lhe disse também qual a soma que poderia oferecer por ela. Bem, Whitall chegou a oferecer um lance maior, e assim foi. Pagou uma bela quantia por ela... Muito mais do que valia. Naturalmente ele não gostou nada quando eu lhe disse que bancara o trouxa. Isso ele não iria admitir, claro!

— E aí o senhor voltou para persuadi-lo. Por que foi para sua casa? Por que não aguardou um pouco para falar com Whitall após os Considine terem saído?

Agora o professor parecia mais cordial. A cor de seu rosto retomara o tom rosado normal. Seu tufo de cabelo não parecia mais tão vermelho. Sua voz cessara de soar como um estampido. E ele retrucou:

— Ah! Pensa em me pegar por aí, mas nada feito. Eu fui até minha casa para buscar a lente de aumento e uma carta. Pensara que as tinha trazido comigo, mas tal não acontecera. Isso é coisa de minha governanta... Está sempre esvaziando os meus bolsos. Diz que é para que não rasguem. A carta era de Robinet. Ele é a maior autoridade atual em

objetos de marfim e sabia tudo a respeito daquele “precioso” punhal de marfim. Nós dois achamos que iríamos pegar Whitall pelo pé, e assim fizemos. Eu sabia que Herbert se recolhia tarde, e costumava ficar sentado aqui, assim me dirigi até a porta deste estúdio. Frank girou o lápis entre os dedos.

— E ele o deixou entrar? O professor bateu no braço da cadeira.

— Não. A porta não estava fechada à chave, assim fui entrando.

— Estava aberta? Disse Abbott, surpreso.

— Sim. Eu pensara em bater para chamar a atenção, mas já que a porta estava aberta, fui entrando de uma vez. Dei-lhe um bom susto. E sorriu com o ar de um garoto de escola. O olhar de Frank Abbott se fez mais incisivo.

— Bem, o senhor entrou. Ele se surpreendeu ao vê-lo?

— Não sei se ficou ou não surpreso. Eu disse: — Escute aqui, Whitall, se aquele punhal de marfim for um dia mais velho que o século XVII, eu o devorarei. Se estiver interessado, eu lhe provarei o que afirmo, ou Robinet o fará. Herbert assentiu, e então expus minhas provas, embora ele fosse teimoso como um asno e aferrado demais às suas próprias opiniões, para reconhecer seu engano.

— E depois? O professor olhou Abbott fixamente.

— Fui para casa.

— E que caminho tomou então?

— O mesmo que segui para entrar aqui.

— Por quê?

— Ora, bolas! Por que se faz isso ou aquilo? Era o caminho mais à mão.

— Mas que o fez contornar a casa no escuro.

— Mas eu tenho uma excelente lanterna. Ouça, aonde isso nos leva? Abbott replicou calmamente:

— Eu me pergunto se agiu assim simplesmente por não desejar ser visto. Não o faria se Whitall já estivesse morto quando o senhor saiu do estúdio, certo? O professor esmurrou os dois braços da cadeira.

— Mas acontece que ele não estava morto, essa é a verdade! Ele se encontrava sentado onde o senhor está agora, com o punhal de marfim

sobre o papel mata-borrão desta mesa, diante dos olhos dele, com uma expressão azeda como vinagre. Eu saí e antes que descesse os degraus da varanda ele se levantou e fechou a porta à chave para o caso de que me desse na telha tornar a entrar.

— Ele fechou a porta à chave após o senhor sair? O professor deu outra de suas sonoras risadas.

— E correu o trinco de segurança também! Não podia confiar apenas na chave! Receoso de que eu voltasse para refutá-lo mais uma vez! Houve uma pausa. Depois, Abbott disse:

— Sabe que Waring encontrou essa mesma porta entreaberta um pouco depois de meia-noite? O professor olhou-o intrigado.

— Então alguém deve tê-la aberto.

— Ou deixou-a aberta. Se Herbert Whitall estava morto quando o senhor o deixou, não haveria ninguém no estúdio para fechá-la à chave à sua saída... Haveria? O professor deu uma espécie de rugido.

— Muito sutil, meu jovem. Que espera que eu lhe diga? Ele estava vivo quando eu saí, e o ouvi fechar a porta à chave em seguida. Assim, pode anotar isso em seu relatório, e eu assinarei!

* * *

Vinte e Nove

O PROFESSOR, depois de prestar seu depoimento, assinou-o grafando um Z num fino ziguezague e um “Richardson” do qual a letra inicial era a única que podia ser identificada com alguma certeza. Então deixou de lado a caneta e indagou se a polícia iria passar a si mesma um atestado de idiotice ao prendê-lo.

— Para mim pouco importa, se vocês desejam ser motivo de chacota! Vá em frente!

— E aí o senhor escreverá uma carta sobre isso para que o Times publique? Bem, acho que hoje não voltaremos mais a incomodá-lo. Mas deve saber que será chamado a depor durante o inquérito judicial, e que deve permanecer à disposição para posterior interrogatório. O professor emitiu de novo sua risada explosiva.

— Eu não fujo nem me tranco a sete chaves, se é isso o que quer dizer! A Srta. Silver continuava a tricotar com ar pensativo. Quando o Professor Richardson já se retirara batendo a porta, Frank Abbott dela se aproximou, perguntando:

— Bem, que me diz? Ela tossiu levemente.

— Uma personagem interessante, foi seu comentário. Frank se sentara no braço da outra poltrona.

— Oh, sem dúvida.

— Sob certos aspectos, extremamente descontrolado, e capaz, no entanto, de encarar uma situação deveras alarmante com bastante frieza. Sua argumentação, desenvolvida ao sabor do momento e após uma manifestação de fúria tão acentuada, foi mesmo marcada por

maneirismos de expressão, correta e ao mesmo tempo fria. Frank assentiu, observando:

— Ele tem um raciocínio equilibrado.

— E muito bom, devo admitir. Frank riu.

— Mas ainda não respondeu realmente à minha pergunta. O que inferiu dessa argumentação, fria e correta, do professor? Considera convincentes as explicações dele?

— Estou propensa a crer que sim.

— Poderia me adiantar os motivos dessa convicção? As mãos de Maud Silver pararam por um momento de mover as agulhas. Olhando-o de modo muito persuasivo, ela disse:

— Trata-se de uma ausência de motivação. Não consigo descobrir por que o Professor Richardson poderia desejar a morte de Sir Herbert Whitall. Há, naturalmente, possíveis circunstâncias que desconhecemos, mas, em face do que apuramos, o professor tinha todos os motivos para se julgar satisfeito com o resultado da conversa que acabara de ter com Sir Herbert. Você pode, naturalmente, confirmar isso pedindo ao professor que lhe mostre a carta do Sr. Robinet que, segundo ele declara, o habilitou a refutar a argumentação de Sir Herbert. Tendo usado o melhor possível as provas contidas na tal carta, por que ele recorreria à violência? Seria muito mais natural se esperar que ele desse vazão a uma boa dose de bom humor, sem dúvida bem desagradável para o amor-próprio de Sir Herbert, mas de nenhum modo provocante a ponto de ensejar um ato criminoso. Há também o fato de que o professor aparentemente não se preocupou em abaixar o tom de voz durante seu encontro com Sir Herbert. Não era muito tarde da noite ainda. Onze horas, apenas. Alguém poderia estar de passagem pelo corredor. E Marsham, de fato, por ali passou, e ouviu tanto a voz do professor como a de Sir Herbert.

— Oh, eu não suponho que ele viesse aqui com o intuito de matar Sir Herbert.

— Então que tipo de provocação ele teria sofrido capaz de levá-lo a ato tão extremado? Frank ergueu as sobrancelhas, retrucando:

— E com o gênio que ele tem seria necessário provocá-lo muito? Ao que a Srta. Silver contrapôs, com sua entonação mais ponderada:

— Quanto a coisas de menor importância, não. Como observamos, ele exibe um ar muito alterado, mas isso é superficial. Nós o vimos resmungar e se zangar, mas no momento seguinte já recuperara o controle... Se realmente o perdera. Para me ater ao que ele próprio argumentou, se nunca agredira ninguém antes fisicamente, por que iria matar Sir Herbert Whittall?

— Em outras palavras, não creia que ele tenha cometido o crime.

— Não encontro nenhuma razão para que ele o tivesse cometido.

Mal ela falara, o telefone tocou. Frank foi atender. Disse:

— Alô? E então sua entonação mudou. — Ah, é você, Jackson? Bem, o que apurou? Houve uma pausa enquanto a voz murmurada do outro lado do fio se manifestava. Após alguns segundos, Frank disse: — Quarenta mil? E após outra pausa: — Não se trata daquele senhor idoso que mereceu uma foto nos jornais junto a um bolo de três camadas, com cento e uma velinhas?... Entendo... Muito bem. Obrigado. Frank depôs o fone no gancho e voltou à sua cadeira. — Bem, parece que há indícios de que alguém está numa sinuca, e talvez lhe agrade saber disso.

— Meu caro Frank!

— O segredinho dos Dryden. Coloquei um agente para fuçar o assunto, e ele acaba de me fazer um pequeno relatório. A Srta. Silver lhe endereçou um olhar de indulgente censura.

— Imagino que esteja querendo me dizer que andou investigando a respeito do testamento de Sir John Dryden.

— Acertou, como sempre! O excelente Jackson esteve na Mansão Somerset e apurou que Sir John deixou quarenta mil libras em ações do governo sob tutela, para sua filha adotiva Lila.

— E quais são os depositários?

— São dois: a viúva Sybil Dryden e Sir Gregory Digges.

Este último nome, associado ao que dissera Frank Abbott ao telefone, acendeu uma luzinha momentânea na mente da Srta. Silver. Ela pegou duas revistas, uma mundialmente famosa por suas opiniões moderadas e bom gosto, e a outra de estilo mais moderno e colorido, dando maior destaque às fotos. Como Frank, ela se recordara imediatamente da fotografia em que Sir Gregory Digges aparecia rodeado de seus descendentes, todos aparentemente olhando com enlevo um enorme bolo de aniversário, com cento e uma velinhas. Frank riu.

— Vejo que esse nome evocou um coro de lembranças... Bem, aí está. O testamento em questão fora redigido há vinte anos atrás, e suponho que Sir John desejasse prestar uma homenagem ao velho advogado. Sabe como acontece nessa história de testamenteiros... Um deles faz o trabalho, e os outros assinam no espaço em branco. Obviamente, Sir John desejava que sua mulher fosse quem se ocupasse da tutela, realmente. E fico imaginando como ela terá se desincumbido disso... A Srta. Silver estava tricotando novamente. E disse em tom evocativo:

— Foi há dezenove anos atrás... A Srta. Lila estava então com cerca de três anos de idade, e Sir John ainda não se casara com Lady Dryden.

— Tem certeza disso?

— Oh, sim. Receio que não lhe possa precisar a data do casamento, mas este ocorreu alguns anos após a adoção.

— Então o nome de Lady Dryden deve ter sido apostado mais tarde. Isso seria uma coisa muito natural. Jackson não entrou em detalhes. A Srta. Silver tossiu de leve.

— Lady Dryden me deu a entender claramente que Sir John não se encontrava em condições de fazer muita coisa por sua filha adotiva.

— Curioso... Será ela tão exigente em questões de fortuna a ponto de encarar quarenta mil libras como uma ninharia? Gostaria de saber se o falecido Sir Herbert terá investigado, como fez Jackson, o testamento de Sir John. Se ele estava para se casar com a adorável Lila teria um interesse especial por aquelas quarenta mil libras. Mas Lady Dryden diz que o legado que coube a Lila é pequeno. Por quê? Herbert pode tê-la

feito entender que sabia que o legado era muito mais substancial. Ele pode ter manifestado uma curiosidade inconveniente... Ou até mesmo ameaçadora. Se as quarenta mil libras já não existiam mais, isso se tornaria muito embaraçoso realmente para Lady Dryden. Isso viria a explicar por que, na verdade, Lila não devia se casar com Bill Waring, e sim com Sir Herbert, embora este fosse para ela intragável como um veneno. Olhou o seu relógio e prosseguiu: — Bem, após ter dado rédea solta à nossa imaginação e desenvolvido um bocado de fantasias sobre cada detalhe factual, faremos melhor em voltar ao solo firme. Escolhi esta dentre as várias imagens que você poderia ter escolhido e que realmente lhe agradam. E aceite meus votos da mais profunda estima. Tentarei usar essa expressão com meu chefe qualquer dia e observar sua reação tempestuosa... No momento, se o trem não estivesse com atraso, o procurador de Whitall, o Sr. Garside, já deveria estar chegando a esta casa. Estamos prestes a apresentar a grande cena de leitura do testamento e observar as reações dos presentes. E você está especialmente convidada para essa representação.

A Srta. Silver recolheu seu novelo de lã rosa, o casaquinho da pequena Josephine e os guardou na sacola de tricô. Sorriu então e disse em tom repousante:

— Obrigada. Será uma experiência muito interessante.

* * *

Trinta

O SR. GARSIDE era um homem magro, de rosto anguloso, com uma voz pequena e profundamente lúgubre. Mostrava-se muito chocado com o trágico fim de seu cliente, e por estar, como realmente estava, associado àquele caso de assassinato. Até então sua firma de advocacia nunca se vira às voltas com tal assunto. Nunca, realmente, no decorrer de três gerações em que sua família se associara àquela firma. Um ar de desaprovação parecia envolver sua figura como um manto. Sentou-se na mesa do estúdio, abriu a pequena pasta que trouxera, retirou alguns papéis e passou os olhos pelos que ali estavam reunidos. À sua direita estava o Inspetor Abbott da Scotland Yard, juntamente com o inspetor local, que fora esperá-lo na estação. Achou que o Inspetor Abbott parecia jovem demais para seu posto, e que provavelmente tenderia a se dar ares de importância. Ele o desagradava, tanto quanto a sua missão naquela hora. O caso todo era, de fato, extremamente desagradável. E dirigiu sua atenção para os familiares do falecido.

O Sr. Haile... Bem, ele já sabia bastante sobre Eric Haile. Sir Herbert já se manifestara francamente a respeito dele em mais de uma ocasião. Lady Dryden... Uma mulher elegante, ficava muito bem de preto. A secretária, a Srta. Whitaker... Bem, não era muito o que sabia sobre ela... E estava com um ar muito abatido. Mas a Srta. Dryden, que acabara de perder o noivo poucos dias apenas antes do casamento, não parecia demonstrar nem a metade do abatimento da Srta. Whitaker. Sensível e nervosa, sim, mas isso era natural. Uma criatura adorável. Ah

bem, do prato à boca, se perde a sopa, concluiu o Sr. Garside. Lila Dryden se sentara no sofá, num vestido preto, liso, de gola alta, e se alongando até os tornozelos. Estava ladeada pelo Sr. Grey e por uma mulher miúda, que parecia uma governanta. Já ouvira algo sobre ela, mas no momento seu nome parecia fugir. Ah, sim... Tratava-se da Srta. Silver. Apenas não podia entender o motivo de sua presença ali, e ninguém se preocupara em informá-lo. Ela mantinha sobre o colo uma sacola de tricô estampada. Esperou que não se pusesse a tricotar. Mas se já conhecesse bem a Srta. Silver saberia que seu senso de decoro, tão acentuado quanto o dele, não lhe permitiria cometer tal falta de atenção.

O Inspetor Abbott também tinha se demorado em observar o grupo reunido perto da lareira: o Sr. Haile encostado no tampo de mármore, as feições corretas sombreadas por um toque de adequada seriedade... Lady Dryden sentada numa das cadeiras de encosto alto... A Srta. Whitaker ocupando outra cadeira menor, de acordo com a sua posição. Bem, ali estavam eles... Todos os suspeitos, exceto Bill Waring e o Professor Richardson. E Abbott olhou para o advogado fazendo um sinal de assentimento. O Sr. Garside pegou um dos papéis que retirara de sua pasta, limpou a garganta, e falou, se dirigindo a uma audiência expectante.

— Fui solicitado a fazer uma exposição a respeito dos termos do testamento de Sir Herbert Whitall. Já que os dois executores testamentários, o Sr. Haile e eu, -estão presentes, passarei agora à leitura do referido testamento. Não sei se o Sr. Haile está a par das cláusulas... À pausa feita pelo advogado, se seguiu um comentário de Eric Haile.

— Meu primo me disse que me incluiria como executor testamentário, mas isso foi há alguns anos atrás. Afora isso nada mais sei. Ele não era uma pessoa muito comunicativa. Suponho que, como estava em vias de se casar, estivesse disposto a fazer um novo testamento. Posso saber se o senhor está se referindo agora ao testamento anterior ou ao novo?

Houve uma pausa. Ninguém ali deixou de se conscientizar de que a pergunta e a resposta pendente eram deveras significativas. Se o novo testamento fora realmente assinado, Lila Dryden seria a herdeira. Se o testamento anterior fosse ainda válido, ela não herdaria um centavo sequer. E quem se beneficiaria então: o primo, a secretária, ou alguma outra pessoa, ou pessoas desconhecidas? Tudo era possível, e quando o Sr. Garside abrisse seus lábios ressecados o segredo seria desvendado. E ele moveu os lábios por fim.

— Sir Herbert estava em vias de me instruir quanto a seu novo testamento, mas protelou a decisão final em relação a algumas cláusulas. Ele pretendia chegar a essa decisão no fim da semana, e assinar o testamento na quarta-feira, um dia antes de seu casamento. Não sei se ele chegou realmente a uma resolução definitiva, ou de que natureza seria a mesma. Isso é imaterial, já que o novo testamento não foi assinado. É, portanto, o testamento anterior que continua em vigor, e segundo o mesmo, como já disse, o Sr. Haile e eu atuamos como executores.

Lady Dryden suportou o impacto da revelação com coragem. Empalideceu ligeiramente apenas. Mas era evidente que tal reação era artificial. A mão que pousava sobre o braço da cadeira se retesou um pouco. Seu olhar permaneceu fixo no rosto do advogado. A seu lado, na cadeira mais baixa, a Srta. Whitaker soltou um longo e fundo suspiro. Suas mãos até ali apertadas relaxaram. Na expressão meio alheada de Lila Dryden não se notou qualquer alteração. Eric Haile fez um gesto de cabeça e disse:

— Bem, continuemos com o assunto principal. Quais são as cláusulas do testamento? Antes que o Sr. Garside viesse a falar, o Inspetor Abbott indagou:

— Tem certeza de que as ignora ainda? Eric Haile esboçou um olhar de genuína surpresa.

— Eu já disse que não as conheço.

— Não tem nenhuma ideia de ser um dos beneficiários? Haile deu de ombros ligeiramente antes de retrucar:

— Esperança sempre se tem. Eu sou praticamente o único parente que ele tinha.

Se essa era uma encenação, era muito boa, sem dúvida. Nenhum protesto, nenhuma manifestação de desinteresse, nenhuma pretensão de demonstrar algo além de uma seriedade e pesar muito sóbrios. Após um olhar de assentimento de Abbott, o advogado disse numa espécie de preâmbulo:

— Não me proponho a ler o testamento in extenso... Não no momento. Posso, naturalmente, fornecer ao Sr. Haile uma cópia, devido à sua condição de executor testamentário. Se ele desejar tê-la em mãos agora... E fez uma pausa, com ar interrogativo. Eric Haile declinou da sugestão.

— Não, não... Mais tarde eu a lerei. Não creio que nenhum de nós aqui seja muito versado no jargão jurídico. Não sei por que o senhor se prende tanto a minúcias e rodeios. A voz lúgubre do advogado soou com um toque de reprovação.

— Quando a precisão se torna indispensável, as palavras são amiúde empregadas num sentido não familiar aos leigos Irei, portanto, resumir as doações testamentárias. Elas são as seguintes...

Houve uma nova pausa enquanto o Sr. Garside ajeitava seu pince-nez. A pausa foi de curta duração, mas pesou bastante sobre todos os presentes. O Sr. Garside pigarreou, segurou o papel que ia ler um tanto afastado dos olhos, e declarou:

— Começarei com as doações menores. Dez de caráter caritativo, cada uma somando quinhentas libras. Essas doações ficam isentas de taxas, como também a doação de dez libras por cada ano de serviço a todos os membros da criadagem.

Foi nesse momento que a Srta. Whitaker inclinou o corpo para frente, e Lila Dryden pousou seu olhar perplexo em Adrian Grey. Se ela tivesse dito então: “O que interessa isso... Que tem a ver comigo?”, a implicação não poderia ter sido mais clara. Herbert Whitall estava morto... Ela não teria mais que desposá-lo. Então por que tinha que ficar ali ouvindo aquele advogado ler detalhes de seu testamento? Adrian pousou a mão sobre as dela por um instante e a seguir soltou-as de novo. Ela desejava que ele as conservasse seguras. Algo em seu íntimo começara a estremecer. O colorido leve e encantador de seu rosto volta e meia se apagava. O Sr. Garside consertou a posição do pince-nez e prosseguiu:

— Há um legado de cinco mil libras para o Sr. Adrian Grey. O advogado olhou por cima das lentes e explicou: — Esse legado está contido num apêndice acrescentado recentemente, mas eu o incluí, por questão de conveniência, entre as doações inseridas no contexto do testamento. Figura também na referida cláusula adicional um legado de cinco mil libras e a coleção de peças de marfim do falecido para o South Kensington Museum. Fez uma pausa para limpar a garganta e tossiu.

Adrian Grey enrubesceu. Deu a impressão de que ia dizer algo, e de fato murmurou alguma coisa que ninguém ouviu, e então se conteve. O rubor desapareceu gradualmente de seu rosto. O Sr. Garside disse na sua entonação mais fúnebre:

— O restante dos bens, junto com qualquer imóvel de posse de Sir Herbert por ocasião de sua morte, vai para seu primo, o Sr. Henry Eric Haile.

Eric Haile permaneceu parado onde estava, sendo alvo dos olhares de todos ali. Ou de quase todos. Mesmo Lila Dryden voltou seus grandes olhos azuis em sua direção. A única pessoa no aposento que continuou a olhar fixamente para o Sr. Garside foi a Srta. Whitaker. Seu olhar era tão intencional, tão expectante, que provocou no advogado

uma sensação de mal-estar. Ele dobrou a folha de papel que acabara de ler e pousou-a sobre a mesa.

Eric Haile se aprumou. Seu rosto se coloriu um pouco, como era de se esperar. Afinal, um homem que é capaz de ouvir impassível que acaba de herdar uma considerável fortuna só pode ser um santo ou uma pessoa destituída de sentimentos humanos comuns. O leve colorido de suas faces e o brilho mais acentuado dos olhos denotaram que ele não deixara de se emocionar, mas ninguém poderia dizer que o Sr. Haile não se comportava com ar digno e de bons sentimentos. E ele disse, com alguma precipitação:

— Não contava com algo assim. Foi muita bondade da parte dele. Imaginei que fosse receber um legado, mas não tão substancial.

Estaria sendo sincero, ou representava? Frank Abbott cultivava o hábito da leitura e na infância apreciara as obras imortais de Lewis Carroll: Alice no País das Maravilhas e Alice no País dos Espelhos. E uma frase dita ao acaso durante o chá de Hatter lhe veio à mente: “Foi uma excelente adulação”.

O Sr. Garside, de novo ajustando o pince-nez, se pusera a imaginar se o Sr. Haile teria alguma noção de quão felizado era. Se Sir Herbert Whitall tivesse vivido por mais quatro dias, não teriam cabido a seu primo nem mesmo dez libras como herança. E se perguntou se o Sr. Haile suspeitava de que uma margem mínima de tempo lhe permitira se tornar um homem extremamente rico. Poderia se dizer que os dois oficiais de polícia estavam interessados na mesma questão. Mas sua observação atenta do Sr. Haile não lhes proporcionou uma resposta adequada. O Sr. Garside já estava guardando os documentos em sua pasta.

— Sr. Haile, talvez possamos ter uma conversa... Fez uma pausa, olhou o outro, e acrescentou as palavras: — Em outro lugar.

Nesse meio tempo a Srta. Whitaker permanecera inclinada para diante, olhando fixamente para o advogado. A cor lhe sumira do rosto. A não ser pelo brilho incomum dos olhos, aquele rosto parecia sem vida. E assim que o Sr. Garside fez menção de se levantar, ela disse com lábios tensos:

— Isso não é tudo.

— Bem, é sim, Srta. Whitaker.

— Não pode ser! Deve haver algo para mim. Ele me disse que havia. Parecia só haver duas pessoas na sala. A intensidade de sentimentos estabelece esse isolamento. E se fez presente na voz da Srta. Whitaker, quando ela insistiu: — Ele me disse... Ele me disse..

— Eu acho... Que pode ter se enganado. A senhorita, creio, trabalhava como secretária de Sir Herbert há alguns anos.

— Dez. E essa palavra ressoou como um dobre de sinos. O tabelião pigarreou.

— A senhorita irá, naturalmente, receber dez libras por cada um desses anos de serviço... Cem libras ao todo. Seria esta, suponho, a herança a que Sir Herbert se referia. Ela disse numa voz baixa, chocada:

— Cem libras! E então, de repente, se ergueu e alteou a voz: — Umas cem libras! É isso o que o senhor chama de herança? Então eu me equivoquei, hem? Cem libras apenas! Ele me disse que garantiria meu futuro e o da criança! E falou que, de acordo com seu testamento, me caberiam dez mil libras! Por que outro motivo supõe que permaneci aqui sabendo que ele ia se casar com essa garota? Acha que aceitei ficar de boa vontade? Que outra mulher desejaria isso? Eu permaneci aqui porque era preciso... Eis a verdade! Porque ele estava preparando um novo testamento... E me declarou que se eu fosse embora desta casa o legado de dez mil libras que constava do testamento anterior seria invalidado. E eu não receberia dele mais nada! Sendo assim, tive que ficar e vê-lo colocar sua noiva num pedestal, chamá-la de sua deusa de marfim e sem ligar a mínima para o fato de que eu detestava aquilo... A ele... E a ela! Sua voz se tornou mais baixa e com um toque ameaçador.

— E ela! Essa pequena... Tola! Que resolveram a respeito dela? Não vão prendê-la? Ela estava ali, com aquele sangue na mão, não estava? Não estava?... Por que não a prendem?

Parou de falar e um estremecimento percorreu o corpo. Ela estendeu as mãos como se quisesse agarrar o ar e caiu desmaiada sobre o tapete.

* * *

Trinta e Um

ÀS DEZ HORAS daquela noite a Srta. Silver disse boa-noite a Lady Dryden e Ray Fortescue no corredor e foi para seu quarto. Lila Dryden descera para o jantar, mas voltara a subir tão logo terminara a refeição. Os homens provavelmente ficariam na sala mais um pouco. A Srta. Silver fechou a porta de seu quarto, observando com prazer que um pequeno fogo ardia na lareira, e puxou uma confortável cadeira forrada de chitão para perto daquele calorzinho reconfortante.

Não pretendia, no momento, trocar de roupa e se deitar. Participara há pouco de uma experiência inofensiva resultante da trama preparada por Abbott, e desejava saber o que resultaria daquilo. No momento o quarto estava acolhedor e reconfortante, e ela tinha muito em que pensar. Não dispondo de nenhum lugar seguro onde tomar anotações que seriam, necessariamente, de natureza muito confidencial, ela não anotara nada. Mas isso não constituía um fator prejudicial. Fosse o que fosse que precisasse registrar por escrito sobre as personagens relacionadas com aquele caso, o fato é que isso não seria imprescindível. Ela gravara tudo sobre eles em sua mente. E assim sendo, passou a analisá-los um por um.

Primeiramente, a vítima do crime, Sir Herbert Whitall. O relatório do médico-legista dava como provável que a morte não ocorrera depois de onze e meia da noite. As onze ele certamente ainda estava vivo e conversava com o Professor Richardson. E certamente estaria morto no seu estúdio um pouco depois das onze. À semelhança de muitos jurados

britânicos, a Srta. Silver não depositava fé absoluta no laudo dos legistas quando o mesmo tendia a ser dogmático. Ela achava que poderia ter havido uma margem um pouco maior quanto à hora do crime além da fixada pelo Dr. Everett. Sem enfatizar esse detalhe, passou a considerar os suspeitos, com isenção de espírito:

Professor Richardson: Conversou com a vítima por volta de onze horas. Em seu depoimento, declarou ter saído do estúdio logo após aquela hora. Não consultara seu relógio, mas ouvira as onze badaladas do grande relógio da aldeia, e sua conversa com Sir Herbert fora bem curta. Não mais de vinte minutos, a seu ver. Levando-se em conta os vinte e cinco minutos gastos pelo professor para chegar à sua casa, para procurar a carta de M. Robinet e a lente de joalheiro, e retornar a Vineyards, o tempo que ele realmente gastara falando com Sir Herbert devia ser reduzido para quinze minutos. Podia não ser um cálculo exato, mas estaria bem próximo disso. O professor jurava que Sir Herbert estava vivo quando o deixara. Se a prova fornecida pelo legista merecia ser estritamente interpretada, restava então um simples quarto de hora durante o qual alguém mais podia ter assassinado Whitall.

A Srta. Silver passou em revista aquelas pessoas que poderiam ter tido acesso a Sir Herbert durante aqueles quinze minutos. A relação incluía todos os que sabidamente se achavam na casa na ocasião.

Lady Dryden: Teria sido perfeitamente possível para ela descer até o estúdio... Talvez para retomar o assunto de uma conversa anterior sobre o qual não se chegara a uma conclusão satisfatória. O punhal se achava então sobre a mesa. E Sybil poderia ter esfaqueado Sir Herbert. Na mente de Maud Silver não havia dúvida de que a conduta de Lady Dryden como curadora dava margem a uma séria suspeita. Se as quarenta mil libras de Lila Dryden não pudessem ser mais computadas, Sir Herbert Whitall saberia desse fato. Não teria sido possível ludibriá-lo. Em vista do que ela aprendera a respeito dele durante os últimos dois dias, não foi difícil depreender que faria uso do que sabia sem nenhum

escrúpulo. Se ele obtivesse o que queria, tudo correria sem problemas. Ele desejava Lila Dryden. Mas, se supondo que Lady Dryden tivesse percebido que não poderia realmente forçar Lila a fazer aquele casamento... Aí ela se defrontaria com a desgraça, até mesmo com a prisão. Com uma motivação bem menor do que essa muitos criminosos já haviam agido até então.

Lila Dryden: A jovem que se via forçada a um casamento que a repugnava. Não havia sentido em se dizer que atualmente uma moça não podia mais ser obrigada a se casar contra a vontade. Onde quer que uma vontade mais forte se imponha a outra mais fraca, tal força pode ser usada, e o fora, naquele caso. A Srta. Silver refletira muito seriamente sobre Lila Dryden. E considerou de todo inaceitável que ela fosse capaz de cometer um ato de violência enquanto desperta, em condições normais. Mas havia a prova apontada por Adrian Grey e Bill Waring de que Lila sofrera uma crise de sonambulismo. E havia também o testemunho de Lady Dryden e Ray Fortescue sobre de crises anteriores desse mesmo tipo. E com os nervos tensos e na mente a repulsa que lhe provocava a ideia de um casamento forçado, tinha ouvido a triste história de Lucy Ashton. Lucy matara seu noivo com um punhal na noite de núpcias. Não seria possível que, imersa em algum sonho desesperante, Lila tivesse encaminhado seus passos até o estúdio e usado o punhal de marfim para cravá-lo em Herbert Whitall? Não teria ele, em meio a esse sonho ou na realidade, posto as mãos sobre ela? Não poderia Lila ter agarrado o punhal e o brandido cegamente, desconhecendo o que fazia? A essa suposição o que se podia opor? O testemunho de Adrian Grey de que estivera próximo da jovem desde o momento em que ela deixara o quarto, e o laudo médico rezando que Herbert Whitall já estava morto há mais de uma hora quando a polícia chegou. Fora um pouco depois de meia-noite que Bill Waring e Adrian Grey tinham entrado no estúdio por portas opostas e visto Lila parada ali, com o punhal caído a seus pés e o sangue de Herbert Whitall lhe manchando a mão. Eric Haile entrara poucos minutos depois. Os policiais tinham chegado à cena do crime logo após meia-noite e meia. De acordo com a

palavra do médico-legista, Sir Herbert teria sido morto por volta de onze e meia. Mesmo, admitindo uma margem maior de tempo, seria possível acreditar que Lila Dryden matara Sir Herbert e permanecera depois parada junto ao cadáver por uma meia hora ou quarenta e cinco minutos? A essa altura de suas reflexões, Maud Silver moveu a cabeça. Não, ela não achava crível tal coisa. Quanto à versão de Adrian Grey, seria, naturalmente, muito suspeita não fosse o apoio que recebia do fator tempo e do fato de que ele certamente entrara no estúdio pela porta do corredor logo após Bill Waring ter entrado pela porta-janela. Se na realidade não tivesse seguido Lila Dryden, como afirmara, o que o levaria a ir lá?

Voltou a atenção para Eric Haile. Com toda a certeza, ele tivera o que qualquer júri consideraria como o mais forte motivo de todos. Naquela conjuntura, a morte de seu primo o converteria num homem extremamente rico. O caso seria outro se Sir Herbert tivesse vivido mais uns quatro dias. Poderia haver um legado, mas, em vista do pretendido casamento de Sir Herbert, a soma que caberia a Haile seria pequena. A pergunta imediata que se impunha aí era a de se o Sr. Eric Haile estava ciente de suas perspectivas financeiras no tocante ao testamento anterior. Ele não sabia que fora escolhido como executor testamentário. Admitia, é certo, que contava receber uma herança. Mas o que realmente ele sabia? A menos que ficasse comprovado que ele sabia que seria beneficiado de modo substancial, o motivo monetário perderia sua força. Quanto a estar atravessando dificuldades financeiras, isso parecia provável. Lady Dryden alegara que Haile procurara Sir Herbert na noite do crime para pedir um empréstimo e que esse lhe fora negado. Isso fora confirmado pela Srta. Whitaker. Eric Haile fora visto no interior de seu quarto, aparentemente pronto para se deitar as onze horas, pelo Sr. Adrian Grey. Poderia facilmente ter descido até o estúdio e matado seu primo com o punhal de marfim a qualquer momento após as onze e quinze, quando o Professor Richardson já se retirara. E ele certamente entrara no estúdio muito oportunamente quando os Srs. Grey e Waring discutiam sobre o que deveria ser feito. Como todos mais na casa,

poderia ter matado Sir Herbert. Mas não havia realmente nenhuma prova de que o tivesse feito. E a Srta. Silver passou a outro nome da lista.

Adrian Grey: De novo o motivo dinheiro. Havia certos indícios, por ele mesmo propiciados, de que seu relacionamento com Sir Herbert em certas ocasiões se mostrara tenso. Havia a motivação derivada de sua afeição e interesse por Lila Dryden. Não teria sido possível que em vez de seguir os passos de Lila na noite do crime ele a tivesse precedido? Poderia ter entrado no estúdio a qualquer momento após a saída do Professor Richardson. Podia ter havido algum motivo para sua demora no local do crime. Podia ter visto Lila descer as escadas. Ou, o que era mais provável, ter retornado ao seu quarto. Não conseguindo dormir, teria ouvido Lila abrir a porta e descer as escadas. Resolveu segui-la, conforme dissera em seu depoimento. Oh, sim, uma acusação hipotética poderia ser formulada contra o Sr. Adrian Grey. A Srta. Silver fixou isso muito bem em sua mente. Prosseguindo com a análise das pessoas da casa, presentes ali na noite do crime, ela chegou aos Marsham.

Não chegara a ver ainda a Sra. Marsham, mas não podia enquadrá-la seriamente como suspeita. Somente uma cozinheira com a mente concentrada em seu trabalho podia ter preparado refeição tão caprichada como aquela que lhe fora servida à sua chegada à mansão de Vineyards. Isso indicava claramente uma consciência despreocupada. Quanto ao Sr. Marsham, ela já o conhecia; observara-o durante o interrogatório a que Abbott o submetera. Tinha uma aparência majestosa e muito boas maneiras. Pessoalmente, se comportara com dignidade. Parecera não inclinado a comprometer o Professor Richardson, mas não ocultara as provas quando interrogado. Sempre muito perceptiva quanto a qualquer reação que fugisse à normalidade, a Srta. Silver só pudera captar um leve indício disso no comportamento de Marsham. Era uma de suas incumbências exclusivas cuidar do estúdio, mas após ter sido interrogado o mordomo deixara aquele aposento sem limpar a lareira ou avivar o fogo. E aquela lareira requeria atenção. Mal a porta fora fechada

e Frank Abbott se aproximara da lareira. Maud Silver se lembrara de que o inspetor lançara ao fogo mais umas achas. Esse detalhe quase insignificante despertava agora suas reflexões. Em sua estada naquela casa tinha notado a atenção especial demonstrada por Marsham com relação às lareiras. O fato de não ter observado que a lareira do estúdio requeria cuidados indicava uma acentuada preocupação com algum problema. Poderia ser devido à perturbação geral ocasionada pela morte violenta ocorrida na mansão, mas nesse caso isso poderia ter sido notado em outra oportunidade e de outro modo. Deixou de pensar nesse detalhe e passou a considerar o jovem criado Frederick.

Ela o catalogara como um adolescente nervoso, às vésperas de completar dezoito anos e aguardando convocação para prestar o serviço militar. Um jovem simpático e inteligente. Não muito experiente, mas desejoso de aprender. Tinha um acentuado temor respeitoso do mordomo. Tinha refletido muito sobre Frederick. Ele se mostrava bastante nervoso. E Maud Silver sabia identificar o medo em alguém, e Frederick estava certamente muito receoso. Apresentava aquele olhar escabreado, de soslaio, os repentinos sobressaltos e o modo de falar e gesticular, meio aos arrancos, como um animalzinho assustado. Olhara de modo estranho para Lila Dryden quando ela estava na sala de jantar... Um olhar rápido e furtivo, e então continuara a servir a mesa. Aquele seu nervosismo tinha alguma conexão com a jovem, e isso era bem evidente para uma observadora acurada como a Srta. Silver. Ele podia, naturalmente, ter sido afetado pelo chamado amor da adolescência, mas Maud não pensou ser essa a explicação correta. Não havia nenhum indício de complacência e da variabilidade de disposição de ânimo que caracterizam tal estado de espírito num jovem enamorado. Continuava convicta de que Frederick estava assustado, e que a única razão possível para tal residia no fato de o rapaz saber de algo que o atemorizava, e que essa informação dizia respeito a Lila Dryden.

Bem, essas eram as pessoas que sabidamente se achavam na mansão após as onze da noite do assassinato. Não incluía Bill Waring nessa

relação, já que a única prova relativa à sua atuação, exceto a fornecida por Adrian Grey, provinha dele mesmo. Declarara em seu depoimento que, depois de esperar até após a meia-noite pelo comparecimento de Lila ao encontro por ele sugerido, dera a volta na casa, e notara que havia luz acesa no estúdio. Encontrara a porta-janela aberta e entrara. Afastara as cortinas e vira então Lila Dryden parada perto do corpo de Sir Herbert Whitall. E que nesse momento Adrian Grey entrara pela porta aberta no lado oposto do aposento. A prova apresentada pelo Sr. Grey confirmava isso. Ele entrara no estúdio e vira Lila Dryden e o cadáver, e Bill Waring estava imóvel entre as cortinas afastadas. No entanto, nada havia que provasse que Bill Waring entrara realmente na casa antes da ocorrência do assassinato, e nenhum apoio à sua declaração de que só naquele momento viera a encontrar Sir Herbert morto na cena do crime. Não parecia haver nenhum motivo para que Adrian Grey mentisse para protegê-lo. E na conversa mantida pelos dois no estúdio, conforme a relatara Eric Haile, também nada havia que favorecesse qualquer suposição desse gênero. Waring tinha, era verdade, o que podia ser encarado superficialmente como um forte motivo para assassinar Sir Herbert, mas no modo de pensar da Srta. Silver isso era realmente insustentável. O bilhete no qual Bill Waring convidava Lila Dryden a ir embora daquela casa com ele fora tão claro quanto objetivo. Ela poderia se casar com Sir Herbert se assim desejasse, mas em caso contrário, ele a levaria para a casa de sua prima Ray Fortescue. Simplesmente isso, e a mera indicação do local do encontro. Nada de reclamações, nenhum protesto ou ameaças. E Maud Silver achava ser impossível acreditar que o moço que escrevera aquele bilhete viesse a cometer um ato tão insensato e melodramático como um assassinato por apunhalamento. Era certo que ela ainda não conhecia pessoalmente Bill Waring, mas tivera uma perfeita impressão de seu caráter através do que ouvira de Ray Fortescue e Frank Abbott. Mesmo as referências feitas com ar de pouco-caso por Lady Dryden tinham tido alguma valia. Na realidade, ela não podia encarar Bill Waring como um assassino.

Veio a abordar então o último do rol de suspeitos presumíveis: Millicent Whitaker. Fora de qualquer dúvida, estava em foco aí o mais antigo e poderoso motivo deste mundo: o ciúme. Aqui, a Srta. Silver se permitiu evocar uma citação corriqueira e meio deturpada: “No inferno não há fúria que se compare à de uma mulher desprezada”. Após dez anos de íntima convivência com Herbert Whitall, ela o via prestes a se casar com outra mulher. E não somente isso. Fosse por mera frieza de sentimento e conveniência própria, ou por algum outro motivo mais sinistro e sádico, ele insistira para que ela permanecesse como sua secretária. E reforçara tal insistência com uma ameaça. Segundo o testamento que ele estava prestes a substituir por um novo, a Srta. Whitaker acreditara que herdaria a soma de dez mil libras. Caso ela abandonasse o emprego não receberia um centavo sequer para ela ou para seu filho. O primeiro motivo era reforçado mais expressivamente por outro quase tão forte. Os dois motivos, associados à expressão chocada e arrasada agora exibida pela Srta. Whitaker, eram realmente manifestos. Mas Millicent Whitaker tinha um alibi. Às onze horas da noite do crime ela saltara do ônibus no terminal de Emsworth. E um minuto ou dois depois, chegava ao número 32 da Station Road. E segundo sua irmã, a Sra. West, fora logo se deitar, somente retornando a Vineyards pelo ônibus das dez, na manhã seguinte. A Srta. Silver se perguntou se a Sra. West teria uma bicicleta. Com essa não se levaria muito tempo para cobrir sete milhas de uma estrada desimpedida. Não sendo uma ciclista, Maud Silver não podia ter plena certeza de quanto tempo seria necessário dispor realmente. Millicent Whitaker poderia ter sido motivada por uma forte compulsão, por algo terrivelmente urgente. Mas não havia nenhum indício comprobatório.

Bem, esses eram os suspeitos, tanto os que se achavam na casa como os ausentes. Maud Silver, por assim dizer, os passara em revista. E agora os liberava novamente. Não era sobre uma pessoa mas sim sobre um objeto que ela agora concentrava os pensamentos: aquela comprida porta de vidro que o Professor Richardson encontrara não-fechada à

chave exatamente antes de onze horas. Recostando-se na cadeira, considerou aquele detalhe.

A porta de vidro não estava fechada à chave às onze da noite, mas o professor declarara com ênfase que ela fora trancada com o fecho de segurança assim que ele saíra. No entanto Bill Waring a encontrara não só destrancada como entreaberta pouco após a meia-noite. Uma vez que o trinco fazia com que, ao se mover a maçaneta, fosse acionada uma lingueta que se encaixava na soleira da porta, não havia maneira de alguém abri-la do lado de fora com uma chave. Aquela porta só poderia ser aberta pelo lado de dentro, e nesse caso o fora, duas vezes, naquele fim de noite. Uma vez antes das onze... Por quem e com que objetivo? E de novo após ter sido fechada por Sir Herbert às onze e quinze.

Era impossível fugir à conclusão de que a pessoa que a tinha aberto pela segunda vez fora ou o próprio Sir Herbert ou seu matador. O Professor Richardson saíra dali antes de onze e quinze. Teria alguém então batido de leve na porta de vidro e sido recebido? Estaria essa pessoa sendo esperada? Ou fora apenas alguém tão familiar a Sir Herbert, ele ou ela, que ele o faria entrar sem mais preâmbulos? A Srta. Whitaker poderia ter sido essa pessoa. Teria ela vindo de Emsworth de bicicleta, batido na porta para então ser admitida, e fazer uma cena de ciúmes, e por fim agarrar aquele punhal de marfim? Ou teria alguém mais vindo pelo corredor sombrio de uma casa já adormecida e entrado por aquela outra porta para dar vazão a algum rancor ou satisfazer sua ganância, se retirando a seguir, mas primeiramente deixando a porta de vidro entreaberta para que se viesse a supor que por ali entrara o assassino? Quanto a esse ponto não havia prova alguma.

* * *

Trinta e Dois

A SRTA. SILVER consultou o relógio. Os ponteiros assinalavam quinze minutos para meia-noite. Aproximou-se do guarda-roupa de mogno, retirou do cabide o seu casaco preto, e o vestiu. Trocou seus finos chinelos bordados por sapatos modelo Oxford e colocou o chapéu que era o segundo na ordem de sua preferência. Abriu a porta do quarto e parou um instante, atenta. O mais profundo silêncio se apossara da casa. Naquele andar pelo menos ninguém se movia ou fazia o menor ruído.

Parou novamente no alto das escadas. Uma luz fraca estava acesa no bali. O tapete era espesso e novo, assim seus pés não produziram nenhum ruído ao pisá-lo. Cruzando o vestíbulo, se dirigiu à Sala Azul, onde Bill Waring tivera sua entrevista com Lady Dryden, e onde combinara o encontro com Lila. A janela ali, conforme ela notara quando telefonara daquele aposento para Frank Abbott, era do tipo comum, de batente, sem grades, fechos de segurança, ou ferrolhos. Tinha-se simplesmente que torcer o trinco, e alcançar o exterior. O parapeito baixo da janela tornava as coisas bem fáceis, e no lado de fora, a uma altura de uns sessenta e cinco centímetros apenas, saltar ao chão era tarefa fácil também. E como o caminho lajeado vinha até aquela parte da casa não havia o risco de deixar marcas dos pés sob a janela.

Após desligar a luz da sala, a Srta. Silver passou para o lado de fora e encostou os batentes da janela. Não ventava e ela se assegurou de que a janela ficaria como estava, aparentemente fechada, até voltar de sua

incursão noturna. Podia ser que não fosse preciso recorrer ao mesmo expediente para tornar a entrar na casa, mas convinha se assegurar de que contaria com tal recurso, se fosse necessário.

Com esse pensamento em mente como parte de um plano bem ordenado, parou por um curto instante a fim de acostumar a vista à escuridão ali fora. De início nada pôde distinguir com precisão. Depois, o que parecia ser uma cortina negra se converteu na tonalidade de um céu nublado, cinza, encimando as sombras escuras das árvores ao longo do caminho de cascalho. Ela estava de frente para o trecho bordejado de árvores. Contornando mais a casa, se deu conta da densa formação de arbustos que a flanqueavam. Munira-se de uma lanterna, mas só estava disposta a usá-la se fosse absolutamente necessário. Caminhando quase colada à parede seria impossível deixar de seguir o mesmo caminho cimentado que Bill Waring percorrera na noite do crime. Havia, naturalmente, um outro caminho além daquele, dobrando por entre os arbustos. Fora na direção do segundo que tanto Bill Waring como Eric Haile haviam captado o leve ruído, a que aludiram em seus depoimentos. Ninguém podia asseverar que tal ruído não tivesse sido produzido por algum animal: cachorro, gato, ou uma raposa. Ao se mover cautelosamente ao longo do caminho cimentado a Srta. Silver refletiu que a pessoa que eventualmente usara aquela passagem mais escura e irregular devia estar bem familiarizada com a mesma.

Alcançou os degraus da varanda e subiu. Acercando-se da porta de vidro do estúdio, emoldurada por ramagens escuras de alecrins, como antes já o fizera Bill Waring na noite do crime, pôde ver que havia luz ali dentro. Enquanto todas as outras janelas não deixavam escapar nenhuma luminosidade àquela hora tardia, através das cortinas escapava um filete de luz. Se resolveu parar por um instante não foi porque tal detalhe exigisse uma alteração de seu plano. Quando, mais cedo naquela noite, havia entrado naquele aposento e girado a maçaneta da porta-janela de vidro até que a lingueta que a prendia fosse destravada, tinha dois propósitos em mente: saber se o fato de a maçaneta não estar mais

na posição correta, isto é, travada, escaparia à atenção de Marsham, e também se o fato de estar a porta mal fechada produziria algum ruído, motivado pelo vento da noite, suficiente para despertar a atenção de alguém que se achasse no estúdio. Quanto ao primeiro item, era costume de Marsham puxar as cortinas e fechar com o trinco as janelas entre seis e sete da noite. Isso ela pudera observar pessoalmente. Não supunha que ele checasse os ferrolhos de novo. O mordomo declarara ter feito sua vistoria habitual na noite do crime, mas parecia improvável que ele realmente examinasse os trincos, e tinha dito explicitamente que naquela ocasião não entrara no estúdio, já que Sir Herbert ali se achava em conversa com alguém. Maud Silver firmou o propósito de apurar se algum membro da criadagem levava em conta o fato de que Marsham se esquecera de fechar devidamente a porta-janela do estúdio. Se o Professor Richardson encontrara aquela porta entreaberta um pouco antes das onze, aquele trinco poderia ter sido movido por alguém dentro da casa, o que deveria ter acontecido entre as sete horas e, digamos, dez para as onze. Ela mesma estivera no estúdio logo após as sete daquela noite, uma boa ocasião, porque àquela hora os criados estavam ocupados e os convidados em seus aposentos. Maud Silver forçou de leve a porta-janela. A maçaneta girou sem ruído. Não havia apenas uma luz acesa ali, duas pessoas também se achavam presentes. Do outro lado da cortina soou a voz de Eric Haile:

— Que é isso? Se por um instante a Srta. Silver imaginou que tais palavras se referiam à sua pessoa, tal impressão se desfez ao ouvir Marsham dizer:

— Há alguma coisa em que eu possa servi-lo, senhor? Havia um traço de impaciência na voz de Haile ao retrucar:

— Eu não o chamei aqui.

— Não, senhor. Eu me atrasei no meu serviço habitual e ao ver a luz debaixo da porta..

— Imaginou que eu estivesse caído, morto, no chão!

Mal o mordomo esboçara algo em tom baixo, pedindo desculpas, a Srta. Silver empurrou a porta ligeiramente. Como mulher educada, o ato de ouvir atrás das portas violentava, é claro, seus sentimentos. Nessa qualidade, ela nem pensaria em escutar uma conversa alheia. Como detetive, porém, não poucas vezes julgara de seu dever fazer tal coisa. O comentário do Sr. Haile fora de muito mau gosto... Oh, sem dúvida que sim. Movendo com grande cautela uma das dobras da cortina pôde ver o que ocorria no aposento. Os dois homens se achavam em seu ângulo visual. O Sr. Haile sentado na mesa de trabalho, e Marsham junto à porta que dava para o corredor. Nesse momento ele a fechara e dera alguns passos à frente.

— O certo é que há uma coisa que eu gostaria de mencionar, se me perdoar pelo adiantado da hora. Eric Haile riu.

— Mais avançada a hora, mais lúcida a mente! Se alguma vez chegasse a fazer algum trabalho sério, o que realmente não faço, eu o iniciaria à meia-noite. Bem... De que se trata? O rosto de Marsham estava inexpressivo. Sua voz traiu uma leve hesitação:

— Não desejaria ser inoportuno... E o senhor, naturalmente, terá tido muito pouco tempo para se interessar pelos assuntos domésticos. Desejo dizer apenas que, quando o tiver feito, a Sra. Marsham e eu encararíamos como um favor especial que o senhor nos informasse para sua maior conveniência... Eric Haile deu de ombros com ar impaciente.

— Por Deus, homem... Vá direto ao ponto! Você está querendo saber o que farei no tocante a esta casa, e à criadagem... Especialmente esta. É isso?

— De acordo com a sua conveniência, senhor. O Sr. Haile estava com ar pensativo. Se até ali denotara um toque de fanfarronice, esta se fora. E disse:

— Não sei ainda o que farei com esta casa... Não pensei nisso detidamente até agora. Mas quanto ao apartamento na cidade... Irei conservá-lo, naturalmente. E vou precisar de um mordomo e uma cozinheira. Sua mulher é uma cozinheira excelente.

— É o conceito que ela tem sempre merecido, senhor.

— E as virtudes culinárias encobrem uma multidão de pecadilhos, não é isso? Fez uma pausa e acrescentou enfático: — Você pensa assim também, não pensa?

— Senhor...

— Sabe o que quero dizer, hem? Vamos ser francos sobre o assunto. Meu primo descobriu que você o vinha “tosquiando”, e estava prestes a despedi-lo sem aviso prévio. Disse-me isso quando conversei com ele no estúdio antes do jantar na noite em que foi... Morto. Se eu resolvesse informar a polícia desse detalhe, o que acha que pensariam? O rosto de Marsham adquirira uma tonalidade cinza, mas ele conseguiu se controlar.

— Posso saber se contou algo à polícia, senhor?

— Ainda não, e esboçou um leve sorriso. — E apenas para o caso de que viesse a ter a ideia de se livrar de uma testemunha inconveniente, me permita insinuar que seria muito difícil escapar impunemente deixando outro cadáver num local como este, já visitado e revistado pela polícia.

— Senhor!

— Seria algo incrivelmente estúpido. Marsham disse com ar muito digno:

— O senhor aprecia entreter-se assim, mas talvez me permita fazer uma observação de cunho pessoal. O senhor empregou há pouco uma expressão muito depreciativa a meu respeito quando falou em “tosquiando”. Admito que ultrapassei os limites da legalidade ao aceitar uma comissão dos vendedores de vinho e cigarros preferidos por Sir Herbert. Quando eu estava a serviço do falecido Lorde St. Osbert tinha autorização para receber essa comissão. Lorde Osbert dizia que aqueles vendedores já lhe levavam bastante dinheiro; sendo assim, por que não levaria algum deles? E trabalhei para ele durante dez anos, senhor.

— E meu primo não encarava o fato do mesmo modo que Lorde St. Osbert?

— Não, senhor. Eric Haile riu com a desenvoltura habitual.

— Ele não se entretinha com minúcias, sabe disso. Suponho que você gostaria que eu retirasse... Ou, digamos, minimizasse a expressão

“tosquiando”.

— Não é um termo que eu empregaria para descrever a aceitação de uma propina.

— Nem eu! Riu de novo. — Está querendo que eu acredite que Sir Herbert não tinha outros motivos além desse para querer dispensar os serviços realmente excelentes prestados por você e sua mulher? Marsham tossiu levemente esboçando um protesto:

— Desculpe, senhor, mas não parece ter sido devidamente informado a tal respeito. Há uma semana atrás notifiquei Sir Herbert de que eu e minha senhora íamos deixar nosso emprego. Ele se recusou a aceitar isso e me disse que seria vantajoso para mim continuar a seu serviço.

— Então você queria deixar esta casa? A voz de Haile denotava surpresa.

— Eu não me sentia satisfeito com a atual situação, senhor. Na noite de sábado passado, Sir Herbert me chamou enquanto eu dispunha tudo para a mesa dos convidados ao jantar. Ele me cientificou de que não ia aceitar minha demissão e propôs aumentar meu salário. Quando recusei a proposta, mudou de atitude e chegou até mesmo a me ameaçar, dizendo que, caso eu deixasse esta casa, não receberia um centavo e teria a polícia em meus calcanhares.

— E isso por causa de uma pequena gratificação que você recebia? Ora, vamos, Marsham! Se eu levasse isso ao conhecimento da polícia, o que acha que pensariam dessa história?

O rosto de Marsham era bem visível para a Srta. Silver dali onde ela se achava escondida. Por trás daquela expressão facial branda e polida, ela percebeu que havia uma firme determinação e nenhum sobressalto. E ouviu Marsham retrucar com a sua voz habitual:

— A meu ver seria desaconselhável envolver a polícia nesse assunto, senhor. Todos têm alguns assuntos privados que não gostariam de ver investigados. Tomemos por exemplo o ocorrido na noite de sábado passado... Ou em qualquer outra noite, senhor. Há sempre um

certo número de pessoas numa determinada casa, e qualquer uma dessas poderia ser questionada sobre de seus assuntos confidenciais levados a efeito numa hora ou num lugar que fossem tidos como comprometedores. E pela polícia, nesse caso. A profissão policial desenvolve o hábito mental de suspeição. Se me permite me expressar assim, senhor, seria muito imprudente levar ao conhecimento da polícia o assunto que estamos abordando.

Houve uma prolongada pausa, durante a qual Eric Haile olhou fixamente para Marsham. A expressão do mordomo se manteve inalterada, com o mesmo ar respeitoso, muito correto. Por fim, Haile disse em tom afável:

— Tenho a impressão de que está insinuando algo. De que se trata?

— Estava apenas me referindo a um caso hipotético. Creio que há um ditado de certo modo corriqueiro que diz que não se deve bulir com um cão enquanto ele dorme. Haile golpeou a borda da mesa com os nós dos dedos.

— E por quanto tempo eles ficarão quietos? Até sentirem fome. E quando forem alimentados voltarão a sentir-fome mais tarde... E isso se repetirá sempre.

A expressão de Marsham denotou uma leve censura. Não se incomodou porém com o modo como a imagem que usara se voltara contra ele mesmo. E ao responder, empregou o tom de quem percebe a indelicadeza de alguém no trato social, mas deixa de chamar a atenção sobre isso por ser suficientemente educado.

— Eu não penso assim, senhor. Toda essa história é penosa... Ninguém desejaria, naturalmente, tornar a evocá-la. Esse é meu ponto de vista, e suponho que seja o do senhor também. Em minha opinião, quanto menos se toque no assunto, melhor será. Se desejar aceitar nosso pedido de dispensa e ratificar numa carta de recomendação o amável elogio que fez há pouco a respeito de meus serviços e da minha mulher,

penso que isso seria inteiramente satisfatório. Eric Haile irrompeu numa risada.

— Que grande hipócrita você é, Marsham! Não sei o que terei que suportar ao me desfazer de você, e provavelmente terei que lamentar para sempre ter aceito sua demissão. Mas, como você mesmo diz, há coisas que convém manter no esquecimento, e eu poderia me perguntar sobre isto e aquilo... De quando em vez, você me entende. Assim, talvez seja melhor nos separarmos. Você terá sua carta de recomendação. Mas eu o aconselho a proceder com cautela nessa questão de... Digamos assim, comissões. Ou em algo mais que possa interessar à polícia. Boa noite! E Marsham disse:

— Boa noite, senhor.

Assim que o mordomo se voltou para deixar o aposento, a Srta. Silver deixou seu esconderijo atrás da cortina. Por um momento a escuridão da noite a impediu de ver alguma coisa com nitidez. Fechou a porta de vidro silenciosamente e tratou de acostumar a vista antes de caminhar. Então desceu os poucos degraus da varanda e seguiu pelo caminho cimentado que percorrera antes ao sair pela janela da Sala Azul. E poucos minutos depois já retornava a seu quarto, com um bocado de coisas em que pensar.

* * *

Trinta e Três

— Eu não teria como me desculpar a mim mesma se mantivesse em segredo a conversa que ouvi.

A Srta. Silver estava sentada numa das pequenas poltronas da Sala Azul. O assento baixo e almofadado e o encosto eram característicos do estilo vitoriano. Revestidas com um tecido bordado em ponto de cruz com bom gosto, e os desenhos representavam suaves lírios sobre um fundo de tonalidade azul-marinho bem viva. Juntamente com os outros móveis daquela pequena sala, as cadeiras tinham sido adquiridas com a casa e zelosamente preservadas graças ao empenho de Adrian Grey. Era discernível ali uma influência do estilo pré-rafaelita. Até um autêntico papel Morris ornava as paredes.

Enquanto ouvia atentamente o relato daquela experiência noturna, Frank Abbott não pôde deixar de pensar em como a sua estimada Srta. Silver se ajustava bem àquele ambiente. A cadeira que ela escolhera, sem dúvida, fora especialmente feita para o uso de senhoras devotadas ao bordado e à costura. Ela proporcionava apoio para as costas e espaço livre para as saias balão de outros tempos. E se assemelhava bastante, na verdade, ao mobiliário do próprio apartamento da Srta. Silver, que ela herdara de uma tia-avó vitoriana. E Frank teve realmente que se empenhar a fim de dar completa atenção ao assunto em pauta.

— Foi certamente uma conversa muito curiosa, disse ele. — Gostaria de ter estado presente. Ao que a Srta. Silver retrucou:

— Eu a repeti o mais fielmente possível. Frank Abbott assentiu.

— Como sempre... É inexcedível nisso. O que quero dizer é que duas pessoas não veem as coisas do mesmo modo. Nesse tipo de caso não conta somente o que é dito, mas também o tom de voz, cada inflexão, cada gesto, a contração de um simples dedo, o leve franzido de sobrancelhas, a atmosfera ambiental... Você colheu sua impressão pessoal desses detalhes, e eu teria colhido a minha impressão particular se estivesse lá. Então, se nós dois as confrontássemos e concluíssemos serem iguais... Bem, isso não seria ainda uma prova, mas se converteria em algo mais sólido do que o que temos agora.

A Srta. Silver inclinou a cabeça. Ela puxara o novelo para continuar a tricotar a terceira peça do vestuário da pequena Josephine, que deveria completar o jogo. As agulhas já tinham composto uns três centímetros daquele casaquinho rosa-claro. Ao notar que a Srta. Silver se mantinha silenciosa, Frank prosseguiu falando:

— Em termos objetivos, vejamos o que foi apurado. Marsham entrou no estúdio em determinada hora que nos sugere que esteve aguardando até que todos na casa exceto Haile já tivessem se recolhido. Esse é o primeiro item a deduzirmos. Ele desejava falar com Haile sobre um assunto urgente e queria se assegurar de que não seriam interrompidos. Penso ser essa uma inferência bastante válida.

— Creio que sim.

— Bem, então ele trata de resguardar seus interesses. Não é de seu gosto permanecer a serviço de Haile, mas não declara isso. Deixa que Haile pense que ele gostaria de continuar no emprego. Obviamente deseja descobrir se Haile já estaria a par de seu anterior pedido de dispensa, e por quê. Whitall poderia ter contado ao primo que pretendia despedir Marsham por peculato. Haile, evidentemente, não acredita na história das gratificações, e nem eu tampouco. Havia mais alguma coisa além disso, e Marsham tinha que apurar se Haile estava a par do fato... Quer por algo que ouvira ou por alguma prova que por ventura viera a

colher. Assim ele perguntou a Haile o que pretendia fazer quanto a casa e à criadagem. A Srta. Silver tossiu de leve.

— Esse é um resumo inteiramente correto.

Frank se inclinou para frente na poltrona em que estava sentado e colocou uma acha de lenha no fogo da lareira. Elevaram-se pequenas chispas, e um aroma de madeira flutuou no aposento.

— Bem, Haile recorre acidentalmente a um duro argumento. Diz que Sir Herbert lhe contara que seu mordomo o estava tosquiando... Uma expressão encarada por Marsham como desairosa e de todo inadequada para descrever o inofensivo ato, mesmo que irregular, de receber uma comissão. Você já terá notado com que habilidade foi conduzido esse trecho da conversa. Percebeu como Marsham buscou se apoiar na atitude de seu ex-patrão, Lorde St. Osbert, dando a entender nada menos que este, um baronete, condescendera com tal prática. E tudo dito com a mais correta e respeitosa maneira de falar e de gesticular. Foi assim que viu a cena?

— Você a expôs muito bem.

— Então continuemos. O Sr. Haile dá então a entender a Marsham que não acredita na história das comissões. E diz, com efeito, que Whitall teria tido um motivo muito mais sério para dispensar os serviços de um excelente mordomo e de uma cozinheira de primeira ordem. A Srta. Silver parou de tricotar por um instante e disse com ênfase:

— Ela é mais do que isso, Frank... É excepcional. Não irá, eu sei, desmerecer a importância desse aspecto. Isso explica a determinação de Sir Herbert de reter os Marsham a seu serviço e a torna verossímil.

— Acredita nessa história de Marsham de que Sir Herbert ameaçara pôr a polícia em seus calcanhares caso ele insistisse em se demitir?

— Sim, acredito. Estaria perfeitamente de acordo com o seu modo de ser. A Srta. Whitaker era uma prestimosa secretária e nós sabemos que ele contrariava seu desejo de se despedir por meio de ameaças. Não

vejo nenhum motivo para que ele não tivesse escrúpulos em agir do mesmo modo no caso dos Marsham. Pelo que depreendi do caráter de Sir Herbert desde que cheguei a esta casa, é lícito concluir que ele devia auferir um prazer doentio do emprego desse tipo de coação. Ele não podia deixar de notar a indisposição de Lila Dryden a seu respeito, no entanto estava decidido a casar com ela. Sua conduta em relação a Srta. Whitaker não só foi cruel como do pior mau gosto possível. Ela havia sido sua amante, e desejava com razão deixar o emprego e esta casa antes do casamento dele com Lila Dryden. Sir Herbert estava usando de ameaças para persuadi-la a permanecer no emprego. É fácil acreditar que ele tenha empregado o mesmo expediente a fim de manter os Marsham a seu serviço. Frank olhou-a com ar meio irônico.

— Em outras palavras, acha que Marsham disse a verdade?

— Sou levada a pensar que sim quanto ao incidente aludido.

— Mas Haile parece não ter levado a sério a versão de Marsham. Ele diz que Whitall ameaçou não lhe dar carta de recomendação e pôr a polícia em seu encalço se ele abandonasse o emprego. A Srta. Silver, com ar pensativo, retrucou:

— Estou convencida de que Marsham não usaria a expressão “pôr a polícia em seus calcanhares ou em seu encalço”, pois fogem à sua maneira de se expressar. Tive a impressão exata de que ele estava apenas repetindo o que lhe fora dito realmente por Sir Herbert. Frank assentiu ligeiramente com um gesto rápido de cabeça.

— Esse é um dos pontos a examinar. E eis outro: Haile replicou assim: “E tudo por causa do recebimento de pequenas comissões? Se eu levasse essa história toda ao conhecimento da polícia, o que acha que iriam supor?” E agora nos confrontamos com o que podia, ou não, ser uma contra-ameaça. Refleti e pesei bem tudo o que você me contou, e nada representa uma prova. Mas Marsham fez uma sugestão velada quanto ao fato de que várias pessoas nesta casa podiam estar tratando de assuntos íntimos na noite do crime e que não desejariam fossem trazidos à baila. E que ele, Marsham, achava desaconselhável interessar a polícia naquele caso específico... Pois os policiais têm uma forte inclinação a suspeitar de tudo, e assim por diante. Bem, se isso e o que daí se

depreende não significa que Marsham tem algo que compromete Haile, estou pronto a comer meu chapéu. Esse algo pode ter sido várias coisas... Uma intriga tecida com Lady Dryden, uma incursão às escondidas no estúdio para um drinque, ou meia dúzia de outras coisas. Não imagino que Haile possa figurar como uma pessoa cuja vida possa ostentar a brancura imaculada de um lírio... Para parodiarmos o verso mais conhecido do ilustre Tennyson. Mas não há realmente nada que se possa definir com precisão. Tudo se resume apenas em que Marsham sabe de algo que Haile preferiria manter em segredo, e que ambos concordam em se separar como amigos e mutuamente sepultar o passado. Se eu os convidar a deporem juntos e os confrontar com esse assunto, não creio que obtenha algum proveito. Marsham não delatará Haile porque não deseja se ver também delatado, e o mesmo vale para o Sr. Haile. Ambos têm bom discernimento e nervos bem controlados. Marsham provavelmente admitirá ter recebido as tais comissões, o que nada tem a ver com o caso de assassinato, e Haile dirá o que nós dois já sabemos, isto é, que seu primo estava propenso a agir severamente, e que ele, Haile, tinha um ponto de vista mais indulgente e que não desejava ser duro com o amigo Marsham, realmente um excelente mordomo. Corno vê, nós não chegaríamos à parte alguma. E se eu disser tudo isso ao meu chefe, ele me dirá que tenho ideias estrambólicas e que não sou capaz de distinguir o que tenho diante de meus olhos... Que há dois suspeitos perfeitamente óbvios nas pessoas de Lila Dryden e Bill Waring, e assim por que não vou em frente e os prendo? Eu telefonei esta manhã para ele... Muito britânico, um bom humor de buldogue e totalmente despido de cordialidade. Disse que obtive minha promoção rápido demais e que isso me subiu à cabeça... Forjando essas opiniões fantasiosas para afrontar meus superiores hierárquicos, e assim por diante. Espero que ele se sinta melhor quando desabafar... Mas não tenho muita certeza. Pode se sentir mais aliviado hoje, mas poderá vir aqui amanhã cedo apenas para verificar se eu arruinei irremediavelmente este caso. Assim, se você puder tirar quaisquer coelhos da cartola antes disso, serei seu escravo para sempre. A Srta. Silver tossiu de um jeito reprovador.

— Meu caro Frank!

* * *

Trinta e Quatro

AO SAIR DA Sala Azul um pouco mais tarde, a Srta. Silver encontrou Ray Fortescue. Ventava naquele dia, e a jovem estava graciosa e adequadamente vestida com uma saia de tweed marrom e uma blusa e um colete de malha de lã de um amarelo suave. Um lenço de cabeça que repetia aquelas duas cores cobria seus cabelos anelados e negros. A Srta. Silver se aproximou dela sorrindo.

— Vejo que está pronta para sair. Pretendia lhe falar por um momento, mas não desejo retê-la no caso de ter algum compromisso urgente. A cor se avivou no rosto da moça.

— Oh, não, não é nada importante. Eu... Eu achei apenas que seria bom apanhar um pouco de ar puro. Há alguma coisa com esta casa... Suponho que seja o aquecimento central. É muito bom, naturalmente, mas... Acho que a senhora sabe a que me refiro..

Ray teve a desagradável impressão de que se a primeira parte de sua fala apressada se afastava um pouco do caminho da verdade, as últimas palavras eram dolorosamente corretas. Vendo-se submetida àquela simples e bondosa análise por parte da Srta. Silver, se convenceu de que a detetive particular sabia exatamente o que ela quisera dizer. Pretendia ir se encontrar com Bill Waring, e não havia nenhum motivo para que não tivesse dito isso. Permitiu que a Srta. Silver a conduzisse até a Sala Azul, se consolando ao pensar que o fato de ter que esperá-la mais um pouco não faria mal algum a Bill.

A Srta. Silver se sentou e pegou seu trabalho de tricô. Captara uma ligeira inquietude na jovem, o que sugeria que ela podia estar com pressa. Em tais ocasiões, como já era de sua experiência, o movimento regular e suave das agulhas de tricô exercia um efeito tranquilizante. E conversas mantidas num clima de pressão são de muito pouca valia. Decorridos uns dois minutos, como Ray não se sentara ainda, a Srta. Silver lhe disse:

— Por favor, minha querida, sente. Não vou retê-la aqui, mas estou realmente ansiosa para lhe pedir sua opinião sobre um assunto que me tem feito pensar muito.

O toque de franqueza e autoridade mescladas com habilidade fizeram com que Ray Fortescue se sentisse de novo como uma pequena colegial. Sentou-se na cadeira mais próxima e disse numa voz um tanto assustada:

— De que se trata? A Srta. Silver puxou um fio de seu novelo de lã rosa.

— É sobre o jovem criado, Frederick. Não sei se você já o observou com alguma atenção. Ray denotou uma evidente surpresa.

— Oh, sim. É um rapaz simpático. Sua família vive na aldeia. Mary Good esteve falando sobre eles com Lila. A Srta. Silver tricotava serenamente.

— Ah, sim? Pois é justamente isso o que eu estava desejando... Umas poucas informações a respeito de Frederick. Continue, por favor. Uma certa aflição se fez sentir na voz de Ray.

— Mas, Srta. Silver, porventura estará pensando que ele tenha tido algo a ver com o caso? Quero dizer, ele é realmente um bom rapaz... Todos dizem o mesmo. Ele está esperando ser chamado para o serviço militar, sabe? E depois então espera ingressar num desses centros vocacionais que há agora, e adquirir conhecimentos técnicos para exercer uma profissão de seu agrado. Ele não deseja continuar como criado... Está apenas preenchendo seu tempo de espera. Está ansioso

para subir na vida porque tem uma namorada, e planeja economizar tudo o que puder para poder casar com ela quando tiver completado vinte e um anos. A Srta. Silver tossiu brandamente.

— E Mary Good contou isso também a Srta. Lila?

— Oh, não, foi ele mesmo quem me contou. Eu lhe perguntei o que faria quando terminasse seu serviço militar e foi assim que soube disso. Eu gosto de gente jovem como ele, sabe, e sempre se abrem comigo. Na verdade foi o fato de Frederick estar tão seguro da inocência de Lila que favoreceu o clima de confidências. Ele me trouxe até esta sala para me mostrar o telefone, pois eu tinha urgência de dar um telefonema, isso no primeiro dia de minha estada aqui. E aí ele desabafou sobre o assunto. Eu o vi como um cordeirinho, porque todas as outras pessoas desta casa estavam se mostrando pessimistas e acreditando no pior quanto a Lila. A Srta. Silver achou tais observações de muito interesse, mas carentes de uma certa clareza. E no tom com que um professor encoraja um aluno tímido, ela disse:

— Talvez possa repetir para mim agora o que Frederick disse então.

— Farei todo o possível. Não sei se me lembro com exatidão... Oh, sim, ele disse num desabafo, com veemência: “A Srta. Lila nunca faria aquilo!” Estou certa de que ele disse isso, mas não consigo me recordar do resto da frase... Foi algo sobre a opinião da polícia... “Eles estão pensando que ela cometeu o crime, mas claro que não foi ela.” Não estou bem certa sobre essa parte, porque eu estava com muita pressa de dar o telefonema.

Ela se deixara trair completamente. Estando Lila sob suspeita de assassinato, ela só fora capaz de dedicar uma ligeira atenção à única pessoa que assegurava a inocência de sua prima. Enrubesceu. Se a Srta. Silver ainda não a conhecia bem até ali, agora certamente sabia de tudo. E Ray pensou que poderia simplesmente ter frisado: “Eu tencionava telefonar para Bill Waring, e não podia pensar em nada mais”. A Srta. Silver disse:

— Entendo... E seu olhar pousou serenamente no rosto corado de Ray. — E foi tudo?

— Oh, sim... Creio eu. Ele se retirou da sala. A Srta. Silver sorriu muito gentilmente.

— E você telefonou então para o Sr. Waring. Naturalmente estava preocupada com ele, de alguma forma. O rubor se atenuou no rosto de Ray. Não importava o que a Srta. Silver soubesse. Ray disse a seguir, com simplicidade:

— Sim, telefonei. Sabe, ele me pedira para eu vir aqui, já lhe contei isso, e ainda não o tinha visto. Desejava falar com ele com urgência. Não sabia se iria ser preso ou algo assim. Eis por que não prestei muita atenção em Frederick. Lila estava aqui nesta casa, e eu sabia o que estava para lhe acontecer... Isto é, que seria interrogada, talvez presa... Mas eu nada sabia sobre a situação de Bill. E acho que a senhora sabe o que ocorre nesses casos... Quando as pessoas estão longe de nossos olhos não podemos deixar de pensar numa série de coisas que talvez estejam acontecendo com elas.

Havia um toque de apelo em sua voz, e antes que a Srta. Silver pudesse retrucar, Ray Fortescue se apressou a prosseguir com uma voz quase murmurante.

— Eu fico pensando em coisas assim o tempo todo. Por vezes, sinto como se elas fossem impossíveis de acontecer de tão terríveis... E depois sinto que irão acontecer justamente por serem terríveis demais. O que quero dizer e que não consigo entender realmente por que não detiveram Bill ainda. Ele estava no estúdio, e Lila também, e embora saiba que nenhum dos dois poderia ter feito aquilo, não posso entender por que a polícia pensa assim também, ou por que não os prenderam até agora. Mas tenho receio de que venham a fazê-lo a qualquer momento. Como já deve saber, Mary Good mora na mesma casa que o Inspetor Newbury, e a mulher dele é sua prima ou algo assim. A Srta. Silver tossiu de leve.

— E ela tem falado sobre o caso?

— Bem, na realidade disse apenas que um figurão da Scotland Yard viria aqui amanhã... O inspetor-chefe, suponho. E se manteve o tempo todo olhando para Lila disfarçadamente, muito calada... Bem, a senhora conhece o jeito com que as pessoas olham para alguém com certa pena por pensarem que algo horrível irá acontecer. Acho que Mary Good está com pena de Lila. Simpatizou muito com a minha prima, sabe? A Srta. Silver assentiu.

— Agora voltemos a Frederick. Ele também sente pena da Srta. Lila. Gostaria de saber um pouco mais sobre a namorada desse rapaz. É uma mocinha desta localidade?

— Oh, sim. Eu não lhe contei? Ela é uma espécie de parente de Mary Good. A senhora sabe como é isso nas cidades do interior. Todos se casam com pessoas que lhe são aparentadas ou familiares. O nome da jovem é Gloria Good. Seu padrasto casou com uma tia de Frederick, e ela não se sente muito feliz em casa. Frederick se sente preocupado por recear que Gloria acabe por fugir de lá, e ela não fez ainda dezessete anos. A Srta. Silver sorriu benevolmente.

— Frederick parece ter depositado plena confiança na senhorita e feito muitas confidências.

— Oh, ele está muito inquieto, o pobre rapaz. Adolescentes sempre desabafam seus problemas se lhes damos atenção, e ele notou que eu estava interessada. Gente é sempre interessante... Não acha? O modo como raciocinam e as coisas por vezes estranhas que fazem. A Srta. Silver recorreu a Alexander Pope para uma citação adequada:

— “O homem é o próprio objeto do estudo da humanidade”. Ray pareceu um pouco confusa e surpresa. Ela não tinha se demorado a analisar Frederick... Simplesmente lhe dera um pouco de atenção e o ouvira falar. Admitiu isso, e então acrescentou:

— Ele estava tão preocupado e nervoso, caso contrário não teria... Como Ray não concluía a frase, a Srta. Silver a incitou a terminar com ar amável:

— Ele não teria... A cor se avivou no rosto de Ray.

— Bem, eu ia dizer algo, mas achei melhor não fazê-lo. Não era nada de importante, na verdade... Apenas o tipo de coisa que rapazes

costumam fazer. Eu não gostaria de criar problemas para ele. A Srta. Silver tossiu levemente.

— Ele estava muito inquieto? A ponto de fazer ou dizer algo que poderia lhe trazer complicações, mas que nem assim era algo sério?

— Oh, não. A voz de Ray denotou embaraço. — Eu não devia ter dito nada. Pensei que tivesse me interrompido a tempo, mas vejo que a senhora é muito intuitiva. A Srta. Silver olhou-a com ar meio solene.

— Acho realmente que faria melhor me contando o que estava querendo dizer. Se isso nada tem a ver com o caso em que nós duas estamos tão interessadas, pode crer que o manterei em segredo. Mas se por outro lado o assunto em questão se relaciona com o crime, você não procederá com sensatez ocultando-o, e nem deve esperar que eu faça o mesmo.

— Oh, mas não se trata de nada disso... Não mesmo. Faça melhor em lhe contar logo, ou a senhora irá imaginar uma série de coisas. Acontece apenas que Frederick escapole de casa algumas vezes depois de terminar seu trabalho aqui e vai à aldeia ver Gloria. Sei que ele fez isso uma vez quando os dois brigaram e Frederick desejava fazer as pazes com ela e de outra vez quando ele pensou que sua namoradinha ia fugir de casa. A senhora não vai dizer nada a ninguém, está bem? Frederick estava realmente preocupado, porque me disse que Gloria é apenas uma criança e que não saberia como cuidar de si mesma. Disse ainda que a tia dela é bondosa e que o padrasto não é má pessoa, mas este e Gloria tinham tido desavenças, e então ele, Frederick, precisava acalmá-la e impedi-la de fazer alguma tolice.

A Srta. Silver olhava abstraída para a roupinha de tricô da pequena Josephine, que agora já estava mais comprida uns cinco centímetros.

— O que me disse é de bastante interesse para mim. Já que Frederick lhe fez tantas confidências, posso perguntar se ele mencionou a que horas costuma dar suas escapulidas desta casa? Ray assumiu uma expressão pesarosa.

— Acho que faz isso no fim da noite.

— Depois de Marsham fazer sua ronda habitual?

— Bem, creio que sim.

— E Gloria?... Dificilmente ele esperaria encontrá-la acordada a tal hora. Ray enrubesceu vivamente.

— Oh, Srta. Silver, eu me sinto como uma pessoa abominável, delatando desse modo o pobre rapaz. Ele é muito novo, terrivelmente romântico, e muito apaixonado por Gloria. Há uma macieira defronte da casa onde ela mora... E ele sobe num galho resistente, pertinho da janela do seu quarto, e aí os dois ficam conversando. A tia e o padraсто de Gloria têm seus quartos do outro lado da casa, e não podem ouvi-los. Mas não há nada de mal nisso... Ou então ele não me teria contado, certo? A Srta. Silver tossiu de leve. E perguntou com ar pensativo:

— Frederick chegou a mencionar se se achava fora na noite do crime?

A pergunta teve o efeito de um golpe brusco em Ray. Mesmo depois, ela ficaria imaginando o que dissera para levar a Srta. Silver a fazer tal indagação. Sua mente estava ocupada inteiramente com Bill, com Lila, com ela mesma, e com o relacionamento em que se viam envolvidos. A história da “travessura” de Frederick ocupara apenas superficialmente seus pensamentos. Não se relacionava com ela mesma, ou com Bill e Lila. Era como algo que ela tivesse lido num livro qualquer escolhido ao acaso, para passar o tempo. E então de repente se convertia em algo real, significativo e que se encaixava no contexto do caso. Respirou fundo e gaguejou:

— Não... Não... Penso que... Ele não disse... As agulhas da Srta. Silver tilintaram.

— Estava aqui pensando se não foi ele quem deixou entreaberta a porta do estúdio que dá para a varanda.

Trinta e Cinco

ASSIM QUE a primeira curva do caminho a deixou fora da vista dos que estavam na Mansão Vineyards, Ray iniciou o tipo de caminhar que pode ser executado por um certo tempo sem cansar: três passos de corrida e dois em ritmo de passeio. Isso faz uma pessoa se adiantar bastante sem lhe cortar a respiração. Não faria mal algum a Bill esperar mais um pouco, como ela já pensara antes, mas não desejava perder nenhum dos minutos que passariam juntos. Iriam tomar café no Boar. A Sra. Reed fazia um excelente café... Pelo menos fora o que Bill afiançara. Mas mesmo que fosse um café aguado ela não se importaria, o que não queria era chegar ofegante e levar Bill a pensar que ela se achava muito apressada. Provavelmente ele só queria falar sobre Lila.

Ray venceu o caminho de cascalho, passou pelo portão de ferro e dessa vez não havia nenhum carro ali. Só a figura de Bill, alta e à sua espera. E ela acabou realmente por apertar o passo, pois ele parara saindo de repente detrás de uma árvore da estrada. Foi um movimento impulsivo que ela não pôde evitar. Seu rosto estava corado e ela se mostrou ofegante. Bill não tinha por que ficar atrás de árvores e surpreendê-la desse modo, quando haviam combinado se encontrar no Boar. Se ele tivesse mantido o combinado ela poderia ter caminhado aquelas cem jardas a mais até lá e cumprido satisfatoriamente o papel da moça que sempre mantém o homem à sua espera num encontro. E agora tudo o que ela pôde fazer após dar com ele de surpresa foi dizer com voz entrecortada:

— A Srta. Silver me reteve até agora.

Foi um desempenho lamentável. Qualquer garota de dezesseis anos teria feito algo melhor que isso. Ela mesma, aos dezesseis, teria tido um melhor desempenho. O que complicava tudo agora era a preocupação em agir certo; aos dezesseis, era uma garota despreocupada, descompromissada. Com tal pensamento em mente acometendo-a como um foco de luz revelador, ela se deu conta de que Bill a segurava com força pelo braço como se quisesse evitar que fugisse e a olhava com intensidade. Ele continuou a pressionar o braço e disse numa voz incisiva, zangada:

— Você não pode ir ao Boar!

— Por que não?

— Foi por esse motivo que vim até aqui em vez de esperá-la lá.

— De que adianta você dizer isso, como se já me tivesse contado algo a respeito, quando de fato não contou?

— Mas já disse. Você não pode ir ao Boar. É isso aí.

Ray batera com o pé numa pedra solta e a dorzinha que sentiu veio até em seu auxílio pois a fez se sentir mais zangada ainda com Bill do que já estava. É curioso como se pode retirar alívio do fato de se sentir zangada. Isso afugentou aquela sensação de susto que ela experimentara em relação ao comportamento de Bill. Ele continuava lhe segurando o braço. Mas assim que ouviu o ruído de um carro se aproximando pela estrada, ele a puxou e a fez segui-lo rapidamente, se internando no parque da mansão. Pararam atrás de um maciço de sempre-verdes e aí Ray começou a dizer:

— Mas por quê... Quando ele então moveu o braço, interrompendo-a.

— Não convém que você seja vista comigo... Nem aqui, ou no Boar, nem em outro lugar qualquer. Se tivesse um pouco de bom senso teria concluído isso, sem que eu precisasse lhe avisar. Você não está

envolvida nessa confusão toda, e quanto mais cedo se for daqui, melhor será. Há um trem à tarde, acho que às duas e meia... E seria melhor que você fosse nele e desse o fora.

— Eu gostei de vir... E foi você mesmo quem me pediu que o fizesse.

— Eu sei que pedi isso, e tenho me criticado muito por ter feito esse pedido. Eu então não estava pensando em você, pensava somente em Lila. A exasperação abandonou a voz de Ray. E ela disse numa entonação calma, pesando bem as palavras:

— Lila ainda está aqui, você sabe. E há muito mais motivos para eu estar ao lado dela agora do que antes, não?

— Se a polícia prender Lila, você não poderá ficar com ela, e assim será melhor ir embora daqui antes que tal aconteça, ou que você se veja envolvida nesse caso todo. Ray retrucou, a voz meio presa:

— Não seja tolo, Bill. Aconteceu algo?

— Ainda não, mas irá acontecer. Quanto a Lila eu não sei, mas estou quase certo de que serei preso antes do fim do dia de hoje. Na aldeia já se sabe que um dos chefões da Scotland Yard chegará a qualquer momento aqui, para apressar a solução do caso e levar Abbott a prender logo um de nós dois, Lila ou eu.

Ray se sentiu como se tivesse percorrido um longo caminho e chegado à parte alguma. Se a polícia prendesse Bill, tal caminho poderia ser infundável... Um caminho solitário e sem saída. E teve que se empenhar muito para que sua voz soasse de modo audível.

— E como você soube?

— Ouvi a conversa de duas jovens. Eu estava no meu quarto, e elas no jardim, pertinho da minha janela. Uma delas é sobrinha da Sra. Reed. Eu a ouvi dizer se referindo a mim: “Isso é terrível, não é mesmo? E ele não parece um assassino, mas nunca podemos ter certeza, podemos?” E a outra garota contou então sobre a vinda de um inspetor-chefe da Scotland Yard. E disse ter certeza disso porque Lizzie Holden lhe contara. Lizzie, por sua vez, soubera desse fato em conversa com a

Sra. Newbury. Esta lhe fizera tal confidência, pedindo para não contar a mais ninguém. “Ela só contou para mim”, disse a garota, “porque sabia que sou de confiança...” E assim por diante.

— A Sra. Newbury não tem o direito de fazer tais confidências.

— Claro que não, mas vai falando... Se há algum meio de calar uma pessoa linguaruda, ninguém descobriu ainda.

— Bem, seja o que for que ela diga, não creio que esteja a par de muita coisa. E de qualquer modo, o que ela disser irá crescer como uma bola de neve antes de se espalhar por metade da aldeia.

— Isso não é tudo, retrucou Bill, após assentir com ar taciturno. — Já há repórteres rondando por aqui, desejando saber de tudo sobre todos... Especialmente Lila... Eu e... Você. Eu sou visto como um rapaz que estava noivo de uma garota e que ao voltar dos Estados Unidos descobriu que ela estava para se casar dentro de uma semana com outro homem... O que soa como se eu fosse um suspeito do crime..

— Eles não perguntaram a você sobre isso!

— Ainda não. Mas eles bem que gostariam de fazê-lo, e já estão perto disso.

Ray pensou: “São os repórteres que realmente o deixaram assim exasperado”. Bill prosseguiu no mesmo tom irritado.

— Se você tivesse aparecido no Boar, eles logo a teriam assediado e a deixariam em apuros. Eu me limitei a dizer: “Nada a declarar” da maneira mais diplomática possível, e a Sra. Reed me ajudou a escapar deles estrategicamente. Concluí que ela é uma das pessoas daqui que pensam que talvez eu não seja o autor do crime, ou que então, se o cometi, Sir Herbert merecia isso e colheu apenas o que lhe estava reservado. Parece que ele não buscava a estima de ninguém aqui, e todos na aldeia parecem ter pena de Lila, mas... Oh, Ray, isso é uma confusão terrível! E você devia ir embora deste lugar... Devia realmente. E ele pousou as duas mãos sobre os ombros da jovem. Imóvel e olhando diretamente para Bill, com o rosto muito pálido, Ray disse:

— Oh, não, Bill. Você não pensou realmente que eu iria embora, pensou?

— Eu não desejo vê-la envolvida nessa história.

— Se você está envolvido nela... E Lila idem... Então eu estou também.

— Eu não quero isso.

— Você não pode evitar. Eu estou aqui, e vou permanecer neste lugar. E seja como for, eles ainda não o prenderam. Você sabe como são esses falatórios de cidade pequena... Uma pitadinha disso ou daquilo, uma rixa que provoca falatório e depois é esquecida. E de quando em vez, alguém pensa em algo novo a acrescentar, um fato recente e que de novo cai em esquecimento. E no dia seguinte haverá uma nova história a ser contada sobre alguém mais. E o fato é que, se você não matou Herbert Whitall, alguém fez isso. Atenha-se a esse ponto, Bill. Alguém o matou, e a polícia acabará descobrindo o verdadeiro assassino. Ou então, se não o conseguirem, a Srta. Silver conseguirá.

As palavras lhe saíram dos lábios aos arrancos. Mas aquela angústia e o torpor inibidores tinham desaparecido. Ela estava pronta para lutar de novo. O ânimo e a coragem lhe eram devolvidos, assim como a cor a seu rosto. E sua expressão era tão reconfortante e luminosa que, se Bill não tivesse deixado de lhe segurar os ombros e se afastado um pouco, a teria beijado. E se ele houvesse beijado Ray naquele momento, isso teria significado muito para ambos. Já se fora o tempo em que ele podia se limitar a lhe dar um simples abraço de amigo e lhe roçar a face num beijo casual. Isso passara. E não voltaria a acontecer. Agora, algo diferente flutuava entre os dois, um sentimento mais forte e vivo. Bill recuara um pouco dizendo:

— Muito bem... Depositemos nossa fé na Srta. Silver. Mas ela terá que agir com rapidez. Não entendo como a polícia trabalhou todo esse tempo como se me vigiassem apenas. Dá a impressão de que estão com as vistas voltadas em outra direção.

— Como nós, disse Ray, com firmeza. — E agora iremos ao Boar tomar aquele excelente café de que me falou.

— Oh, não, nós não vamos. Ela bateu o pé de novo, mas dessa vez sobre a terra macia.

— Não quer que eu vá lá sozinha, quer? Mas é o que farei, se você não for comigo!

— O lugar está cheio de repórteres.

— E acha que isso me incomoda? Quero provar aquele café e irei ao Boar para tomá-lo! E se você não for comigo, falarei com os repórteres e direi a eles o que me vier à cabeça... Anedotas e passagens de sua adolescência... Como você fez setenta e cinco pontos num desafio de críquete numa aldeia... Ou como você saltou do cais de Brighton para salvar uma criança de afogamento..

— Eu nunca fiz tais coisas em minha vida! Ela riu.

— Mas posso dizer que fez, e quanto mais você disser que não, mais ainda os fará pensar que está sendo modesto. Posso bolar um bocado de coisas desse gênero, e é o que farei se você não me levar ao Boar para me oferecer aquele excelente café preparado pela Sra. Reed.

— Ray, não seja tola! Não vê que se aparecermos juntos lá... Ray atalhou com vivacidade:

— Claro que entendo! Eles pensarão que sou sua namorada, e assim talvez achem que você não tinha um compromisso tão sério com Lila, e isso irá consertar as coisas.

— Oh, está se propondo a ser como uma cortina de fumaça? Não acho que precise disso. Ray começou a temer que tivesse ido longe demais. Não pretendia dizer exatamente aquilo... Fora algo involuntário. E não pôde impedir que sua voz tremesse.

— Oh, Bill..

— Bem, eu não quero isso.

— Bill, me desculpe... Não queria levar as coisas nesse sentido.

— E agora está tentando me persuadir..

— Claro que estou. E realmente desejo provar aquele café. Oh, Bill, não vamos brigar... Detesto isso!

E ela lhe segurou o braço. Houve um estranho momento de emoção. Dispunham de pouco tempo para o gastarem discutindo. Ainda mais para armar uma rixa. E Bill disse num tom de voz forçado, brusco:

— Está bem, vamos.

* * *

Trinta e Seis

A SRTA. SILVER permanecera na Sala Azul, ponderando sobre o próximo passo a tomar. Uma conversa em particular com Frederick? Se ela tocasse agora a campainha, ele viria. Mas seria talvez preferível escolher uma ocasião mais fortuita. Maud não tinha o propósito de sobressaltá-lo ou intensificar seu já evidente nervosismo. Já que aquele aposento estava sob seus cuidados, provavelmente Frederick viria ali para limpar a lareira. Assim, decidiu permanecer onde estava e ver o que aconteceria. Foi um pouco depois que a campainha do telefone soou. Não era, naturalmente, de seu dever atender, mas já que ali estava, ela o fez. A voz de Frank Abbott se fez ouvir num:

— Alô!

— Aqui é a Srta. Silver.

— Estou de saída para me encontrar com o chefe. Liguei só para informá-la de que fiz a Newbury a pergunta que você me sugeriu. Ele disse que sim, que a irmã da Srta. Whitaker tem uma bicicleta. Ele a viu quando esteve lá. Isso é tudo. Até logo. Seus protestos de carinho pelo chefe serão transmitidos a ele.

Frank desligou antes que a Srta. Silver pudesse reprovar aquela impertinência. O telefonema fora tão rápido que mal dera tempo a Marsham para atender na extensão, na despensa. Com uma expressão satisfeita, a Srta. Silver voltou à sua cadeira. Tinha certeza de que havia uma bicicleta na casa da Sra. West. Retomou seu tricô e já fizera várias carreiras quando Frederick entrou na sala com uma cesta cheia de

pequenas achas de lenha. Instruído por Marsham a fechar sempre a porta ao entrar, ele assim o fez e se ajoelhou diante da lareira para reavivar o fogo. A Srta. Silver ficou impressionada com a palidez do jovem. Ou ele estava doente, ou tinha algo na mente que o inquietava. Esse algo podia ser Gloria Good, ou não. Talvez se tratasse de alguma coisa muito mais séria. Sentada a um dos lados da lareira, podia ter uma boa visão do perfil de Frederick. Este se voltou ao ouvi-la perguntar:

— Não está nesta casa há muito tempo, não?

— Não, senhorita. Maud Silver sorriu bondosamente.

— Foi realmente uma coisa perturbadora e terrível o que aconteceu nesta casa. Deve ter deixado você muito impressionado.

A mão que segurava uma acha de lenha tremeu visivelmente. A acha de madeira de macieira escorregou das mãos do rapaz e caiu sobre a grade da lareira. Já que isso servira como resposta, a Srta. Silver prosseguiu:

— Posso compreender que tudo isso o deixou abalado. Mas não deve deixar que tal fato o perturbe tanto. Tudo o que houve aqui passará... Para você. Há outras pessoas que poderão sofrer e virem a ficar afetadas por isso para sempre. Seria uma coisa terrível se uma sombra de suspeita continuasse a pesar sobre a Srta. Lila Dryden. Um rubor repentino cobriu o rosto aflito de Frederick. E as mesmas palavras que ele dissera para Ray Fortescue lhe retornaram aos lábios:

— Ela não fez aquilo!

O clima de familiaridade que emanava da Srta. Silver já lhe granjeara muitos confidentes até então. Não se tratava de uma atitude calculada nem insincera, mas o fruto natural de um profundo interesse pelos problemas do próximo e um cordial desejo de ajudá-los. E sentia tal interesse por Frederick. Com sua voz mais afável, disse:

— Não acho que alguém que a conheça a considere capaz de um ato de violência.

— Oh, não, senhorita... Claro que não! É o que venho dizendo a todo mundo... Somente eles não veem a coisa desse modo.

— Você esteve falando sobre isso com alguma pessoa amiga?

— Bem, estive sim, senhorita. Quando alguma coisa nos aflige muito parece que algo nos força a comentá-la com alguém... Só que ela não viu a situação do mesmo modo que eu. A Srta. Silver sorriu.

— Se trata de uma jovem então. Bem, talvez ela não conheça a Srta. Lila.

— Bem, conhecer eu não digo, senhorita. Mas ela já a viu de passagem, é claro. Nós nos damos desde que éramos crianças. Ela trabalha para a Sra. Considine, e o que sempre digo é que devia permanecer ali até atingir a maioridade. Está com apenas dezesseis anos, e a Sra. Considine diz que Gloria cozinha muito bem.

— E isso irá ser muito proveitoso para ela quando tiver seu próprio lar.

— É o que estive pensando, disse Frederick, com simplicidade. — Mas Gloria quer trabalhar numa loja em Emsworth, e eu acho que isso não será bom para ela... Não nas noites de inverno, com aquela estrada comprida a percorrer no escuro, e nem sempre se pode encontrar um ônibus quando todas as lojas fecham. A Srta. Silver disse com ar indulgente:

— Se eu fosse você não faria tanta oposição, Frederick. Mocinhas gostam de agir de acordo com sua vontade, seus gostos, você sabe. E é uma pena converter uma discussão numa briga. Frederick ficou embaraçado.

— Isso é verdade... E nós tivemos uma briga assim no sábado. A Srta. Silver continuou a tricotar. Olhou com simpatia para Frederick e disse:

— Nunca se deve alimentar uma desavença. Espero que vocês tenham conseguido fazer as pazes. O rosto pálido de Frederick acusou um leve rubor. Voltou a cabeça e recomeçou a mexer nas achas da lareira.

— Oh, nós já estamos de bem, novamente.

— Desde sábado à noite? Perguntou a Srta. Silver. Houve uma pausa tensa. E a pergunta foi repetida. — Desde sábado à noite, Frederick?

— Oh, senhorita! E as palavras se desprenderam de seus lábios com esforço, quase abafadas. A Srta. Silver disse com um tom de autoridade branda:

— Você saiu furtivamente desta casa e foi vê-la para fazer as pazes, não foi? Quando a casa estava silenciosa e você achou que todos já estariam dormindo, certo? Por favor, não fique tão alarmado, meu caro rapaz. Você estava infringindo, talvez, uma norma desta casa, mas eu não creio que tenha feito realmente algo errado. Tenho certeza de que você queria apenas fazer as pazes com Gloria, mas penso que ao voltar, ou ao sair daqui, talvez tenha visto ou intuído algo que o esteja preocupando até agora. Algo que não pode guardar apenas para si mesmo.

O olhar de Frederick denotou viva surpresa. O suor lhe escorreu pelo corpo. De suas mãos úmidas e pouco firmes uma acha de lenha deslizou até o chão da lareira sem que ele se desse conta. O olhar fixo mas suave da Srta. Silver assumiu o terrificante aspecto de um holofote. A saída furtiva de seu quarto naquela noite e o retorno ainda mais furtivo, e todo o clima de horror entre esses dois instantes, eram como que revelados por aquele olhar esquadrinhador. Num instante aquela coisa que ninguém sabia ainda... Na qual ele mal ousava pensar... Aquilo que irrompia em seus sonhos nos últimos dias fazendo-o despertar sobressaltado, iria ser anunciado em voz alta. E no momento seguinte, ali naquele aposento, ele teria de ouvir as palavras contra as quais protegia seus ouvidos à noite, apertando a cabeça com a manta, e se encolhendo na cama, tremendo aterrorizado como estava agora. A Srta. Silver parou de tricotar e se inclinou, pousando a mão no braço do rapaz.

— Meu pobre rapaz! Por favor, não fique tão aflito. Ninguém irá fazer mal algum, e você não vai prejudicar nenhuma pessoa que seja inocente.

A bondade e o carinho que fluíam da voz e da expressão da Srta. Silver puseram por terra as últimas reservas de autocontrole de Frederick. Seus olhos se cobriram de lágrimas, e ele balbuciou entre soluços:

— A Srta. Lila nunca faria aquilo... Ela é inocente... Não faria mal a ninguém... Por nada deste mundo. Eu devia ter falado antes... Mas me pareceu que não podia fazê-lo... Não se tratava de medo do Sr. Marsham... Embora eu tivesse escapulado realmente no fim da noite, às escondidas de todos, e ele pudesse pensar o pior a respeito disso. Não havia nada de mal no que eu estava fazendo, senhorita... Juro pela santa Bíblia que não... Queria somente falar com Gloria e fazermos as pazes.

As palavras lhe saíam aos arrancos. Após mais lágrimas, soluços e fungadelas, o rapaz buscou um lenço que acabou não encontrando. Sempre prevenida para tais emergências, a Srta. Silver estendeu um lenço seu, muito limpo e dobrado corretamente. Sob o efeito desse gesto amigável e daquele ar firme e calmo, Frederick deixou de soluçar, e as palavras anteriormente gaguejadas por ele se tornaram muito mais claras e coerentes. Quando a sua longa experiência lhe avisou que o momento oportuno se apresentara, Maud Silver disse incisivamente:

— E agora suponho que você já possa me falar sobre o que sabe.

* * *

Trinta e Sete

O INSPETOR-CHEFE LAMB não estava com nenhuma disposição para brincadeiras. Sua segunda filha, Violet, a cabecinha-de-vento da família, já o estava deixando exasperado e inquietando seriamente sua mãe com seu propósito de ficar noiva de um regente de orquestra de dança sul-americano. Fora em vão que as outras duas filhas de Lamb, Lily, agora uma bem-sucedida e respeitável mãe de família, e Myrtle, prestes a concluir seu curso de enfermagem, tentaram fazê-lo entender que a inconstante Violet estava sempre anunciando que ia casar com fulano ou sicrano e que tais compromissos nunca chegavam a se concretizar, não devendo ele portanto se aborrecer tanto. E Lily lhe dissera: “Se Violet não levou adiante seu namoro com o distinto Major Lee, ou com aquele simpático chefe de brigada, ou ainda com aquele moço cujo tio era dono de uma fábrica de graxa para sapatos... Bem, por que, então, ela não poderá romper com Pedrillo?” A simples menção desse nome fazia o sangue subir à cabeça de Lamb de modo assustador. “Esses estrangeiros”, pensava ele, por vezes criavam problemas e cometiam proezas daquelas! Hitler, Mussolini.. e todos aqueles comunistas estrangeiros eram um exemplo disso. Bem, o fato é que estrangeiros existem e têm que ser acolhidos ou expulsos conforme o caso, e não havia dúvida, pensava ainda Lamb, que alguns deles eram dignos de simpatia ou pena e mereciam uma ajudazinha. Mas trazer um deles para o seio da família era uma tolice inominável. E lá vinha Violet com uma frase assim: “Ele não tem uns olhos negros lindos de morrer, papai?!” Ela deveria entender que ele não se deixaria persuadir por agrados e frases tolas. Ele era membro de uma congregação religiosa

local, um homem sóbrio, mas nunca estivera tão perto de soltar um palavrão como naquele momento.

Naquele dia, portanto, Lamb não estava nada inclinado à tolerância. E Frank Abbott, ao deparar com aquele homem corpulento de olhos ligeiramente saltados e que com frequência eram comparados de modo irreverente com os olhos de um boi, concluiu que seria de bom alvitre não usar de muitos esses e erres. Ao detectar o menor empolamento no que fosse dito por Abbott, o Chefe Lamb logo presentearia seu auxiliar com uma de suas arengas mais veementes e críticas. Frank já as conhecia de cor e salteado e não tinha o menor desejo de ouvi-las de novo. Assim sendo, Frank Abbott pensou cuidadosamente no que iria dizer enquanto percorria o curto trajeto da estação de Emsworth até o escritório que o superintendente de polícia do condado colocara à sua disposição. E foi agraciado, ao entrar ali, com um olhar ameaçador e uma voz ríspida que sugeria mais um leão do que um cordeiro.

— Noto que ficou muito sóbrio e dócil de repente, hem? Acho que andou aprontando alguma. Seu jeito de agora não é natural, e quando uma pessoa não procede com naturalidade, é sinal de que devemos vigiá-la de perto. O que você andou fazendo? A sobancelha esquerda de Frank se ergueu quase imperceptivelmente. Procurando falar com a naturalidade que lhe era habitual, replicou:

— Nada, senhor. A impressão de que a tempestade se avizinhava se intensificou na imaginação de Abbott. Lamb se recostou na cadeira, que mal comportava seu físico avantajado, com seu rosto muito rosado e carrancudo, o cabelo muito preto e basto na medida em que o corte à cadete o permitia.

— Nada? Repetiu Lamb. — Bem, imagino que você ache que isso é uma recomendação... Um homem é assassinado em sua própria residência quatro ou cinco dias antes de seu casamento, a moça com quem ia casar é encontrada no local do crime com as mãos sujas de sangue, o punhal caído a seus pés, e, para completar, o rapaz com quem

ela pretendia fugir... O ex-namorado trocado por um homem mais rico... Achava-se no mesmo aposento.

— Somente uma das mãos da jovem estava suja de sangue, senhor.

— Somente uma! O inspetor-chefe respirou fundo e depois soltou o ar, num assomo explosivo. — E é preciso usar mais de uma das mãos para apunhalar um homem?

— Não, senhor. Lamb bateu no joelho com sua mão enorme.

— Bem, então trate de prendê-la... Vá em frente e prenda também o jovem Waring! Isso está claro como o dia, não está? Ela ia fugir com o rapaz. Aí Sir Herbert aparece em cena e os pega em flagrante. E um dos dois lhe enfia o punhal. Tem-se a impressão de que foi a garota. O punhal estava todo o tempo ali à mão. E ela o agarrou.

— Bem, senhor... Não prosseguiu porque a tempestade esperada irrompeu.

— Imagino que esteja achando tudo muito fácil a seu ver! Não tem um toque engenhoso, hem? Nada que lhe permita exhibir seu talento dedutivo e fazer uma exibição pessoal! É essa sua opinião, não é?

— Não, senhor.

— Sim, senhor... Não, senhor... Bem, senhor! Isso poderia muito bem soar como a fala própria de um palerma! Polido como um serviçal e suficientemente respeitoso para agradar aos chefes, e no íntimo insubordinado como o diabo! Se há algo que me amofine mais é isso, e você sabe muito bem. Se tem alguma coisa para dizer, e eu suponho que deva ter, faria melhor soltando-a de uma vez!

E Frank Abbott fez o que lhe era pedido. Enunciou as provas: a do legista, a evidência testemunhal de Adrian Grey, o testemunho de Marsham de que ouvira vozes no estúdio, a lente de aumento do Professor Richardson, as declarações deste, o álibi da Srta. Whitaker, a herança recebida pelo Sr. Haile segundo o testamento anterior, e sua situação financeira instável, a conversa realmente sugestiva entre ele, Abbott, e o mordomo e testemunhada pela Srta. Maud Silver... O rosto do Inspetor-Chefe Lamb assumiu a cor de uma ameixa clara.

— A Srta. Silver!

— Maudie, a Mascote. Sempre presente, e como de hábito extremamente correta. E acho que está com uma sacola nova de tricô. E não está tricotando meias desta vez, e sim casaquinhos... Rosa-claro, para uma garotinha de uns três anos.

— Bem, eu estou... Lamb fez um elogiável esforço para se conter. Praguejar ia contra seus princípios, e ele já se permitira um ligeiro escorregão nesse sentido ao mencionar a palavra “diabo”.

Ninguém poderia ter retribuído o olhar de seu chefe com menos malícia do que o Inspetor Abbott naquele momento. Arriscou um: “Sim, senhor”, e prosseguiu um tanto apressadamente:

— Lady Dryden a contratou. E como já sabe, senhor, é realmente muito proveitoso contar com a presença da Srta. Silver na mansão. Lembro-me de que o senhor disse que era vantajoso o fato de ela se achar do lado de dentro, observando as pessoas de modo natural, sem chamar a atenção.

— Não me lembro de ter dito algo assim!

— Foi após a solução do caso Latter End, creio eu. Recordo-me que achei que o senhor descrevera muito bem o papel da Srta. Silver.

— Agora trata de me adoçar a boca, hem? Bem, há alguma dose de verdade nisso, é claro. Nós estávamos então às voltas com um caso difícil... Com muita gente envolvida, a maioria com algo a esconder. Lembra-se daquele caso que lhe contei? Uma mulher que parecia tão culpada como se tivesse cometido sete assassinatos ao invés de um, e tudo isso só porque ela estava com medo de que seu marido descobrisse que usava peruca... Ele era um pouco mais jovem do que sua mulher, e ao que parece, sempre achara lindo o cabelo dela. Esse é o tipo de coisa que complica a solução de um caso, e não vou negar que a Srta. Silver me tenha dado uma mãozinha aqui e ali para destrinchá-lo. Não, não lhe nego os méritos... Ela conhece as pessoas, adivinha o que se passa no seu íntimo. Se ela tivesse vivido há dois séculos atrás correria o risco de ser tomada por uma feiticeira. E que modo rápido tinham então para

verificar se uma mulher era mesmo uma bruxa. Lançavam a dita criatura no lago mais próximo. Se a pobre infeliz boiasse, eles a retiravam da água e a enforcavam ou a atavam a um poste e a deixavam arder numa fogueira. Se ela afundasse na água, bem, isso provaria que era inocente, assim simplesmente morrera afogada, e todos voltavam felizes para casa. Belos tempos e belas façanhas! Mas por vezes me pergunto se não havia algo mais envolvendo aquelas velhas mulheres. Veneno e coisas que tais, ele acrescentou apressadamente.

Uma batida na porta acabara de soar, logo seguida da presença no umbral de um jovem comissário.

— Desculpe a interrupção, chefe, mas uma senhora está ao telefone... A Srta. Silver. Deseja falar com o Inspetor Abbott... E diz que é algo muito importante.

O Inspetor Abbott se ergueu com ar impassível. Mentalmente se permitiu um comentário pesaroso: “Esta agora! Justamente quando o chefe estava se dando ao luxo de falar com bom humor!” E seu respeitoso:

— Acho que é melhor saber do que se trata, senhor, não o poupou de um franzir de sobrancelhas do seu superior. Abbott acompanhou o jovem oficial de polícia até a mesa telefônica, e logo ouvia a Srta. Silver perguntar do outro lado:

— Inspetor Abbott?

— É ele quem fala.

— Sinto incomodá-lo, especialmente porque sei de seu compromisso com o Inspetor-Chefe Lamb, mas apareceu uma nova prova, muito importante de fato, e achei conveniente informá-lo sem demora e dar conta disso ao seu chefe. Frank assobiou baixinho.

— E essa prova é mesmo muito importante? Como sabe, meu chefe não aprecia nada ser despistado.

— Eu disse que é muito importante. Tenho aqui comigo uma testemunha que você poderá interrogar imediatamente. Trata-se do jovem criado, Frederick. Ele estava fora de casa naquela noite, e viu algo. Acho que se você pudesse trazer o Inspetor-Chefe até aqui, e o testemunho de Frederick fosse tomado no ato... Houve uma curta pausa. Então Abbott disse:

— Bem, eu tinha sugerido que você tirasse um coelho da cartola, assim sendo, estamos juntos nisso... Mas não seremos bem vistos. Vou falar com ele. Pode ficar na linha?

Após uma curta conversa borrascosa, Frank voltou ao telefone.

— Está me ouvindo?... Tudo acertado, já estamos a caminho daí. Faço votos para que essa prova seja importante, como você diz. Aqui o clima está altamente explosivo. Au revoir.

Foi uma infelicidade que o inspetor-chefe tivesse podido escutar as duas últimas palavras ditas por Abbott. Irrompendo na sala como se fosse um tanque, ele foi capaz de descarregar sobre o jovem inspetor uma de suas mais veementes diatribes, se referindo à ampla provisão de termos proporcionada pela língua inglesa para expressar cabalmente sentimentos e cumprimentos de modo apropriado a um oficial de polícia.

— E se há coisas que precisem ser traduzidas em um idioma estrangeiro isso ocorre só porque algum emproado deseja se exhibir, ou porque tem algo a dizer que se envergonha de expressar num inglês decente.

Frank que já ouvira tudo isso antes, desejou apenas que seu estimado chefe já tivesse desabafado o suficiente quando chegassem a Vineyards.

Trinta e Oito

SENDO obrigação de Frederick atender à campainha da porta principal àquela hora do dia, foi ele quem na realidade fez entrar o Inspetor Abbott, ao qual já conhecia, e o homem corpulento de sobretudo preto que o rapaz calculou, com o coração apertado, ser o “figurão da Scotland Yard”, que todos na aldeia esperavam chegasse a qualquer momento para prender alguém. E, naquele instante, Frederick sentiu como se ele mesmo pudesse ser facilmente detido. Ilogicamente, mas as cenas nítidas do aprisionamento, as imagens assustadoras da cela do condenado, e os grilhões desfilaram numa procissão aterradora na imaginação do jovem.

A Srta. Silver, que viera até a porta logo após Frederick, trocou um efusivo aperto de mãos com o Inspetor-Chefe Lamb. Sua satisfação por aquele encontro com um velho amigo foi tão manifesta, suas indagações a respeito da Sra. Lamb e suas filhas tão espontâneas, que Lamb se ouviu respondendo-as quase sem sentir.

— E o menino de Lily e a garotinha, como vão? Ernest ainda está muito parecido com você?

— Bem, é o que dizem, pobrezinho dele. Mas Jenny é tal qual a mãe... Quando esta tinha a sua idade.

A leve sombra de aborrecimento desenhada no semblante de Lamb à menção do nome de Violet fez a Srta. Silver perguntar

estrategicamente sobre Myrtle, da qual nunca se poderia dizer senão coisas elogiosas.

— O único problema com ela é que é muito desprendida... Sempre se preocupando demais com as outras pessoas. A mãe se aflige um pouco com isso e sempre diz que Myrtle não cuida dela mesma como deveria.

Chegaram ao estúdio e entraram. Tendo cumprido sua obrigação, e esperando que agora pudesse se retirar, Frederick se viu alvo do olhar incisivo daquele homem da Scotland Yard.

— É esse o moço?... Muito bem, rapaz, feche a porta e se aproxime! Assim que Frederick obedeceu, com a sensação de que o assoalho sob seus pés se tornara escorregadio, percebeu que a Srta. Silver lhe pousara a mão no ombro.

— Agora, Frederick, você tem apenas que contar a verdade. Não há nada a temer.

Tais palavras lhe pareceram não ter nenhuma relação com os detalhes terríveis com os quais ele agora se confrontava. Elas não podiam fazer desaparecer aqueles dois impressionantes policiais... Não podiam também retroceder no tempo e desdizer a história que ele murmurara nervosamente há menos de uma hora atrás. Tinha de ir até o fim com aquilo, e quando se tem que fazer uma coisa é necessário, de algum modo, encontrar coragem para empreendê-la. Eles lhe indicaram uma cadeira. O homem corpulento se sentou à mesa que fora de Sir Herbert. O Inspetor Abbott retirou do bolso seu bloco de apontamentos. Estavam prontos para anotar tudo agora. A Srta. Silver se sentara numa cadeira num ângulo em que Frederick pudesse vê-la bem. Ela notou o olhar apreensivo e indefeso do rapaz e lhe sorriu, reconfortando-o. Então disse, se dirigindo ao Inspetor-Chefe Lamb:

— Este é Frederick Baines. Ele tivera uma briguinha com uma namoradinha sua, sábado passado, e escapuliu de casa para ir à aldeia fazer as pazes com ela. Agora ele irá lhe contar o que aconteceu então.

Lamb voltou seu rosto cheio e rosado, fitando o assustado Frederick. Esse não o achou parecido com um policial citadino, tinha mais um ar de fazendeiro. Era terrivelmente parecido com o Sr. Long, de Bullthorne, que certa ocasião pilhara ele e Jimmy Good surrupiando maçãs de seu pomar por volta das dez horas de uma bonita noite de agosto. Ele lhes dera uns bons safanões e ameaçara denunciá-los à polícia. E agora ali estavam dois policiais, e tinha que falar com eles. Constatou que ainda mantinha no bolso de seu jaleco de linho cinza o lenço da Srta. Silver. Pegou-o e enxugou a testa suada. Os olhos castanhos e um tanto saltados do inspetor-chefe o fixavam sem lhe dar escapatória. E Lamb disse então, com uma entonação simples, típica de um camponês:

— Bem, meu rapaz... Fale. Você escapuliu daqui na noite do crime para ir ver uma garota. Foi assim?

— Sim, senhor.

— Tivera uma briga com ela e queria fazer as pazes? A entonação não era rude. Dir-se-ia até que havia um toque de indulgência. Há trinta e cinco anos passados um jovem chamado Ernest Lamb também tinha escapulado à noite, para atirar um seixo na janela da garota que era agora a Sra. Lamb.

Encorajado pelo fato de que não lhe exigiam revelar de imediato o clímax de sua história, Frederick desfilou um bom número de incidentes ingênuos que lhe diziam respeito e a Gloria Good. Sua voz se tornou gradativamente mais firme e o apelo ao lenço emprestado menos frequente. A Srta. Silver estava satisfeita por ver que ele estava causando boa impressão. Lamb ouviu com atenção, fez uma ou outra observação e terminou por dizer:

— Então fizeram as pazes, e tudo voltou às boas. Claro que você não devia ter escapulado de casa daquele modo... Sabe disso, não é preciso que eu lhe diga.

— Sim, senhor.

— Agora me diga, que horas deviam ser quando você saiu?

— Um pouco depois das onze, senhor. Por causa daquele cavalheiro com a bicicleta motorizada, o Professor Richardson. Ele deu a volta na casa, montou na bicicleta e se afastou pela estrada.

— A noite estava escura, não? Como você soube que era o professor?

— Eu estava olhando com atenção, da minha janela que dá para frente da casa. Ele deixara a bicicleta exatamente debaixo da janela onde eu estava. Roçou a canela no pedal, e aí praguejou. Não se pode deixar de reconhecer o Professor Richardson quando ele faz um xingamento, senhor.

— E a que horas ele chegou? Você tem um relógio em seu quarto?

— Oh, sim... Um despertador, senhor. Foi entre as dez e quinze para as onze.

— O que estava fazendo, olhando pela janela?

— Eu vi o professor chegar, e estava esperando que ele fosse embora, senhor.

— E então?

— Julguei que o Sr. Marsham estaria fazendo a sua vistoria habitual. Ele já verificara se tudo estava em ordem na parte dos fundos e o caminho estava livre. Fiquei um instante à escuta no alto da escada dos fundos e então descí.

Lamb se recostou na cadeira giratória, as mãos enormes pousadas nos joelhos. Frank Abbott tomava nota do que era dito ali, com sua letra clara e de modo rápido. E pensou, como em outras ocasiões já lhe ocorrera: “O chefe é bom para interrogar as pessoas. Ele acha que esse rapaz é sincero, e assim lhe dá a oportunidade de se acalmar e contar o que sabe a seu próprio jeito. Se o apertasse ele não iria ouvir nenhuma frase coerente”. Lamb assentira, perguntando então:

— Como você fez para sair... Usou a porta dos fundos?

— Não, senhor. O Sr. Marsham passara o ferrolho, e ele range muito. Bem... Hesitou um pouco. — Há uma janela na despensa, senhor. Lamb o encarou ao perguntar de supetão:

— Então você não saiu pelo estúdio? Um toque de terror despontou na voz de Frederick.

— Oh, não, senhor! Sir Herbert estava lá.

— Como sabia disso?

— Por causa do Professor Richardson, senhor... Ele acabara de sair dali. E Sir Herbert sempre ficava sentado no estúdio até tarde da noite.

— Então você não entrou realmente no estúdio?

— Não, senhor.

— Com certeza?

— Oh, sim, senhor.

— Muito bem... Continue. Você saiu e foi falar com sua garota. Que mais você viu? Frederick empalideceu.

— Foi quando eu estava de volta, senhor.

— Bem?

— Eu estava no alto do caminho que desce até aqui, perto da casa... E então ouvi um ruído atrás de mim... Como se fosse um galho estalando. Parei onde estava, e aí ela passou por mim em sua bicicleta.

— Quem era?

— Não a reconheci direito... Naquele momento. O farol da bicicleta estava apagado, e assim que passou por mim ela saltou e começou a puxar a bicicleta; então achei que devia me aproximar e ver o que havia. Frank Abbott moveu a cabeça e trocou um olhar com a Srta. Silver. Ela fez um sinal de assentimento. Lamb perguntou sem precipitação:

— E quem estava na bicicleta?

— Não pude ver bem, senhor. Ela deixou a bicicleta encostada numa árvore a meio caminho de onde eu estava, e seguiu ao longo da passagem entre os arbustos. É um caminho intrincado, em meio a tantas ramagens, e eu pensei comigo: “Bem, é alguém que conhece o

caminho”. Mas me mantive observando-a, porque não parecia acertado ela deixar sua bicicleta ali daquele modo. Bem, na hora eu não podia saber de quem se tratava... Pois a Srta. Whitaker fora visitar sua irmã, e nenhuma das criadas dorme na casa.

— Prossiga, disse Lamb.

— Ela se aproximou da varanda e subiu os dois degraus que levam ao estúdio. Guardei uma certa distância para evitar que ela me visse, pois já começara a acreditar que se tratava da Srta. Whitaker. Ela me traria problemas pelo fato de me descobrir fora da casa àquela hora da noite. Ela tem criado dificuldades para todos aqui, e gosta de fazer isso... Todos nós sabemos. Assim, eu me mantive bem afastado da varanda. Achei que ela ia entrar pela porta-janela do estúdio. Pensei que era uma coisa curiosa e que talvez não fosse realmente a Srta. Whitaker quem entrava assim sorratamente, noite alta. Depois que ela entrou no estúdio, me acerquei devagarinho da varanda. Havia uma luz acesa no estúdio, e a porta de vidro estava aberta.

— Prossiga.

— Subi os dois degraus, e espiei, senhor. A essa altura, Frederick já usava o lenço de novo, segurando-o com a mão meio trêmula. — Oh, senhor, foi horrível! Sir Herbert estava caído sobre o tapete, morto, com o cabo da arma de marfim sobressaindo de seu peito... Frank Abbott ergueu o olhar e perguntou:

— O punhal estava cravado no peito de Sir Herbert? Tem certeza?

— Oh, sim, senhor... Foi horrível. Lamb tamborilou com os dedos grossos em seus joelhos.

— E o que a mulher estava fazendo?

— Ela estava parada ali olhando para ele. Era a Srta. Whitaker, senhor.

— Estava inclinada sobre o corpo de Sir Herbert?

— Não, senhor... Estava apenas parada, olhando-o. E falava algo.

— O que ela dizia?

— Isso faz meu sangue gelar até agora, senhor. Ela disse: “Você mesmo pediu isto, e teve”. E eu pensei que ela ia se voltar e sair, quando

então a outra porta que dá para o corredor foi aberta... E a Srta. Lila entrou.

— A Srta. Dryden?

— Sim, senhor... Caminhando dormindo, senhor. Minha irmã já falecida costumava fazer isso, e o médico nos dizia para que nunca a despertássemos bruscamente nessas ocasiões.

— Tem certeza de que ela caminhava em meio ao sono?

— Oh, sim, senhor, sei disso por causa do acontecido com a minha irmã... Era o mesmo modo de olhar e de caminhar. A Srta. Whitaker pôde notar isso, da mesma forma que eu, de onde estava espiando. E ela riu de um modo horrível, senhor, e disse muito calma: “Creio que é aqui que você entra em cena”.

— Entendo... Continue. Que fez então a Srta. Dryden? Inclinou-se e tocou no cadáver?

— Oh, não, senhor. Ela chegou apenas até o meio do aposento e parou. As pessoas não sabem o que estão fazendo quando ficam desse jeito estranho, e depois nem sequer se lembram de nada. A Srta. Whitaker se abaixou então e puxou a faca de cabo de marfim.

— Com a mão nua?

— Oh, não, senhor... Ela usava luvas. Ela pegou a faca, e enxugou-a na frente do vestido da Srta. Lila, manchando-o de sangue, e depois a colocou na sua mão direita. Oh, senhor, foi horrível!

— Você viu realmente ela fazer isso?

Ninguém ao encarar o rapaz duvidaria de que ele tivesse visto realmente aquela cena. Tinha as feições contraídas, o rosto intensamente pálido. Seus olhos pareciam rever as imagens do que acabara de descrever. E ele soltou um suspiro trêmulo antes de exclamar:

— Oh, senhor, eu vi aquilo! Preferia nunca ter visto, mas vi... O vestido da Srta. Lila com aquela horrível mancha de sangue... E mais sangue na mão direita!

— Penso que o ouvi dizer que a Srta. Whitaker limpou o punhal antes de pô-lo na mão da Srta. Lila... Frederick esboçou um olhar meio

espantado, retrucando:

— Sim, ela fez isso. Mas não deixou a lâmina muito limpa... Havia muito sangue... E parte dele manchou a mão da Srta. Lila.

— O que fez a Srta. Lila?

— Nada... Apenas continuou parada ali. Tive medo de que ela despertasse... É muito ruim para quem está nesse estado ser acordada de repente... Mas ela não despertou. E a faca escorregou de sua mão, caindo no assoalho.

— Pode me mostrar o lugar exato?

— Oh, sim, senhor.

Tudo lhe parecia menos difícil agora que ele já falara. A pior parte terminara. Podia lhe mostrar onde o cadáver estivera caído, e onde Lila Dryden parara e deixara cair o punhal.

— E onde estava a Srta. Whitaker?

Podia lhe mostrar isso também... Onde ela estava quando ele espiara por uma fresta da cortina e a vira se aproximar da Srta. Lila com aquela arma de marfim na mão. Frank Abbott rabiscou algo num pedaço de papel e passou-o para as mãos do inspetor-chefe. Este deu uma olhadela e depois leu alto:

— Posições corretas. Conferem. E voltou a fitar Frederick.

— Muito bem, meu rapaz, pode sentar de novo... Agora nos diga o que aconteceu depois.

— Ela... A Srta. Whitaker, se voltou para a porta de vidro. Eu a ouvi sussurrar algo assim: “Você veio a calhar para essa situação, adorável Lila...”, e notei que ela se aprontava para dar o fora dali. Assim, tratei de descer depressa os degraus da varanda e me esconder atrás dos arbustos mais adiante. E ela saiu pela varanda rapidamente mas sem fazer o menor ruído. Pensei que seria melhor escapulir dali logo... Mas não era de meu gosto deixar a Srta. Lila daquele jeito... Lamb disse com a voz agora mais grave:

— Por que não deu o alarma? É o que devia ter feito, você sabe. Frederick retrucou com um traço de inesperada astúcia:

— E fazer todos pensarem que fora a Srta. Lila a assassina... E me fazerem então contar uma história contra a Srta. Whitaker, com quem ninguém desta casa simpatizava? Pensei nisso tudo e percebi como ficaria ruim a situação e... Tive receio.

— Bem, que fez então?

— Fiquei ali parado, matutando, sem saber o que faria. E aí escutei os passos de alguém rodeando a casa e se aproximando da varanda. Era o Sr. Waring. Ao sair, a Srta. Whitaker deixara a porta do estúdio entreaberta, e assim que ele tocou a maçaneta, essa cedeu. Eu o vi entrar. De início, espiou por entre as cortinas, mas depois as afastou e deu uns passos adiante. Foi quando vi que era realmente o Sr. Waring. Sabia que ele estava caído pela Srta. Lila, porque me dera um bilhete para ser entregue a ela pessoalmente quando estive aqui daquela vez e Lady Dryden o fez se retirar. Assim sendo, pensei que, já que ele ali estava, poderia cuidar da Srta. Lila muito melhor do que eu, e não havia nenhuma necessidade de me envolver naquilo. E me afastei.

— E depois?

— Voltei a entrar pela janela da despensa e após subir a escada dos fundos caí na cama. Lamb ficou refletindo um momento, tamborilando nos joelhos com os dedos. Depois, disse:

— Tem alguma noção da hora em que tudo isso aconteceu?... Refiro-me à saída da Srta. Whitaker, de bicicleta, e à entrada do Sr. Waring no estúdio.

— Sim, senhor... Já passava de meia-noite.

— E como se certificou da hora exata?

— Pelo relógio da igreja, senhor. Podemos ouvir seu toque quando o vento sopra nesta direção.

— E você o escutou bater na noite de sábado?

— Sim, senhor. A Srta. Whitaker acabara de deixar o estúdio, e eu estava à espera atrás dos arbustos, como lhe disse, senhor. Foi quando ouvi bater meia-noite... Justamente antes de me afastar também.

Frank Abbott anotou tudo em seu bloco. Tudo se ajustava perfeitamente, o rapaz dissera a verdade. Bill Waring escutara o relógio da igreja anunciar meia-noite e pouco depois ouvira algo se mover no caminho entre os arbustos. Isto antes que ele entrasse na varanda. O inspetor-chefe dirigiu um longo e sério olhar a Frederick.

— É verdade tudo o que acaba de nos contar?

— Juro pela santa cruz, senhor!

— A verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade? Sabe que terá que jurar sobre isso. Está preparado para testemunhar em julgamento?

— Oh, sim, senhor.

— Muito bem, então. O Inspetor Abbott esteve anotando o que você disse. Ele lerá tudo para você, que assinará a seguir. Mas pense bem antes de assinar, para se assegurar de que tudo que está escrito no papel é a expressão da verdade.

Frederick enxugou com alívio o suor de sua testa. Tudo terminara... Ele tinha ido até o fim e agora aquele peso terrível que o sufocara desde a noite de sábado seria transferido para os ombros largos da polícia. Sentiu-se como se tivesse despertado de um pesadelo.

* * *

Trinta e Nove

UMA BATIDA soou na porta do quarto da Srta. Whitaker. Até ali ela não tivera praticamente um instante de repouso. Deixara o leito bem cedo porque este lhe parecera insuportável durante as horas intermináveis de um resto de noite insone. O fogo estava quase extinto na lareira, mas duas achas somente em parte consumidas ainda se mostravam em brasa. Millicent Whitaker se aproximou e reavivou o fogo. Produziram-se algumas leves fagulhas. Estivera ali sentada após a meia-noite relendo velhas cartas. E então, após reavivar o fogo, ela lançara aquelas cartas, folha por folha. Por vezes uma frase solta se destacava e lhe prendia a atenção nos papéis amassados, antes que estes se convertessem em cinzas, como as promessas não cumpridas de Herbert Whitall. “Você e o menino”, era uma dessas frases. E lhe veio à mente então, com uma terrível e dolorosa certeza, que, se a criança fosse saudável e rica, ela não teria necessidade de desejar para ela aquelas dez mil libras. Fora pelo fato de o menino ser frágil, de saúde delicada, que Herbert lhe negara os meios de ter as coisas confortáveis daquele ambiente rico. Nunca, nunca, ela o perdoaria por isso. Alimentou as chamas da lareira com as cartas dele como nutrira seu rancor ao acreditá-lo morto, e ao imaginar Lila com o sangue manchando sua mão delicada e seu vestido. Herbert estava morto, e aquela moça seria enforcada por isso. E continuou a ruminar sua ira.

Quando todas as cartas foram queimadas, deu alguns passos até a porta. Com curtos intervalos, estivera até então indo daqui para ali naquele quarto. Momentos atrás a criada viera lhe trazer o chá. Não

deixara a jovem entrar e trouxera a bandeja para dentro. Fora somente ao tomar o chá escaldante que se apercebera de como estava fria. Sentia um frio quase mortal, apesar da ira que a consumia e de ter estado perto da lareira, cujo fogo se intensificara com a queima das cartas de Herbert Whitall. Recomeçou a dar passos para cá e para lá no quarto. Tantos passos até a janela, tantos outros até a cama. Contar as próprias passadas faz com que se pare de pensar. Mas se paramos, voltamos a pensar de novo no que não queremos. A batida na porta se repetiu. Girou a cabeça e disse:

— Eu não quero nada. Deixem-me em paz! Foi a voz de Marsham que soou em resposta.

— O Inspetor-Chefe Lamb e o Inspetor Abbott estão no estúdio, Srta. Whitaker. Eles gostariam que a senhorita descesse agora.

Millicent hesitou por um instante antes de abrir a porta que fechara à chave. Aproximou-se do toucador, ajeitou o cabelo ondulado, aplicou um pouco de pó-de-arroz e batom. Estava usando o vestido preto que se parecia com um modelo de luto, de gola alta e longo até os tornozelos. Estava mais magra agora do que quando o comprara. Seus olhos brilhavam muito em contraste com a palidez do rosto. Passou por Marsham como se ele ali não estivesse e desceu a escada, caminhando ao longo do corredor até o estúdio. Ao entrar, três pares de olhos se voltaram para sua figura. Frank Abbott murmurou:

— Medusa, quase num sussurro, mas a palavra foi infelizmente ouvida por Lamb, que nunca tinha sabido da existência dessa dama mitológica, mas de imediato se convenceu ser uma “estrangeira”. O olhar de pura naturalidade do Inspetor Abbott em nada abalou tal convicção, mas no momento ele tinha que interrogar a Srta. Whitaker e assim seu auxiliar se viu poupado de novos rompantes recriminatórios...

Tendo oferecido uma cadeira à recém-chegada e a visto se sentar com um ar que ele poderia descrever como o de uma “rainha de

tragédia”, advertiu-a de que tudo que dissesse poderia ser tomado como prova contra sua própria pessoa, e procedeu à exibição de seus trunfos.

— Srta. Whitaker... No curso de um depoimento que prestou domingo pela manhã, disse... Aqui o inspetor-chefe fez uma pausa, pegou o papel que Frank Abbott lhe estendera, desdobrou-o com deliberada vagareza, e leu:

Recebi um telefonema de minha irmã, a Sra. West, aproximadamente às nove da noite de sábado. Ela não se sentia bem, e eu fiquei muito preocupada por sabê-la sozinha em casa com seu menino, que andava adoentado. Disse a Sir Herbert que iria passar a noite com ela, e pedi à Sra. Considine para me dar uma carona até a aldeia, onde eu devia tomar o último ônibus para Emsworth. Tomei o ônibus, saltei no terminal de Emsworth, e caminhei até a Station Road 32, onde mora minha irmã. Passei o resto da noite com ela, retornando a Vineyards por volta de dez horas da manhã seguinte, quando então vim a saber da morte de Sir Herbert Whitall.

— Agora, aí tem seu depoimento anotado. Tem algo a dizer em contrário, ou a acrescentar?

Millicent se sentara muito ereta, as mãos pousadas no regaço. Mãos brancas, com unhas de um esmalte vermelho cor de sangue, vestido preto, rosto branco, com lábios pintados de um vermelho sanguíneo, os olhos chamejantes. Seus lábios se abriram, formulando um:

— Nada.

— Bem, Srta. Whitaker, devo lhe dizer agora que tenho aqui o depoimento de uma testemunha que está disposta a jurar que, em vez de passar o resto da noite em Emsworth com sua irmã, a senhorita voltou de bicicleta a Vineyards, chegando a esta casa pouco antes de meia-noite. Essa testemunha declara que a senhorita deixou sua bicicleta encostada em uma árvore e veio a pé pelo caminho entre o maciço de arbustos. Ele a seguiu até certa distância e a viu alcançar a varanda. Aguardou um pouco e então foi em seu encalço. Viu então que a porta

de vidro do estúdio estava aberta. Espiando por entre as cortinas, viu Sir Herbert Whitall caído morto no assoalho, com o punhal de marfim ainda cravado no peito. A testemunha declara que a senhorita estava parada junto ao cadáver, e que a ouviu pronunciar estas palavras: “Você mesmo pediu isso, e teve”. Depois disso... Depois disso, Srta. Whitaker, a Srta. Dryden entrou pela porta que abre para o corredor. Ela estava caminhando dormindo. A testemunha é bastante elucidativa a tal respeito. Ele tinha uma irmã que costumava sofrer dessas crises de sonambulismo, e tem plena certeza de que a Srta. Dryden estava nesse mesmo estado e não tinha nenhuma noção do que fazia. Acho que a senhorita já sabe o que vem a seguir. Essa testemunha a viu retirar o punhal do corpo da vítima, limpá-lo no vestido da Srta. Dryden, e então colocá-lo na mão direita dela. A testemunha a ouviu dizer então: “Você veio a calhar, adorável Lila”. A Srta. Dryden deixou o punhal cair, mas é claro que suas digitais ficaram impressas na arma e sua mão se sujou de sangue.

Millicent Whitaker não se perturbara ou denotara sequer a mínima mudança de expressão que revelasse terem tais palavras a afetado. Seu rosto exibia uma fria imobilidade, aparentemente sem vida, tão despida de expressões como uma máscara. Somente os olhos denotavam vida, e brilhavam. Após ter feito uma pausa bem pronunciada, Lamb perguntou:

— Há algo que gostaria de declarar?

Ela fez então um leve movimento. Os dedos das mãos, com as unhas esmaltadas de um vermelho sanguíneo, se desentrelaçaram, e a seguir voltaram a se unir sobre o regaço. Seus lábios se abriram.

— O senhor diz que tem uma testemunha ocular. Quem é? E Lamb respondeu:

— O jovem criado, Frederick Baines. Ele saiu na noite de sábado... Escapuliu para ir ver sua garota. A senhorita passou perto desse jovem

quando ele voltava para cá. E então ele a seguiu com o olhar.

— Isso é uma mentira. Voz e palavras estavam despidas de expressão.

— Ele está disposto a jurar que a seguiu até este aposento, a viu retirar o punhal do peito do morto, e manchar a seguir, de sangue, o vestido e a mão direita da Srta. Dryden. Em vista disso, não tenho outra alternativa senão prendê-la. Eu a escoltarei até o distrito policial sob a acusação de ter matado Sir Herbert Whittall. A máscara se rompeu, a cor voltou vivamente ao rosto de Millicent. E ela agitou a cabeça como se estivesse afugentando algo.

— Pois eu lhe digo que isso é mentira! Uma deslavada mentira! Ele inventou tudo isso! Está doidinho por essa tola garota, Lila Dryden! Ele forjou uma história para protegê-la e me prejudicar! É uma mentira do começo ao fim! Eu não cruzei com ninguém no caminho... Não havia ninguém passando... Parou bruscamente de falar, levando a mão à boca como se quisesse reconduzir à sua garganta as palavras que deixara escapar. Mas elas tinham sido ditas e seu eco ainda pairava no ar. Não poderiam ser desditas.— Então a senhorita estava na vereda que conduz a esta casa antes da meia-noite de sábado.

Millicent Whitaker olhou para Lamb, para a Srta. Silver e para Frank Abbott: três rostos, todos sérios, nenhum deles inclinado à compaixão. O mais improvável acaso, aquele que não poderia ter previsto ou evitado, a colhera numa armadilha. Todo aquele plano tão cuidadosamente elaborado, executado de modo tão eficiente, tinha desmoronado só por causa do capricho amoroso de um adolescente por uma mocinha de aldeia. A exaltação desapareceu de sua fisionomia. Estava muito cansada, arrasada demais para prosseguir no mesmo diapasão. E disse numa voz exaurida:

— Ele se enganou... Vocês todos estão enganados também. Eu não o matei, embora pretendesse. Peguei realmente a bicicleta de minha irmã e voltei aqui. Queria matá-lo. Ele não me liberara do emprego. Não me queria mais como mulher, mas não me permitia deixar esta

casa. Seria forçada a permanecer aqui e vê-lo na companhia da jovem Lila... Eu seria apenas a secretária perfeita... Lamb objetou:

— Podia ter partido. Millicent emitiu um riso curto e estranho.

— Podia? Ouça, vou falar com toda a clareza, e o senhor verá que tipo de homem ele era. Havia um cheque... Reservado para pagar meus salários. Herbert estava então na América. O menino estava doente... O filho dele. Eu precisava de bastante dinheiro para seu tratamento... Aí alterei as cifras do cheque. Eu lhe contaria isso tão logo ele regressasse... E de fato não tentei ocultar o que fizera. Não pensara em mim, somente na criança. E ele me disse então que estava tudo certo, que eu não me preocupasse mais. Mas quando eu quis deixar esta casa e o emprego, Herbert me disse que guardara o tal cheque, e que se eu insistisse em ir embora ele o usaria para me comprometer seriamente. Assim, eu estava tencionando matá-lo. Frank Abbott disse incisivo:

— A senhorita contava receber dez mil libras de herança, caso ele morresse antes de ter podido assinar o novo testamento, como pretendia. Ela ergueu uma das mãos e deixou-a cair em seguida, dizendo:

— Oh, sim. Ele me ludibriou sobre isso... Eu devia ter calculado... Lamb disse:

— O que está fazendo é uma confissão, Srta. Whitaker... Perante testemunhas. Eu já a alertara. Millicent fitou-o com ar atônito.

— Refere-se ao cheque?... Isso aconteceu há cinco anos.

— Eu não me referia a isso.. E sim ao assassinato. Millicent moveu a cabeça, replicando:

— Oh, não... Eu já lhe expliquei. O senhor está enganado. Eu pretendia matar Herbert, mas não o fiz. Eu tinha uma faca comigo... E tencionava usá-la. Sabia que ele devia estar em seu estúdio... E eu tinha deixado a porta-janela destrancada..

— Quando fez isso? Indagou Abbott.

— Depois do jantar, quando todos estavam na sala de visitas, Herbert tinha me lembrado a respeito do cheque pouco antes de o Sr. Haile chegar, assim eu estava resolvida a matá-lo. Pensei que aquela noite seria propícia... Porque haveria muitas pessoas na casa. O Sr. Haile

ia pedir um empréstimo a Herbert, e este sempre arrumava uma discussão com outro dos convidados, o Professor Richardson. Assim pensando, soltei o trinco da porta de vidro do estúdio, e mais tarde pedi a Sra. Considine para me dar uma carona até a aldeia a fim de pegar meu ônibus para Emsworth. Minha irmã me telefonou realmente. O menino não estava passando bem... E toda noite ela me telefonava dando notícias... Assim, tudo se ajustava ao meu plano. Não deve imaginar que minha irmã estava a par disso... Pois não estava. Eu disse a ela que iria direto para a cama. Ela ignora que eu saí mais tarde, e na sua bicicleta. Já tinha tudo bem planejado. E meu álibi era bom. Mas não precisaria me preocupar tanto... Um bom número de pessoas detestava Herbert. Ele já estava morto quando entrei no estúdio. Uma dessas pessoas o matou.

Sua voz tinha um traço de tédio e cansaço. Mas a tensão terrível dos últimos dias relaxara. Esse relaxamento era tudo o que transparecia nela agora e lhe importava. Medo, esperança, paixão, o veneno do ciúme, e mesmo a vontade de sobreviver, tinham se esfumado de todo em seu íntimo. Quando Lamb lhe perguntou se desejava prestar um depoimento oficial, ela assentiu sem interesse. E o que Frank anotou em seguida não diferiu uma palavra sequer do que ela já dissera.

Quando o depoimento foi lido ela o assinou e indagou se podia ir para seu quarto e se deitar, pois achava que agora seria capaz de dormir. Lamb a liberou. Mary Good acompanhou-a até o quarto e um oficial de polícia permaneceu no corredor. A prisão foi adiada até que seu depoimento fosse cuidadosamente confrontado com o de Frederick Baines.

* * *

Quarenta

QUANDO Millicent já se retirara, Lamb disse:

— Bem, isso deixa a Srta. Dryden e o jovem Waring fora de suspeitas. Acho que o travesso Frederick falou a verdade, e ela não o refutou. Apenas frisou que encontrou Sir Herbert morto... Que não o matou realmente. Que história cabeluda essa! A Srta. Silver tossiu.

— Não acha que a história contada por ela seja verdadeira? Lamb se voltou bruscamente para a Srta. Silver, franzindo as sobrancelhas.

— Ora, Srta. Silver, não comece a complicar as coisas. Apresentou-nos aqui esse jovem, Frederick, e sua prova... Ele teria confessado tudo mais cedo ou mais tarde, claro, mas não nego que a senhorita se empenhou a fundo para conseguir que ele falasse antes que nós já tivéssemos efetuado a prisão de alguém... Bem, quero dizer que primeiro extrai uma série de fatos verossímeis desse rapaz e depois começa a lançar dúvidas sobre eles.

Maud Silver manteve uma atitude de gentil indulgência diante do que acabava de ouvir. Estimava o inspetor-chefe, mas por vezes o achava um tanto obtuso e rude. E o tom que usou para replicar fez Frank Abbott, e talvez o próprio Lamb, entender que naquele momento Maud Silver pensava exatamente aquilo.

— Oh, não, inspetor-chefe, não tenho qualquer intenção de lançar dúvidas quanto às provas apresentadas por Frederick, estou certa de que ele contou a verdade. Mas acho também que o senhor terá notado,

como eu, que o fator tempo é muito importante nesse caso. Frederick diz que seguiu a Srta. Whitaker através do caminho entre arbustos, mas que permaneceu um pouco afastado dos degraus da varanda quando ela subiu e entrou no estúdio. A pergunta é: quanto tempo ele esperou ali? Houve realmente tempo hábil para a Srta. Whitaker cometer o assassinato? Ao que Lamb retrucou:

— Não seria necessário dispor de muito tempo, sabe disso. A Srta. Whitaker admite ter vindo aqui com a intenção de matar Sir Herbert. Ela admite ter deixado destrancada a porta de vidro para que assim pudesse entrar como o fez. Bem, suponhamos o seguinte quadro: ela entra e vê que ele ali está, sentado à sua mesa de trabalho, com o punhal de marfim à sua frente. Estaria ou não o examinando no momento com a ajuda da lente de aumento do professor. Provavelmente sim, e isso explicaria o fato de a lente ter caído e rolado até onde foi depois encontrada. Bem, a Srta. Whitaker entra. Ele pode ter dado pela sua presença ali, ou não... Mas num e noutro caso, não iria se sobressaltar. Ela teve apenas que se colocar atrás dele, se inclinar sobre seu ombro para pegar o punhal e cravá-lo nele, que ainda estava sentado à mesa. Parece que ele só suspeitou do perigo quando já era tarde demais. Para proceder desse modo não há necessidade de muito tempo. A Srta. Silver inclinou a cabeça.

— Entendo que o laudo do legista reforça a prova de que Sir Herbert estava sentado à mesa de trabalho quando foi ferido mortalmente, e que ele recuou na sua cadeira, se ergueu, se voltou para seu agressor, deu um passo ou dois cambaleante e então tombou morto. Mas terá havido tempo suficiente para abarcar tudo isso? Será que nenhuma palavra foi trocada entre Sir Herbert e a pessoa que o assassinou? Não houve nenhum grito, ou ruído de queda? Todos esses detalhes têm de ser levados em consideração, e o senhor, é claro, irá interrogar Frederick mais apuradamente. Não o fiz há momentos atrás por achar que devia recolher o testemunho desse jovem tal como ele o prestava, sem ser forçado ou influenciado por alguma de minhas perguntas. Lamb disse, meio carrancudo:

— Muito gentil de sua parte, estou certo... Aprecio isso. É bastante fácil pôr ideias na mente de uma testemunha. Não chegou realmente a interrogá-lo?

— Evitei, cuidadosamente, fazer um interrogatório.

— Muito bem, então. Vamos convocar o garoto de novo. Toque a campainha, Frank.

Foi Marsham quem atendeu à chamada. E também teve tempo suficiente para avivar o fogo da lareira. Já que a presença do mordomo ali não se fazia mais necessária, Frank Abbott desconfiou que ele desejava, por algum motivo, retardar sua saída do aposento. Talvez quisesse observar as reações do inspetor-chefe... Ou então que este o notasse. Fosse qual fosse o caso, o certo é que Marsham satisfez seu propósito oculto. E quando a porta se fechou às costas daquela figura solene, Lamb comentou, dando uma pancadinha no joelho:

— Bastante adequado para uma peça teatral... Não é mesmo? Não sei se ainda usam dessas figuras no palco. Faz lembrar o mordomo empertigado no saguão da prefeitura, quando eu era garoto.

Quando Frederick entrou, ficou evidente que ter sido chamado de novo o assustara. Sentou-se meio sem jeito na ponta da cadeira que lhe indicaram e se perguntou o que aqueles policiais quereriam com ele agora. Lamb disse, após fazer um aceno amigável:

— Está tudo bem, meu rapaz... Não se assuste. Você prestou um depoimento, e agora nós apenas queremos saber quanto tempo alguns dos fatos que você nos descreveu levaram para acontecer. Você diz, por exemplo, que estava perto da escada da varanda quando ouviu o relógio da igreja bater meia-noite.

— Sim, senhor.

— Você observou a Srta. Whitaker subir os degraus da varanda e entrar no estúdio. E aguardou um pouco antes de decidir segui-la.

— Sim, senhor.

— E quanto tempo esperou?

— Somente até vê-la entrar.

— Podia ver bem a porta de vidro de onde estava?

— Eu subi um degrau ou dois e vi a porta se mover. Havia um fiapo de luz vindo através das cortinas... E isso produziu um brilho no vidro quando a porta se mexeu. Assim, eu pensei que ela entrara.

— E depois de a porta se mover e você ter achado que ela entrara no estúdio... Quanto tempo aguardou antes de segui-la?

— Eu me aproximei logo, senhor.

— Direto para a porta?

— Sim, senhor. Eu não tinha certeza de que era a Srta. Whitaker até vê-la lá dentro. Achei que devia me assegurar. Lamb assentiu com ar aprovador.

— Você fez muito bem. Bem... Depois que a porta se moveu e a Srta. Whitaker entrou, você ouviu algo?

— Somente a voz da Srta. Whitaker.

— Tem certeza de que não ouviu Sir Herbert falar ou gritar?

— Oh, não, senhor.

— Nenhum som de grito... Ou ruído de uma cadeira sendo arrastada... Ou um baque?

— Oh, não, senhor. Não houve nada disso... Apenas a voz da Srta. Whitaker. Lamb disse em tom incisivo:

— Quando você a ouviu falar?

— Quando me acerquei da porta de vidro, como lhe disse, senhor. Lamb franziu a testa. Pousou a mão na mesa e se ergueu.

— Escute aqui, vamos tentar esclarecer esse ponto. Srta. Silver, poderia, por gentileza, fazer o papel da Srta. Whitaker? Agora, meu rapaz, você irá descer aqueles degraus com ela, que depois voltará a subir e entrar por esta porta do mesmo modo como você nos disse que a Srta. Whitaker fez. E você a seguirá justamente do modo como fez na noite de sábado. Voltou-se para o Inspetor Abbott: — Frank, anote o tempo!

A Srta. Silver desceu os degraus da varanda, depois subiu e venceu os dois degrauzinhos da porta de vidro, que Lamb deixara entreaberta.

Esta se moveu assim que ela passou. Doze segundos depois a cabeça de Frederick se punha à vista, quando ele já estava subindo os primeiros degraus que levavam à varanda. Ele parou um instante ao alcançar o alto da escada, depois se aproximou devagar da porta de vidro por entre os ramos de alecrim. Frank Abbott tinha corrido as cortinas. Ele e Lamb estavam parados na varanda e observavam atentamente. Viram Frederick parar, afastar ligeiramente as cortinas, e espiar por entre as mesmas. Do começo ao fim aquela reconstituição durara trinta segundos. Então fizeram o rapaz voltar ao aposento e fecharam a porta de vidro. Lamb voltou a se sentar e retomou o fio do interrogatório.

— Tem certeza então de que não ouviu coisa alguma... Plena certeza?

— Somente a voz da Srta. Whitaker.

— Oh; sim... Você disse que a ouviu dizer algo. Onde você estava então?

— Subindo os dois degraus para chegar à porta, senhor.

— Não foi isso que disse antes, meu rapaz. Você nos disse que espiou por entre as cortinas e viu a Srta. Whitaker parada junto ao cadáver, e aí a escutou dizer: “Você mesmo pediu isto, e o teve”.

— Tem razão, senhor... Isso foi depois.

— Ah, então você a ouviu dizer alguma coisa antes disso, não foi? Por que não nos contou antes?

— Eu não entendi direito o que ela queria dizer, senhor.

— O que ela disse?

— Alguma coisa sobre pouparem seu trabalho.

— O quê?

— Foi isso mesmo, senhor... E achei que soava esquisito. Foi quando soube que era a Srta. Whitaker. Eu estava justamente no segundo degrau quando a ouvi dizer: “Alguém me poupou o trabalho”. Eu não consegui entender o que ela queria dizer com aquilo.

— E agora, pode entender?

— Não sei, senhor... Lamb exclamou:

— Quem me dera pudesse eu dizer outro tanto!

Quarenta e Um

— A impressão que se tem é de que voltamos ao ponto de partida.

A entonação do inspetor-chefe refletia aborrecimento. Frederick já fora liberado. Lamb se dirigira a Frank Abbott e a Srta. Silver, e sua expressão taciturna indicava que aquele infeliz estado de coisas só podia ser devido a uma negligência da parte deles. Não chegou a traduzir em palavras essa acusação, mas seu estado de espírito era certamente o de um homem que fora desapontado, e se empenhava em levar alguém a assumir a culpa. Ao abrir sua sacola estampada e retomar o trabalho de tricô, a Srta. Silver já entendera perfeitamente a situação. E manteve um silêncio estratégico, deixando a Frank a tarefa de dizer:

— Essa é quase a medida exata da situação. Lamb deu um murro na mesa.

— De início tudo parecia se resumir numa acusação frontal contra a Srta. Dryden e o jovem Waring. Aí você vai e muda o curso do caso ao seguir a pista do Professor Richardson e tudo se prolonga sem resultado prático. Concordo com você em que não parece haver um motivo adequado no caso dele, mas por muito menos têm sido cometidos assassinatos. Nem sempre é o motivo que conta... É sim o estado de espírito de um homem. Se ele se acha sob forte tensão pode perder o controle, ficar fora de si e dar o golpe mortal com algo que lhe esteja à mão. Veja o caso desse professor. Ele e Sir Herbert mantinham uma espécie de permanente concorrência... Cada um tentando suplantar o outro. Era como se Sir Herbert tivesse apenas o dinheiro e o professor a

inteligência. Podemos inferir que haja uma boa dose de inveja e animosidade em uma situação como essa. Bem, o professor esteve neste estúdio com Sir Herbert por cerca de vinte minutos entre um pouco antes das onze da noite e onze e quinze. E só contamos com a sua palavra de que o deixou com vida ao sair. Eis aí um caso para ser investigado, você sabe. Não estivessem as coisas tão pretas de início para Waring e a Srta. Dryden, eu lhe teria dito para seguir em frente e deter o professor. E agora que os dois estão livres de suspeitas, acho que o melhor que temos a fazer é retornar ao professor. Ao que Frank ponderou:

— Não creio que ele tenha cometido o crime, senhor. Como o senhor disse, o motivo é insuficiente. O do Sr. Haile é mais forte. E mesmo o de Lady Dryden. Não há nenhuma prova evidente de que Sir Herbert estivesse chantageando Lady Dryden a fim de que esta forçasse sua sobrinha a desposá-lo, mas não tenho a menor dúvida de que ele estava exercendo alguma pressão nesse sentido. Para ser franco, acho que o dinheiro de Lila Dryden foi gasto, e que Lady Dryden sabe onde e como. Nós podemos checar isso, como sabe, e isso certamente lhe forneceria um motivo. Quanto ao fator oportunidade, qualquer uma das pessoas presentes na casa àquela noite poderia ter descido até o estúdio e assassinado Whitall. O problema, conforme foi enunciado pela Srta. Whitaker, parece residir em que é difícil a escolha... Já que muitas pessoas o detestavam e apreciariam bastante vê-lo morto. Presumo que Haile fosse o mais interessado nisso, pois estava em jogo um total de cerca de três quartos de um milhão de libras, mesmo depois de deduzidos os gastos com o inventário. Muitas pessoas têm sido assassinadas por muito menos do que isso. Lamb fitou seu auxiliar, movendo os lábios como se fosse assobiar.

— Mais de meio milhão? Caramba!

— E Haile estava até os olhos de dívidas. Segundo Lady Dryden e a Srta. Whitaker, ele veio aqui sábado à noite para pedir um empréstimo a Whitall, que estava decidido a negar. Haile admite que tinha esperança de obter um legado de seu primo. Isso de acordo com o testamento original. Mas em três ou quatro dias um novo testamento seria assinado.

E ele pode ter facilmente suposto que suas perspectivas seriam bem reduzidas. Eis aí um motivo colossal. Lamb fez um gesto de concordância.

— E no entanto não há nenhuma sombra de prova que valha três quartos de um penny... Quanto mais três quartas partes de um milhão.

E continuaram a conversar: sobre Haile, sobre Lady Dryden e sobre do Professor Richardson. E a conclusão a que chegaram foi a de que não havia provas suficientes para sustentar uma acusação contra nenhum dos três. Haile teria um motivo muito forte se soubesse o que figurava no primeiro testamento, mas não havia nenhuma prova quanto a isso. Lady Dryden teria um motivo, caso Herbert Whitall a estivesse chantageando para que lhe propiciasse casar com Lila, mas não havia nenhuma prova de que existira realmente essa chantagem. O mundo está cheio de mulheres que pressionam suas filhas jovens a fazerem um casamento que elas consideram vantajoso. Quanto ao Professor Richardson, dificilmente se poderia imputar um motivo para o crime. Por outro lado, ele admitira ter tido algo parecido com uma briga com Sir Herbert Whitall, e fora uma das últimas pessoas a vê-lo ainda com vida. Ele saíra da Mansão Vineyards as onze e quinze, de acordo com seu próprio depoimento e o testemunho de Frederick. Tanto Haile como Lady Dryden poderiam ter descido e cravado aquele punhal em Sir Herbert após isso. Ou então Adrian Grey, ou Marsham, ou sua mulher, ou Frederick. Pelo que se sabe, oportunidade todos a tiveram. E não há qualquer prova de que alguém tivesse aproveitado concretamente. A Srta. Silver tinha estado tricotando, refletindo em silêncio. Então tossiu, chamando a atenção gentilmente.

— Se me permitem fazer uma sugestão..

— Acha que já tem alguma ideia sobre o caso? Indagou Lamb se voltando para fitá-la. Maud Silver sorriu de modo condescendente.

— Eu não diria tanto, inspetor-chefe. Disse apenas que tinha uma sugestão a fazer.

— Bem?

— O espaço de tempo mais importante nesse caso é o que decorreu entre onze e quinze, quando da saída do Professor Richardson, e meia-noite, quando, de acordo com seu testemunho e o de Frederick, parece provável que a Srta. Whitaker tenha encontrado Sir Herbert morto. O laudo cadavérico também sustenta essa probabilidade. Temos, assim, algo menos do que quarenta e cinco minutos durante os quais alguém da casa poderia ter entrado no estúdio e matado Sir Herbert. Tendo lido o depoimento do Professor Richardson, o senhor deve estar lembrado de que ele diz ter Sir Herbert fechado a porta de vidro com a chave à sua saída, e no entanto a Srta. Whitaker a encontrou aberta. Sir Herbert pode ter recebido alguém de fora, caso em que ficamos sem qualquer pista para sua identificação, ou então o crime pode ter sido cometido por alguém desta casa, e aí a porta teria sido destravada pelo criminoso a fim de dar a impressão de que algum visitante atraiu a atenção da vítima. O inspetor-chefe assentiu.

— Muito bem descrito, sem dúvida. Mas isso não nos leva a parte alguma, não? O olhar da Srta. Silver refletiu uma leve reprovação.

— Eu creio que leva. O que queria dizer é isto: durante o período crítico que devemos considerar, temos como certo que uma das pessoas desta casa estava de fato se movendo fora da mesma furtivamente. Refiro-me, é claro, a Frederick. Ele desceu pela escada dos fundos, intimamente satisfeito por Marsham já ter feito sua vistoria habitual ali, e finalmente saiu da casa pela janela da despensa. Acho que seria proveitoso interrogar mais a fundo Frederick, para saber por que estava tão certo de que Marsham já se achava na parte da frente da casa. Vocês devem ter observado que, conquanto ele responda a qualquer pergunta que lhe façam, não adianta voluntariamente qualquer informação.

— Bem, podemos insistir com ele quanto a esse ponto. Mas não acho que possamos conseguir muita coisa. A Srta. Silver continuou a tricotar enquanto acrescentava:

— Da conversa que tive ocasião de ouvir entre o Sr. Haile e Marsham, pude depreender que o primeiro foi visto pelo segundo em circunstâncias que aquele não desejaria fossem reveladas. Isso pode, ou não, se relacionar com a noite do assassinato, mas estou propensa a crer

que sim. Finalmente, acho que o Sr. Adrian Grey deveria ser interrogado mais a fundo quanto ao que fez na noite de sábado. Sua versão de que ouviu a Srta. Dryden sair do quarto e que a seguiu de perto até o estúdio entra em desacordo com o que a Srta. Whitaker e Frederick nos declararam. Ele podia não ter saído imediatamente atrás de Lila Dryden, ou nesse caso teria visto e ouvido a Srta. Whitaker falar; assim, certamente teria intervindo e dado o alarma. Creio que ele deve ser instado agora a corrigir seu depoimento. Fez uma pausa, sorriu de modo encorajador, e concluiu: — Essas são as sugestões que achei que poderiam fornecer algo que o senhor venha a admitir como provas conclusivas. Lamb franziu as sobrancelhas, deu uma pancadinha no joelho como se este fosse um tambor, e finalmente concordou:

— Está bem, falaremos com o Sr. Grey. Não posso afirmar que isso será útil, mas veremos o que ele diz.

* * *

Quarenta e Dois

ADRIAN GREY mantinha sua expressão habitual e os gestos sem precipitação. De maneira serena e amável, acolheu o reparo de que não fora perfeitamente sincero quando prestara suas declarações iniciais. Sim, ele seguira Lila Dryden até o hall, mas não de imediato.

— Entendam, eu estava pensando... Bem, eu me sentia um tanto sonolento na ocasião... Não sei ao certo. Ouvi o ruído da porta se abrindo, como já declarei antes, mas naquele momento não associei logo o som com Lila ou algo mais. Como disse, estava pensando e meio sonolento. Depois, então... Lamb o interrompeu:

— Quanto tempo depois?

— Um minuto ou dois... Não sei ao certo. Voltei a me fixar no ruído que ouvira, e me levantei para espiar lá fora, no corredor. A porta do quarto de Lila estava aberta. Fui até o alto da escada e a vi então, no hall. Caminhava na direção do estúdio. Voltei a meu quarto, pus meu robe e calcei os chinelos. Então fechei a porta do quarto de Lila para o caso de alguém estranhar aquilo. Só depois foi que desci a escada e a segui até o estúdio. Com os seus olhos meio saltados, o inspetor-chefe encarou Grey, denotando a mais firme desaprovação.

— Sr. Grey, seu depoimento anterior prestado ao Inspetor Abbott foi, de fato, deliberadamente enganoso.

— Esse é um modo muito rigoroso de encarar o fato. Eu sabia que a Srta. Dryden seria inteiramente incapaz de matar alguém, mas não podia deixar de perceber que ela se achava numa situação muito comprometedora, e, naturalmente, desejei protegê-la.

Os olhos castanhos e proeminentes de Lamb continuaram a olhá-lo de modo imperturbável. Sim, ali estava um cavalheiro muito sereno, se considerando que acabara de ser pilhado numa mentira e fora forçado a admiti-la. Sua ternura e devoção àquela jovem era algo que se percebia a quilômetros de distância, Muito aliviado ao sabê-la fora de suspeitas agora, pouco se importava com algo além disso. Sim, um cavalheiro muito calmo, amável. E Lamb se recordou do ditado: “As águas paradas são as mais fundas”. Na superfície tudo muito agradável e manso com o Sr. Grey... Mas pelo testamento de Sir Herbert ele teria cinco mil libras, certo? E Lamb começou a conjeturar o quanto profundas no caso as águas poderiam ser. E disse:

— Quando alguém reconhece que parte de seu depoimento é falsa, isso nos leva a duvidar do resto... Não acha assim, Sr. Grey? Adrian esboçou um sorriso.

— Oh, naturalmente. Mas não há muito mais em minhas declarações que possa ser tido como falso, há? Eu entrei no estúdio exatamente quando declarei, o senhor sabe, porque Bill Waring me viu, e ele e eu nos achávamos de cada lado do sofá observando Lila Dryden, que ali estava deitada, após ter desmaiado quando Haile entrou, um minuto ou dois depois. Assim, todo o resto do meu depoimento está confirmado. Lamb concordou, dizendo num tom de repreensão:

— Confirmo também igualmente que não é preciso que lhe diga que tentar embarçar ou iludir a polícia quando no cumprimento de seu dever é uma coisa muito grave. Se as pessoas parassem um pouco de pensar apenas em seus assuntos particulares, pondo obstáculos ou encobrendo isso ou aquilo, seria muito mais fácil esclarecer as coisas. Agora, Sr. Grey, presumo que concorde que lhe cabe fazer as retificações cabíveis. Gostaria que o senhor evocasse cuidadosamente cada minuto transcorrido entre as onze horas e meia-noite e quinze daquela noite de sábado. Cada simples minuto. O senhor estava acordado?

— Sim. Posso ter me sentido meio sonolento perto dessa hora, mas não peguei no sono.

— Eram onze horas quando diz ter visto o Sr. Haile em seu quarto e com a porta aberta quando o senhor voltava do banheiro?

— Sim.

— Ele estava de pijama?

— Oh, sim.

— Notou algo de estranho nele... Alguma coisa inabitual em seus modos?

— Não. A resposta soou após uma hesitação mínima.

— Não parece muito seguro sobre desse detalhe. Adrian pareceu meio desgostoso.

— Bem, não é nada de mais... Perguntei-me simplesmente por que ele deixara a porta de seu quarto aberta... Só isso.

— Ela estava bem aberta?

— Sim.

— E onde estava ele? O que fazia?

— Estava junto ao leito, parado. Olhava na direção da porta.

— Como se aguardasse o senhor passar pelo corredor e vê-lo ali dentro?

— Bem... Não acho que seja justo... Lamb atalhou:

— Ele podia contar com que o senhor dissesse depois que o vira pronto para dormir as onze daquela noite? Adrian moveu a cabeça retrucando:

— Não espera realmente que eu responda a isso, espera, inspetor-chefe?

— Bem, bem... E quanto ao restante do tempo?

— Receio que não haja nada mais a dizer. Entrei no meu quarto e ali permaneci até depois de ouvir a Srta. Dryden abrir a porta de seu quarto. Lamb insistiu um pouco mais sobre a questão do tempo, e finalmente liberou-o.

— Não nos adiantou muito, disse Lamb após Adrian Grey ter se retirado. — Ouviremos a seguir o Sr. Haile.

Eric Haile, sentado na cadeira há pouco ocupada por Adrian Grey, contrastava o mais possível com este. De rosto corado, robusto, com seu

ar de ter sempre agido por si mesmo e com exatidão, ele ali se sentou, como o obsequioso dono da casa, muito ansioso apenas em cooperar com os representantes da lei e ser útil no que pudesse.

— Tenho certeza de que entende, inspetor-chefe, como me sentiria feliz realmente por ver esse penoso assunto ser esclarecido. Se há algo que eu possa fazer... Lamb manteve sua atitude de firme discricção.

— Naturalmente, Sr. Haile. Estamos muito interessados em apurar o que aconteceu no espaço de tempo entre onze e meia-noite e quinze da noite de sábado. Se nos pudesse dizer algo sobre o que fez ou viu, ou simplesmente notou..

— Mas receio que não possa. Depois de tomar um último drinque com meu primo exatamente após as dez, subi e tomei um banho. E logo depois das onze já estava deitado. Lamb assentiu com um gesto de cabeça.

— Sim... O Sr. Grey passou pelo seu quarto as onze e o viu de pijama. Sua porta estava aberta. Pode nos dizer por quê? Haile riu.

— Porque não a tinha fechado! Convenhamos, inspetor-chefe, isso não soa muito parecido com: “Por que as galinhas botam ovos?”. Mas Lamb não achou graça. Encarou Haile e indagou:

— E por que não a fechou?

— Na realidade eu não sei.

— Não teria sido porque ouviu o Sr. Grey vindo pelo corredor? Haile fez um gesto de anuência indiferente.

— Pode ser que sim, agora que o senhor mencionou isso. Não é cortês fechar a porta na cara de alguém.

— O senhor podia ter desejado que ele o visse pronto para se deitar. O riso surgiu espontâneo nos lábios de Haile.

— Não seria um álibi muito bom, inspetor-chefe. Acho que eu poderia pensar em algo melhor do que isso, se realmente precisasse de um álibi. A seguir, após uma pausa e sob o olhar impressionante de Lamb, ele aduziu: — Por acaso não está falando sério, está?

— Completamente, Sr. Haile.

— Bom Deus, que motivo presumível eu poderia ter para querer ver o meu primo fora de circulação? Frank Abbott lhe dedicou um olhar frio, analisador. Mas nada poderia ter soado mais natural que aquela resposta. O rosto de Lamb permaneceu tão duro como a carranca de um barco fluvial. E ele disse, com uma voz sem contornos expressivos:

— Algumas pessoas achariam três quartas partes de um milhão de libras um motivo bem ponderável. Haile esboçou uma careta de protesto quase cômica.

— Mas, meu bom amigo, eu não tinha a mais remota ideia de que iria obter tanto. Uma pequena herança, talvez... Isso iria depender ainda da disposição de espírito de meu primo ao fazer aquele testamento. Mas ser o legatário de toda aquela fortuna!.. Eu lhe dou minha palavra de que nunca sonhei com tal coisa. Atente só para o meu ponto de vista. Sou um sujeito que não pensa muito em dinheiro, sempre fui assim, um representante de um grupo diminuto que vive feliz com sua modesta conta bancária. Quando o gerente de meu banco me apertava por estar sacando além da conta eu geralmente recorria ao meu primo para um empréstimo. Na verdade, andei fazendo isso nos últimos vinte anos. Herbert costumava ser um pouco severo quanto a esses meus pedidos, mas geralmente me atendia após relutar um pouco. Isso era tão bom como ter uma segunda conta no banco. E agora, pondo de lado o sentimento familiar e uma natural aversão ao derramamento de sangue, eu não teria agido como um rematado idiota se acabasse com essa fonte de ajuda financeira, matando meu primo e eliminando a chance de que ele se mostrasse tão generoso comigo em seu testamento? E veja bem, inspetor, e os senhores também, eu sabia da intenção dele de fazer um novo testamento em antecipação ao seu casamento, mas não tinha a menor ideia de se ele já assinara o documento. Ele não era um homem afeito a conversar sobre os seus assuntos particulares... Disso ninguém irá discordar. E certamente que não iria discuti-los comigo. Se o novo testamento tivesse sido preparado a tempo, minha possibilidade de falar sobre o mesmo seria nula. Essa é a minha opinião, e creio que é inteiramente razoável. Lamb disse:

— Sim, muito razoável. Voltou-se na direção da mesa, remexeu nos papéis que estavam ali, pegou um deles, então voltou a encarar Haile. — Creio que o senhor teve uma conversa com o mordomo Marsham na noite passada. Haile ergueu as sobrancelhas, dizendo:

— É o usual, como sabe, em relação a um mordomo. Em geral ele se aproxima respeitosamente e nos diz: “Há algo em que possa servi-lo, senhor?”, e o patrão costuma responder com um “sim” ou um “não” de acordo com o que a ocasião requer.

— Mas foi uma conversa um pouco mais longa a da noite passada, Sr. Haile. E ela foi ouvida por acaso.

— Deveras? Muito interessante! E posso saber o que seu escuta inferiu da conversa?

— Oh, sim. Eu ia lhe contar. Marsham perguntou inicialmente o que o senhor pretendia fazer em relação aos que trabalham nesta casa, se decidira mantê-los a seu serviço. A seguir, o senhor lhe deu a entender que estava a par de certos fatos que comprometiam a ele, Marsham. Este teria “tosquiado” seu antigo patrão, e Sir Herbert estaria disposto a despedi-lo sem lhe dar uma carta de recomendação. Depois de afirmar que simplesmente aceitara uma pequena comissão dos vendedores de vinho e cigarros preferidos por Sir Herbert, o mordomo negou que tivesse sido ameaçado de dispensa e disse que a coisa era muito diferente. Ele estava desejoso de se despedir, mas Sir Herbert ameaçara delatá-lo por causa das tais comissões a fim de forçá-lo, e à sua esposa, a permanecerem a seu serviço. Seguiram-se então algumas falas muito curiosas, que lerei agora para o senhor.

E Lamb, recorrendo à sua melhor entonação formal, leu o relatório, e então resumiu suas observações:

— Até este trecho o senhor parecia, por assim dizer, ter todos os trunfos na mão... Marsham se colocara numa posição meio ilegal, e o senhor o cientificara disso. Mas a seguir, Marsham contrapôs o que ele próprio chamou de “caso hipotético”. Ele diz aqui: “Todos têm algum assunto privado que não gostariam de ver revelado. Tomemos, por

exemplo, senhor, o caso da noite de sábado passado, ou de qualquer outra noite. Há sempre um certo número de pessoas numa determinada casa, alguma das quais possa estar cuidando de seus assuntos confidenciais em hora ou local que poderiam ser tidos como comprometedores. Pela polícia, por exemplo. A profissão de policial os induz a suspeitarem de tudo e de todos. E se me permite colocar a coisa assim, senhor, acho que seria desaconselhável envolver a polícia nesse assunto que está sendo discutido”.

Lamb observou uma pausa bastante longa para frisar bem o fim da frase transcrita, e a seguir, prosseguiu seriamente:

— No mesmo momento, o senhor encarou a atitude de Marsham como uma tentativa de chantageá-lo. Ele se saiu com o que chamou uma metáfora muito corriqueira sobre não mexer com os cães e os poderosos quando dormem, e o senhor perguntou por quanto tempo eles dormiriam, e se não iriam querer abocanhar mais coisas logo que despertassem, e assim sucessivamente. Marsham se saiu dessa com uma tirada a respeito do assunto em questão ser delicado e que, quanto menos se falasse sobre o mesmo, melhor seria. E sugeriu que se o senhor aceitasse sua demissão e lhe desse, e à mulher, uma carta de boas referências, tudo estaria satisfatoriamente solucionado. Então o senhor se pôs a rir, disse que ele era um grande hipócrita, e concordou em que há coisas que é melhor dar como esquecidas de vez. Correto, Sr. Haile? Eric Haile mantivera até ali um sorriso divertido. E agora ria com muita disposição.

— Meu caro senhor... Que monte de tolices forjadas! Não sei quem foi seu informante, mas... Bem, se costumava jogar algo chamado “escândalo russo”. Era assim: algo era dito ao ouvido de uma pessoa e logo cochichado para outra, e não se tinha a mínima ideia do que resultaria daquilo, pois então algumas pessoas já tinham traduzido a coisa da forma a mais diversa e pitoresca. E todas essas tolices aparecem no caso em questão. Eu vi Marsham realmente, lhe disse que sabia de suas atividades de peculato, e ele, em troca, insinuou estar a par de

coisas sobre mim, que talvez eu não gostasse de ver reveladas. Bem, foi isso o que ele fez... E como eu não me considero suspeito de assassinato, vou lhe dizer que coisas eram essas. Todos nós somos humanos, e na última vez em que estive pernoitando nesta casa aconteceu que Marsham me surpreendeu numa situação que teria comprometido uma certa dama. Estou certo de que o senhor não irá querer que eu me alongue em minha confidência. Lamb olhou o papel que ainda estava segurando e leu alto:

— “Tomemos, por exemplo, o caso da noite de sábado...”. Haile concluiu a frase:

— ...Ou de qualquer outra noite, inspetor-chefe. Não era àquela noite de sábado passado que ele estava se referindo no que me diz respeito, e se seu escuta pensou o contrário, errou. E o senhor sabe perfeitamente que toda essa história ouvida atrás da porta não constitui prova alguma e que não poderá usá-la como tal. Marsham é um excelente mordomo e um magnífico tratante. Ele me divertiu um bocado, e não desejo ser duro com ele. Até mesmo seu informante admite que eu ri à beca de tudo aquilo. O senhor acha realmente que teria rido assim se tivesse pensado que Marsham estava insinuando que eu tivera algo a ver com a morte de meu primo? Ergueu-se, ainda sorrindo e ainda cordial. — Tenho um bocado de assuntos a resolver no momento; assim, se me der licença... Se o senhor tiver mais algumas perguntas a me fazer, procurarei responder a elas o melhor possível, mais tarde. Lamb continuou sentado onde estava.

— Apenas um minuto, Sr. Haile. Há algo que gostaria de lhe perguntar agora.

— Sou todo ouvidos.

— O senhor estava pronto para se deitar às onze horas, mas à meia-noite e quinze, mais ou menos, desceu e se aproximou da porta do estúdio, de onde ficou escutando uma conversa entre os Srs. Waring e Grey.

— E que tem isso? A entonação de Haile tinha um traço de impaciência.

— Chegou em momento muito oportuno, não acha? Gostaria de saber o que o levou a se dirigir ao estúdio.

— O senhor consegue dormir logo que apaga a luz? Eu não. Penso ter dito isso em meu depoimento. Não peguei no sono. Julguei ter ouvido algo no jardim... Levantei-me e espiei pela janela por um instante. Então pensei que um gole para terminar a noite seria agradável. Meu primo já podia ter subido para seu quarto, ou não... Fosse como fosse, o uísque estaria lá no estúdio. Assim pensando, foi que desci. Muito simples, como se pode ver!

— Creio ter lido em seu depoimento que o senhor estava curioso com o ruído que ouvira e desceu para ver do que se tratava. Haile riu.

— O motivo pode ser um bocadinho disso ou um bocadinho daquilo, acho eu. Talvez eu não quisesse admitir que tomara aquele último trago às escondidas! O senhor pode encarar isso do modo que quiser. E se não há mais nenhuma pergunta..

— No momento não, Sr. Haile.

* * *

Quarenta e Três

A O SER ABERTA, a porta deixou à mostra a figura de Frederick, com uma cesta de achas de lenha para a lareira. Recuou, murmurando uma desculpa. Haile o cumprimentou, dizendo:

— Está tudo bem... Você pode entrar. Não se incomoda, não é, inspetor-chefe?... Está certo, Frederick... Em frente.

Ninguém se portaria com mais espontaneidade. Haile parecia ser o dono da Mansão Vineyards há vinte anos. Ele saiu, logo se afastando pelo corredor. Frederick, tendo disposto as achas de lenha, recolheu a cesta vazia e se voltou para sair do aposento. A Srta. Silver se inclinou para o inspetor-chefe e lhe disse algo em voz baixa. De saída, ele franziu a testa, mas a seguir assentiu com um gesto de cabeça, se voltando para o rapaz.

— Espere um instante, Frederick... Feche essa porta e se aproxime. A Srta. Silver quer lhe fazer uma pergunta. Encorajado pelo fato de não ser o policial quem iria interrogá-lo agora, Frederick se aproximou, a grande cesta vazia pendendo de sua mão.

— Sim, senhorita? Maud Silver lhe dirigiu um olhar claro e atento ao dizer:

— É apenas isso, Frederick. Você disse que saiu de seu quarto após ter visto o Professor Richardson ir embora às onze e quinze.

— Sim, senhorita.

— Marsham ainda não subira para o quarto?

— Oh, não, senhorita.

— Você o teria ouvido subir?

— Oh, sim, senhorita.

— Como sabia que não iria encontrá-lo na escada?

— Eu prestei muita atenção, senhorita. Calculei que teria ouvido os seus passos se ele estivesse por perto. E contava que ele estivesse do outro lado da casa. O Sr. Marsham sempre vistoria primeiro a parte dos fundos, examinando portas e janelas. Ele teria que passar pela porta almofadada de baeta, e nesse caso eu teria tempo de correr para um dos aposentos.

As mãos da Srta. Silver estavam entrelaçadas sobre seu trabalho de tricô pousado no colo. Ela disse afável, mas com firmeza:

— E você ouviu a porta de baeta se abrir?

— N-não, senhorita... Mas a voz do rapaz soou insegura.

— Penso que você ouviu algo... Ou viu alguma coisa.

— N-não, senhorita... Apenas...

Frank Abbott tinha erguido o olhar. Lamb, que parecera dar pouca atenção às perguntas e respostas iniciais, agora se voltara em sua cadeira, testa franzida e interessado. A Srta. Silver prosseguiu sem alterar sua expressão e seu tom de voz.

— Apenas o quê, Frederick?

— Não era nada demais, senhorita... Achei apenas que devia me aproximar daquela porta e ver somente se o caminho estava limpo. Quero dizer, não gostaria que o Sr. Marsham me pegasse saindo pela janela da despensa.

— Claro que você não devia proceder assim. Então chegou a abrir a porta almofadada?

— Apenas um tiquinho... Assim ninguém iria notar.

— E havia alguém ali perto para notar isso, Frederick?

— Bem, senhorita, havia e não havia por assim dizer.

— Quer dizer que você chegou a ver alguém, mas não foi visto por essa pessoa?

— Correto, senhorita. Frank Abbot respirou fundo. Lamb se retesou no assento. A Srta. Silver perguntou em tom sereno:

— Quem você viu?

— Somente o Sr. Marsham... Se dirigindo para o estúdio, senhorita. Meio minuto depois ele teria me visto mover a porta. Tive muita sorte.

— Então ele não o viu? Tem certeza?

— Oh, sim, senhorita. Ele já estava mais adiante, quase entrando no estúdio... Não olhava para onde eu estava.

— Tem plena certeza de que foi Marsham a pessoa que você viu indo para o estúdio por volta de onze e vinte da noite de sábado?

— Oh, sim, senhorita. Lamb ergueu a mão direita e deu uma pancada no joelho.

— Então por que você não nos disse isso antes?

— Bem... Senhor, eu... E Frederick olhou assustado e confuso para o inspetor-chefe.

— Por que não contou isso antes? Repetiu Lamb, frisando bem as palavras.

— Tratava-se apenas do Sr. Marsham, senhor. Fazendo seu serviço de sempre.

Ainda olhando absorto o rosto muito vermelho do inspetor-chefe e a figura assustada do jovem Frederick, quase choroso, a Srta. Silver e Frank Abbott tiveram sua atenção desviada de repente pelo ruído feito na maçaneta da porta de vidro. Era o Professor Richardson que surgira rapidamente na varanda e agora, além de girar a maçaneta com uma das mãos, com a outra dava batidinhas bruscas no vidro. Frederick se voltou, Lamb também. Frank Abbott se ergueu e abriu a porta da varanda. O professor irrompeu no aposento, o corpo esguio envolto num terno de tweed de feitio muito antiquado, a calva luzidia e contornada por aquela cercadura de cabelo ruivo.

— Ah! Ele exclamou, — Assim é melhor! Pensei que esta maldita maçaneta estivesse emperrada. O que pretendem fechando as portas à chave a esta hora do dia? Nunca tranco a minha porta... Seria um insulto aos meus vizinhos. Se um gatuno quiser entrar, ele o fará. E para que existem policiais então? Ainda não prenderam ninguém, prenderam? Num tom o mais calmo possível, e muito formal, Abbott fez as apresentações:

— Este é o Professor Richardson, inspetor-chefe. O professor estava desenrolando seu cachecol comprido e cor de mostarda.

— Vocês mantêm este lugar aquecido demais. Sempre dizia a Whitall que ele mantinha isto aqui quente em demasia. Em nenhum aposento a temperatura ambiente deve ultrapassar sessenta graus Fahrenheit. Então, já prenderam alguém? Porque se o fizeram, cometeram provavelmente um engano... E se estão pensando em me prender, cometerão um erro ainda maior. Assim, eu vim aqui para lhes contar algo.

A entrada do professor, Frederick procurara logo guardar a maior distância possível do visitante. Estava agora ajoelhado diante da lareira, fazendo crer que se achava muito ocupado em reavivar o fogo. O Professor Richardson contornou a mesa, deixou de lado seu cachecol e se deixou cair na única cadeira vaga ali.

— Agora me ouçam com atenção! Disse ele, com sua entonação mais estentórea. Parecia não se aperceber do olhar dominador do inspetor-chefe. Ele tinha vindo para dizer algo, e estava decidido a dizê-lo. — Eu prestei um depoimento ontem a esse seu jovem colega aqui presente. Uma declaração fidedigna, que mantenho, palavra por palavra. Mas tenho algo a acrescentar. Encarou Lamb, dizendo: — Acredito que o senhor seja o grande chefe disso ou daquilo outro da Scotland Yard.. E que já esteja inteirado do que andou acontecendo aqui. Frank Abbott ergueu uma sobrancelha, retrucando:

— O inspetor-chefe já leu todos os depoimentos. Ato contínuo, abriu uma pasta e estendeu algumas folhas datilografadas a Lamb.

— Muito bem... Isso é o que eu desejava saber. Agora podemos seguir adiante! E se dirigiu de novo a Lamb. — Se o senhor reler meu depoimento, verá que eu declarei aí que saí deste estúdio às onze e quinze. Eu já tinha deixado Whitall de nariz no chão... Claro que ele não o admitiu, mas sabia muito bem que estava enganado quanto àquele punhal... E assim não havia mais motivo para me demorar aqui. Assim, saí pela porta da varanda, e ouvi Whitall fechá-la com força à chave logo a seguir. Um homem mais amadurecido saberia controlar melhor seu gênio. Bem, a seguir rodeei a casa, montei em minha bicicleta motorizada, pois não sou um desses plutocratas e não dirijo carros, e fui pela estrada. Não me adiantara muito quando me lembrei de ter esquecido aqui minha lente de aumento... Whitall a estivera manuseando, e eu tinha que apanhá-la. Era uma boa lente, e não desejava perdê-la. Irritado como Whitall estava, podia até tê-la atirado no fogo ou pela janela, ou algo assim. Portanto, voltei aqui. Todos no aposento tinham prendido a respiração, expectantes. E Lamb disse:

— Se isso é uma confissão, devo adverti-lo de que... E o professor fez:

— Bah! Em alto e bom som.

— Devo adverti-lo..

— Não tem por quê! Eu não estou confessando coisa alguma! Julga-me um rematado tolo? Eu me acho entregue a um trabalho de pesquisa muito sério, e assim não me seria possível perder meu tempo e acabar sendo preso. Seja como for, nada tenho a confessar, e se você me ouvir com atenção em vez de me interromper, posso provar. Para que supõe que estou aqui? Agora ouça! Lamb moveu a cabeça concordando.

— Muito bem... O que deseja dizer?

— Assim está melhor! Bem, eu voltei, encostei minha bicicleta numa árvore no alto do caminho, e rodeei a casa até esta varanda. Subi os degraus, e aí pensei: “Isso é estranho”. Afinal, eu lhes dissera que Whitall batera a porta às minhas costas e a fechara à chave, e no entanto ela estava aberta quando aqui voltei... Ou, eu diria melhor, fora aberta. As cortinas estavam meios afastadas, porque havia um homem entre elas e que estava movendo a maçaneta. Eu me achava a dois terços do

caminho que leva aos dois degraus junto à porta de vidro, e não fui adiante. Achei aquilo bastante estranho. E me perguntei por que cargas-d'água Whitall iria abrir a porta àquela hora da noite.

— O senhor diz que foi Sir Herbert Whitall quem abriu a porta?

— Eu não disse nada parecido com isso! Acho que lhe falei para não me interromper! Pensei somente que se tivesse sido Whitall quem a abrisse isso soava bastante esquisito. E então vi que se tratava apenas do mordomo, que se assegurava de que tudo estava devidamente fechado antes de ir dormir... Embora eu não entendesse por que afinal ele desejara abrir aquela maldita porta. Bem, ele talvez não confie em que ninguém faça as coisas adequadamente, senão ele mesmo. Sempre achei esse homem muito cheio de si. Como vê, basta apenas perguntar ao mordomo, e ele lhe dirá que estava no estúdio após eu sair, e que Whitall... Parou de falar de repente. O sangue lhe afluiu ao rosto, e ele disse com uma sonoridade quase explosiva: — Oh, meu Deus! Pretendia-se deixar todos ali meio surdos por momentos, conseguiu seu intento. O inspetor-chefe foi o primeiro a se recuperar do impacto. E disse em seu tom mais imperativo:

— Está dizendo que viu Marsham se aproximar daquela porta de vidro e abri-la?

— Será que não falo inglês claro? Lógico que eu o vi... Eis por que vim aqui para lhe contar! Isso porque achei que ele poderia me inocentar... E, creiam ou não, foi só agora, ao expor tudo isso, que me veio à mente que esse homem pode ter cometido o crime. Retirou do bolso um lenço de cores indiano e enxugou vigorosamente o rosto suado. Depois de guardar o lenço, exclamou: — Caramba, como está quente aqui dentro! Lamb deu uma batidinha seca na mesa, dizendo:

— Essa é uma declaração muito séria, Professor Richardson. O professor explodiu de novo.

— Séria? Claro que é! Eu sou uma pessoa séria... Não tenho tempo para perder com trivialidades! Lamb voltou a bater na mesa.

— Diz então que viu Marsham abrir a porta de vidro às... Que horas devia ser?

— Podia ter sido as onze e vinte e cinco... Ou um pouco menos. Eu não me preocupei em consultar meu relógio.

— Podia ter sido um pouco mais tarde que isso?

— Podia... Um minuto ou dois... Não mais.

— O senhor voltou para apanhar sua lente, mas acabou se afastando sem fazer o que pretendia. Por quê?

— Eu não sei. Pensei que Whitall já se recolhera e o mordomo iria fechar tudo para dormir. Achei apenas que seria melhor telefonar pela manhã... Bem, se deseja realmente saber, pensei que pareceria muito estranho eu aparecer de repente numa noite escura como aquela e àquela hora. Na verdade nunca fui com a cara desse homem... Não me senti com disposição para aturar um daqueles seus olhares de superioridade tola.

O Professor Richardson se parecia tanto agora com um garoto de escola pesaroso que Frank Abbott pôs a mão na boca para dissimular um sorriso. E hoje como ontem, na época de Shakespeare, é verdade que um traço natural torna todo mundo aparentado. Pois mesmo Lamb podia se recordar de já ter se intimidado diante de um austero mordomo. Isso acontecera há muito tempo, quando ele era ainda um menino, mas se recordava muito bem, agora.

— Então eu voltei para minha casa, disse o professor, numa voz mais fraca. Lamb olhou para Frederick, que ainda se achava ajoelhado diante da lareira, com as orelhas ardendo, e a mente acometida pelo medo e o desalento.

— Ei, rapaz, pode deixar que o fogo arderá por si mesmo. Venha até aqui! Frederick obedeceu, um fiapo de fuligem em sua face pálida.

— Sim, senhor? Lamb lhe disse em tom severo:

— Você diz que viu Marsham entrar neste aposento poucos minutos depois de ter o Professor Richardson saído?

— Sim, senhor.

— Quantos minutos depois?

— Três ou quatro, senhor.

— Não mais que isso?

— Não, senhor.

— E depois saiu pela janela da despensa e foi até o centro da aldeia. Viu ou ouviu o Professor Richardson em sua bicicleta motorizada? O professor interveio, com voz explosiva.

— Ele não me viu ou ouviu, porque eu não estava na bicicleta, quando passou por mim. Eu tinha me lembrado da minha lente de aumento, e estava rebuscando nos bolsos para me certificar se a esquecera realmente. Estava então fora da estrada, entre os arbustos, quando alguma “coisa” comprida e negra passou por mim. E ia num passo bem ligeiro, isso ia.

— Foi assim, Frederick?

— Eu estava com muita pressa, senhor. O professor deu uma risada.

— Havia uma garota na história, hem? Bem, eu disse que você estava quase correndo, e você confirmou. E então, inspetor-chefe?

— Entenderá a seguir. Então, Frederick viu Marsham entrar neste aposento, digamos, às onze e vinte. O senhor, professor, o viu abrir a porta de vidro em algum instante entre aquele momento e onze e meia. Ele dispôs de cinco, seis, sete, oito minutos. Sir Herbert estava ali à mesa. O punhal de cabo de marfim sobre a mesma. Marsham passa por trás dele indo até a janela... Ninguém presta atenção a uma pessoa que está fazendo uma tarefa rotineira. Marsham então se inclina um pouco, pega o punhal e comete o crime. Eis como a coisa deve ter acontecido. Depois, ele abre a porta-janela para dar a impressão de que um estranho entrara por ali. Ele andara fazendo seu pé-de-meia às custas de Sir Herbert, e este descobrira tudo e... Ameaçara denunciá-lo à polícia. Marsham é um homem orgulhoso, e como havia muitas outras pessoas que poderiam ser tidas como suspeitas na casa, ele aproveitou a oportunidade.

Lamb falara até ali como se estivesse pensando em voz alta, ar absorto, murmurando. Então alteou a voz e indagou em tom incisivo:

— Quem atende à campainha deste aposento? A Srta. Silver tossiu de leve.

— Marsham, creio eu. Lamb se voltou para Frederick.

— Mexa-se e aperte o botão da campainha, meu rapaz!

E todos se sentaram e aguardaram que Marsham entrasse.

* * *

Quarenta e Quatro

RAY FORTESCUE ao voltar do Boar encontrou a Mansão Vineyards em desordem e soube logo da prisão de Marsham. Foi Mary Good quem, no quarto de Lila, desenrolou o fio das novidades para Ray, com a repetição de frases-chavão como: “Quem poderia pensar nisso!” e “Isso prova que nunca se pode pôr a mão no fogo por ninguém”.

— E eu não sei ao certo como iremos fazer nosso trabalho direito com a casa movimentada do jeito que está agora. Uma barafunda, senhorita! Presumo que as coisas só se aquietarão após o inquérito judicial, mas Frederick, esse parece não saber nunca se está entrando ou saindo... Nunca se sabe se ele acertará pôr a mesa. E aquelas duas garotas andando para cá e para lá, dizendo que nunca teriam vindo trabalhar nesta casa se adivinhassem que iriam se ver envolvidas com um assassino! Estou segura de que a única que continua se comportando como se nada houvesse acontecido aqui é a Sra. Marsham. Não parece natural, mas ali está ela, batendo ovos para um suflê e pensando em fazer um bolo especial com aquelas tangerinas que estão maduras. E quando eu digo a ela: “Tire uma folga e vá descansar que eu farei um cafezinho bem forte para você”, tudo o que tem a dizer é: “Obrigada, Mary”. Ela é uma pessoa muito bem-educada, isso eu lhe asseguro, senhorita. “Obrigada”, ela diz. “mas não há nenhuma necessidade, e eu preciso preparar o almoço.” Sempre muito preocupada com a cozinha, essa Sra. Marsham, mas sua atitude não me parece natural. Dizem que Marsham ficou fora de si quando o inspetor-chefe lhe disse que estava

sendo acusado de assassinato... Pegou uma cadeira, ergueu-a no ar e quis brandi-la contra os que ali estavam. Frederick disse que foram necessárias quatro pessoas, ele, os dois policiais e o Professor Richardson para dominá-lo. Frederick disse também que Marsham se mostrou forte como um touro, e rugia como alguém enlouquecido. Muito mais foi dito, mais ou menos no mesmo estilo, e no fim Mary Good se lembrou de que Frederick devia ser supervisionado e saiu do quarto às pressas.

Ray se sentiu como se as ondas do mar tivessem rompido um dique; um dique de tensão e suspense. Se realmente estava tudo solucionado, se Bill estava livre de suspeitas, se o pesadelo terminara, então tudo era possível. Tinha que informar a Bill... Tinha que ir à Sala Azul e telefonar para ele imediatamente. Mas assim que se voltou na direção da porta, Lila segurou-a pelo braço. Uma Lila pálida, de olhos muito abertos, lábios suaves e trêmulos.

— Ray...

— Mas o que é? Não me retenha. Eu devo dar a notícia a Bill.

— Não, Ray, espere! Por favor, por favor, espere! Eu não desejo que ele venha aqui... Realmente não. Não é bom vê-lo ou a outra pessoa zangada. Ray procurou conter sua impaciência. Não era aconselhável se mostrar irritada ou impaciente com Lila, isso somente a perturbaria mais ainda. E disse de modo muito delicado:

— Prometo a você que ele não irá se zangar. Lágrimas tinham brotado nos olhos azuis de Lila.

— Mas vai ficar quando eu lhe disser que não desejo me casar com ele. Quando eu digo isso todos se zangam. Ray segurou-a pelos ombros, dizendo:

— Ouça, vamos deixar isso bem claro. Você não quer se casar com Bill? Lila negou com um gesto de cabeça. Duas lágrimas afluíram, nítidas e belas, deslizando pelo rosto.

— Oh, não!

— Você não ama Bill Waring... Tem certeza disso? Lila emitiu um grande soluço infantil.

— Eu não quero ninguém... Ninguém... Exceto Adrian. Ray riu, sacudiu afetuosamente os ombros da prima, e beijou-a na face esquerda umedecida pelas lágrimas.

— Está tudo bem, querida, não se preocupe. Você terá o seu Adrian, se o quer. Por meu lado, penso que ficarei com Bill para mim. “Jack terá Jill, ninguém sairá frustrado. O homem terá seu par de novo, e tudo estará bem!”, ela cantarolou saindo a seguir do quarto e deixando Lila confusa mas reconfortada.

A caminho do vestíbulo Ray encontrou Adrian Grey. Sempre obediente a seus bons impulsos, ela o segurou pelo braço, perguntando:

— Escute... É mesmo verdade isso sobre Marsham?

— Infelizmente, sim.

— Mary Good esteve me contando. Eu vou ligar para Bill. Se você dispõe de uns cinco minutinhos, poderia subir ao quarto de Lila e fazer algo para acalmá-la? Ela está toda assustada. Parece pensar que alguém irá forçá-la a se casar com Bill. Veja se consegue convencê-la de que Bill da mesma forma não deseja se casar com ela.

— E por que ele não quer? Uma certa indignação despontou na voz de Adrian. O rosto de Ray assumiu uma linda cor. Seus olhos negros cintilaram.

— Acho que ele viu que seria um erro. O tom de indignação desapareceu da voz de Adrian.

— Então Lila não o ama? Ray assentiu, soltou o braço de Adrian e se afastou para telefonar.

— Claro que ela não o ama... Nunca o quis! Desejava somente se libertar de Lady Dryden. Há apenas uma pessoa a quem ela ama. E se você ainda não sabe de quem se trata, será melhor subir agora e descobrir...

Afastou-se então e correu para a Sala Azul. Quando olhou para o vestíbulo ao fechar a porta, Adrian estava já a caminho da escada.

Quarenta e Cinco

A SRTA. SILVER ofereceu um chá com bolos a Frank Abbott, em seu apartamento. Após ter provado o terceiro bolinho, um delicioso sonho tostado, Frank se sentiu bastante à vontade. Nesses momentos de intimidade ele poderia passar por um sobrinho predileto de Maud Silver, Em retribuição a esse privilégio concedido pela Srta. Silver ele a encarava com um respeito afeiçoadamente temperado com certo atrevimento. Ao ouvi-lo tratá-la como a sua “estimada preceptora”, ela o repreendeu com uma espécie de sorriso sério.

— Eu não acho que tenha colaborado tanto assim para a solução do caso, Frank. Frederick provavelmente teria acabado por falar. Frank negou com um gesto de cabeça.

— Duvido, e você sabe disso. É mesmo curiosa a mentalidade provinciana. Frederick estava tão acostumado a ver o mordomo fazer sua ronda noturna habitual que duvido muito que lhe ocorresse que o Marsham que entrara no estúdio naquela noite não era o mordomo de ocasiões normais, mas um assassino prestes a tirar a vida de sua vítima. Você sabe, se nos acostumamos a ver um homem desempenhar a mesma tarefa ao longo de sua vida, diariamente, acabamos por associá-lo a tal função e nada mais. É verdade que Marsham não tinha por hábito aguardar até que Sir Herbert se recolhesse, mas se este tivesse ido se deitar, ele provavelmente daria uma última espiada no estúdio, para ver se tudo estava em ordem. Assim nada haveria de especial nisso. É mais que certo que Frederick nunca viesse a dizer uma palavra a respeito, se você não soubesse levá-lo a falar.

A Srta. Silver se serviu de uma segunda xícara de chá, segurando-a cuidadosamente e pondo primeiro um pouco de leite. A seguir, comentou que as pessoas simples podem ser muito reservadas. Frank se serviu do quarto pedaço de bolo.

— Isso é porque são como as crianças. Desafio qualquer adulto a guardar melhor um segredo do que uma criança. Lembra-se daquela longa história sobre de duas meninas que acharam numa vala o que julgaram ser um colar de contas pretas? Eram crianças de aldeia e tinham então cinco e seis anos. E nunca disseram uma palavra sequer a ninguém sobre a sua descoberta, porque da última vez que tinham feito um achado sua mãe lhes tirara o objeto em questão. Assim sendo, guardaram as contas numa velha saboneteira e com elas brincavam às escondidas. Uma das meninas morreu, e a outra ficou moça. E quando já estava em idade de namorar e casar, veio a dançar certo dia com um rapaz que era auxiliar de joalheiro. Ela usava as tais contas ao pescoço, na ocasião. Não as apreciava muito, mas afinal não tinha outro adorno melhor. Tão logo o jovem viu as tais contas, examinou-as atentamente e quis saber da mocinha como as conseguira. Disse que na realidade se tratava das famosas pérolas negras de Lady Baldry, e que todos os joalheiros tinham uma descrição exata das mesmas. Aquelas pérolas e algumas esmeraldas valiosas tinham sido roubadas. O ladrão fora localizado e preso após uma perseguição longa no campo. Ele estava com as esmeraldas em seu poder, mas se desfizera das pérolas ao emprender a fuga. E durante todos aqueles anos elas tinham estado guardadas numa velha e suja saboneteira e usadas para brincadeiras furtivas de duas meninas.

— Que aconteceu depois? Indagou a Srta. Silver, interessada.

— Oh, as pérolas negras voltavam para os Baldry, e o jovem joalheiro, depois de levar a história da jovem ao conhecimento das autoridades, casou com ela. Havia uma recompensa de quinhentas libras pela recuperação das joias, e isso serviu de dote para a mocinha. E a moral da história é que Frederick poderia muito bem ter mantido a boca

fechada até que fosse velho o bastante para acabar revelando seu segredo a seus netinhos... E em razão disso, outra pessoa que não Marsham acabaria sendo presa e enforcada.— Meu caro Frank! O jovem inspetor disse com ar sério:

— Como vê, é assustador pensar em como seria fácil ter levado a efeito uma acusação de homicídio contra Lila Dryden, com ou sem a cumplicidade de Bill Waring, ou vice-versa. Os jurados não dão muita importância a um alibi baseado na opinião de um legista de que um homem já teria morrido há uma hora ao invés de há vinte e cinco minutos mais ou menos. E minha opinião é de que uma defesa fundamentada numa crise de sonambulismo poderia ser tida como muito duvidosa. Depois surgiu o professor em cena. Ele poderia vir a contar sua história para ouvidos muito descrentes se Frederick não tivesse preparado o terreno para nosso entendimento. Não, os lauréis lhe pertencem, por direito, Srta. Silver... “O laurel e a violeta e a rosa: Fama, modéstia, e a doce flor da afeição”, como Lorde Tennyson tão judiciosamente observou. A Srta. Silver o fitou com indulgente reprovação.

— Não me lembro desses versos...

Já que Frank Abbott tinha recorrido a uma criação pessoal ditada pela sua imaginação mais profunda, tal observação não o pegou de surpresa. E murmurou algo sobre de “um de seus poemas menos conhecidos”, e se apressou a mudar de assunto.

— O que eu gostaria era de saber algo mais sobre as atividades de nosso amigo Haile. Tenho a impressão de que “atrás daquele mato há um coelho”, se você prefere assim. Alimento uma forte desconfiança de que Haile sabe mais do que jamais revelará. Pode ter se encontrado ou não com uma senhora comprometida, mas não creio ter sido isso a que Marsham se referiu. O que você acha?

Enquanto falava, Abbott estendeu sua xícara a Srta. Silver, que silenciosa e pensativamente a encheu de chá novamente. Foi somente ao

pousar as mãos de novo no regaço que ela disse:

— Acho que há alguma coisa, não muita talvez... E que foi alvo das palavras vagas de Marsham. Claro que não temos nenhuma prova, mas é minha opinião que o Sr. Haile pretendia fazer um apelo a seu primo mais tarde, naquela noite. É possível que ele pretendesse algo mais do que dinheiro. Isso jamais poderemos saber. Penso que ele deixou seu quarto após o Sr. Grey tê-lo visto ali de passagem, e creio que foi visto então por Marsham. Nós não sabemos se ele realmente entrou no estúdio e já encontrou seu primo morto. Se assim foi, ele teria, penso eu, agido como supomos que agiu. Ele não iria querer ser o primeiro a descobrir o cadáver. Podia ter conhecimento de que herdaria muito, de acordo com o antigo testamento de Sir Herbert. O Sr. Haile pode ter suspeitado de que poderia haver pessoas na casa que soubessem que ele tinha vindo pedir um empréstimo ao primo, e o mesmo lhe fora negado. Ele sabia certamente que sua situação financeira real seria logo apurada. Teve, portanto, bons motivos para não dar logo o alarma. Acho que ele deve ter voltado a seu quarto e ali permanecido até ter ouvido Lila Dryden abrir a porta do quarto vizinho, ou, mais provavelmente, ao ouvir os passos do Sr. Grey no corredor. Seria da maior importância para ele saber o que estava acontecendo, mas não lhe convinha se arriscar a ser visto, o que explica sua ligeira demora em seguir o Sr. Grey. Essa demora o traria à cena do crime na hora em que, como sabemos, entrou no estúdio. Depois disso ele teve todas as chances de expressar seu zelo, seus sentimentos familiares e sua presença de espírito. Frank assentiu.

— Se foi uma representação, foi de primeira qualidade. A Srta. Silver bebeu seu chá, prosseguindo então:

— Não seria necessário representar, como você disse. O Sr. Haile tem certas qualidades. E ele as exercita bem. Não estou querendo sugerir que ele tivesse algo de culposos a esconder. Creio que pode ter suspeitado sinceramente de Lila Dryden por algum tempo. Depois ele pode ter concentrado suas suspeitas em Marsham. Não acredito que seja honesto ir mais longe do que isso. A natureza humana é uma estranha mescla. Como Lorde Tennyson tão legitimamente escreveu: “Quantos entre nós

na hora da verdade forjam um problema para si mesmos a vida inteira ao tomar o verdadeiro pelo falso, ou o falso pelo verdadeiro!” No caso do Sr. Haile, penso que podemos ter uma noção bem particular dessa mescla. Ele não é um homem muito escrupuloso. Receio que sua moral seja elástica. Possui um temperamento equânime e alguns impulsos generosos. Agiu assim, por exemplo, ao reservar uma expressiva soma em dinheiro para a Srta. Whitaker e seu filhinho.

— E posso saber como teve conhecimento disso? A Srta. Silver tossiu desaprovadamente.

— Eu me aventurei a falar com o Sr. Haile em favor dessa mulher. Ela, sem dúvida, agira muito erradamente. E esteve bem perto de cometer um terrível crime... Pois “O ciúme é tão cruel como a morte”. Mas Sir Herbert não a tinha tratado corretamente. Ele a forçava a uma situação que qualquer mulher acharia intolerável, e seria certamente de seu dever assegurar o seu futuro e o da criança.

— E Haile deu um de seus sorrisos de caçoada?

— Ele reagiu de um modo gratificante, retrucou Maud Silver, com ar muito sério. — Também vai amparar a Sra. Marsham. Ela irá, conforme depreendi, permanecer a seu serviço. Frank Abbott riu.

— Ele pode ter um coração generoso, mas o fato de reter a Sra. Marsham na mansão sugere mais uma questão de bom paladar! Já me disseram que só provando os pratos que ela prepara é que se pode acreditar o quão maravilhosamente ela cozinha... Um desses belos sonhos que estão quase desaparecidos deste mundo utilitarista. Sim, acho que o paladar... E talvez uma boa pitada de interesse, entraram em cena. Haile podia ter desejado induzir Marsham a se calar. O pobre-diabo já está com as horas contadas, como se sabe, e assim nada teria a ganhar caluniando Haile, e mais ainda sabendo que este irá olhar por sua esposa, a Sra. Marsham. Isso já significa alguma coisa, para ele. A Srta. Silver pousou sua xícara na mesa e disse:

— Sim... Aí temos realmente uma mescla de motivos. Será mais ameno nos referirmos aos outros envolvidos nesse caso. Lila Dryden estará muito protegida e feliz com o Sr. Grey. Receio que a herança de seu pai adotivo já não exista mais, mas ela dispõe de uma renda

modesta, e a vida do campo será boa para ela. No olhar de Abbott surgiu um lampejo de leve sarcasmo.

— Eu não invejo o papel de Grey. Ser um marido-ama-seca permanente de uma eterna criança! A Srta. Silver sorriu.

— Sem dúvida esse não é um papel que lhe assentaria, Frank. Mas o Sr. Grey será feliz desempenhando-o. Quanto a Srta. Fortescue e ao Sr. Waring..

— Oh... Eles vão ser felizes também?

— Espero que sim. Convidaram-me para o casamento. Será uma cerimônia muito simples. Apenas uns poucos amigos íntimos.

— Tentarei conseguir um convite. Porque, afinal, eu quase o prendi. Um elo singular e inesquecível! Suponho que ele me considere o homem mais indicado para “reforçar” essa prisão diferente e suave a que irá se submeter. E você, não irá entregar a noiva a seu noivo? Creio que daria uma maravilhosa fada-madrinha. A Srta. Silver moveu a cabeça numa reprimenda, mas acabou sorrindo.

— Meu caro Frank, você realmente diz grandes absurdos.

Fim